

300.

BIBLIOTHECA JUVENIL.

OU

FRAGMENTOS MORAES, HISTORICOS, LITTERARICOS,
POLITICOS, E DOGMATICOS,

EXTRAHIDOS DE DIVERSOS AUCTORES, E OFFERECIDOS

À SOCIEDADE BRASILEIRA.

POR

Antonio Maria Barker,

Professor de Primeiras-Letras,

e Membro effectivo da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro.

DADA Á LUZ PELA MESMA SOCIEDADE.



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA FRANCEZA, RUA DE S. JOSÉ, N. 64.

1844.

Que maior, e mais interessante serviço pode um cidadão
fazer á sua Patria, que o de instruir-lhe os filhos?

CICERO DE DIVINIT.

A Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro em sessão do 1º de junho de 1843, mandou imprimir á sua custa a obra Bibliotheca Juvenil, ou Fragmentos Moraes, Historicos, Litterarios, Politicos, e Dogmaticos do seu mui digno socio o Sr. Antonio Maria Barker, e por elle offerecida á mesma sociedade.

Antonio Alves Pereira Coruja,

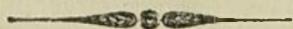
1º Secretario.

A Sociedade Literaria de Rio de Janeiro em
sessão de 1.º de Junho de 1847, mandou im-
primir a sua carta a obra Bibliotheca Juridica, em tres
volumes: Juris, Historica, Literaria, Politica,
e Dogmatica do seu primeiro volume e de Au-
toria Maria Barker, e por elle offerecida a mesma
sociedade.

Antonio Alves Pereira Coruja.

1.º Secretario.

PROLOGO.



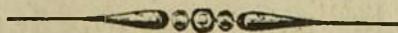
Muitas e excellentes obras se-tem até hoje publicado para instrucção da Mocidade; porem, ou por volumosas como a *Eschola dos bons costumes*, ou por falta de reimpressões como *Deveres do homem*, etc., etc., não podem ser adoptadas nas aulas d'instrucção primaria: motivo por que, ou a leitura n'ellas se-reduz a *Cathecismo de Montpellier*, e *Vida de D. João de Castro*; ou (o que é inadmissivel n'uma aula regular e bem dirigida) cada menino lê em um livro, escolho a seu bel-prazer; atrazando-se assim a instrucção dos Alumnos, pela difficuldade que necessariamente tem os Professores de prestar attenção a tantas lições differentes.

Para obviar estes obstaculos, e pelo conhecimento pratico da avidéz com que a Mocidade Brasileira deseja instruir-se, logoque passa dos

nove annos, emprendí nas horas vagas do meu penoso magisterio a selecção d'estes fragmentos moraes, historicos, litterarios, politicos, e dogmaticos, em que a mesma Mocidade, exercitando-se na leitura de diversas materias, encontre, não só breves lições para o regimen de sua vida physica e moral, mastambem um vasto campo para o apropriado e assás util desenvolvimento de suas nascentes ideias, e combinadas reflexões.

Lisonjeado com a benigna acceitação prestada pelo respeitavel Publico aos meus compendios elementares, espero lh'a não desmereça esta nova prova da anciedade que me-inflamma de contribuir, quanto em mim couber, para o adiantamento, progressos, e felicidade de meus pequenos concidadãos.

BIBLIOTHECA JUVENIL.



AXIOMAS MORAES.

Não ha coração sem desejos. Conheça o homem o que deseja, e conheça-se a si mesmo, para não desejar coisas fóra da sua esphera.

A nossa alma, como as aguas encharcadas, se-entorpeceria, se a viração dos nossos desejos e os tufões da paixão não a-conservassem em movimento.

O bem é um, o mal se-divide e não tem numero: uma a saude, muitas as doenças; uma a harmonia, muitas as dissonancias. Ao homem, a quem parecer que um só bem o não pode fazer feliz e busca muitos, basta que se-afleiçõe a um só, que é a virtude.

O primeiro bem do mundo que o homem deve procurar é a boa reputação: só desta temos a propriedade; de todos os mais temos unicamente o uso.

Entendimento e coração, juizo e valor fazem o homem grande: parecem oppostos, um tímido, outro animoso; mas unidos tudo vencem.

O homem feliz sempre deve temer; sempre deve esperar o infeliz.

Em almas não ha rei que mande.

Não ha coisa mais cara, do que aquella que custa vergonha.

Aonde ha desigualdade, vive a affeição violenta: quantidades iguaes dão firmeza na amizade.

Bellezas ajudadas são prata que tem duas partes de liga.

Porfiar não é cortezia; não é descortezia o rogar.

Todas as boas obras podem ser censuradas; porem a boa índole tem tal privilegio, que no mau a-louça o bom, e no bom a-approva o mau.

Taes são os bens da fortuna, que carecer delles é miseria, e possuil-os perigo.

Sempre os maos são dobradamente maos; porque trazem armas defensivas para os males proprios, e offensivas para os bens alheios.

Facilmente se-louva tudo o que não se-inveja.

Não é possível que quem aparta os ouvidos de ouvir verdades, applique o seu coração a amar virtudes.

Os homens altivos e vãos são semelhantes ás espigas de trigo: os que mais levantão a cabeça, são os mais vãos.

A natureza, dando-nos uma bôca e dois ouvidos, nos-ensina que devemos fallar pouco e ouvir muito.

Um diamante perdido no esterco não fica por isso menos precioso; mas a poeira, postoque elevada ao ceo pelo vento, não deixa por isso de ser menos vil.

Faze bem, terás invejosos; faz melhor, serás delles vingado.

O luxo corrompê tudo; assim o rico que o-goza, como o pobre que o-appetece.

A maior parte dos grandes tem o polido e brilho do marmore, e igualmente a sua dureza.

O contentamento virá, se souberes esperar; o arrependimento se te-apressares.

O segredo é teu escravo, enquanto o-souberes guardar; tu o-serás delle, se acaso te-escapar.

O homem fraco preza-se do que tem, e o magnanimo do que faz.

A modestia é para o merecimento o mesmo que um fino véo é para a belleza: ella pode diminuir o brilhante na apparencia, mas realça o valor na realidade.

Com grandes talentos pode-se agradar ao amor proprio dos outros; porem a modestia faz um effeito maior, qual é interessar o coração, e fazer criar um respeito, que tem alguma coisa de divinal.

Se um homem fôr sómente bom, dará occasião a que facilmente o-enganem: seja elle sagaz quanto baste para não ser enganado; porque se a sua sagacidade exceder, tambem quererá enganar.

Então se-acaba a vida, quando se-acabão as coisas que a-fazem estimar.

Uma pessoa desconsolada e falta de favores até fingidos os-tem por bons.

Os prudentes louvãõ o fundamento das coisas, e os ignorantes os successos que a fortuna dá.

Mais leve coisa é padecer qualquer tormento, doque esperal-o.

Os validos são como os relogios de sol; apenas este desaparece, ninguem olha mais para elles.

Os tribunaes de justiça são semelhantes ás moitas de silvas, onde a ovelha busca abrigo contra os lobos, mas donde nunca sahe sem deixar parte da sua lã.

O credito do homem bom não está entre muitos, mas sim entre poucos; não entre quantos, mas entre quaes.

O desejo do necessario sustenta o mundo, e o do superfluo o-destroe.

As queixas que os homens de todas as classes formão ácerca das suas condições, appetecendo as alheias, bem prova que existe ja no mundo uma igualdade moral, que torna desnecessaria e phantastica a igualdade politica:

Quiz a justa Providencia que todo o excesso se-pervertesse em defeito. Assim o rico que passou d'um certo gráo d'opulencia, accommettido ordinariamente da avareza, recae n'uma pobreza facticia; semelhante áquella asthenia indirecta que, na theorica do grande Brown, nasce d'um excesso de forças.

O nascimento em todos é igual, as obras é que fazem os homens differentes.

Se a nobreza é virtude, perde-se por tudo o que não é virtuoso; e se o não é, pouco ou nada vale. Se não sois nobres, merecei sel-o.

Ser generoso é bello, mas não é permittido ser prodigo: não se-deve empregar na generosidade senão aquillo, de que racionavelmente não pode carcer-se.

Vinte acções de generosidade não apagarão a mancha produzida por uma só acção de avareza.

A unica avareza que nos-é permittida é a do tempo. Nada ha tão precioso; e os que o-desperdição, são os mais culpados de todos os prodigos.

Compara-se uma bôca sempre aberta para fallar a um cofre sem fechadura, que logo mostra que não encerra thesouros.

Aquelle que quizer passar por homem de espirito, não se-desvele muito em o-parecer. Affectar mais spi-

rto que os outros é um meio infallivel, paraque elles achem em nós, ainda menos doque temos.

A verdadeira nobreza não é um bem de successão, é o fructo e a recompensa da virtude; e quanto mais distincta fôr a estirpe de qualquer homem, maiores encargos lhe-impõe, e lhe-augmenta a obrigação de ter merecimentos.

Não convem fallar cada um de si nem bem nem mal; porque commummente ha vaidade em se-louvar, e loucura em zombar de si mesmo.

Dizer sem justa razão bem de nós mesmos é fatuidade, e dizer mal é escusado: outros o-farão, e cumprirão melhor que nós.

A esperança é a maior consolação dos desgraçados; ella estanca as lagrimas, dá constancia, valor, e gôsto.

Os louvores deverião conceder-se unicamente ao merecimento e á virtude; porem o interesse e a lisonja os-prostituem, e despendem mais com quem os-merece menos.

Ha bem poucos complimentos de urbanidade que realmente sejam sinceros: a maior parte d'elles é moeda falsa com que se-paga á vaidade; ou laços agradaveis em que se-cação os tôlos.

Os unicos elogios de que os ricos e grandes tem razão de não desconfiar, são os que elles obtem do reconhecimento pela sua beneficencia: qualquer outro louvor pode dirigir-se á sua fortuna; este só se-dirige á sua pessoa.

O louvor, similhante ao vinho, augmenta a força, quando não embebeda; porem excessivo e exaggerado deshonna a quem o-dá, e a quem o-recebe: é uma especie d'insulto.

O homem prudente e philosopho observa os homens, não para rir de suas loucuras como Democrito, nem para chorar como Heraclito, mas para aprender a não os-imitar.

Aquelle que deseja ser sabio deve empregar a primeira parte da sua vida a conversar com os mortos, a segunda com os vivos, e a terceira consigo mesmo. Todo o que despreza o commercio dos mortos, jamais será agradável aos vivos.

O homem que não é vaidoso, e pensa com acêrto preferirá sempre o prazer de tratar com os seus iguaes á penosa honra de viver com os grandes; de quem é preciso aturar os genios, soffrer as descomposturas, devorar os desprezos, e servir muitas vezes ás suas paixões, sem outro lucro mais que remorsos, pezares, e queixas.

Se um excessivo trabalho é muitas vezes pernicioso, um excessivo repouso o-é ainda muito mais. A inacção é como a ferrugem, que carcome mais que o mesmo uso: uma chave de que nos-servimos continuamente está sempre limpa e nova.

A occupação e o trabalho moderado além de preservar-nos de tristezas, inimigas domesticas da nossa felicidade, faz passar nossos dias quasi sem o-sentir-nos, e com uma rapidez que admira. Pela ociosidade é que o enojo e tristeza entrárão no mundo.

Não vivais para comer, mas comei para viver. A temperança faz o corpo agil, sadío, e conserva-o em uma firme e vigorosa saude: a glotonaria produz o máo cozimento, a oppressão do estomago, e uma indisposição habitual, que faz que sem estarmos doentes, jamais passemos bem.

A boa conducta é a mãe da alegria, e a alegria é a mãe da saúde.

A demasiada brandura authoriza o mal, e conduz ao desprezo; e faz-se complice do mal aquelle, que podendo o não detem, e reprehende com firmeza.

O jôgo é o theatro da fortuna; em nenhuma parte ella é mais inconstante: hoje enche de riquezas seus validos, amanhã os-despoja de tudo; deixando-os sem dinheiro, sem credito, e sem remedio algum.

O luxo, filho da molleza e da vaidade, conduz á pobreza por caminhos brilhantes e agradaveis.

A prodigalidade é como o fogo, que se-extingue devorando a materia, que o-podia conservar.

O homem é tão engenhoso e facil em se-enganar a si mesmo, que sendo prodigo julga-se liberal e generoso, e sendo avarento crê-se economico e governado. Sêde sempre e juntamente o que ambos julgão ser, e não sejais o que elles são.

Applicai-vos ao estudo na vossa mocidade, pois é o unico caminho que conduz ao merecimento e á gloria.

O esplendor dos grandes postos que reverbera sobre aquelles que os-occupão, mostra mais sua vergonha, se elles não são capazes de exercel-os.

Os reis dão premios, mas não podem dar merecimentos: podem dar honras, não podendo merecel-as.

Quantas serpentes á força de se-arrastarem chegão em fim acima das arvores, que foram creadas para servir de refugio aos passaros do ceo! Vale pois mais não obter qualquer emprêgo, doque alcançal-o por obscuros e tortuosos caminhos.

Algumas vezes a fortuna se-pode assimilhar com o sol; o qual faz brilhar os insectos, postoque os não faça menos vis.

Um tôlo exaltado é semelhante a um homem collocado n'uma eminencia: de cuja altura todo o mundo lhe-parece pequeno, e donde elle parece tambem pequeno a todo o mundo.

ANECDOTAS.

Vale mais não obter os lugares de que algum se julga digno, do que alcançar os que não merece. Parades Lacedemonio se-appresentou para ser admittido no Conselho dos Trezentos; e sendo rejeitado, retirou-se muito satisfeito de haver em Esparta trezentos homens com maior merecimento do que elle.

A temperança e o trabalho, diz o Philosopho de Genebra, são os verdadeiros medicos do homem: o trabalho excita o appetite e vontade de comer, e a temperança impede o seu abuso. Perguntando certo medico ao Padre Bourdaloue que regimen de vida observava, este lhe-respondeo, que comia uma só vez ao dia. *Ah!* lhe-diz o medico, *não reveleis ao publico esse segredo: pois não teriamos então nada que fazer.*

Os banquetes de ordinario servem só de fartar adulaadores e ingratos. Um destes dizia mal da mesma pessoa que acabava de lhe-dar bem de jantar: outro que o ouviu, lhe disse: *Esperai: ao menos fazei primeiro a digestão.*

Achando-se em um banquete certo homem, metteo um garfo de prata n'algibeira. Vendo este desafôro um seu visinho, pegou em outro garfo, e o foi gurdando igualmente, dizendo em alta voz: *Pois que cada um tem aqui de mimo o seu garfo, vou arrecadando o meu.*

O tempo da mocidade é o tempo de semear, se queremos recolher. O celebre Mr. Rollin tinha um particular talento para formar os mancebos, e anima-los ao

estudo. Mr. Portail, que fôra seu discipulo, lhe disse um dia gracejando, que elle o-matára com trabalho. *Tendes razão*, lhe-respondeo Mr. Rollin, *é esse habito ao trabalho que vos-elevou ao de primeiro presidente: deveis-me toda a vossa fortuna.*

Perguntas imprudentes, ou que possam desagradar, tem de ordinario más respostas. Assim aconteceu a certo mancebo, que perguntando a uma senhora ja velha, que idade tinha, ella lhe-respondeo. *Eu não a direi exactamente, mas estai certo que um asno de vinte annos tem mais idade que uma mulher de sessenta.*

A seguinte não é menos interessante. Certo bispe, que viajava em carruagem, encontrou um frade capucho a cavallo. Chamou-o, e lhe-perguntou com um sorriso maligno: *Não me-direis quando começou São Francisco a andar a cavallo?* O capucho lhe-respondeo: *No mesmo dia em que São Pedro deitou carruagem.*

A reserva nas palavras é signal de prudencia e juizo. Certo homem fallando com Tasso o-fez de um modo incivil, ao que este poeta nada respondeo: e dizendo outro da assembléa, em tom alto para ser ouvido: *É preciso ser louco, para não fallar em semelhantes occasiões.* Enganais-vos, respondeo Tasso, *um louco não sabe calar-se.*

Um homem de honra deve amar o seu dever até expor-se aos maiores perigos, e ainda á mesma morte para o-cumprir. Certo official militar sendo mandado para uma diligencia mui perigosa, lhe-suggerirão pretextos para se-dispensar de executar a commissão; porem elle respondeo: *Eu posso não a-cumprindo salvar a minha vida; mas quem me salvará a honra?*

Quem despreza ser estimado, não é estimavel. Um

destes imprudentes Cynicos , cuja seita foi a vergonha da antiga philosophia , dizendo um dia : *Eu me-rio de todos os que zombão de mim.* Respondêrão-lhe : *Ninguem pois se diverte tanto como vós.* ✓

Dai de boa vontade , e recebei com repugnancia ; mas nunca de quem offerece só por cerimonia. Certo fidalgo napolitano mostrando um bello relogio a outro fidalgo francez , este o-gabou muito. O napolitano lho-offereceo por cerimonia , e sendo acceitado pelo francez , diz-lhe o napolitano : *Ah ! que fazeis , senhor , assim desterrais do mundo a cortezia !*

Quantos grandes longe de se-julgarem obrigados a pagar as suas dividas , tem por honra não as pagar ? Conversavão um dia certos fidalgos sobre o governo de suas casas , e soldadas de seus mordomos. Um disse que dava ao seu mil libras , outro duas mil , e eu , diz um d'elles , *vos-excedo , porque dou ao meu quatro mil francos.* Oh ! exclamarão todos , nunca se-deo tanto a um mordomo ; isso é exorbitante ! Certo homem , que se achava na mesma companhia , teve a advertencia de lhe perguntar : *E pagais vós ?* Oh ! *isso não* , respondeo elle. Fallar assim é não ter probidade nem honra.

Não se-pode amar muito tempo a sealdade ; salvo se for recompensada por grandes qualidades. Certo cavalleiro desposando uma senhora muito feia , mas de merecimento , dizia : *Que a-tinha tomado pelo pezo , e não pelo feitio.*

Reprehender os domesticos sem razão , e ralhar continuamente , algumas vezes os-põe no precipicio de responderem coisas desagradaveis. Um homem intratavel e de pouco talento , que ordinariamente reprehendia sem razão a um criado que tinha , lhe chamou um dia

rei dos tólos. *Quem dera, respondeo o criado, porque assim como agora sois meu senhor, então seria eu o vosso.*

Aquelles a quem a enfermidade reduz a exigir de seus servos trabalhos enfadonhos e repugnantes, deverião lamentar seu miseravel estado, e receber estes serviços necessarios com uma bondade que adoçasse os seus desgostos; porem de ordinario são os mais impertinentes e desabridos. Certa senhora de máo genio estava tão debilitada, que nem um passo podia dar, sem encostar-se a algum criado. Um dia no meio da escada se poz a rallar com o que a-ajudava a descer, e lhe-deo uma bofetada. O criado a-deixou, e fugio: e como ella o-chamava a grandes gritos, elle lhe-respondeo: *Senhora, passai como puderdes sem o meu braço, que eu posso passar excellentemente sem as vossas bofetadas.*

Quando fizermos alguma mercê, seja com bom modo: a tristeza de quem dá diminue o preço do beneficio, e offende a quem o recebe. Queixando-se certo homem de que o cardeal Mazarino dava com máo modo. *Não vos-queixeis, lhe-disse o conde de Bussi, ainda somos mais obrigados a este ministro do que aos outros; pois concedendo-nos qualquer graça, nos-desobriga do agradecimento.*

— Por mais brillhantes qualidades que se divisem nos conquistadores, é sempre certo que a sua grandeza consiste unicamente nas calamidades publicas. No tempo em que Alexandre fazia consistir a sua gloria em abraçar cidades, assolar provincias, e constituir victimas da sua ambição povos que lhe não fazião mal algum; sendo aprezado um pirata, lhe-perguntou o principe, que direito tinha elle para infestar os mares. O pirata, revestido de uma nobre altivez, lhe-respondeo: *O mesmo que*

tu tens, para roubar o universo: com a unica differença que a mim, que o-faço com um pequeno navio, chamão-me ludrão; e a ti, que o-fazes com grande armada, chamão-te conquistador.

Recusar com promptidão é uma especie de beneficio. Certo fidalgo vindo á côrte de D. João II, rei de Portugal, a pedir-lhe uma mercê, el-rei lha-recusou na primeira audiencia. O fidalgo lhe-agradeceo com tanta alegria, que julgando o rei que elle o não entendêra lhe-perguntou se ouvira que lhe-tinha recusado o que pedia. *Sim senhor*, respondeo o fidalgo, *e por isso mesmo beijo a mão a Vossa Magestade. Negando-me-o logo, me-dispensais de estar mais tempo na côrte, para sollicitar inutilmente o que não devia obter.* A esta resposta não esperada sorrio-se el-rei, e lhe-concedeo o que pedia.

O mais excellente e honroso emprego que se-pode fazer dos thesouros é comprar com elles corações. Certo califa lançando ouro nos seus cofres exclamou: *Queira o ceo que eu viva até os-encher!* A estas palavras o seu valido queria retirar-se indignado. O califa o-deteve, e lhe-disse, *Aonde vais?* Perdoai, senhor, respondeo elle: eu me-recordo de ter acompanhado vossó avô a este mesmo lugar. Seu pai obrou como vós, encheo tambem seus thesouros; mas elle vendo-os, deo um suspiro, e saltando-lhe as lagrimas pelos olhos: *O' Deos de Mahomet! Deixai-me viver assás, para empregar estas riquezas em fazer meus vassallos felizes.*

Raras vezes acontece que o merecimento dos grandes homens passe a seus filhos, e que estes sustentão dignamente a gloria que de seus pais herdárão. Certo cavalleiro se-gabava a um aldeão da antiguidade da sua

nobreza. *Peior*, lhe-diz o rustico: *quanto mais velha é a semente, tanto mais degenera.*

As riquezas acompanhadas de modestia augmentão a nossa gloria; mas as que nos-fazem vãos, attrahem-nos o odio e o desprezo. A mulher d'um rico negociante indo a uma igreja para ouvir certo prégador de fama, e não achando já lugar, dis-e em alta voz: *Devião estar as cadeiras postas sobre moedas.* Outra escandalizada destas palavras respondeo: *Bem se-mostra que a senhora tem mais moedas que juizo.*

As pessoas que se-gabão, procurão por assim dizer semear a estimação; mas de ordinario não recolhem senão desprezos. Certo mancebo se-jactava de ter aprendido muitas coisas em pouco tempo, e ter despendido mil moedas para pagar aos seus mestres. Outro dos que estavam presentes lhe-respondeo: *Pois se vos-offerem cem por tudo o que aprendestes, accitai sem hesitar.*

Mostra ter muita soberba aquelle que se-julga incapaz de errar: quem pensa bem, não se-offende de que lhe fação conhecer a sua obrigação. Quando Solimão II, o maior imperador, que tiverão os Turcos, marchava a conquistar Belgrado, uma mulher da plebe se-lhe-appresentou, queixando-se de que os seus soldados, estando ella dormindo, lhe-havião roubado os rebanhos, em que consistia toda a sua riqueza. *Estaveis bem submergida no somno*, lhe-disse rindo o sultão, *pois que os não sentistes.* *Sim: eu dormia, senhor, descansada em que vós vigiaveis na segurança publica.* Solimão, assás magnanimo para desculpar o atrevimento destas palavras, reparou logo o damno, que tinha obrigação de impedir.

Um dos grandes obstaculos á felicidade da maior

parte dos homens é o excessivo desejo da riqueza: quanto mais tem, mais ambicionão ter. Menos contentes d'aquillo que tem, doque invejosos do que possuem os outros, anhelão sempre a ter mais. Em tempos antigos viajavão na Asia tres moradores de Balke, grande cidade dos Tartaros; e achárão no caminho um thesouro, de que ficarão mui contentes. Continuarão sua jornada; mas sentindo-se com fadiga e fome, mandárão o mais novo á proxima povoação para trazer mantimento. Parte este, e compra alguns viveres; porem depois pensou, que se os-envenenasse os seus companheiros morrerião, e que assim ficaria o thesouro só para elle: por consequencia envenenou os viveres. Entretanto os outros dois, n'ausencia do primeiro, assentárão de o-matar, e dividir o thesouro entre ambos. Apenas chega o envenenador, os companheiros o-matão; comem os viveres, que elle trouxera; e morrem. Eis como a ambição de cada um fez com que o thesouro a nenhum pertencesse.

Poucos bens com innocencia e probidade valem mais, doque montes de ouro juntos pela injustiça. Certo rendeiro, que tinha adquirido grandes bens á custa do estado, dizia a um famoso sabio: *É necessario ter muita força de espirito para desprezar as riquezas. Enganais-vos*, lhe respondeo o philosopho, *basta para isso ver os canaes por onde ellas passam.*

Não é inutil acharmo-nos algumas vezes com pessoas incivis, para aprender a soffrel-as civilmente, e a não as-imitar. O homem sabio e civil sente as descortezias que se-lhe-fazem; mas não responde jamais senão por uma civilidade maior, que o-vinga nobremente. Estranhando certa senhora na presença de um Turco, que

a lei de Mafoma permittisse ter muitas mulheres, este lhe-respondeo: *Ella o-permitte, senhora, a fim de poderem achar-se em muitas as qualidades, que estão juntas em vós.*

Tudo se-deve sacrificar á obrigação: devemos cumprir-a com gosto, e preferil-a aos nossos maiores prazeres. Os mais honestos divertimentos se-fazem reprehensíveis, desde que pedem momentos que é do nosso dever empregar melhor. No tempo em que os inglezes assolavão os estados de Carlos VII rei de França, este principe se-occupava um dia em ver executar uma dança que elle mesmo tinha ideado. *Não achei eu, diz elle aos seus cortezãos, o meio de me divertir? Ah sim!* respondeo um d'elles: *é necessario convir, senhor, que não se-perde uma coroa mais alegremente.* Carlos VII, longe de offender-se desta liberdade, excitou-se por ella a trabalhar com efficacia no restabelecimento dos seus negocios.

Não só os passatempos honestos e permittidos, mas tambem as occupaões sérias, e os mais louvaveis exercicios deixão de o-ser, tantoque nos-embaração cumprir a nossa obrigação. Mr. Huet, um dos maiores sabios do ultimo seculo, sendo eleito bispo de Avranches, continuava ainda na sua grande applicação ao estudo. Certo paisano da sua diocese o-veio procurar muitas vezes, e sempre lhe-respondião, que não podia fallar-lhe, porque estava estudando. O paisano enfastiado disse murmurando: *Porque nos não deverão um bispo, que tivesse acabado os seus estudos?* Este prelado, vendo que o seu amor ás occupaões litterarias o impedia de entregar-se como devêra ás de bispo, renunciou o bispado: e obrou excellentemente: porque é necessa-

rio, ou cumprir exactamente as obrigações do nosso estado, ou deixal-o não podendo.

Os melhores meios de que se-serve a medicina para prevenir os males são o exercicio, a temperança, e a alegria. Perguntando-se a Leonicéni, célebre medico Italiano, por que segredo aos noventa annos de idade conservava sua memoria, todos os sentidos, um corpo direito, e uma saude robusta, respondeo: *O vigor do meu espirito é devido á pureza de costumes em que sempre vivi, e a saude do corpo á frugalidade e á alegria; a qual, para ser pura e constante, deve ter sua origem no contentamento da alma, e na paz da consciencia.*

As condições humildes, onde o commum dos homens se-achão postos pela Providencia, as funcções servis e laboriosas que elles exercitão na sociedade, longe de os envilecer, como pensão muitos, os-fazem pelo contrario preciosos e estimaveis, quando bem as-desempenhão. Luiz XII, sendo duque de Orleans, soube que um gentil-homem da sua camara maltratára certo lavrador. Mandou logo que ao jantar lhe não puzessem pão: e dizendo-se-lhe que elle murmurava d'isso, o-fez vir á sua presença, e lhe-perguntou qual era o mantimento mais necessario; e respondendo elle que era o pão, o principe lhe-disse com severidade: *Ah! porque sois então tão desarrazoado, que maltratais a quem vol-o-grangeia?*

As satyras feitas a qualquer nação em geral, como as que se-fazem de qualquer sexo, são sempre injustissimas; porque atacão um numero infinito de pessoas, a quem ellas não convem. O sabio não julga por esta prevenção nacional: estima o merecimento em qualquer clima que elle tenha nascido. Um philosepho

scytha respondeo a certo atheniense, que lhe-lançava em rosto a sua pátria: *Eu sou a gloria do meu paiz, e tu és a vergonha do teu.*

Não devemos offender-nos do que se-nos-diz por graça: só as pessoas sem educação se-ensadão com os que lhes-dizem graças, e lhes-respondem com injurias. Não é comtudo razão que nos-deixemos escarnecer como de um tólo, ou parecer insensiveis aos ditos mais picantes; em cujo caso devemos saber voltar contra os que zombão as setas que nos-dirigirem. Alguns cavalleiros de Malta conversavão um dia a respeito do perigo de que erão ameaçados pelos Turcos, que se-dizia vi-nhão sobre elles cem mil homens. Como um dos cavalleiros se-chamasse Sansão, sendo de pequena estatura; outro gracejando lhes-disse: *Senhores, para que temeis; não temos acaso um Sansão connosco? Elle só bastará para destruir todo o exercito dos Turcos!* Este discurso excitou grandes risadas; mas o judicioso cavalleiro as-voltou bem depressa em seu favor, dizendo: *Tendes razão, senhor; mas para fazer o que dizeis, erame preciso uma das vossas queixadas: então eu faria prodigios.*

Ha homens soberbos e altivos, que se glorião da nossa amizade, emquanto julgão ser-lhe honrosa; e que d'ella se-envergonhão, logo que a fortuna os-eleva a um emprego superior ao nosso: semelhantes aos cavallos que se-ensoberbecem e emprôão debaixo do cavalleiro que os-monta, e que fogem se acaso elle caher. Certo homem foi visitar um seu amigo que tinha sido elevado a uma grande dignidade: este, cego com a sua nova fortuna, o-desconheceo de tal sorte, que lhe-perguntou quem era. O amigo, escandalisado com tal pergunta,

respondeo: *Eu vinha dar-vos os parabens do vosso despacho; mas agora vos-dou os pezames, pela infelicidade que tivestes de perder de repente o juizo e a memoria; pois que já vos não conheceis, nem aos vossos mais intimos amigos.*

He mais commodo não conviver com a maior parte dos grandes, doque util a sua familiaridade: humilhão-nos, e quasi sempre nos-corrompem. Exaltando-se muito a felicidade de Callisthenes por comer á mēsa de Alexandre, respondeo Diogenes: *Eu o-julgo bem desgraçado, por se-ver obrigado a comer á hora e ao gosto de outro.*

Se nunca devemos faltar ao decoro, e respeito devido ás pessoas quallificadas, tambem não devemos mostrar-nos timidos na sua presença; porque este receio, que algumas vezes chega ao excesso de fazer-nos tremer, incommoda ao mesmo tempo as pessoas a quem fallamos, e é signal de uma educação baixa e mal cultivada. Pelo contrario a presença de espirito, e uma nobre altivez nos-é muitas vezes vantajosa. O tyranno Hijai andando um dia na caça perdeu-se dos seus criados, e encontrando um Arabe, perguntou-lhe: *Que qualidade d'homem é o vosso bachá? — He um cruel, atraídoado, sanguinario, e um adultero (respondeo o Arabe.) E conheces tu quem eu sou? (tornou o tyranno.) — Não (disse o Arabe,) — Eu sou Hijai (replicou elle.) Então o Arabe, conhecendo a sua imprudencia, a-reparou com a presença de espirito com que logo lhe-disse: E vós, Hijai, conheceis-me? — Não. — Pois sabei (prosequio o Arabe) que eu sou um dos moradores deste deserto, e que todas as pessoas da minha familia padecem uma fatal molestia, pela qual tres dias no anno são atacadas*

de doidice , e este dia é um d'elles. O tyranno sorrio-se, e apesar da ousadia do Arabe não só permittio que livremente se retirasse, mas deo-lhe uma porção consideravel de dinheiro.

Malek, visir do califa de Bagdad Mustafá, aprisionou n'uma batalha o imperador dos Gregos. O visir mandando trazer o imperador á sua presença, lhe-perguntou qual era o tratamento que esperava do seu vencedor. O imperador lhe-respondeo: *Se fazes a guerra como rei, manda-me libertar; se a-fazes como mercador, vende-me; se a-fazes como carrasco, degola-me.* O general musulmano deo immediatamente liberdade ao imperador.

Aquelle que gosta de chasquear, não será longo tempo estimado; mas se lhe-ajunta a zombaria e o escarneo, far-se-ha desprezivel e odioso. Thomás Fuller, inglez de muita viveza, e do numero destes homens que querem antes perder vinte amigos doque um bom dicto, tinha feito alguns versos a uma mulher brava e ralhadora. O doutor Concio seu bemfeitor, ouvindo-lh'os recitar, lhe-pedio uma copia. *Nada mais justo,* lhe-diz Fuller, *poisque vós tendes o original.* O doutor, escandalisado desta lembrança, porque sua mulher era deste genio, deixou de protegê-lo, e se-trocou em seu inimigo.

O verdadeiro uso do gracejo é mostrar a ridicularia de algum vicio ou defeito de que pode haver correção; e nunca das imperfeições ou disformidades do corpo. Um tólo zombava d'um homem de juizo por ter este as orelhas compridas; porem o sabio lhe-respondeo: *Verdade é que para homem tenho as orelhas compridas; mas deveis concordar que vós as-tendes pequenas para ju-mento.*

Todo o horror que se-conceber dos letigios é ainda pouco, na proporção do quanto elles devem temer-se: as demandas são a ruina das familias, a origem de mil desassocegos, de multidão de trabalhos, e de ressentimentos que algumas vezes durão toda a vida, e semeão para sempre um odio escandaloso, que se-perpetúa nas familias. Bautru, um dos homens de maior espirito da côrte de Luiz XIII. vendo um dia as imagens da Justiça e da Paz que se-beijavão, disse a um de seus amigos com quem estava: *Vêde-as: ellas se-abraçãõ, se-beijãõ, e se-dizem adeos, para não se-tornarem a ver, jamais.*

Uma mulher muito feia tinha a mania de por qualquer coisa armar uma demanda. Desesperado o marido, que aborrecia tanta trapaça, lhe-disse um dia. *Porque não intentas tambem uma demanda contra teus pais, por te-fazerem tão feia?*

Posteque hajão mais homens que amem suas mulheres, doque mulheres a seus maridos, por ser mais natural amarmos a quem depende de nós, doque áquelles, de quem dependemos; tem-se visto comtudo muitas vezes da parte das mulheres exemplos heroicos de amor conjugal, que são como outros tantos illustres monumentos erigidos á sua gloria. Conrado III, que foi eleito imperador em 1138, sitiava Weinsperg, pequena cidade do estado do duque de Wirtemberg, em Alemanha. Este duque, que sôra um dos oppoentes á sua eleição, estava com sua mulher encerrado na cidade: sustentou o cerco com heroico valor, e sómente cedeo á força. Escandalizado o imperador quiz levar tudo a ferro e a fogo; mas perdoou ás mulheres, permittindo-lhes que sahisses, podendo levar consigo o que tivessem de mais precioso. A esposa do duque se-aproveitou do permissõ, para sal-

var a vida de seu marido: tomou-o aos hombros, e todas as mulheres da cidade fizeram o mesmo. Vendo-o o imperador sahir com esta carga (indo a duqueza na frente de todas) não pôde deixar de commover-se com tão terno espectáculo; e cedendo ao espanto que elle lhe-causava, perdoou aos homens por favor das mulheres: sendo por este modo salva a cidade.

De qualquer idade e estado que sejamos é licito o termos divertimentos, mas sem de todo nos entregarmos a elles, e sem que possão empecer-nos, ou aos outros. Henrique V, rei d'Inglaterra, sendo ainda principe, costumava divertir-se com outros mancebos da sua idade a deter os passageiros, fingindo-se ladrões, para lhes-metterem medo. Um destes companheiros inquietos e dissolutos foi citado perante a justiça. O principe se-atreveo a acompanhá-lo ahi, e a descompor o magistrado que condemnou o culpado. O juiz, revestido de um ar grave e tranquillo, ordena que se-conduza o principe á prisão. Os assistentes se-assustão, e dão por perdido o juiz: porem o principe, como se de repente fosse aterrado pela magestade das leis, confessa o erro, sujeita-se á sentença, e se-deixa conduzir á prisão. Quando subio ao throno, despedio os companheiros de seus prazeres, dizendo-lhes: *Ide; mudai de conducta, que eu vos-darei o exemplo: o tempo me-ensinará quando poderei tornar-vos minha amizade por um titulo mais honroso.* Quanta ao presente, eis aqui os amigos de que tenho necessidade; continuou elle, mostrando os ministros sabios e severos, que tinham mais altamente condemnado sua vida licenciosa. O juiz que o-fizera metter na prisão não se-attrevia a apparecer diante d'elle. O principe o-mandou chamar, e lhe-disse;

Sou eu que devia temer vossa presença: vós já tendes adquirido direitos eternos á minha estimação; pertence-me agora trabalhar para merecer a vossa. Elle disse aos cortezãos que querião dar-lhe homenagem antes da cerimonia da coroação: Esperai para me-jurardes obediencia, que eu jure primeiro obedecer ás leis.

Nada ha mais brilhante doque as grandes dignidades, e os honrosos empregos: vemo-nos elevados acima dos outros homens, governando e mandando os nossos semelhantes, recebendo seus respeitos e homenagens; porem tiremos este véo precioso, e ficaremos surpresidos de achar que estas dignidades e altos empregos são de ordinario grandes fardos, e verdadeiras escravidões; ou, como lhe-chamava um antigo philosopho, honrosos tormentos. Ha na vida de Timur-lench ou Tamerlão uma passagem, que mostra bem o que pensava este famoso conquistador a respeito das honras e dignidades que parecem mais dignas d'inveja. Depois de haver derrotado e prêso Bajazet imperador dos Turcos, o-chamou á sua presença, e vendo que era cego de um dos olhos, desatou a vir. Bajazet indignado lhe-disse com altivez: Não te-rias, Timur, de minha fortuna: sabe que Deos é o distribuidor dos reinos e dos imperios, e que amanhã pode succeder-te o mesmo que hoje me-acontece. Eu sei, lhe-respondeo Timur, que Deos é o distribuidor das coroas. Não me-rio de tua desgraça, mas sim do pensamento que me-occorreo olhando para ti. Lembrou-me que necessariamente os sceptros e as coroas valem bem pouco diante de Deos, pois as-distribue a pessoas tão mal feitas; a um torto como tu, e a um côxo como eu.

VARIEDADES

DE DIVERSOS AUCTORES.

LEITURA.

Quando se-propunha a certa princeza de muito espirito o jôgo, ou outro algum recreio, ella o-recusava, dizendo que n'isso nada aprendia. Que fareis pois? (lhe-tornárão.) *Lerei*, respondeo ella, *ou farei que se-leia.*

Que felizes effeitos não produz a leitura? Ella enriquece a memoria, afformoseia a imaginação, purifica o juizo, forma o gosto, ensina a discorrer, eleva a alma, e inspira nobres sentimentos.

Os bons livros são conselheiros amaveis, que nos-instruem, sem nos-ensadar; advertem nossos defeitos, sem nos-offender; e nos-corrigem, sem nos-desagradar. Affonso rei de Aragão dizia, que os livros erão os conselheiros que elle mais estimava, porque não o-lisonjeavão; antes lhe-ensinavão o que devia obrar.

Elles são amigos indulgentes que se-entretém conosco, quando muito nos-agrada. No meio de um povo rustico e grosseiro nos-fazem encontrar as doçuras da mais agradavel sociedade; offerecem-nos as mais preciosas riquezas do espirito humano, e as descobertas de todos os seculos. São uma fonte de delicias e de encantos em todos os estados e situações da vida: procurão-nos mil prazeres em todas as idades, ainda mesmo n'aquella que ja quasi não sente alguns; mil prazeres que se-renovão sem cessar, que achamos por toda a parte, e que a todos os instantes podemos procurar-nos.

A leitura suspende o sentimento das penas a que está sujeita a natureza humana, e faz esquecer ao menos por algum tempo os pezares e afflicções, que se-experimentão em todos os estados. Ella é em mil encontros um grande refugio contra a tristeza e enojo. Nem sempre achamos pessoas que agradem; e vale mais estar só, doque na companhia de algumas: porem a solidão bem depressa enfastia e opprime, quando n'ella não sabemos occupar-nos. Quanto é doce pelo contrario, quanto é agradável, entretendo-a alternativamente pelo trabalho e pela lição! Que felizes momentos me-fizestes passar no puro e innocente seio do mais doce prazer!

O' vós, para quem escrevo, se eu pudesse fazer nascer em vossos corações o amor da leitura, que inestimaveis vantagens vos não grangearia!

A leitura é para o espirito o que o alimento é para o corpo; coma engenhosamente o-deo a entender o duque de Vivonne a Luiz XII, que lhe-perguntou um dia, de que lhe-servião todas as suas leituras: *Senhor, respondeo o duque, que era córado e nutrido; os livros fazem ao meu espirito, o que vossas perdizes ás minhas faces.*

Os bons livros nos-communicão as luzes daquelles, que a distancia dos lugares nos-impede ver e consultar. Fazem-nos presentes os maiores homens da antiguidade, que em suas obras immortaes parece conversarem com-nosco, e instruirem-nos. Procurão-nos mil conhecimentos uteis e agradaveis, e nos-servem como de tocha para nos-conduzir no decurso da vida.

Porem para recolherdes mais seguramente fructos preciosos, lêde com escolha: a vida é muito breve para lermos todas as especies de livros. De mais ha tantos

perigosos, obscenos, e impios, que se-arrisca muito quem lê ao acaso. Consultai pois alguma pessoa prudente e illustrada, para saberdes se a sua lição vos-poderá ser util ou prejudicial.

Comtudo, não basta ler com escolha, é preciso além d'isso ler com reflexão. Lêde menos livros, e lêde-os bem: nada nos-fica das leituras apressadas. Os livros são como o sustento, que só aproveita sendo tomado lentamente e bem digerido. Certo homem gabando-se a Aristippo de ter lido muitos livros, o philosopho responde: *Os que comem muito não são os mais gordos, nem os mais sadios; mas sim os que digerem melhor.* Para formar o nosso espirito não é necessario ler demasiados livros, mas sim ler muito o mesmo livro, quanto este é excellente.

Não leais para os outros, mas sim para vós mesmos: vêde o que vos-convem, e o que pode servir-vos de regra para bem viver. Lêde, não para serdes sabios; mas para serdes melhores doque sois: é assim que deveis ler a historia, e não unicamente por divertimento e curiosidade. De que vos servirá ter nascido depois de tão grandes homens, se os não tomais por modelos? De que vos-servirá tambem ter nascido depois de tantos loucos e malvados, se não sois mais sabios e virtuosos?

Emfim lêde algumas vezes com qualquer amigo judicioso, e communicai-lhe vossas reflexões: desta sorte lereis com mais prazer e fructo. Lendo em voz alta tereis ainda o proveito de vos-exercitardes em ler bem: talento raro que a natureza recusa muitas vezes ainda áquelles, que inriqueceo dos dons do genio. Saint-Evremond dizia que não tinha visto em sua vida tres

peessoas, que soubessem ler bem. O grande Corneille lia muito mal; Racine pelo contrario lia bem: assim Luiz XIV gostava de o-ouvir, porque tinha um particular talento para fazer sentir a belleza das obras que lia. Dever-se-hia desprezar menos esta parte da educação. Podemos achar-nos no caso de ler em alta voz, e será vergonhoso para nós, e desagradavel para os outros fazel-o mal.

VANTAGENS DO TRABALHO.

Amar o trabalho, e ser activo com utilidade dos nossos semelhantes é a primeira virtude do homem de bem. As virtudes contemplativas servem mais á ostentação particular, doque ao proveito da sociedade. A preguiça, além de ser uma disposição d'alma desprezível, costuma ser sempre a estrada real do vicio. O interesse da sociedade exige, que cada um dos seus membros contribua para a prosperidade da corporação. Seria justo que todo o homem, que particularmente se distinguisse pelo amor do trabalho, tivesse recompensas publicas, como premio da honestidade, que é sempre inimiga do ocio.

Séneca comparou a sociedade a uma abobada sustentada pela pressão reciproca das pedras que a compõem. Assim cada corporação, cada familia, cada individuo deve contribuir ao seu modo para o apoio e conformação do todo. O legislador, como a chave da abobada, é destinado a conter cada pedra no seu lugar proprio.

O homem desoccupado, que nada trabalha a bem da sociedade, não pode sem injustiça pertender alguma

das vantagens da vida social. A estimação, as honras, as distincões são unicamente devidas áquelles de quem a Patria pode tirar proveito. Deste modo é que os interesses particulares se-achão ligados ao interesse publico, e de nenhuma sorte podem ser desunidos.

Por esta causa uma politica sensata, que deve chamar todos os cidadãos ao serviço do estado, animada da justiça deve preferir a quaesquer outros homens os que se-distinguirem pelo seu merecimento pessoal.

Em uma sociedade bem organizada a ninguem deve ser permittido o retirar-se, e viver inutil emquanto existem forças capazes de trabalho: porem nas sociedades corrompidas podem as circumstancias determinar o homem de bem a desviar-se da injustiça, e concentrar-se em si mesmo. Quando a tyrannia péza sobre a nação, acha-se a abobada esmagada com o pézo da chave; de maneira que não é de admirar que as pedras se-vejão desunidas, e que cada um não viva senão para si. Então não existe espirito publico; uma indifferença profunda se-apodéra de todos os corações: o prudente, embuçado na capa philosophica, concentra-se a gozar no limitado circulo dos seus iguaes aquella felicidade, que em vão procuraria em outra parte.

Quando se-reflecte sobre estes principios, facilmente se-descobrem as causas das desordens que se-vem dominar em grandes sociedades. Por consequencia necessaria dos homens publicos, que não se-propõem mais que os seus vis interesses como objecto da sua administração, o trabalho de todos os que desejão merecer se-reduz a sacrificar as vantagens publicas ao interesse individual. A virtude e os talentos são excluidos dos

empregos, e exterminados para o abandono: a sociedade enche-se então de malvados, que unicamente são activos para fazerem mal, ou de continuo occupados em se-desenfadarem com entretenimentos frivolos, e com vicios vergonhosos.

Excitar pois os cidadãos ao trabalho, empregar-os segundo os seus talentos, impedir-lhes que sejam ociosos, ou que como os zangãos chupem o mel em cuja fabrica nenhuma parte tiverão, deve ser o objecto principal do homem de estado, no que pertence aos interesses da sociedade; e do pai de familias no que respeita aos interesses domesticos. Todo o inutil é um membro incommodo, que cêdo ou tarde virá a ser pezado aos outros homens. Além d'isto convem trabalhar, para se-poder gozar das delicias do repouso; pois o continuo repouso é de todos os trabalhos o que mais cança: além de que, assimcomo a falta d'exercicio enche o corpo d'enfermidades, assim a inacção d'espírito faz o homem estúpido e desprezível.

O POBRE HONRADO,

OU A FELICIDADE DO TRABALHO.

Em um bello dia de Primavera passeava eu com meu amigo pelo magnifico caes do Newa: tivemos vontade de nos-fazer transportar sobre suas aguas, para admirar a grandeza de seus dominios. No embarcadouro do Eremiterio estavam alguns botes. Apenas testemunhamos o desejo de passear por agua, que vimos os bateleiros em movimento, preparando seus remos, como á margem d'um rio se-vem os passaros aquaticos sacudindo suas azas. Um só d'estes bateleiros ficára quêdo em seu bote: sentado no banco ria-se, contemplando o alvo-roço de seus companheiros; e quando nossas vistas se-encontrárão, tirou seu chapéo, e saudou-nos cortezmente.

Quando pela primeira vez me-encontro com um homem, deixo-me prevenir pela primeira impressão de sua physionomia, e pelo seu acolhimento. Aborreço esses homens assucarados, que a qualquer offerecem sua amizade, e seus serviços, essa gente de grandes cortezias, de lisongeiros discursos, que seduzem ao primeiro encontro. Uma nobre simplicidade eis o que me-attrahe, e me-encanta: ficarei mesmo disposto a me-deixar arrastar mui facilmente; entretanto que essa excessiva flexibilidade de character, esses comprimentos adultores, que se-prodigalisão a todo o mundo, e por toda a parte da mesma maneira; esses immensos offerecimentos de serviços produzem em meus olhos o effeito de um bello verniz, que mascára uma velha equipagem. Foi por isso que eu preferi o bote do modesto bateleiro. Conduzi o meu amigo, que durante

este tempo observava o Ceo com um ar pensativo, como um viajante a quem o navio vai transportar para longe das margens de sua patria.

Figurai nossa admiração, quando vimos, que esse pobre bateleiro para remar se-apoiava nos joelhos, que tinha mettidos em buracos feitos no banco, que estava defronte, e coberto de feltro! A vista d'este homem, que ainda vivo parecia ter restituído á terra uma parte de seu ser, nos-fez uma triste impressão.

Não ha muito tempo, me-diz o meu amigo, que tu murmuravas contra o destino. Lembra-te agora da alegria daquelle sabio do Oriente, de Lokman, que desesperado por não ter calçado, consolou-se vendo um homem sem pés. Eis diante de teus olhos um exemplo vivo de paciencia, e mesmo de consolação na desgraça; porque a figura d'este homem não annuncia que elle se-julgue infeliz.

— Quem sabe, meu amigo? Talvez seja bem sensível a sua posição! Fallemos-lhe: é necessario começar por alguma coisa.

« Certamente é uma desgraça não ter pés, meu amigo, disse eu ao bateleiro. »

— É um meio mal, Illm.º, respondeo elle: emquanto se-tem mãos, e a cabeça entre os hombros pode-se ainda trabalhar. —

Eisaqui um homem, disse eu ao meu amigo, que sabe fazer um bom uso dos seus membros. E quantas cabeças no mundo, que parecem destinadas sómente a trazer um chapéo, ou a serem bem penteadas! Quantos pés que não conhecem outra occupação, que a de fazerem bulha! Quantas mãos que se não movem, senão para fazerem uma saudação, ou não se-erguem, se-

não para apanhar essas bolas ligeiras, que a zombadora Fortuna deixa escapar!

« Como perdeste os pés? perguntou-lhe o meu amigo. »

— Fui soldado, Illm.º, servi em um regimento de clavineiros: perdi os pés em consequencia de uma molestia, ha uma dezena de annos. Deos quiz-me conservar sobre a terra para meus filhos, e me-enviou o Dr. Bouche; a elle devo a vida e a saude. —

« Pois tu tens familia? »

— Minha mulher e quatro filhos. —

Grande pêso para hum homem estropeado, disse eu involuntariamente.

— É uma consolação e não um pêso, Illm.º Vêde allí em baixo, apontando Petersburgo, tenho eu minha boa mulher e nossos filhos, que me-esperão. Ao entrar do sol elles vem ao caes em meu encontro: ajudão-me a sahir do bote, levão meus remos e o meu croque, e me-fazem assentar á mesa, onde o khleb-sel jamais faltou, graças a Deos, ao Imperador, e ás pessoas de bem. Eu me-queixaria sem razão, poisque temos quanto nos-é preciso, o sustento e o vestuario. Rimo-nos, cantamos a cançoneta. Se o Illm.º viesse em um dia de festa á mesa da familia do pobre estropeado, julgaria estar em casa de um bom artista, ou de um abastado mercador. Não, não Illm.º; uma familia é um prazer, e não um fardo. —

A estas palavras o bateleiro apoiou-se com mais força sobre os remos; lagrimas brilhavão em seus olhos, onde estava pintada a mais viva alegria.

Encontrarieis, diz-me o meu amigo, muitos de vossos ricos tão vigorosos e tão frescos, a quem a ideia da

felicidade domestica causasse tal emoção? Vedes muita gente, ainda da mais favorecida da fortuna, que esteja assim contente da sua sorte? Conheceis muitos infelizes, procurando prover á sua subsistencia por diversos meios, que, longe de despertar em nós a piedade e a beneficencia com a narração de suas precisões e de suas penas, viessem alegrar nossos corações, pintando-nos seu contentamento e seus prazeres? Meu amigo, eu estimo este pobre bateleiro; e estou persuadido que sua sorte, moralmente fallando, seria invejada de muitos d'aquelles homens, cuja felicidade nos-parece digna de inveja, se os-julgarmos só pelos seus exteriores.

Estou de accordo contigo em quasi tudo, lhe-digo; porem uma só palavra em toda a sua resposta destruiu a illusão, e me-opprime ainda como um pêso sobre o coração. Elle fallou da bondade das pessoas de bem; não é a esmola? Ah! esse meio de existencia deve ser muito penivel para uma alma generosa!

O meu amigo se-dirige de novo ao bateleiro: « É uma felicidade, meu honrado homem, que em tua posição não viesses a pedir esmolas, como muitos outros pobres estropeados. »

— Esmola! diz elle, como sahindo de um sonho; não, Illm.º: nunca estendi a mão para pedir uma esmola: o pão só do trabalho tem sabor. Tenho a alma d'um soldado, Illm.º: estas costas, que carregarão a mochila, com difficuldade se-curvarião diante dos seus semelhantes; e estas mãos, que levárão a espingarda, mal poderião alongar-se para pedir esmola. O Imperador de eterna memoria (a quem Deos dê o reino dos Ceos) o nosso pai Alexandre Pawlovitch deo-me uma pensão de cento e vinte rublos por meus bons serviços;

seria indigno de ver a luz, se depois d'isto eu pedisse esmolas. No serviço aprendi o officio de çapateiro: durante o inverno calço toda a visinhança; ainda bem: para mim não tenho necessidade de fazer botas. (Elle ria-se; via-se que tinha esquecido essa impressão penivel.) Vem o estio, e eu no bote! Passo, levo a passar todo o mundo: isto me-dá prazer, e eu ganho dinheiro. Minha mulher lava, cose, prepara o jantar; e, graças a Deos, estamos contentissimos. —

« Mas porque fallas tu do teu reconhecimento ás bondades, com que te-tratão as pessoas de bem? »

— Ah! como não ser grato, Illm.º, quando ellas vos-amão, e vos-lastimão? Assimcomo vós, que viestes ao meu bote, sem serdes rogados, e muitos outros favores ainda. —

Eu estava em silencio, entregue ás minhas reflexões. Minha imaginação transportava-me ao meio do reboço do grande mundo. Como me-parecião vis diante d'este honrado bateleiro essa especie de artistas da Fortuna, tão occupados, tão ávidos, que passão toda a sua vida a intrigar, a se-volver em todos os sentidos, a praticar mil baixezas, para chegarem á algibeira de seu visinho! Como me-parecem pequenos esses frivolos amigos do luxo, que repulsão o pobre, e mendigão ao usurario, para partilhar com os macacos e os papagaios a attenção dos amadores de novidades e do ridiculo! Como a seu lado são dignos de lastima aquelles ambiciosos, que, seb pretexto de bem publico, mais intrigantes que habeis, procurão empolgar as honras, despojando d'ellas a inexperiencia, que os-incommoda! Se todos esses homens conhecessem o preço e a felicidade do trabalho, que nos-torna amigos d'esta compa-

nhia constante, a boa consciencia, e faz nascer em nossa alma o sentimento de nossa propria dignidade, então elles saberião apreciar aquelles preciosos gôzos, que só o trabalho pode offerecer: aquelle descanso tão doce, e tão tranquillo no meio de uma familia ditosa, no seio da amizade; gôzos desconhecidos a esses desgraçados, a quem arrastão as torrentes das paixões nascidas da preguiça e do luxo! Eu quizera que todos esses homens, insaciaveis na saciedade, e pobres na abundancia, tivessem podido instruir-se na sabedoria do nosso bateleiro: e estou persuadido que terião cessado de queixar-se do seu destino.

O bote chegou ao porto. Ao apartarmo-nos d'este honrado bateleiro, démos-lhe todas as moedas pequenas, que traziamos. Elle olhou-nos fixamente, sem ousar receber o dinheiro.

— É muito: disse elle, abaixando os olhos. —

« Nós não ajustamos contigo, torna-lhe o meu amigo, e tu não tens direito de nos-forçar a não te-dar senão quanto queres. »

— Entendo, respondeo elle sorrindo-se; vós tendes apreciado o meu trabalho pelo vosso coração: agradeço-vos mui humildemente em nome de meus filhos: hoje os-regalarei com confeitos, que vós lhes-dais. Eu vos-desejo toda a sorte de felicidades. —

O bote apartou-se; e nós tornamos a nossas occupações mais contentes que do costume, e pensando na felicidade, que se-goza trabalhando. (BONLGARIN. *Extrahido do jornal a Abelha, de 30 de Maio de 1837.*)

EDICTO SOBRE O JOGO.

O pai do actual imperador da China foi um dos mais esclarecidos soberanos d'aquelle imperio. O seu prolongado governo mereceo as benções da nação, e servirá de perpétuo exemplo aos seus successores. Eis aqui o que elle annunciou ao seu pôvo sobre os funestos e diarios effeitos do jogo.

Não me obrigue a vossa conducta a que eu sendo vosso Imperador ou vosso Pai, me-venha a fazer unicamente vosso Juiz.

Repetidas vezes vos-tenho declarado, que nós não somos felizes senão pela virtude. Era bastante dar-vos a conhecer que os nossos vicios destroem necessariamente a decencia, a concordia, e a felicidade; porem de todos os vicios nenhum vejo mais prejudicial do que o furor do jôgo.

Em outro tempo vossos avós forão bons, sinceros, caritativos, dados aos seus deveres, repartindo do superfluo, e muitas vezes tirando do necessario para socorrer os pobres: erão bem differentes do que nós hoje somos! Tudo era generosidade: os seus entretenimentos erão innocentes; mas tudo está mudado.

Eu que, vós o-sabeis, detesto a mentira mais do que a morte, vos-affirmo, que não ha mania mais fecunda em calamidades publicas e particulares do que o jôgo. Sim, eu affirmo que não ha homens mais intrataveis do que os jogadores, ninguém mais propenso do que elles para o mal; eu que os-conheço. Escutai-me.

Por que razão quasi nunca se-remendão os ladrões e os jogadores, que a tantos respeitos se-assemelhão? Ah! é porque uma vez começarão!

Quem não pode resistir ás primeiras seducções atica um fogo, que cedo não poderá apagar. Começa-se a jogar por complacencia ou por desenfado: ao principio são momentos, depois horas, depois dias, depois dias e noites. Assim é que a paixão incendiando-se gradualmente devora o tempo, que é de maior valor que o ouro.

Assentado uma vez o costume, os jogadores não respirão, nem conhecem mais doque o azar. A sua fome não acaba com os alimentos que a nutrem; em vez de se-retirarem do jogo logo que perdem, consumindo-se de impaciencia, persistem espectadores da desgraça de outros, com mágoa de não poderem n'aquelle instante contribuir para ella.

Em se-convertendo o jogo em paixão, um abandona as suas funcções publicas; outro despreza a arte ou industria, de que tirava a sua subsistencia e da sua familia. Sonhando sempre em jôgo, para o-entreter vendem fazendas, casas, e vender-se-hião a si proprios; pois tanto os-cega a cobiça e a esperanza.

Uma ruina completa é a sorte do maior numero. Os que hoje prosperão, amanhã estão na miseria. Mas se por um instante triunfão, de nada duvidão, persuadindo-se de despojarem sempre á vista do despojo presente; porem a sua vez chegará; hoje roubadores, amanhã serão roubados.

As pessoas de probidade os-apontão de longe como terror e opprobrio de seu paiz. Retirai-vos d'elles; pois a continuacão d'este trafico suppõe todos os vicios, ou os-incita.

Em que fim vem a parar um jogador? Pergunte-se áquelles cujos amigos se-tem desterrado d'este feliz

clima; áquelles cujos parentes se-tem morto, por evitarem o ultimo supplicio: pergunte-se principalmente aos pais de familias que pelas suas desordens, possuindo grandes rendas, se-tem feito o escandalo da sua casa, e o opprobrio dos seus compatriotas.

Eu prohibo o jôgo. Se alguém contravier ás minhas ordens, violará o voto da Natureza que nos-clama: *Trabalhai, e séde industriosos; os mais activos serão os mais bem tratados.*

Tenho mostrado o que é o furor do jôgo: possão os meus preceitos suffocar em vossos corações esta paixão, que consterna o meu!

LUXO DA MEZA.

No paiz onde a vaidade e os vicios são erigidos em virtude, um bom cosinheiro é um grande homem. Os Romanos succumbirão debaixo do pêzo de sua grandeza, quando a temperança cahio em desprezo; e que á frugalidade dos Curios e dos Fabricios se-vio succeder a sensualidade dos Cacios e dos Apicios. Tres homens d'este ultimo nome se-fizerão celebres pela golodice. As suas mezas erão cobertas de peixes que se-ião buscar aos rios da Asia: as linguas dos pavões e dos rouxinoes erão cuidadosamente buscadas para satisfazerem a sua gula. Conta-se do ultimo dos Apicios que gastára quasi quarenta milhões de cruzados nos refinamentos da sua meza, e que achando-se com toda a sua fazenda consumida, á excepção de duzentos mil cruzados, se-envenenára, temendo morrer de fome com tão pouco dinheiro. A delicadeza do paladar dos Romanos chegou a um excesso, que hoje se-faz incrível a proluxidade

que elles empregavão no preparo das suas iguarias, e na escolha do fornecimento das suas mezas. Os figados dos patos cevados com figos seccos erão desprezados nas boas mezas, onde mesmo depois de guizados se-conhecião, e se-apreciavão mais os que tinham sido cevados com figos frescos. Na boa educação dos povos mais antigos havia grande cuidado em que o estimulo do appetite nas mezas fôsse a sobriedade ordinaria, e o exercicio do corpo. Depois que os Romanos se-perver-têrão pela sensualidade que achárão nos povos da Asia, e pelo abuso das suas riquezas e da sua fortuna, a vir-tude foi proclamada em proporção dos meios de se-procurarem panegyristas entre os prazes dos banquetes: d'aqui se-preparavão as escolhas para os empregos pu-blicos, e para a direcção dos negocios; d'aqui nasceo uma total corrupção de costumes, que o povo que se-gloriou dos Scipiões e dos Brutus, veio a ser adorador do governo dos eunucos. Além da influencia terrivel que a gula tem sobre o moral dos governos, é de la-mentar que os homens não considerem, por sua mesma felicidade individual, que quanto as iguarias são mais delicadas, e o prazer da meza exquisito, tanto mais cedo o paladar se-estraga e se-embota; até que com-plicadas e teimosas enfermidades cedo vem vingar a natureza, que se-tem ultrajado.

UTILIDADE DO VIAJAR.

Todos os grandes philosophos da antiguidade viajá-
 rão. Thales empregou a sua mocidade em correr a Asia,
 e a instruir-se no Egypto. Solon recolheo conhecimen-
 tos de todos os povos sabios. Pythagoras viajou no Egy-
 pto, na Caldéa, na India; correo todo o Peloponneso,
 e as principaes cidades d'Italia. Platão, depois de ter
 visto as cidades da Grecia, fez a viagem de Memphis,
 onde viveo longo tempo; observou uma parte do Orien-
 te, e voltou pela Italia. Entre nós, ainda que as viagens
 pareção menos necessarias, por se acharem todos os
 conhecimentos encerrados nos livros, e diffundidos pela
 imprensa em toda a terra; pode comtudo julgar-se que
 o universo composto pela mão dos homens seja simi-
 lhante ao universo real da natureza? Ideias adquiridas
 pela reflexão lenta e fria d'um gabinete podem acaso
 comparar-se á viveza e força das que devem nascer do
 espectáculo do mundo? O homem que lê, acredita so-
 bre a fé d'outro; o homem que vê, julga por si mesmo;
 pergunta á natureza, e pode arrancar-lhe segredos até
 então escondidos. Quando se tem corrido por uma mul-
 tidão de grandes objectos, então é que a alma se-cos-
 tuma a ver bem, e a comparar com justiça. O espirito
 dilata-se com o espaço que deseja abraçar. *Descartes*
 dizia, que o seu melhor livro era o mundo. Seria para
 desejar que todos os homens, que se-destinão ao go-
 verno da sociedade, empregassem dez annos ao menos
 em viajar. A historia natural, que se-liga com todas as
 sciencias phisicas, faria immensos progressos: a histo-
 ria da especie humana, donde pende a sciencia moral,
 teria em fim o seu principio. Paraque as viagens pois

se fizessem com utilidade para o genero humano con-
viria, ou que os philosophos fossem ricos, ou que os
ricos fossem philosophos.

BRIO NACIONAL.

Este sentimento que nós chamamos brio, quando elle
tem por objecto o amor da nossa patria, é a primeira
das virtudes sociaes. Todo o homem que possui e cul-
tiva este sentimento será sempre o bemfeitor da sua
especie; porem será principalmente um modelo de
heroismo para os homens que houverem nascido no
mesmo terreno, e que fallarem a mesma linguagem:
pois ainda que seja um dever o amar todos os homens,
a preferencia que dermos aos nossos compatriotas, ás
produccões da sua industria, e aos fructos da cultura
do seu terreno, será a medida de graduarmos a nossa
propria estimação. Quem dá tanta superioridade á na-
ção ingleza em tantos respeitoes sobre outros povos da
Europa? O seu brio nacional. Lembremo-nos pois do
brio nacional dos heroes que tanto honraráo a patria, e
que em todos os seculos serão o amor e admiração do
mundo. Qual seria a nação que não se-sentira ufana
de ter por compatriota um Albuquerque, que em im-
mensa distancia da sua patria, ameaçado de todo o po-
der d'um rei da Persia, e sem quasi algum soccorro,
respondeo aos embaixadores d'este soberano ao pedi-
rem-lhe tributos, mostrando-lhes balas, granadas, e
alfanges, e dizendo-lhes: *Eis a moeda de tributo que
paga el rei de Portugal.*

HEROINA PORTUGUEZA.

Se o amor da patria interessa sempre pelas acções illustres dos que nos-precedêrão, a nossa curiosidade mais vivamente se-inflamma, quando o sexo das graças e da belleza servio a engrandecer a nossa historia.

No tempo em que o nome portuguez se-fazia temido nas mais remotas partes do mundo, em que as nossas bandeiras tinham o respeito das nações da terra, em que a nossa linguagem foi aprendida pelos mais antigos povos da Asia, para receberem o nosso mando; as nossas emprezas encontravão obstaculos, porem não os-encontrava a nossa gloria, nem a nossa fortuna. A praça de Diu foi um theatro de ambas. Apesar de todos os perigos da guerra sempre o nosso valor foi allí brilhantemente coroado. Era o tempo do segundo cerco, para que tinham concorrido, além da grande fama e poder dos Turcos, todos os esforços d'el-rei de Cambaya. O governador da praça era D. João Mascarenhas. Todos os recursos parecião faltar-nos, excepto o brio e o amor da gloria. As mulheres quizerão seguir o caminho da immortalidade, que as circumstancias offerecião ao nome portuguez. Sem reparo nem a estado, nem a idade, todas correm á defensão commum. Os trabalhos mais difficeis são gostosamente supportados entre canticos patrioticos. Uma mãe tinha a vingar um filho, uma esposa um marido. N'um dia de conflicto geral a presença e a companhia de tantos penhores queridos servia só d'estimular os esforços communs. Isabel Madeira, que parecia distinguir-se nas proezas deste dia, era ja distincta pelas virtudes conjugaes. Um tiro de bombardas despedaça ao seo lado o seu amante

esposo, que lhe-deixa quatro filhos. As matronas e as donzellas levantão um grito de dor; ella fica immovel, seus olhos ficão enxutos; estas unicas palavras respondem á consternação geral, e pialão o seu coração: *Ninguem haja de lastimar-me; meu marido morreo pela patria: possão meus filhos merecer esta ventura.*

Assim se-exprimia o heroismo feminil em Lacedemonia.

CARACTER SIMPLES.

Cada um dos homens por um principio de independencia deveria aprender a não necessitar dos outros, e a servir-se a si proprio nas coisas do seu arranjo domestico. Perder-se-hia talvez um certo pedantismo orgulhoso, que muitas vezes se-condecora com o titulo de dignidade. O homem da melhor condição teria n'isto o prazer de aproximar-se aos outros homens seus irmãos, e mostraria não envergonhar-se de ser util a si, e ainda mesmo aos outros.

Eis alguns exemplos de interessante simplicidade, que só parecerão minuciosos a quem não tiver coração para os-sentir.

O marechal de *Saxe* tirava com suas mãos as botas aos soldados e sargentos feridos.

Um principe da Casa d'Austria passeando sózinho encontrou um menino, que chorava por lhe-haver cahido a sua carapuça no fundo de uma valla; o principe desceo ao fundo d'ella, e trouxe-lhe a carapuça.

Outro principe encontrando umas grandes portas, que o vento tinha derribado sobre uma estrada por onde a sua comitiva havia de seguil-o, e que por isso

as-poderia damnificar, começou a fazer esforços para levantá-las. Neste tempo chegou um cortezão, e lhe disse: Por quem he, senhor! Que faz Vossa Alteza?— Eu estou a ver se poupo alguns dias de trabalho a um dos meus vassallos.

Nestes nadas em apparencia é que a Philosophia reconhece o grande homem, cuja nobre simplicidade cedo ou tarde recebe o tributo de respeito, e de amor que lhe-compete.

ALEGRIA E PRAZER.

Licurgo fez levantar estatuas aos Risos. Os Lacedemonios consagrarão altares ás paixões innocentes e agradaveis.

Foi a alegria quasi sempre propria dos homens fortes e transcendentos. Pythagoras moderava as suas paixões tocando na lyra. Socrates entretinha-se saltando e brincando dentro de sua casa, por acompanhar os entretenimentos pueris de seu filho Lamprocles.

Um dos maiores engenhos d'Inglaterra, e o primeiro que com uma força victoriosa desenvolveo as faculdades do entendimento humano, *Locke* conservou até a sua ultima hora a melhor feição do mundo. *É preciso viver*, dizia elle, *emquanto ainda vivemos.*

Montaigne, este amavel philosopho, este discipulo da sua propria razão, este amigo do bom senso de todos os seculos dizia: *Que os annos me-arrastem, embora; mas seja recuando, a fim de que me-fique sempre a cara voltada para as delicias da minha mocidade.*

Porém o verdadeiro prazer e alegria só no coração

das crianças é que se-acha em flor; e tambem no seio da mediocridade, que raras vezes se-desgosta das coisas naturaes.

Os homens procurão a opulencia, persuadidos de que nella encontrarão a alegria. Infelizes!

Porque razão o mestre de Isocrates com cento e sete annos feitos não se-queixara da velhice? É porque tinha no contentamento da mediocridade conservado inclinações honestas, zombando dos fastos desordenados da loucura.

O primeiro dos Scipiões, que teve o sobrenome de Africano, repousando dos trabalhos militares no seio das letras, fugia ao tumulto do grande mundo, na certeza de que nunca era mais feliz, do que quando vivia mais obscuro.

O chanceller de l'Hospital, que pensava e vivia como um antigo romano, escrevia á duqueza de Saboya: *Longe dos disturbios civis tenho achado a paz nestes campos, em que me-apraz cultivar a terra, e ter parte nos brincos de meu neto.*

Quando os Portuguezes obrárão aquellas façanhas, que lhes-derão por muitos annos o senhorio dos mares e o respeito da Asia, os costumes ainda pouco depravados pelo luxo oriental offerecião grandes caracteres, que iguaes aos Romanos ajuntavão a gloria d'um grande nome á decencia e mediocridade da vida privada. Estas virtudes, que erão em parte fructo da imitação dos antigos heroes da Grecia e de Roma, não deixavão tambem de pertencer áquelle espirito de generosidade e de brio, que a instituição da Cavalleria criou na Europa. Em taes circumstancias os animos, sempre dirigidos ao valor pela galanteria, conservavão no meio das empre-

zas militares e de toda a idade aquella graça e desenfado , que só é natural aos annos da verdura.

Um dos maiores homens da nação portugueza , o Vice-rei da India D. João de Castro , depois da maior gloria soube fazer o apreço que convinha dos prazeres d'uma vida retirada.....

..... Assim coroado
De Gangeticas palmas ,
O destemido Castro n'alta serra ,
Que templo foi de Cynthia ,
Retirado vivia : a mão invicta ,
Gloria e terror d'Asia ,
Os silvestres arbustos cultivava ,
Subjugando a vaidade.

(GARÇÃO.)

Taes forão os homens virtuosos de todos os seculos : homens racionaes, homens justos ; pois não julgárão a virtude exclusiva dos prazeres candidos da natureza. Um dia em que um parochó se-jactava de ter abolido as danças e festejos dos camponezes nos dias de festa, e estando o sabio Fenelon presente, este lhe-replicou: *Ah, meu bom parochó ! não dancemos ; porem permittamos que estas pobres gentes dancem, a fim de s'esquecerem por um momento de que são infelizes.*

Tem havido comtudo homens atrabiliarios que descontentes da sua sorte tem pertendido fazer desgraçada a sorte dos outros. *Abstende-vos de prazeres* : dizião os discipulos de Zenon , julgando-se mais sabios doque Deos e a Natureza. O mesmo pré-gavão os insociaveis

Budoistas, fanaticos do Japão; não tratando jamais os seus Deoses, senão respirando offensas e vinganças. Façamos bem, e seja este o nosso primeiro prazer. Enquanto as nossas fruições forem licitas, sempre virão a ser em utilidade dos nossos semelhantes; mas não sejamos impacientes em gozar. *O praser* (dizia o poeta Sadi) *virá, se o-souberes esperar; o arrependimento, se te-apressares.*

OS DESEJOS.

Quereis viver felizes? Conhecei o valor dos vossos bens, e sabei gozar d'elles. Ponde limites a vossos desejos e a vossas necessidades; pois quanto mais desejamos, mais nos-falta. Contentai-vos do preciso; pois a moderação vale mais que todos os thesouros da fortuna. Dizendo-se um dia a Menedémo, philosopho grego, que era grande felicidade ter o que se-deseja, elle respondeo: *Maior felicidade é contentarmo-nos com o que temos.* Desta sorte gozamos d'essa feliz tranquillidade, desconhecida aos que são agitados de uma multidão de desejos; e que, impellidos de sua cega ambição e desenfreada cobiça, desejão continuamente, e nunca estão contentes. Alvos de uma falsa e enganosa esperança envenenão a felicidade de seus dias com vãos desejos, que os-desgostão do seu estado, que os-impe-dem de cumprir seus deveres, e de conhecer suas vantagens.

Nada é mais pasmoso, doque ver correr os homens continuamente atrás da felicidade, sem a-poderem jamais apanhar; porque em lugar de a-procurarem na moderação de seus desejos e no gôzo do que possuem,

elles crem sempre vel-a nos postos, nas riquezas. ou
 nos prazeres, que não tem: e quando chegão a obtel-os,
 envergonhados de a não acharem, e cada vez mais
 enfermos desta loucura, continuão toda a sua vida a
 procural-a em outros objectos, e morrem com a dôr
 de não estarem mais perto do termo de encontral-a,
 doque estavão quando principiárão.

Estes sonhos de um homem acordado, estes suspiros
 inquietos que nos-illudem e nos-enganão, estão bem
 descriptos pelo auctor da seguinte ode moral intitula-
 da: *os desejos*.

Se feliz ser no mundo alguém pudesse,
 Seria quem desejos não tivesse;
 No seio d'uma paz deliciosa
 Passára toda a vida bem gostosa;
 Porem continuamente a vil cobiça
 Com agudo aguilhão nos-fere e atica,
 E nos-põe em terrivel movimento:
 Deixamos pouco a pouco o nascimento
 Da fonte da ventura desejada,
 Que devia por fim ser alcançada.
 Por um desejo só que se-contenta,
 Mais se-sentem nascer de cincoenta,
 Sumnamente excessivos, irritados,
 Que nos-cnchem de sustos e cuidados.
 O mal cresce, e se-augmenta c'o remedio,
 Tudo ja quanto temos causa tedio;
 Os miseros mortaos sempre famintos
 Os desejos não podem ver extinctos.
 Encontrão suas mãos sempre vasiaas,
 Mil bens vendo crescer todos os dias.

Infeliz o que corre sem ter pejo,
 Largando toda a redea a seu desejo,
 Que vai cego correndo, vai sem guia,
 Pois do recto caminho se-desvia!
 Quanto fôra mais facil o detel-o,
 Suffocal-o no berço, suspendel-o,
 Que depois de lhe-dar fuga ligeira,
 Querer volte no meio da carreira!
 A discreta razão nunca he ouvida
 Pela gente cruel embravecida,
 Entre as agitações mais furiosas
 De ferinas paixões, impetuosas:
 Quando o rispido vento grita e ferve,
 Pouco, triste piloto, já te-serve
 Governar o timão; mandas á tôa.
 A terrivel tormenta que te-atrôa
 Entrega ás bravas ondas o teu leme,
 De pavor tudo s'-enche, tudo a-teme.
 Adeos, adeos da vida doce agrado,
 Atégora tão mal sacrificado;
 Adeos, unico bem digno d'inveja,
 Repouso, santa paz, qu'alma deseja;
 Quanto mais te-procuro, mais te-deixo,
 E nunca satisfeito aos Ceos me-queixo,
 De ter ditosa sorte sempre avaro,
 Mas sómente t'-alcanço quando páro.

Sim, uma náó batida da horrorosa tempestade, cor-
 rendo á vontade das ondas no meio de relampagos e
 raios, não está mais agitada, doque um espirito inquieto
 que se-entrega a todos os desejos. Aquelle pelo con-
 trario que sabe moderar-os, e detel-os debaixo do seu

imperio se-assemelha a outra não que impellida dos brandos zefiros vâa velozmente sobre as ondas, e chega com felicidade ao porto.

O auctor dos versos referidos pede muito, querendo que vivamos sem desejos. O desassocego natural de nosso espirito, as necessidades que nos-atormentão, e a nossa propria fraqueza não nos-permittem aspirar a esse estado de tranquillidade, que pode redundar em prejuizo nosso, destruindo um dos principaes moveis e causas das nossas acções; poreu devemos regular de tal sorte o nosso coração, que nada deseje com demasiada anciedade, e applicarmo-nos a fazer-nos felizes, menos contentando doque limitando os nossos desejos.

É preciso saber conter-nos. Ha muitos annos que dizeis: *Conseguindo este negocio fico satisfeito.* Vós tendes felizmente conseguido muitos, e cada vez estais mais desassocegados. Lisoujeais-vos de que obtendo este emprego, ou aquella dignidade chegareis ao cume da ventura: poreu obtida, desejais alguma outra maior, de que vos-vedes mais perto. O desejo augmenta quanto mais se-complêta, e nunca somos felizes nem contentes.

Todos os homens procurão a felicidade, e poucos a-achão; porque a maior parte d'elles a-considerão na posse do que não tem, ou do que não pode dar-lha. Ella tambem foge muitas vezes d'aquelles que a-seguem com demasiado ardor. A felicidade é de alguma sorte como a saude: os que a-apurão, e buscão com excesso, são os que a-conseguem menos.

HOMENAGEM A'S LETRAS.

Em todos os seculos tiveram as letras tanto respeito, que os conquistadores poupáram a morada do sabio, quando nenhuma outra consideração suspendião a devastação da guerra. Nos tempos modernos, e nos mais immediatos a nós houverão homens, que debaixo de apparencias de zelo e d'amor do estado quizerão exterminar as letras como uma peste da sociedade; reputando os erros, ou os crimes de alguns litteratos como inherentes á profissão que os-honrava. Porem pela honra do seculo devemos gloriar-nos, que taes atrocidades não são filhas nem dos governos, nem das nações; mas unicamente d'alguns individuos, que de si ignorantes, e folgando com o estado da estupidez que lhes dá consideração, temem as letras, assim como os ladrões de noite temem os lampiões.

Para confusão pois de taes homens, e para gloria das nações civilisadas que sabem dar o apreço devido á cultura das sciencia, convem saber-se o seguinte.

No tempo da guerra da America tomárão os Ingleses um navio francez, em que se-achava um sobrinho do abbade Raynal. Apenas elle chegou a Londres, e que alli se-soube estar prisioneiro o sobrinho do auctor da *Historia philosophica do commercio das duas Indias*, o ministro da Marinha o-comprimentou, e lhe-disse: « Vós estais livre, e isto é o menos que nós podemos fazer pelo sobrinho d'um homem, cujos escriptos são uteis a todas as nações commerciantes. » Então o Francez com a vivacidade e transporte de prazer que lhe-causava esta honrosa liberdade, julgando poder fiar-se assás no credito que lhe-ocasionava o seu nome, inte-

ressou-se ao mesmo tempo pela liberdade do capitão do seu navio, e ousou pedil-a; porem foi-lhe respondido: « O capitão não é sobrinho do abbade Raynal. »

Não contente o governo inglez com isto fez que o primeiro Ministro escrevesse ao mesmo abbade Raynal, assegurando-lhe que todo este procedimento se-houvera com plena approvação d'el-rei.

Pelo mesmo tempo deo el-rei de França um testemunho não menos demonstrativo de amor pelas sciencias, ordenando a todos os officiaes da sua marinha, que dessem toda a protecção e soccorro ao celebre capitão Cook em qualquer paragem do mundo que se-encontrasse; pois que a sua viagem era para instrucção dos povos, e para bem da humanidade.

À medida que os homens se-esclarecerem, e que em consequencia se-fizerem melhores, taes exemplos serão menos raros, aindaque não serão menos elogiados.

MORTE DE SOCRATES.

A pallida luz do crepusculo começava a entrar na prisão de Socrates: este sabio tinha passado a noite a contemplar sobre a immortalidade da alma. Xantippe, sua mulher, com os olhos ainda banhados em lagrimas, olhava tristemente para este illustre captivo, que tanto tinha atormentado por todo o tempo da sua vida, mas a quem ja olhava como um grande homem, no momento fatal em que estava para perdê-lo. Um filho de sete annos, que havia tido de Socrates dormia a seu lado, tendo uma de suas mãos estendida sobre o regaço da mãe, e a outra sobre as algemas que prendião seu pai. De repente se abre a porta da prisão, e entra

Philoxene. «Socrates, (diz este perigoso atheo) eu venho assistir á ultima scena da tua vida: os teus amigos não tem podido livrar o Areopago de commetter o maior dos crimes: a cicuta ja está prompta; tu vais morrer.»

A estas palavras terriveis Xantippe quer levantar-se, mas cahe no chão sem sentidos. Seu filho acorda sobresaltado, e lança-se nos braços de seu pai. Socrates, sensivel á natureza, mas sem perder a sua grandeza d'alma, intrepido, mas commovido do quadro pathetico que tem diante de si, pega no filho, vai pol-o no regaço de Xantippe, e recommenda-lhe que reanime com as suas caricias a mais terna das mãis: depois abrindo uma das janellas da prisão, por onde começavão a entrar os primeiros raios do sol, diz consigo mesmo: *Vamos gozar ainda uma vez do painel da natureza: e depois d'um momento exclama: Ah! eu não verei jamais esconder-se este astro brilhante! Ordenador dos mundos, faze que elle ainda um dia illumine Philoxene!*

A este tempo chegou o satellite dos Onze para tirar, segundo o costume, os ferros ao captivo. Socrates senta-se, e esfrega pausadamente a perna, em que havia tido o grilhão. *Oh! quanto a dôr é visinha do prazer (diz elle.) Eu quizera que Platão fizesse d'este objecto um bom apologo moral. Mas os meus amigos não vem? Hontem ao romper do sol ja elles aqui estavam. Será talvez porque a visinhança da morte seja mais dolorosa para o homem que a-contempla, doque para aquelle que a-soffre?*

Xantippe tornando a si do somno da morte, em que tinha estado por algum tempo, fazia retinir a prisão

com os seus gritos funebres, invocava Jupiter, e ao mesmo tempo que abraçava seu filho, amaldiçoava Anito e o Areopago.

Platão apparece neste momento, acompanhado dos philosophos: á vista do sabio dá um grande grito de dôr, e cobre a cabeça com o seu manto. Os outros, sem dizerem uma só palavra, espalhão-se pela prisão; consolão Xantippe chorando com ella, e acaricião seu filho, que com uma innocencia infantil estava brincando para um lado com as algemas, que tinham prendido seu pai. Philoxene nem sequer se-levantou do lugar em que estava, e não fez cumprimento a alguém: parecia um Scyta que vinha ao theatro de Athenas só de proposito para assistir a uma tragedia de Sóphocles.

Socrates no meio desta desordem, sempre senhor de si, chegou-se ao carcereiro, ajuda-o a preparar a cicuta, e depois voltando-se para os philosophos diz: *Ora pois, meus amigos, vamos continuar a nossa conversação de hontem sobre a immortalidade?*

Pois que (respondeo Platão com a cabeça ainda coberta) *a alma d'um Anito pode ser immortal?* « E porque não? Ella é tão immortal (replicou Cebes) como a dos Tityos, dos Tantalos, e dos Atreus: é preciso que o supplicio terrivel dos assassinos do sabio justifique a Providencia. » Dizendo isto passeava pela prisão, dando de tempo a tempo alguns gritos inarticulados de desesperação e dôr.

« Meus amigos, (continuou Socrates) não tentemos
« diminuir a gloria da minha morte; a minha causa e
« o vosso interesse a-farão sempre respeitavel: quanto
« mais, este Anito, que vós dizeis, será castigado com
« eternas vinganças, não me-parceetão criminoso, como

« vós me-quereis persuadir. Eu quiz livral-o dos seus
 « Deoses fanaticos com que tem illudido a multidão, e
 « por isso se-vingou de mim: não vos-parece pois isto
 « muito natural? Se eu morresse descaçado na minha
 « cama, é certo que não havia fanatismo em Athenas,
 « e Anito não seria Anito. »

« Alem disto, quando eu me-propuz a abater os al-
 « tares da superstição, logo me-determinei a morrer.
 « Eu disse comigo: É preciso annunciar a verdade á
 « minha patria; pouco importa que ella me-castigue:
 « certamente a verdade valeria bem pouco, se não me-
 « recesse que se-lhe-sacrificasse uma cabeça septuage-
 « naria, cuja existencia ja começa a pezar ao genero
 « humano. »

« Não, Cebes, eu não desmentirei a philosophia neste
 « momento, em que vou colher os fructos que ella me-
 « tem preparado. Eu antes quero ser victima d'uma re-
 « ligião que perdoa, do que assassino d'uma religião que
 « persegue. »

« Beberei pois a cicuta sem amaldiçoar Anito: os
 « culpados são tão sómente aquelles que praguejão os
 « seus juizes: e o meu coração me-diz, que não posso
 « ser culpado quando vós me-animais. »

Mas a bebida fatal ja estava prompta, e ja o satellite
 dos Onze a-deitava no vaso destinado para a-receber.
 Então Xantippe furiosa se-lança sobre ella, e a-quer
 deitar por terra: Socrates socega sua esposa, e lhe-diz:
 « Minha amiga, não sejamos causa paraque triunfe
 « Anito; o zêlo heroico que mostras agora por mim não
 « tem hoje lugar; antes seria um crime. Peço-vos que
 « deixeis esta prisão, e que não façais pela vossa sen-
 « sibilidade dolorosa a minha morte. . . . Ide-vos em-

« hora. . . . Nós nos-veremos ainda um dia. . . . Xan-
 « tippe , sim , nós nos-veremos. »

Então Socrates abraçou pela ultima vez sua esposa ,
 e Criton a-conduzio para fora da prisão.

O Philosopho sentio maior difficuldade em se-separar
 de seu filho : esse amavel innocente tinha um dos seus
 braços á roda do pescoço de Socrates, e com o outro arre-
 dava de si o escravo que o-queria levar a sua mãe; pedia
 soccorro a todos os philosophos , nomeando a cada um
 pelo seu nome, e estes só choravão em lugar de lhe-res-
 ponderem. Emfim o sabio termina este spectaculo ,
 que ja começava a enternecer-o , pondo-o nos braços
 de Platão. « Meu amigo (lhe-diz) eu te-faço doação de
 « meu filho , e tu lhe-servirás de pai; se tomar os teus
 « conselhos , estou seguro que não perderá coisa al-
 « guma com o meu supplicio. »

Platão sahio com elle no mesmo instante ; foi entre-
 gar este deposito sagrado a Xantippe , e voltou para a
 prisão.

Comtudo o grande sacrificio ja estava a ponto de se-
 consummar; o satellite dos Onze chega-se em silencio,
 trazendo na mão o vaso da cicuta. « Eu bem sei o que
 « queres (lhe-diz Socrates) : é preciso morrer; ora pois,
 « meu amigo , da-me esse vaso , que é o da immortali-
 « dade. »

Todos os amigos do Sabio tinhão os olhos sobre elle ,
 e apenas podião respirar; o mesmo insensivel Philoxene
 começava a commover-se , quando Socrates ja estava
 a tocar com os beiços a taça fatal... De repente ouve-se
 um grande estrondo no atrio da prisão : a porta se
 abre , e apparece Alcibiades com a espada nua , acom-
 panhado d'alguns guerreiros armados de punhaes.

Alcibiades. Socrates, eu venho poupar mil remorsos á Patria: tu estás livre, e a minha espada será uma vez mais justa do que o Areopago.

Socrates. Homem barbaro! Porque queres tu deshonnar os ultimos momentos da minha existencia? Tens tu authoridade para impedir a minha morte?

Alcib. Morre sim, se é preciso; mas seja como heroe no campo da batalha, e não como um criminoso na obscuridade d'uma prisão.

Socr. Mas se eu sirvo á Patria com a minha morte, que importa que isto seja nos seus exercitos, ou nos seus carceres? A' Patria sómente compete marcar o posto aos seus cidadãos: o de Leonidas foi em Thermopylas; o meu é n'esta prisão.

Alcib. Ah! Socrates, tu não temes ver perdida a tua reputação pelo opprobrio do teu supplicio? Vê a calumnia como gravará teus crimes imaginarios sobre a tua sepultura, como serão justificados pelas leis, e acreditados pela posteridade!

Socr. Não, Alcibiades, a posteridade não me julgará vil, por eu ter bebido a cicuta: os meus amigos me-restão, e a minh'alma inteira respira em seus corações; todos elles farão passar glorioso o nome de philosopho aos descendentes dos homens fracos, que me tem opprimido; as gerações futuras conhecerão a verdade, e eu serei vingado.

Alcib. Homem celeste! por que prodigio detens meu braço? e porque não queres viver?

Socr. Alcibiades, não cuides tu que eu tenha o estúpido valor de perder a vida sem motivo; se ainda me fosse permittido o viver, eu viveria; mas a Patria me-

ordena que morra: eu quero obedecer-lhe. D'aqui a uma hora eu ja não existirei.

Sim a Patria! . . . Está-me parecendo vel-a entrar por entre os muros d'esta prisão, e dizer a Alcibiades: «Temerario! quem te-constituiu juiz entre mim e Socrates? A espada da guerra foi por ventura feita para desarmar a espada da lei? Mette esse ferro sacrilego na bainha, e lembra-te que não podes pronunciar sobre a causa d'um culpado, sem que eu então seja obrigada a punir dois criminosos.»

Alcib. Socrates, a tua virtude me-humilha. . . . Bebe a cicuta. Quanto a mim, tambem nada ja me-resta senão morrer.

Alcibiades arremessou então para um lado a espada; os seus amigos se-retirão; Socrates o-abraça, e a prisão fica em socego. Um profundo silencio succede a esta scena terrivel. O satellite dos Onze, tornando a si do terror em que estava, chega-se para mais perto; Socrates pega novamente na taça do veneno, e olhando com doçura para todos os seus amigos, bebe. . . .

A arte do veneno não tinha ainda chegado a toda a sua perfeição: só muitos seculos depois o assassino de Britannico aprendeo de Locusta a fazer instantaneo o intervallo que ha entre a vida e a morte. Socrates foi obrigado a passear muito tempo, para que a bebida fatal fizesse o seu effeito. Emquanto andava passeando consolava a cada um dos philosophos em particular. «Não (dizia elle a Platão) eu não sinto ainda o mal que Anito me-fez.» Depois voltando-se para Alcibiades: «Meu joven amigo, não se-morre tão feliz no campo da batalha.» Ultimamente olhando para Philoxene, diz-lhe a

« Cuidas tu que eu teria tanto valor se Deos me não protegesse? »

Mas as pernas de Socrates ja começavão a enfraquecer-se; foi deitar-se sobre a cama, e d'alli fallou sobre a immortalidade, até que se-lhe-extinguio a voz. Depois d'um instante de lethargo tornou a fallar, e disse: « Platão, eu ja não te-vejo; bem quizera ainda ouvir-te, mas. . . » Platão que tinha a respiração tomada á força das lagrimas e dos soluços, apenas lhe-pôde apertar a mão. Logo depois d'elle veio Cebes, para beijar aquella mão ja fria com a visinhança da morte, quando o Sabio, abrindo os olhos pela ultima vez, proferio estas derradeiras palavras: « Amigos! eu ja estou mais perto de Deos que dos homens. . . » Nada pôde dizer mais, e fazendo um movimento convulsivo, expirou.

DIALOGO

ENTRE ALEXANDRE E DIOGENES,

Sobre a realidade dos bens.

Alexandre. A que vida tão triste estais vós condemnado, Diogenes! Não vos-era melhor estar á sombra de algum Principe, para vos-salvar da indigencia, que levar uma vida miseravel, sem casa, sem vestidos, e muitas vezes sem pão?

Diogenes. Julgais vós que se-pode ser pobre com a sciencia e virtude? Vós vedes o mal do meu estado, e não conheceis os bens. A minha pobreza me põe a cuberto da inveja: ella só me-expõe aos insultos dos ho-

mens que eu desprezo, e de quem vós buscaes os applausos; dos que dependem do vosso sangue, do vosso descanso, e da vida dos loucos que vos-seguem: entretanto eu gózo da minha liberdade, e da minha independencia. A differença que ha entre mim e vós é que todos os vossos bens estão debaixo dos olhos, e são o objecto dos desejos dos homens; mas os vossos males são occultos, e os meus são apparentes. Vós excitais as paixões que revoltão, e ferem o amor proprio dos homens: a vossa grandeza os-abate; e eu só lhes-inspiro piedade, e esta lhes-faz sentir a sua superioridade, e os-conduz á ternura. Eu creio bem que tudo é quasi igual no mundo; aos loucos a illusão, e aos sabios a razão fazem um equilibrio dos seus bens, e dos seus males. Entretanto a illusão aos loucos aggrava os seus males, e anniquila muitas vezes os seus bens. Quando vós quizerdes comparar os vossos bens e os vossos males com os meus, vereis que tudo é igual; e se ha vantagem é da minha parte.

Alex. Vós não dais valor algum aos primeiros lugares, nem á gloria dos conquistadores, e á fortuna que elles tem em consequencia d'ella? Não é isto um bem real, e o objecto de todos os desejos dos homens?

Diog. Bens reaes! Eu não convenho: examinemos os vossos bens. Vós nunca tendes pensado em fazer a felicidade dos homens, mas sim em fazer a desolação universal. Vós tendes unido á vossa razão a vossa espada, que he toda a vossa lei. Vós chamais á ambição grandeza, porque vos-custa pouco dar um bom nome aos vossos erros. Não me-admira que os homens queirão ennobrecer as suas fraquezas; mas eu que as-vejo bem claras vos-digo, que isto que vós chamais grandeza é

uma violenta fermentação do vosso sangue, que vos accende a imaginação. Que, Senhor! Porque o vosso sangue tem adquirido um certo gráo de calor e viveza, é preciso que toda a Asia pereça! Em que parte tendes vós feito estas grandes conquistas de que vos gloriais tanto? Se vós desseis aos vossos soldados e aos vossos generaes a parte que elles tem, vós ficarieis com bem pouco. Vós não sois mais que um heroe de fortuna; não sois de certo um heroe de merecimento: e tendes sido tão pouco sabio, que tendo a fortuna feito por vós tudo, não haveis tido a prudencia de vos-limitar. Não basta ter grandes qualidades para ser um grande homem; é preciso ter as virtudes moraes. Que tendes vós ganhado em exceder todos os limites, abatendo e annihilando todos os vossos semelhantes? Só para que appareça o vosso nome na historia e nos romances!

Alex. Achais vós que é pouco a gloria; e que esta gloria superior não é um grande bem?

Diog. O nome de gloria é muito arbitrario. É preciso convirmos qual é a que verdadeiramente deve ter este nome.

Alex. Eu chamo gloria a que eu tenho recebido entre os homens.

Diog. O êrro por ser universal não deixa de ser êrro. Nada é mais contagioso, do que uma imaginação como a vossa.

Alex. Tudo isto marca a grandeza da minha gloria, e as disposições que tem os homens para receberem a impressão e os desejos.

Diog. Não: isso não é obra da natureza, é vossa: vós tendes revoltado totalmente os espiritos; e o habito de pensarem como vós os-faz igualmente desgraçados.

Alex. Dizei-me então o que merece para vós o nome de bem, já que a dignidade real que nos-deo o nascimento, a gloria adquirida, e a fortuna não é nada para vós?

Diog. Eu não vos-nego que isto sejam bens: mas só vos-digo que elles não são tão grandes como vós os-julgais; e que muitas vezes as consequencias d'esses bens são grandes males. A mesma fortuna trata os seus amigos com condições bem duras, e lhes-faz comprar bem caro os seus presentes. A pobreza tambem não é tão grande mal como vós pensais. As privações não são sensiveis, quando os desejos estão extinctos; e eu gozo de bastantes bens, que vos-são absolutamente desconhecidos. Os primeiros bens são as virtudes; e todas as distincções estabelecidas entre os homens nem são, nem devem ser mais que a recompensa. Gozão-se ordinariamente estes bens, quando se possuem os primeiros. Vós mesmo deveis conhecer que toda a grandeza do homem, e a sua verdadeira felicidade consiste em fazer homens felizes, e não em confundil-os, anniquilal-os, e sujeital-os a uma vida miseravel. Mas vós nunca quizestes ser mais do que um heroe de fortuna, e não um grande homem. O heroe não tem mais do que a bravura de um pirata, que por circunstancias se-faz um conquistador: e esta virtude em si tão nobre cessa de o-ser, pelo máo uso que vós tendes d'ella feito. O grande homem reúne em si todas as virtudes, e as-apura. Vós nunca tendes pensado que a primeira e a mais nobre conquista é a dos corações: sempre tendes andado fóra de vós mesmo, farto de gloria e de fortuna, e enjoado da vossa propria felicidade: esta gloria que vos-parece formidavel quando correis a buscá-la, não vos-parece

nada logo que a-adquiris. Se os homens não tivessem seguido o vosso erro, se a opinião vos-não-livesse servido, todos vos-terião visto sempre como um furioso: vós só tendes sido sustentado pela illusão, que vos-fazeis a vós mesmo, ou que tendes achado nos outros; e a prevenção tem fechado a entrada á verdade. Vós só tendes propagado a idéa que tendes de vós mesmo; e continuais a sacrificar tudo a este idolo.

Alex. Será preciso procurarmos juizes, para que avaliem qual de nós é mais louco. Eu penso como todos os homens, e não faço mais do que alongar o erro common, se pôde ter este nome illustrar a vida com grandes conquistas.

Diog. Eu sei que vós haveis de ter muito maior numero de votos; porque o numero dos sabios é muito mais pequeno: e aindaque sois um Principe, sois um homem do povo pelo vosso modo de pensar. Sempre estais dependendo da opinião dos homens, e pondeis a vossa felicidade nas mãos dos outros: vós não sois feliz, porque nunca quizestes misturar o respeito com o agrado; só tendes exigido sempre illusorios louvores, cheios de temor e horror: é isto que sustenta a vossa fraqueza, o vosso amor proprio; e os respeitos dos homens vos-põem um véo nos olhos: mas haverá momentos em que a verdade o-tire, e vos-mostre claro e descoberto o horror das vossas conquistas, em lugar de gloria como vós lhe-chamais. A inconstancia, pela agitação que dá, é o supplemento da felicidade. A moderação e o descanso são tão grandes que marcão a independencia: olhai para mim, e vêde a firmeza com que eu tenho supportado essas desgraças que vós achais, e como com ella tenho sabido livrar-me desta fantastica

gloria , viver incognito , e morrer no esquecimento. Vós não tendes de certo valor para representar este papel , nem espirito para encher os vazios do tempo.

Alex. A vossa soberba me-desespera! Já vos-esquecesteis que todas as minhas grandes acções tem sido louvadas pelos oradores , celebradas pelos poetas , publicadas na historia , e admiradas de todos os homens?

Diog. Isto não he soberba , é conhecimento. O que se-louva em vós não é o que se-vê , é o que se-deseja. Os vossos applausos não são dirigidos á vossa virtude , nem aos vossos costumes , mas sim á vossa dignidade. Permitti-me de vos-fazer uma pergunta : Vós julgais que o vosso merecimento é que vos-une aos homens? Não , Senhor: são as suas necessidades. Os gloriosos que fazem baixezas tem sempre mercenarios a quem pagão; aqui tendes os vossos espectadores : e vos-são tão necessarios , que se estivesseis sem testemunhas , vós vos-julgarieis sem felicidade. As vossas grandezas só agradão pelo temor. Se alguém se-une a mim é pelo sentimento , ou pelo merecimento : estes laços não forão feitos para vós. Quem goza melhor do que nós a pureza da amizade? Os signaes que nos-dão são menos equivococ : as pessoas felizes nunca sabem se são amadas ; os primeiros bens são aquelles sentimentos que vos-são interdictos. A maior doçura do êrro , e a illusão mais lisonjeira é o prazer que tem a sua origem no coração , e que lisonjea tão agradavelmente o nosso amor proprio ; vós nunca o-podeis gozar : a vossa alma nunca está irritada pelas difficuldades , nem pela esperança , porque adquiris tudo , mas sem o-gozar.

Alex. Quem fez melhor uso de seus sentimentos do-que eu , quando respeitei a mulher de Dario , sacrifi-

cando os meus movimentos á moderação e á justiça ?

Diog. Foi um acto de virtude; mas isso não prova que os sentimentos tenham um igual preço para nós e para vós mesmo. É portanto o sentimento que é o arbitro dos bens e dos males. Os bens, ainda os mais reaes, não são bens senão pela imaginação, ou impressão que elles fazem sobre a nossa alma. Um só movimento do coração, uma só reflexão do espirito tem mais credito sobre a minha para me-fazer feliz, do que toda a vossa fortuna tem sobre a vossa.

Alex. Á força das vossas razões anniquilais tudo, virtudes, grandes qualidades, tudo desapparece diante de vós, fazendo mudar a natureza das coisas.

Diog. Isso é verdade; a minha philosophia tem mudado para mim todos os objectos: ao que vós chamaes fama ou reputação, e a que sacrificais tudo, eu chamo um som vão, tributario do capricho e da fortuna, e não posso comprehender como se-faz tanto caso da opinião geral daquelles que se-despresão particularmente. Sabei que o caminho da verdade e da immortalidade é o da virtude. Qual é o vosso poder? Ter liberdade para fazer coisas, que seria muito melhor e mais util que as não podesseis fazer. As vossas riquezas augmentão com as privações dos outros; os vossos desejos nunca são de grandeza, e dignidade que o homem deve ter. O maior dos vossos prazeres é gozar aquelles, que os outros nunca podem gozar: este prazer chamo-lhe malignidade, pois tem a sua origem na soberba. Logo que eu soube diminuir todas as vantagens que a maior parte dos homens julgão que vós tendes acima de nós, e que alcancei o segredo de augmentar os meus bens, e diminuir os males,

tudo reconheci logo igual entre nós. Póde ser que em o-seja tambem em merecimento, e que vós o-venhais ainda a reconhecer; e que digais um dia: *Se eu não sou já Alexandre, eu quereria ser Diogenes.* Quando o vosso amor proprio consentir em me-dar o segundo lugar, eu poderei bem merecer o primeiro.

DIVERSOS EFEITOS DA PHYSICA.

A cultura das sciencias, e principalmente da Physica, tem repetidas vezes ministrado meios de fazer pasmar o pòvo estúpido e grosseiro.

Poucos tempos depois da conquista do Canadá um official militar empregou um stratagemma bem simples para socegar algumas tribus selvagens, que se-tinhão revoltado. Depois de haver convocado os chefes, disse-lhes: *Sabeis vós quem é o senhor a quem ousastes insultar; e até onde chega o meu poder? Vós ides ver os effeitos. Tragão-me um grande vaso d'agua.* Os criados, que estavam prevenidos, trouxerão um balde de espirito de vinho, e deitarão-lhe o fogo: os selvagens espantados cahem a seus pés. *Perfidos* (acrescentou elle) *é desta sorte que hei de queimar o vosso rio São-Lourenço, se tiverdes sómente lembrança de vos-desviardes da obediência que se-me-deve.*

Sobre a inflammabilidade do espirito de vinho é que se-funda toda a magica dos pelletiqueiros, que costumão queimar um lenço á vista do povo, sem que jamais se consuma. Mergulha-se o lenço em agua, espreme-se um pouco, a fim de que só fique humido, e embebe-se depois em espirito de vinho; quando se-lhe-

deita o fogo, arde o espirito de vinho, e a agua impede que a chamma ataque o lenço.

Ha tambem muitas plantas aromaticas, cujas emanações só bastão para se inflammarem. Nas mesmas plantas ha outras, cujas exalações se-inflamão ao chegar-se lhe uma vela accesa.

No anno 1750 o principe de Sansevero, trabalhando em uma operação chimica, descobrio uma luz perpetua. Esta descoberta, que ao principio assombrou o principe, foi novamente examinada, e deo sempre resultados conformes: o que póde justificar a existencia das lampadas sepulchraes inextinguiveis, que alguns sabios tem reputado fabulosas.

TERMO DA VIDA HUMANA.

Por mais perfeitos que sejam os nossos orgãos, a concurrencia insensivel de corpos heterogeneos, que de continuo os-encontrão, vem a destruil-os; e os proprios alimentos, destinados a prolongar a existencia da machina humana, promovem a sua dissolução. A natureza pôz um termo á vida, e a philosophia só serve de o não adiantar.

Comtudo o homem, apesar de ambos os flagellos do mal physico e do mal moral, não quereria jamais deixar de existir; e por isso em todos os tempos tem sido logrado pelos charlatães, que lhe tem promettido a immortalidade.

Paracelso, que dizia ter achado um elixir que fazia viver ao menos mil annos, morreo de quarenta e oito; e nem por isso se-desenganárão os proselytos que tinha a alchymia. Vanhelmont imaginou tambem uma bebe-

ragem, em que havia feito dissolver cedro do Libano; persuadindo-se que, por terem os máos physicos contemplado esta arvore como immortal, sendo tomada em alimento podia procurar a immortalidade. Outros muitos tem havido ainda nos nossos tempos, que tem acreditado as maravilhas alchymisticas, pelas quaes o homem credulo se-arruina, a fim de nunca morrer. Conviria pois que nos-persuadissemos, que não ha mais poder na medicina, do que na alchymia para conseguir a immortalidade.

Em geral a duração total da vida mede-se pelo tempo da crecença. O homem, que gasta vint'e cinco annos a crescer, deve passar cincoenta em viver, e vint'e cinco em morrer.

Um seculo é quasi a medida da nossa carreira, quando nós não procuramos contrariar a natureza.

Tal é a medida da vida de quasi todos os philosophos praticos, que não herdárão de seus pais um germe de degradação. Solon, Thales, e Pittaco vivêrão cem annos cada um; Democrito cento e quatro; Fontenelle foi nos ultimos tempos um centenario celebre, assim como o tinha sido Cornaro em Veneza. Este homem é um exemplo do poder da temperança para conservar a saude e a vida: tendo vivido até os quarenta annos no meio dos prazeres, e das enfermidades que os excessos produzem, fez-se um philosopho pratico, e chegando aos oitenta annos, compoz um livro intitulado — *Verdadeiro methodo de viver mais de cem annos com uma saude perfeita*—. Depois de ter publicado quatro edições da sua obra, morreo tranquillo, sem agonia e sem dôr, aos cem annos da sua vida.

Entre os selvagens o numero dos centenarios é mais

consideravel. Geralmente nos homens do campo, onde ha maior sobriedade e temperança em todo o genero, doque nas cidades, as vidas são mais prolongadas.

Muitos escriptores tem relatado extraordinarias prolongações da carreira da vida humana; mas taes relações, quasi sempre suspeitas, servem só de lisongear a credulidade de homens, que nunca desejarião morrer, para nunca deixarem de ser inuteis, ou prejudiciaes a seus semelhantes. Porem abandonemos'á sua insignificancia o homem fraco e adulator, que para viver precisa servir-se do incenso da mentira.

GRANDEZA DO CORPO HUMANO.

Alguns naturalistas pretendêrão, que entre um anão e um gigante havia menos differença, doque á primeira vista parecia; poisque nestes dois extravios da natureza as qualidades moraes erão muito semelhantes. O entendimento d'um gigante é tão limitado ordinariamente como o corpo de um anão; e a sua fraqueza corporal é igual á sua imbecilidade. Os poetas, que imaginárão os gigantes amontoando serras para escalarem o Ceo, e derrubarem do throno a Jupiter, consultárão mais a sua phantasia, do que as leis physicas da nossa especie. Nos anãos a curteza do entendimento é de ordinario proporcional ao corpo: comtudo tem-se visto anãos, que combatêrão vantajosamente contra gigantes.

Porem a natureza tem seguido uma lei quasi constante na grandeza do corpo humano, estabelecida como o maximo e o minimo da sua altura. Alguns escriptores tem julgado que seis pés erão o termo verdadeiro de uma boa altura; sendo dois pés o minimo, e o

maximo dez pés : contudo os viajantes , e todos os que tem ultimamente fallado dos gigantes , não tem conhecido alguns que excedessem oito pés ; assim como os menores anãos parecem ser de ordinario de dois pés e oito pollegadas.

Henriqueta de França , mulher de Carlos I. , rei d'Inglaterra , tinha um anão que não passava de dezoito pollegadas de altura , quando tinha oito annos de idade. Foi neste tempo que o-mettêrão dentro de uma torta fria , e o-apresentárão na mesa da rainha ; o que servio de muito entretenimento aos cortezãos. Nesta altura se-conservou até a idade de trinta annos , em que subitamente cresceo até tres pés e nove pollegadas ; porem a debilidade de seu corpo foi sempre tal , que o poeta Davenand compoz um poema , em que pinta um combate entre este pequeno heroe e um gallo.

As disputas porem sobre a verdadeira dimensão do corpo humano são tão complicadas , e os partidos que combatem , sobre o que a este respeito tem havido , são entre si tão divididos , que das sciencias naturaes talvez não ha uma questão mais obscura e controvertida. Notavel prova dos limites dos nossos conhecimentos , e manifesto documento do orgulho humano ! Não sabemos ainda determinar qual é a altura que pertence á nossa especie , e ha pretendidos sabios que ousão affirmar , que ja não ha descobertas em alguns generos em que se-trabalhe , e que as sciencias tem chegado ao cume da sua perfeição ! Quantas vezes não repete a ignorancia preguiçosa : *Para que é mais cançar , ja tudo está escripto.*

LADRAR DOS CÃES.

Alguns escriptores asseverão que grande parte dos animaes possui alguma linguagem artificial, e conhecimentos tradicionaes.

O ladrar dos cães é um curioso documento, não só de que elles conhecem a necessidade de darem rebate, quando ha perigo; porém de que n'elles é mais uma linguagem adquirida, do que um signal natural de s'expressarem. Na ilha de João Fernandes os cães não começaram a ladrar, senão depois que os cães europeus forão conduzidos áquella ilha, a quem começaram a imitar gradualmente; porem d'uma maneira extravagante ao principio, como se entrassem a aprender uma coisa que lhes não era natural. (*Viage al Sud de América, por D. Juan y D. Antonio de Ulloa. Lib. II. cap. IV.*)

Linneo observa tambem que os cães da America do Sul não ladrão como os estrangeiros. (*Syst. Nat.*) Os cães europeus que são levados a Guiné, diz-se que em tres ou quatro gerações cessão de ladrar, e sómente uivão como os cães que são naturaes da costa. (*World displayed: Vol. XVII. page 26.*)

PHILOSOPHIA.

Uma opinião abstracta quando se-liga com o interesse exaltado d'um homem ou d'um povo, converte-se em um sentimento fanatico, e produz effeitos extravagantes e crueis. O califa Omar, quando queimou a bibliotheca de Alexandria, persuadio se que queimaria n'aquelle fogo a consciencia do genero humano. Todos

os perseguidores que usão da mesma logica, persuadem-se alcançar o mesmo fim; porem a historia das perseguições mostra, que o meio de arraigar uma opinião é contrarial-a. Todos os systemas metaphysicos, uma vez adoptados, são defendidos, quando mesmo a razão os não approva, por isso mesmo que são contrariados. O amor proprio, que se-julga offendido, toma então toda a protecção pelo que antes julgava indifferente, para não deixar parecer inferioridade de talento, na fraqueza da causa que tem abraçado. *Madame de Sevigné*, apesar de ser uma pessoa que vivia no grande mundo, e que inteiramente parecia separada de todo o espirito dogmatico, diz que um dia disputára com tanto calor sobre alguns pontos, a que ella não dava antes grande importancia, que na força da disputa voluntariamente morreria martyr pela sua opinião. Nesta disposição do espirito humano ha argumentos para tudo, ainda mesmo na linguagem do raciocinio. As opiniões as mais absurdas, as maximas as mais detestaveis entrão nas cabeças dos homens, uma vez que elles as-julgão convenientes aos seus interesses.

ORIGINALIDADE.

Os homens muito eruditos raras vezes são originaes, dizia certo auctor. A imitação é o talento universal da especie humana, ou antes uma disposição constante de que a natureza dotou todos os homens, para supprir n'elles a falta do instincto que concedeo aos outros animaes; e por isso com alguma propriedade lhe-podemos chamar o instincto dos seres racionaes. Habitados

desde os primeiros instantes da nossa existencia a obedecer a esta lei imperiosa da natureza, fortificada cada vez mais pelo habito da sujeição que lhe-prestamos, ja voluntariamente, ja forçados pela authoridade de imperitos educadores, só grandes forças são capazes de desviar-nos da direcção, que ella tende continuamente a dar ao nosso espirito.

Ha contudo uma epocha na vida humana, em que esta parece recobrar em toda a plenitude os primitivos direitos, que lhe-são concedidos por outra lei não menos poderosa, pela lei da racionalidade: e é justamente quando o desenvolvimento das faculdades intellectuaes, animado pela presença das primeiras paixões da adolescencia, põe em fermentação a massa das ideias ate allí adquiridas: as quaes, apresentando-se como por si mesmas ao entendimento em combinações totalmente novas, lhe-communicão as primeiras faiscas da verdade, fazendo-lhe conhecer em si pela primeira vez a força productiva de novos conceitos. Então é chegada a crise que deve decidir, se o homem ha de ser original e sublime, ou perpetuamente imitativo e rasteiro. Desta crise deve aproveitar-se o educador habil, para procurar durante ella ao mancebo a quem dirige situações novas, e circumstancias urgentes que o-obriguem a resolver por si mesmo os problemas mais proprios a desenvolver-lhe plenamente os talentos, que elle tiver annuciado desde os primeiros annos; sem-que para o acerto e perfeição das suas resoluções se-lhe-offereção protótypos, que chamando-o á abstinencia da lei da imitação, o-privem da liberdade de ser inventor, ou o-constranjão nimiamente ao exercicio d'ella.

FRAGMENTO DA HISTORIA DO COMMERCIO.

A palavra *commercio* significa em sentido generico a communicacão que uma pessoa tem com outra; mas em sentido differente e particular ella quer dizer a communicacão reciproca, que ha entre os homens das producções da natureza e da industria.

As producções da natureza se-dividem em tres ramos geraes chamados *reinos*, a saber *reino-vegetal*, que comprehende todas as arvores e mais plantas; *reino-mineral*, que se-entende de todas as pedras, metaes, e mineraes; e *reino-animal*, que inclue todas as creaturas vivas: de sorte que os ditos tres reinos vem a comprehender tudo quanto se-cria na terra ou no mar, relativamente ao nosso Globo-terraqueo.

As producções da industria, ou do artefacto dos homens tambem se-podem considerar de duas sortes: ou ellas são feitas á imitacão da natureza, como são as obras da Pintura, Escultura, etc. e que por isso se-chamão *artes-liberaes*; ou são as mesmas producções da terra e do mar mudadas de forma, ou aperfeicoadas na sua forma natural, como os pannos de lã, de seda, de linho, as obras de ferro, e toda a qualidade de manufacturas, e que por isso se-chamão *artes-mechanicas*.

As communicacões que os homens fazem reciprocamente de todos estes bens procede da necessidade que uns tem d'aquellas coisas, que não são necessarias aos outros; e esta necessidade os-obriga a trocar o superfluo pelo necessario, como por exemplo, os vinhos que sobrão pelos trigos que faltão. Assim quiz a sabedoria infinita do Omnipotente estabelecer esta reciproca dependencia entre os homens, para formar d'ella o vin

culo indissolúvel de amor e união , com que os mesmos homens devem tributar os seus constantes louvores ao mesmo Soberano Creador de todos os referidos bens.

O commercio , ou a communicacão reciproca dos bens da natureza e da industria principiou desta forma no mundo com os seus primeiros habitantes. Abel foi pastor de gado ; Caím cultivou a terra , e edificou cidades ; e pouco depois Tubalcaím fez obras de arame e de ferro, segundo o-refere a escriptura sagrada. Estes diversos empregos suppõem pois a necessidade de dever-se trocar ja n'aquelle tempo o superfluo das ditas differentes producções : e assim a repartição que os homens fizeram das suas occupações se-pode justamente considerar como a primeira epocha do commercio.

O primeiro modo de commerciar se-fez pela troca effectiva de uns generos por outros , segundo a necessidade reciproca que d'elles havia ; porque n'aquelles tempos de innocencia e de paz os homens erão iguaes entre si , e o trabalho de cada um se-considerava equivalente ao trabalho dos outros , para conseguirem o que lhes-era necessario : poisque o desejo e fim d'aquelles primeiros homens erão de socorrer-se mutuamente.

Esta felicidade porem durou pouco tempo : á medida que o mundo se-foi povoando , os homens se-forão separando e associando ; e por amor d'essas sociedades , e differentes propriedades , a ambição ou interesse que interveio na occupação, e na communicacão destes bens que se-repartirão, isto é, das desigualdades resultou que uns se-virão precisados a trabalhar para outros ; a fim de se-sustentarem , depois de privados dos bens proprios, que a força ou a sorte lhes-tirarão.

A troca dos generos principiou a regular-se pela es-

estimação que se-fazia das coisas commerciaveis, fundada esta estimação no maior ou menor trabalho que havia em cultivar, e obrar as ditas coisas commerciaveis; bemcomo na sua maior ou menor serventia para o uso dos homens; e finalmente na sua abundancia ou rareza; sendo estas as circumstancias que constituem essencialmente o preço ou valor real de cada coisa. Estas circumstancias indicavão já n'aquelle tempo a porção de trigo, por exemplo, que se-devia dar por uma certa quantidade de azeite; ou o volume de lã que era equivalente a certa porção de ferro, etc; porem a quantidade das coisas ainda se não sabia determinar com exactidão: os trocos se-fazião á vista, e pouco mais ou menos; e desta sorte não era possível fazer-se um conceito certo da exacta quantidade de cada genero. Para remediar pois este defeito é que a experiencia, fonte do assento, foi mostrando a necessidade de se-inventarem os numeros, os pezos, e as medidas.

Por outra parte o lavrador occupado em semear e recolher, e o artifice occupado em obrar ou fabricar, não podião estar sempre promptos para fazer qualquer trôco que se-lhes-concedia ou offerencia: tão pouco podia sobejar-lhes o tempo necessario para andarem perguntando, e indagando quem tinha os generos de que elles carecião, para os-trocar com os seus; e muito menos tempo tinhão elles para irem a outros distantes paizes em busca de quem lhes-trocasse os fructos do seu trabalho e da sua industria.

A estes inconvenientes, e a outros muitos que se-lhes seguião deo efficaz remedio a invenção de um novo genero de industria ou de occupação. Alguns homens tomárão sobre si o particular emprego de arrecadar, e

ajuntar por via aquellas porções de generos de que os lavradores e artifices não necessitavão para o seu proprio uso, e de ir trocando as ditas producções com os generos superfluos de outras pessoas que d'ellas carecião; conservando elles para si alguma parte d'esses mesmos bens em premio do seu trabalho, e em compensação dos riscos a que se-expunhão tomando á sua conta producções que não carecião para si. Esta profissião é o que se-chama *negocio*, que consiste pois em comprar para vender; e não é mais na sua substancia doque um trôco repetido, cujo fim é lucro. Os homens que exercitárão esta profissião se-dividirão logo, e bem naturalmente, em duas classes: uma dos *mercadores*, que vendião em retalho qualquer pequena porção que se-lhes-pedisse; a outra dos *negociantes*, que vendião em porções maiores aos mercadores, espalhados para conveniencia publica nas cidades, villas, lugares, e aldeias. Estas duas classes de commerciantes subsistem ainda hoje: os primeiros negoecião pelo miudo, e os segundos commerceião em grosso.

Introduzido assim o interesse no commercio este se-augmentou: os desejos se-multiplicárão e produzirão novas artes e novos generos de producções; não ja de absoluta necessidade para o sustento da vida, mas appetecidas pelos homens a fim de viverem commodamente: e não satisfeitos aindassim os mesmos homens com estas coisas necessarias e commodas, elles chegarão a inventar e a appetecer as coisas superfluas ou de luxo. Destas tres especies de bens para o uso dos homens é que as producções da natureza e da industria se-dividem em tres classes: a primeira comprehende todos os objectos de pura e primeira necessidade, como é o pão,

a que chamão *necessário-physico*; a segunda inclui todos os objectos de commodidade, como são casas, moveis, etc., a que chamão *bem-moral*; a terceira finalmente consta de todos os objectos de superfluidade ou *de luxo*, como são os ornatos, as pedras preciosas, etc. Desta forma é que a economia politica considera os ditos bens no seu uso, e esta graduação é uma parte essencial da grande sciencia do governo das nações.

A separação dos homens, a grande quantidade e variedade dos generos commerciaveis, fizeram com o tempo summamente difficultoso o commercio por via de trôco. Não se-podião dividir alguns generos ou obras, sem perder o seu valor; e muitas vezes não se-concluia o trôco, por não quererem uns o que outros offerecião por equivalente. As despezas, os prejuizos, e os transportes infinitos augmentavão consideravelmente o valor das coisas; e era facil de conhecer, que muitos transportes se-podião evitar, havendo recurso a outros meios: por isso julgou-se conveniente estabelecer no commercio um equivalente, ou medida geral que servisse de penhor em todos os trôcos, isto é, um signo que representasse o valor de todas as fazendas. Qualquer producção podia servir de equivalente, ou de signo commum dentro em um paiz, e para isso bastava que seus habitantes concordassem no valor d'esse equivalente. Os Athenienses, por exemplo, usárão para este effeito de bois, os Romanos de ovelhas; e o preço de uma certa porção de trigo, de azeite, ou de pão se-contava de tantos bois, ou de tantas ovelhas.

Mas estes equivalentes não erão adequados, nem proprios para se-transportarem facilmente de uns para outros paizes: alem de que, não tendo o genero represen-

rativo um valor uniforme , elle não podia servir de justo preço da coisa representada. Por estes motivos os homens entrárão a escolher os metaes , e especialmente o ouro e a prata , como os melhores equivalentes ; porque elles se-podem fundir , e reduzir a um certo gráo de pureza ; elles são menos sujeitos a ter mudança na sua qualidade , o que os-faz menos incertos no seu valor ; elles se-podem mais facilmente guardar , e transportar de um lugar para outro ; e elles finalmente se-podem dividir em partes certas e pequenas , para servirem de preço a qualquer porção de outro genero. Um pedaço de ouro ou de prata , de certo pezo e de certo toque , authenticado com a imagem do principe e com as armas , ou com outro qualquer signal de authoridade , paraque sem maior exame elle seja facil e promptamente recebido de todos , é o que se-chama *moeda-corrente*. Tambem se-fazem moedas de cobre , as quaes por terem menor valor servem sómente para ajustar com mais exactidão a importancia das compras e vendas.

A invenção das moedas se-considera a segunda epocha geral do commercio. É opinião commum que ella teve principio na Europa coisa de seis seculos antes da vinda de Christo. Com esta invenção as riquezas vierão a ser de duas qualidades : umas *naturaes* , procedidas da agricultura , da pesca , e da industria ; e outras *convencionaes* , por meio do ouro e da prata. As riquezas naturaes são effectivas, e independentes das convencionaes ; porque estas só tem um valor relativo ás primeiras , que formão o valor representado , e por consequencia que dão todo o valor ao genero representativo : porquanto suppondo que houvessem no mundo só dez mil coisas de uma mesma natureza para se-vende-

rem, e só dez mil onças de ouro ou de prata em moeda-corrente para se-pagarem, cada coisa valeria uma onça de ouro ou de prata. Se a quantidade de qualquer destes metaes crescesse em dobro, e que huvessem vinte mil onças, pelo preço ou signo de cada coisa se-darião duas onças. D'esta sorte a abundancia do ouro e da prata diminue o seu valor, e faz mais caras as riquezas naturaes; pelo contrario a abundancia destas diminue o seu valor, e faz crescer as riquezas convencionaes.

Facilitou-se o commercio com a invenção das moedas: elle se-augmentou consideravelmente. A Asia foi a primeira parte do mundo povoada, e o primeiro theatro de grandes imperios, e de um grande luxo. As dilatadas conquistas dos Assyrios em paizes mui ricos, o grande tratamento de seus monarchas, e as maravilhas de Babilonia são provas bem evidentes de que ja n'aquelle tempo havia uma grande perfeição nas artes, e por consequencia um grande commercio; mas este ainda se-restringia, e se-limitava no interior de cada estado ás suas proprias producções.

A natureza do commercio interior é estabelecer a communicação de todos os generos produzidos ou fabricados nas differentes provincias, cidades, villas, lugares, e povoações de um mesmo estado. Quanto mais se-facilita esta communicação, tanto maior consummo terão esses differentes generos, e tanto mais se-animarão os lavradores e artifices ao trabalho, beme como a qualquer nova industria; o que tudo faz cada vez mais abundantes as riquezas effectivas dentro do mesmo estado. A continua circulação das ditas riquezas effectivas dentro de um estado fornece os meios para se-empregarem e subsistirem não sómente os lavradores, artifices, e

commerciantes , mastambem todas as outras classes de cidadãos , as quaes directa ou indirectamente ficão aproveitadas pelo commercio. A facilidade das occupações e da subsistencia augmenta a população , que constitue a força do estado; e desta sorte um pequeno paiz rico e bem povoado vem'a ser , por meio de um bem ordenado commercio , muito mais poderoso, doque um grande paiz ao qual faltão estas circumstancias.

Comtudo o commercio restringido , ou limitado ao interior de um estado não poderia ser por muito tempo vantajoso; porque a falta de consummo ou de serventia dos generos superabundantes , produzidos ou fabricados no paiz , atalharia por fim os progressos da agricultura e da industria: poisque como nenhum paiz produz toda a sorte de riquezas naturaes , as artes industriosas não poderião subsistir sem o soccorro das produções naturaes de outras terras. Em uma parte estes fructos são mais abundantes, e outros sitios são mais proprios para o estabelecimento d'esta ou d'aquella manufactura; e destas variedades physicas nasce a necessidade de commerciar com os paizes estrangeiros , para procurar a sahida ou exportação dos generos superabundantes da terra , trocando-os por outros generos de fora; cuja entrada ou aporção no paiz é necessaria para o proprio consummo , e conveniente para serem reexportados a outras terras , deixando na sua passagem um novo lucro. D'esta sorte o commercio exterior assegura e augmenta no estado as vantagens e a opulencia , que não resulta do commercio interior.

Mas se a importação excede a exportação , isto é , se o valor dos generos que sahem é menor que o dos generos que entrão , o estado receberá prejuizo. O ouro

e a prata são os signos do valor dos generos, e consequentemente das riquezas da nação. Paraque o commercio exterior seja pois proveitoso ao estado que não tem minas dos ditos metaes, é necessario que resulte em geral do dito commercio exterior uma maior entrada do que sahida de ouro e de prata; porque de outra sorte ficaria prejudicado o paiz: e pelo que respeita ao estado que tiver minas suas, paraque o commercio exterior lhe-seja proveitoso, é necessario que, além da referida maioria, se-conserve no dito estado annualmente de mais a mais outra porção de ouro ou de prata, a qual lhe-toca como preço da melhoração e do trabalho dos ditos metaes; porque este lucro é adquirido independente do commercio exterior.

Este commercio exterior em alguns casos pode ser proveitoso ao negociante, e prejudicial ao estado; e portanto é preciso distinguir o lucro do homem de negocio do lucro do estado. Se um negociante, por exemplo, introduzir no seu paiz fazendas estrangeiras, que impedem o consummo das manufacturas nacionaes, claro está que este negociante utilizará na venda destas mercadorias, mas o estado perderá: 1.º o valor do custo d'ellas; 2.º os salarios que terião lucrado os nacionaes; 3.º o valor que as materias primarias terião produzido ao paiz ou ás suas colonias; 4.º o beneficio da circulação em todo o paiz ou suas colonias; 5.º o beneficio da circulação de todos estes valores no paiz; 6.º e finalmente os lucros que o principe pode justamente esperar da opulencia de seus subditos; como tambem os varios impostos que não se-pagárão pelas ditas mercadorias, e que de tanto se-diminuiu a renda do erario publico. D'esta sorte se-deve assentar como

maxima fundamental que *ha um commercio exterior util, e outro que o não é para o estado*. O negociante pode facilmente conhecer se o commercio que faz lhe é util, sempre que comprar por menos do que vender; mas não he tão facil conhecer se o commercio exterior é realmente proveitoso a uma nação. Os melhores politicos á imitação do cavalheiro Josué Child, famoso escriptor inglez sobre o commercio, propõem em geral para este conhecimento as nove maximas seguintes, que tambem são os principios invariaveis e eternos, em que se-funda a utilidade real de todo o commercio exterior.

1.^a A exportação dos generos superfluos é o ganho mais liquido que pode ter huma nação.

2.^a O modo mais proveitoso de dar sahida aos ditos generos superfluos é depois de convertidos em obras, isto é, depois de manufacturados; e por conseguinte augmentado de novo o valor da industria.

3.^a A importação das produções naturaes de paizes estrangeiros em bruto e ainda toscas, para se-propagarem as manufacturas proprias, em lugar de comprar-as ja obradas, poupa muito dinheiro ao estado.

4.^a A troca de mercadorias (que impedem) por mercadorias é em geral conveniente; excepto nos casos em que essa troca é contraria a estes mesmos principios.

5.^a A importação de mercadorias que impedem a extracção das do proprio paiz, ou que prejudicão o estabelecimento das fabricas, e que são contrarias á sua agricultura e á sua pescaria, produz a maior ruina.

6.^a A importação de mercadorias estrangeiras que servem meramente para o luxo é uma perda real para o estado.

7.^a A importação de mercadorias estrangeiras para se-tornarem a exportar, vender, e levar a outras terras, deixa um lucro effectivo.

8.^a A importação dos generos de absoluta necessidade, e que não se-podem manufacturar no paiz, nem por isso deixa de empobrecer uma nação.

9.^a O fretarem-se navios proprios a outras nações é commercio proveitoso ao estado.

O commercio exterior deo principio á navegação: elle aperfeiçãoou, e foi a causa de se-communicarem os habitantes dos paizes mais remotos; em uma palavra elle veio a fazer de todos os homens como uma só familia. Os Phenicios forão os primeiros que se-aventurárão ao mar, procurando ao longo das costas novas producções, e novas riquezas. Possuidores de um pequeno paiz na Syria discorrêrão para todo o mediterraneo, sahirão ao oceano, e em todas as partes estabelecerão feitorias de commercio, assimcomo pelo mar rôxo: elles tambem cultivárão grande parte da Africa, cujas mercadorias com as da Asia e da Europa se-ajuntavão em Tyro e Sidonia, cidades principaes da Phenicia, para destes dois emporios se-repartirem a todo o mundo.

Este genero de commercio exterior, chamado de economia, por meio do qual um estado que só tem poucas ou nenhuma producções proprias, chega a fazer um vastissimo e mui proveitoso commercio com as alheias, bem mostra o poder da industria dos negociantes. Aos Phenicios se-seguirão no commercio e navegação os Carthaginezes, que erão de uma colonia de Tyro, e cujo poder e imperio, adquiridos por estes mesmos meios, forão incompativelmente maiores; até

que de todo forão arruinados pelo superior poder dos Romanos, inimigos declarados do commercio.

Alexandre Magno com as suas prodigiosas conquistas foi causa de uma grande revolução no commercio. Destruio a cidade de Tyro trezentos e trinta annos antes da vinda do Redemptor do mundo: descobrio a India e seus mares; acabou-se a navegação da Syria; principiou o Egypto a commerciar com as outras terras, e Alexandria (que Alexandre Magno fez edificar, para servir de monumento eterno de seu nome e de suas victorias) foi o emporio do Oriente e Occidentê; cujas producções e mercadorias se-enca-minhavão de uma para outra parte do mundo por meio da dita bem famosa cidade. Estes successos formão a terceira epocha do commercio.

Das republicas gregas Corintho foi a maior commerciante: n'esse tempo ião os Romanos estabelecendo aquelle formidavel poder militar, o qual, depois de subjugada e destruida Carthago, não encontrou resistencia, que fosse bastante para deter os seus progressos. Roma deo leis á maior parte do mundo: mas da sua propria grandeza se-formou a sua ruina. Transferida a côrte dos imperadores a Constantinopla, aquelle grande imperio se-enfraqueceo mais, e não pôde resistir ao grande numero de barbaros, que por todas as partes o-accommettêrão. Os Suecos, os Alemães, os Vandalos, os Godos, os Sarracenos, e outras nações septentrionaes assolárão toda a Europa, e grande parte da Asia e da Africa: destruírão as sciencias e as artes, e por consequencia o commercio. Esta se-considera a sua quarta, e mais infeliz epocha.

Entre as cinzas d'este geral incendio se-conservou

prata que lhe-produz o seu commercio , comparada com a quantidade das mesmas riquezas , que o commercio produz aos outros estados. A combinação destas riquezas reaes e relativas é que constitue a verdadeira e grande sciencia da administração do commercio politico de cada estado.

Os estados poderosos achão pelos ditos motivos que lhes-convem interessar-se na conservação dos que são fracos , pela facilidade que estes tem em adquirirem pelo commercio os bens de que necessitão ; e isto faz depôr ainda ás nações mais barbaras a sua ferocidade , para viverem na dependencia de outras , que lhes-são superiores em riquezas relativas. A esta balança politica devem os estados da Europa a sua conservação : nenhum d'elles , por poderoso que seja , se-pode atrever como Alexandre Magno á injusta empresa do dominio universal ; porque conheceria , que a união dos outros estados frustraria os seus intentos.

Os Hollandezes forão os primeiros que conhecêrão inteira e perfeitamente as vantagens procedentes do commercio , e tambem forão os que melhor as-conseguirão. Sendo possuidores de um pequeno paiz , e tão ingrato pela sua situação que nem produz o mero sustento de seus habitantes , elles nãosómente se-fizerão independentes da coroa de Castella , no tempo em que ella possuia metade da Europa e America , mastambem chegarão a adquirir a maior parte das riquezas da America , da India , e dos seus adversarios. As fabricas , a pesca , a navegação , e um grande commercio activo , forão os meios por onde os Hollandezes no tempo de uma porfiada guerra de trinta annos , conseguirão o

grande poder , em que o mundo os-vio no seculo passado , e no qual ainda se-conservão.

Esta nova politica aperfeiçoada em Inglaterra , imitada em França , e agora por todas as mais nações da Europa , tem mostrado a todas ellas a importancia do commercio activo ; e cada uma trabalha por ter n'elle a maior parte possivel : do que resulta um novo motivo para o equilibrio do poder dos estados.

O commercio exterior , que um estado faz com outros , não é sempre util , como ja se-tem manifestado ; e d'ahi vem que o commercio exterior se-divide em activo e passivo. O activo consiste em levar aos paizes estrangeiros as proprias producções , ou as alheias augmentadas com o valor do proprio trabalho ou da industria ; de sorte que se-consiga do estado a que se-levão um balanço de commercio , no qual este seja devedor. O commercio passivo pelo contrario consiste em receber no proprio paiz as coisas necessarias , que os de outros paizes lhes-trazem ; e d'ahi se-vai constituindo devedor de um valor , balanço maior ou menor , segundo a quantidade das mercadorias que recebe.

Do que se-tem dito se-collige que o commercio em geral se-pode considerar de dois modos ; ou a respeito do corpo-politico que formão os negociantes , ou como a profissão de um membro do mesmo corpo-politico. Este segundo objecto é o que motivou a instituição da aula do commercio , que se-destina ao ensino da sua prática. Quanto á politica do mesmo commercio a sua noticia é sem duvida summamente util a qualquer homem d'outra profissão , e os que quizerem estudar a fundamento esta importante materia , se-podem utilizar para este fim das muitas e excellentes obras que a

respeito d'ella tem dado á luz varias nações estrangeiras. E' certo que sem este estudo os homens de negocio podem ser na verdade bons commerciantes, mas com elle serão muito melhores, e mais uteis a si e á sua patria. etc.

AGRICULTURA.

O elogio da agricultura é a sua recompensa na satisfação de nossas precisões. » Se eu tivesse um homem que me produzisse duas espigas de trigo em lugar de huma (dizia um monarcha) eu o-havia de preferir a todos os genios politicos. » Porque razão este rei, e estas palavras são unicamente a ficção do philosopho Swift?

A chuva de ouro, causada pelo transporte e consumo dos fructos da terra, cahe finalmente sobre os campos, para reproduzir todos os alimentos da vida, e as materias do commercio. Sem a cultura das terras o commercio é precario; porque lhe-faltão os primeiros fundos, que são as producções da natureza. As nações que são unicamente maritimas, ou commerciantes tem muitos fructos do commercio; mas a arvore pertence aos povos agricolas.

A agricultura é por consequencia a primeira riqueza de um estado, quando considerada como um objecto de commercio; porque os povos que tem contemplado a cultura das terras unicamente relativa á propria subsistencia, tem sempre vivido no receio de carestia; e o que mais é, elles a-tem frequentissimamente experimentado: quando pelo contrario os primeiros tem gozado de uma abundancia assás copiosa e cons-

tante para o proprio sustento , e para supprir com o excesso as necessidades dos outros povos.

Inglaterra nos offerece justamente um e outro exemplos : ella tinha seguido , como quasi todas as outras nações , o espirito das leis frumentarias dos Romanos , (leis contrarias ao seu fim quanto á cultura das terras , e tambem oppostas ao seu objecto na divisão actual da Europa em diversos estados) , cujos interesses são oppostos ; e outrosim tinha frequentemente experimentado grandes faltas de trigo , e infinitas revoluções no seu preço até o anno 1689 , em que abriu os olhos sobre os seus verdadeiros interesses. Não contente de animar a cultura pela suppressão das ditas leis frumentarias , que coarctavão os transportes dos trigos de uma para outra provincia , e até mesmo de uma para outra comarca dentro do mesmo reino , concedeo ampla licença de se-poderem exportar os trigos : ella , pelo golpe da mais profunda combinação , estabeleceo além d'isto um premio , pago pelo erario regio , de cinco schelings por cada quarto de trigo que se-exportasse aos outros paizes em navios inglezes ; e deste modo conseguiu , não só entrar em concurso , mas levar neste genero a vantagem sobre os paizes mais fertéis , como são a Polonia , Livonia , Sicilia , e Africa , que até então erão os colleiros publicos da Europa.

O evento tem justificado este sabio methodo ; porque desde a referida epocha os terrenos em Inglaterra não só tem sido mais bem cultivados , pelo estimulo do lucro , que os lavradores tinham certo na sahida dos seus trigos , mastambem duplicado o seu valor : produzindo os effeitos desta melhor cultura uma diminuição de mais de 19 por cento nos preços communs e annuaes

dos ditos trigos, desde o anno 1689 até 1765, além de uma grande abundancia para o sustento de multiplicados habitantes do mesmo reino; não obstante a sahida immensa que houve annualmente dos ditos trigos, como se-verifica por uma conta publica, apresentada no Parlamento no anno 1751, em que se-mostra que a exportação total dos trigos nos cinco precedentes annos de 1746 até 1750 tinha sido de 5,289,847 quarteiros (medida que contém exactamente vinte alqueires de Portugal) cujo custo tinha impellido 7,405,786 libras sterlings, ou 66,625,000 cruzados; além de mais 1,500,000 libras sterlings, ou 13,500,000 cruzados pelos fretes, de que se-tinha utilizado a marinha ingleza nos transportes dos ditos trigos.

França, que antes do referido anno 1689 permittia a livre extracção dos seus trigos, repentinamente restringio algumas exportações momentaneas, sempre custosas, (e na verdade meros monopolios;) até que instruida pela experiencia, illuminada pelo exemplo e policia d'Inglaterra, comotambem pela instrucção da admiravel obra de Mr. Herbert sobre a policia dos trigos, ella chegou a permittir a livre exportação dos seus trigos em navios francezes pelo edicto perpetuo de 21 de julho de 1764, toda a vez que o preço do trigo não exceder a 30 libras por setiem; que corresponde a 19 alqueires. França logo experimentou os bons effeitos destas sabias providencias; porque no subsequente anno chegou-se a ver o Tejo coalhado de embarcações francezas carregadas de trigos, na occasião em que a sahida d'elles se-achava prohibida em Inglaterra, por uma grande falta, e pelas más colheitas,

que a precedente guerra tinha occasionado naquelle reino.

Mas para que a agricultura em geral possa realmente florescer em um paiz é indispensavel e preciso que a conveniencia commum, e a protecção principiem pelos lavradores, e que os arrendamentos sejam estaveis e de longa duração: materias estas que dependem todas da constituição politica de cada estado.

ELOGIO DAS ARTES.

Pelas artes é que o homem goza da sua existencia, e que parece sobreviver a si mesmo. Os seculos d'ignorancia nunca podem sahir do nada: depois da sua epocha não existem mais outros signaes, do que havia antes da sua existencia. Não se-pode dizer o lugar e o tempo em que passárão, nem gravar sobre a terra d'um povo barbaro estas sublimes palavras: *Este foi o lugar em que existio*; porque nem deixa ruinas, que possam servir de annaes. Só a invenção dá ao homem o poder sobre a materia e sobre os tempos. O genio de Homero fez eterno o character da lingua grega: e a eloquencia de Cicero deixou um modelo da boa latinidade. Os mesmos Pontifices, esclarecidos pelas luzes, e encantados das artes, admirando-as e protegendo-as, ajudárão o espirito humano a quebrar as cadeias do erro e da ignorancia. O commercio adiantou o progresso das artes pelo luxo das riquezas. Todos os esforços dos espiritos, e dos braços se-reunirão para ornar, e aperfeiçoar a condição da especie humana: a industria e a invenção com os prazeres do novo-mundo penetrárão até o cir-

culo polar; e as bellas artes pertendêrão em Petersburg forçar a natureza.

Éntende-se pela palavra *arte* em geral o methodo, ou as regras de dar fôrma a alguma producção da natureza. Todas as artes são parto da industria, e as producções que della resultão são innumeraveis, aindaque reduzidas na sua divisão a duas classes geraes. Quando a industria se-applica a aperfeiçoar as producções da terra, ou a mudar-lhes a sua fôrma natural, chama-se *arte-mecanica* ou *manufactura*: mas quando a industria só com o estudo e contemplação da natureza cria producções, dá-se-lhe por distincção o nome de *arte-liberal* ou *nobre*. Alguns dizem que *arte-mecanica* é a que antigamente era exercida tão sómente por escravos; e *arte-liberal* a que exercião os homens livres: porem seja como quizerem, o certo é que por mais humilde e laboriosa que seja qualquer *arte-mecanica*, não envilece (como julgão muitos) aquelle que a-exerce, antes pelo contrario o-faz estimavel e precioso, quando bem a-desempenha.

As artes-liberaes concorrem para a conservação e progressos do commercio em todas as nações, e fôrmao por este poderoso motivo um dos ramos principaes de que se-compõe o mesmo commercio. A impressão de livros v. g. produz riquezas consideraveis aos paizes onde se-promove esta arte: as obras de pintura e de musica produzem ainda hoje á Italia riquezas muito importantes. Finalmente as artes-liberaes influem de tal sorte no commercio d'uma nação, que sem ellas o mesmo commercio estará sempre mai remoto da sua perfeição.

Mas se as artes-liberaes são tão vantajosas, que di-

remos das artes-mecanicas? A ellas sem duvida deo origem o desejo inherente dos homens de procurarem uma existencia mais commoda; por cujo motivo se-conservão, e cada vez mais se-vão augmentando.

As necessidades dos homens reduzem-se a limites tão estreitos, que rigorosamente fallando os trigos, ou ainda as raizes, as fructas, a agua, o leite, a carne, e as pelles dos animaes bastão para satisfazer a natureza, e livral-a das inclemencias do tempo, se os homens podessem contentar-se com este necessario; bemcomo o ferro, que tambem seria conveniente para lavrar a terra.

Mas como os homens não podem contentar-se com este mero sustento physico, que na verdade os reduziria ao estado de selvagens, o trabalho industrioso se-foi pouco a pouco introduzindo entre elles, á medida que se-forão unindo em sociedades, nas quaes se-princi-piárão as manufacturãs de mercadorias mais immediata-mente precisas, ou de gasto mais commum. O gasto de uma coisa é mais commum na proporção da sua maior serventia, ou ella seja real ou de opinião; e d'ahi bem se-vê, que ainda quando o valor da coisa fabricada seja de pouca consideração, o continuo do seu consummo faz comtudo muito mais consideravel a somma do seu valor em cada anno; ao mesmo passo que se-terá dado occupação a um maior numero de artifi-ces, e que se-terá consummido uma maior quantidade de producções naturaes: e estes são os dois principaes objectos, a que a sociedade civil se-propõe no estabelecimento das manufacturas.

Dos muitos meios de que commumente se-servem os governos para animar, e proteger os estabelecimentos

de manufacturas uteis , o mais efficaz é estimar e atender aos artifices que melhor se-sabem haver , distinguir , e acreditar na proporção da estimação que d'elles se-faz no paiz. Esta estimação é muito justa ; porque os fabricantes são os verdadeiros dispensadores da occupação e do sustento do povo industrioso , comotambem os bemfeitores da recompensa dos lavradores e cultivadores das terras , que derivão o seu valor na proporção que tem a sahida das suas produções toscas e sem forma ; elles repartem com o estado o seu lucro ; elles são os que correm os riscos do bom ou máo successo das suas manufacturas ; e elles finalmente são os que derramão as riquezas e a opulencia nos estados : sendo tambem certo que um paiz se-enriquece e faz opulento mais pelo trabalho industrioso dos homens , doque pelas produções naturaes da terra , por abundantes que estas sejão ; poisque consta por um calculo geral , que as materias primarias umas com outras valem tãosómente uma quinta parte do valor da fazenda fabricada com ellas ; de sorte que as outras quatro quintas partes do dito valor vem inteiramente a ser o producto da industria dos homens , e em um instante quadruplica assim as riquezas da nação.

PESCARIA.

A pescaria em geral tem provavelmente delineado as primeiras regras da arte de navegar. Este ramo precioso da occupação dos homens conserva ainda hoje a sua primogenitura , e superlatividade sobre a navegação , sendo sempre o berço ou a eschola dos melhores marinheiros.

É constante pela historia do commercio , e pela de todas as potencias maritimas sem excepção alguma , que as grandes pescarias forão sempre a epocha de uma grande navegação mercantil , e de uma poderosa marinha. O exemplo de Hollanda basta só para com-
provar esta maxima.

A'lem das vantagens que uma nação recebe das suas pescarias , consideradas não só como um ramo da arte de navegar , mas tambem como manufactura de navios , ellas augmentão o valor das marinhas de sal , e communicão no paiz uma actividade e valor consideraveis a trôco de um pequeno despendio ; poisque se tem calculado com bastante fundamento e por larga experiencia , que as sete oitavas partes (ao menos) do valor das pescarias são um ganho liquido para o estado , e que pertencem ao trabalho industrioso dos homens , isto é , ao salario dos pescadores , e ao aluguel dos navios : donde se segue que um estado que exporta o producto das suas pescarias faz um lucro mais liquido , e muito maior , do que quando vende para fora os trigos , as lãs , e as outras producções naturaes do paiz ; porque estas custão intrinsicamente mais , e não occupão ao mesmo tempo um tão grande numero de homens de diferentes classes : além de que as terras de um paiz são sempre limitadas , de sorte que só uma certa porção do povo se-pode occupar na cultura d'ellas ; em lugar de que a pescaria não está limitada por modo algum , e cada individuo em geral pode com o seu dinheiro participar dos lucros que d'ella resultão.

Pelo consummo interior e exterior do peixe fresco , sêcco , e salgado se-pode julgar do augmento ou diminuição das pescarias de uma nação. O consummo in-

terior depende da proporcionada opulencia do povo, da importancia dos direitos, e da facilidade dos transportes no interior das provincias. O consumo exterior depende da barateza dos preços do peixe, e tambem da bondade dos preparos, ou elle seja sêcco, salgado, ou em salmoira. Os Hollandezes por alguns seculos excedêrão as outras nações no modo de preparar e encaixotar os arenques: e os melhores auctores confessão que durante o espaço de trezentos annos os Hollandezes empregárão annualmente nesta unica pesca nove-mil embarcações entre grandes e pequenas; occupando todos os ramos desta pesca mais de 175,000 homens, e produzindo ao estado o valor relativo a 24,462,800 cruzados annuaes, segundo um calculo certo; alem de 7,000,000 de cruzados tambem annuaes que os mesmos Hollandezes ganhavão pela pesca da baleia, e de outros peixes nos mares do norte.

Em Inglaterra tem-se calculado que a pesca do bacalhau rende a 15,000,000 de cruzados annualmente, e a da sardinha acima de 2,000,000, independentemente do producto immenso da pesca da baleia e da dos arenques: para cuja ultima se-estabeleceo no anno 1750 uma real companhia com grosso capital, da qual é presidente perpetuo o principe de Gáles.

Finalmente a sobredita pesca do bacalhau não deixa de render á França acima de 8,000,000 de cruzados: sebem que pelo tractado definitivo de paz de 1762 entre Inglaterra e França, esta ultima coroa ficou privada de muitos portos que occupava nas ilhas da Terra-nova e de Cabo-Breton; ficando limitada a dita pesca a um certo numero de embarcações que bastassem para supprir o reino, com exclusão de transportar

e vender para fóra do mesmo reino o dito bacalhau.

As pescarias podem ser communs a todas as nações maritimas, poisque o mar cria os peixes para todos com igualdade, e a todos os dá gratuitamente; com differença da terra que produz sómente á força de trabalho, e cujas produções se-calculão custarem intrinsicamente uma boa terça parte do seu valor, ficando as outras duas terças partes para o trabalho e jornal dos homens; cálculo que ainda assim se-deve entender das terras bem amanhadas, e cultivadas em climas e sitios fertéis.

Os melhores methodos, e os menos custosos de pescar e de preparar os peixes ja são bem conhecidos por todas as nações, e praticaveis em todas as terras maritimas; de sorte que não pode haver n'esta parte fundamento paraque alguma deixe de aproveitar-se das riquezas, que gratuitamente lhe-offerece o mar.

NAVEGAÇÃO.

Varios auctores tem definido a navegação ou arte de navegar por *uma communicação lucrativa entre as nações*. Neste sentido o commercio lhe-dá o seu augmento, e a toda a sua perfeição; e com este fundamento se-assenta como principio, que o commercio floresce em um estado maritimo na proporção em que a sua navegação se-acha augmentada e estabelecida com firmeza. Este principio é confirmado pela historia da navegação, na qual se-mostra com toda a evidencia que as relações do commercio e da navegação são tão intimamente unidas entre si, que a decadencia de uma traz necessariamente a ruina da outra, e que hão

de sempre florescer e crescer juntas ; sendo estes os verdadeiros motivos que fizerão passar successivamente o commercio de uma para outra nação.

Para effeito de conservar e augmentar a sua navegação e o seu commercio Carlos II , que chegou á coroa d'Inglaterra depois da usurpação e da morte de Olivero Cromwel , expendeu por acto de 23 de setembro de 1660 uma prohibição a todas as outras nações , determinando em substancia o seguinte :

1.º Que não se possa navegar ás colonias inglezas por causa do commercio.

2.º Que nenhuma nação possa navegar para as colonias inglezas por alguma da Asia ou da America , senão em navios inglezes.

3.º Que as produções e mercadorias da Europa não possam ser transportadas ao dito reino , senão por navios inglezes , ou por navios proprios dos portos e estados onde se criarem e fabricarem.

4.º Que os navios estrangeiros não possam navegar de um para outro porto dentro do reino d'Inglaterra , por causa do commercio , isto é , que não possam carregar mercadorias inglezas em um porto d'Inglaterra , para leval-as a outro porto do mesmo reino.

5.º Que nenhum peixe de qualquer especie que seja , comotambem o azeite e barba de baleia , que não for pescada por embarcações inglezas , possam entrar no dito reino , senão pagando dobrados direitos de entrada.

A'lém d'estas prohibições politicas que interessão todas as nações , o dito acto contém outras varias clausulas particulares , e respectivas ás equipagens , portes , aparelhos , qualificações , e prerogativas dos navios inglezes.

Se pois considerarmos a navegação como uma comunicação lucrativa entre as nações, devemos assentar que toda a navegação unicamente dirigida a trazer ao proprio paiz as produções estrangeiras só se-pode justificar pelo motivo de absoluta necessidade; pois-que o fim d'ella é conduzir o superfluo ás outras nações, e trazer das suas terras as coisas que nos-forem necessarias.

Este verdadeiro objecto da navegação envolve dois principios, dos quaes dimanão muitas consequencias, e consistem: 1.º em que a navegação não pode subsistir em um paiz, que não tem superfluo algum para levar ás outras nações: só no caso em que como Hollanda ella fizesse o commercio de economia, isto é, de ir comprar em um paiz generos, para os-transportar a outros que d'elles carecessem. 2.º que o superfluo de um estado não pode ter estimação, emquanto elle não cultivar a arte de navegar: e se por acaso este superfluo chegar a ter alguma estimação, esta dependerá absolutamente do valor arbitrario que os outros povos navegantes lhe-quierem dar, quando o-vierem buscar e comprar.

A conclusão do primeiro principio é que a agricultura e a industria são a base fundamental, e o motivo da navegação: ellas são reciprocamente interessadas na conservação e progressos da mesma navegação, porque sem esta uma e outra decahirião relativamente. A razão é que decahindo a dita navegação, as outras nações navegantes chegarão pouco a pouco a fazer um monopolio das produções da nação que não navega; e d'ahi resultará que a sua agricultura e manufacturas ficarão restringidas conforme a conveniencia das ditas.

nações navegantes, isto é, que o trabalho do povo, e o preço dos generos da nação que não navega serão governados pelas nações navegantes; e nesta dependencia a perda redundará em claro prejuizo da nação que não navega.

A operação da arte de navegar produz diversos effeitos, que se-podem considerar debaixo das duas luzes seguintes. A primeira é a mesma arte de navegar que occupa um grande numero de homens chamados marinheiros, e todos os mais empregados no ensino d'esta arte, bemcomo nos calculos e livros necessarios para a sua perfeição. A segunda é a construcção dos navios que é propriamente uma manufactura: e neste sentido ella se-funda nos mesmos principios de todas as outras manufacturas, e produz os mesmos resultados.

A união das duas expostas circumstancias na sua operação communica a uma multidão de homens os meios necessarios de gastarem as producções naturaes do seu paiz, e de se-procurarem as commodidades que inventou a industria.

O salario dos homens, e o preço das materias usadas em a navegação, seja como arte ou como manufactura, são necessariamente pagos pelas nações que gastão as fazendas transportadas; porque a despeza do transporte forma sempre uma parte do valor dos generos. Finalmente sendo o lucro da navegação um lucro intrinseco, elle augmenta por consequencia as riquezas e forças, assim reaes como relativas de cada nação.

DIGNIDADE DO NEGOCIANTE.

Não é o mesmo ser negociante que mercador : porque este de ordinario se-cinge a certa repartição mercantil, e sua sciencia só consiste em saber comprar com acerto uma tanta quantidade de mercadorias, e tornar a vendel-as depois por miudo: quando aquelle, pelo contrario, n'outro alvo mais longe põe todas as suas miras. Roubando-lhe incessantemente os cuidados varios ramos do commercio d'aquelle estado onde reside, dá todas as traças por facilitar a exportação das mercadorias do seu paiz com a maior vantagem, e ao mesmo tempo faz quanto pode por passar sem as dos seus visinhos, ou ao menos por mandal-as vir sómente a fim de exportal-as depois para outras terras de fora.

O negociante, como o que acabamos de pintar, deve ser havido por um nacional, que muito contribue para que o estado tenha cada vez mais a que se-ater, e com que alimentar as forças do que é capaz. Nem este conceito é só d'agora; porque muitos negociantes celebres tem habido em eras arredadas, os quaes servem de provar o que agora acabamos de dizer. Não deo *Jacques Cœur* a Carlos VII, com suas riquezas immensas, os meios de conservar uma parte dos seus estados? *Cosme de Medicis* não assentou, como em base, no seu commercio a sua grandeza, e a dos seus vindouros? A familia dos *Fuggers* negociantes de Augusta, e o famoso *João Dans* da praça de Anvers, não empre-tarão avultadissimas sommas ao imperador Carlos V? Não se-distinguio este ultimo por via de uma

lance de generosidade nunca ouvido, queimando na presença deste principe um bilhete de dois milhões que lhe-emprestára? Finalmente em 1710 não trouxeram aos pés do throno, á vista de todos, os negociantes de S. Maló uma somma de trinta e tres milhões, com que derão á França as primeiras forças que ella teve? Assim que hoje estamos vendo, que todas as nações se-empenhão em fazer de maneira que a balança do commercio, que hoje é a do poder, pelos muitos meios e expedientes que fornece, se-incline a favor d'ellas. (*)

Mas este respectivo empenho é o mesmo que actualmente torna mais espinhosa, e mais difficil de praticar a profissão do negociante, doque era em outro tempo. Os seus conhecimentos devem ser extensos, e elle estar sempre prompto a lançar mão de todas as occasiões

(*) O sabio auctor (Francisco José Freire auctor do Secretario-Portuguez) parece que confundio aqui os deveres do Negociante com os do Governo; poisque a este é que pertence o promover a industria nacional de maneira que as fazendas estrangeiras não sejam consummadas, mas sim apenas reexportadas. O Negociante, v. g. que na epocha presente, em que as fazendas estrangeiras de seda, lã, e algodão estão introduzidas no Brasil negociasse tão sómente em tecidos de algodão nacionaes, mesmo a fim de os generalizar, em breve se-veria arruinado; ao mesmo passo que outro, que negoceia em fazendas estrangeiras, mas que são usadas, vai diariamente augmentando o seu capital, e mesmo o da Nação com os direitos que pagão aquellas fazendas, não sendo importadas por contrabando. Aos Governos, torno a dizer é que compete o fazer com que a Nação se-afleiçoe mais ás suas proprias manufacturas, doque ás estrangeiras; empregando todos os meios de promover a industria nacional, a fim de que as suas manufacturas possam rivalisar com as das nações competidoras, assim em preços como em qualidades.

favoráveis , que podem dar á sua nação aquella preferência , que todos os visinhos lhe-disputão. A'lem da obrigação em que está de calcular aturadamente , desembaraçar negocios complicados , antever os perigos do mar , conhecer o valor das moedas respectivas , as variações dos cambios , as differenças dos pesos , medidas , etc. : deve ter tambem noticia das leis , costumes , usos , indole , gosto , e ainda caprichos das diferentes nações , e de tudo quanto produzem as terras para onde dá ordens. Deve guiar os fabricantes do seu paiz a respeito das variações que podem acontecer nas modas entre os estrangeiros , antever de algum modo a carestia e a abundancia , a paz e a guerra , para dirigir as suas operações sempre com acerto.

Se a estima e consideração constituem o galardão dos talentos , quem mais os-merece , do que os negociantes habéis ? As estatuas que os Inglezes levantarão na Praça do commercio aos seus decantados negociantes *Gresham* , *Spenser* , *Craven* , ao mesmo tempo que provão o seu agradecimento , dão a conhecer ás outras nações quanto devem apreciar o merecimento do commerciante. N'isto os-imitarão os Hollandezes , e *Guilherme Beuckel* recebeu d'elles iguaes honras. Concluamos logo sem rebuço , que o negocio tão util é ao estado , como fructuoso para o mesmo negociante : e que as nações , e os soberanos que não contemplarão como incompatíveis o Negocio e a Nobreza , ajuizarão como homens sisudos , e legisladores illustrados.

FRAGMENTO HISTORICO

da vida do infante D. Henrique, pelo mesmo auctor.

Depostas as armas, como os espiritos do infante D. Henrique naturalmente o-levavão áquelle alto posto de gloria, que o-faria na posteridade o exemplar de um principe perfeito, elles o-apartárão d'aquelles passatempos, que lhe-aconselharia o verdor dos annos, e o ocio da paz. Propozerão-lhe nova conquista mais gloriosa, porque servia-lhe a enriquecer-lhe o entendimento, inspirando-lhe o amor aos estudos proprios de quem se-formava para heroe. Como o nobre appetite d'uma gloria solida se-conspirava com o seu genio, deo-se a muitas sciencias com tanta applicação, como se por ellas quizesse merceer fortuna; mas as mathematicas forão as que lhe-devêrão mais severo estudo. Lia, meditava, conversava com os sabios, e estes forão seus principaes exercicios pelo longo espaço de dezoito annos, até que seu grande pai foi triunfar por suas virtudes em mais alto imperio. Mas na força destas estudiosas applicações vio-se obrigado a vestir as armas, tornando Ceuta a chamar o seu valor.

O famoso conde D. Pedro de Menezes, que com milagres d'esforço segurára aquella praça na obediencia de seu principe, vendo-a enfim cercada d'uma innumeravel multidão de barbaros, vio-se precisado a avisar a el-rei de seu grande aperto. Chega o aviso, e logo se-preparou o soccorro, recebendo o infante D. Henrique ordem de seu pai, para ir desassombrar Ceuta d'um apertado sitio; e que levaste em sua compan'ia a seu

irmão D. João, que, ambicioso de gloria, invejava desde menino o que lhe-contavão de seus irmãos na famosa conquista. Em Larcárão os infantes com o soccorro necessario, e chegando ao cabo de São Vicente, logo a Providencia lhes-quiz mostrar, que ia em seu seguimento. Encontrárão uma grande embarcação carregada de trigos e de Mouros; tomárão-a, e cresceo o soccorro com o novo casco, e na abundancia do provimento.

O conde governador vendo-se a cada instante mais apertado, e duvidando se o aviso chegára a el-rei, resolveo-se a expedir outro por Affonso Garcia de Queirós, mandando-o em uma fusta. Partio o mensageiro; mas ao desembocar o Estreito, logo deo vista de bandeiras portuguezas, que não podião entrar n'elle, porque os tempos corrião contrarios. Conheceo que era a esquadra, e abordando a ella, referio ao infante D. Henrique o perigoso estado, em que estava a praça, pela nunca vista multidão de inimigos mandados por el-rei de Granada, querendo á força de gente abafar-nos o valor. Fez o infante conselho, e assentou-se na fórma do desembarque, convindo todos que não fosse de noite; porque em qualquer dos portos seria o risco evidente.

Os ventos contrarios fizerão com que a esquadra passasse á vista de Tarifa, e vendo-a de Gibraltar el-rei de Granada, onde estava ja prompto a embarcar para Ceuta, empenhando no cerco d'ella com a pessoa as forças de seu reino, sentio muito o soccorro, e logo temeo que com elle se-embarcasse tambem aquella felicidade, á qual não podia resistir todo o poder Africano.

Mandou accender varios fogos , para assim avisar da novidade aos sitiadores ; mas estes interpretando o signal como indicio da sua vinda , dobrarão o valor , lisonjeados com a certeza da victoria. Repetião-se por todas as partes aquelles signaes , e então entrarão em duvida do que querião significar. Mandarão que do castello d'Almina , donde se-descobria o Estreito , se-observasse , se n'elle havia algum navio. O explorador vio alguns ; contou até doze , e ja então allucinado de medo accrescentava maior numero. Correo aos seus com a notícia de que todo o Estreito estava coberto de velas , e que elle entendia , que para tanto poder seria a Africa inteira leve conquista. Assombrarão-se os mouros com a resposta , e o desacordo não lhes-propoz outro arbitrio senão a retirada. Executarão-no fugindo , como quem sentia ja sobre as cabeças o pezo d'um castigo igual aos seus insultos. Os nossos , sem saberem da causa , vendo-os fugir , forão-lhes no alcance , e fizeram n'elles mortandade horrorosa.

Desembarcou o Infante , e foi recebido em triunfo por victoria , que elle não sabia. Informado do succedido , quizera seu valor sentir a occasião perdida ; mas impedio-lhe o amor aos seus soldados , e o zelo pelos interesses de sua patria , querendo que a gloria cedesse á utilidade. Com allegria se-applaudio o successo , que a lisonja attribuia ao nome do Infante , ja temido d'aquelles barbaros , mas elle vendo os campos sementeados d'innumeraveis cadaveres , e a praça cheia de novecentos e oitenta e seis prisioneiros , fez extremos de honras e applausos a tão illustres defensores. E passando das palavras ás obras , mandou que assim do despojo , como dos prisioneiros cada um ficasse com o que havia to-

amado; o que o conde governador com mais economia queria repartir igualmente por todos, para que a inveja não tivesse lugar em uns, nem a soberba em outros.

Tres mezes se-demorárão os infantes em Ceuta, esperando que os Mouros tentassem recuperar sua fama; atéque, vendo-os insensíveis, determinárão voltar para o reino. Não sofria o animo intrepido do infante D. Henrique, que havia de apparecer na presença de seu pai sem algum feito glorioso; e revolvendo no pensamento ideias de conquistas, determinou tomar Gibraltar. Propoz o intento em conselho: não teve votos; e ainda assim, aconselhado só de seus ardentes espiritos, mandou pôr as prôas n'aquella praça. O Ceo não approvou aquella empreza, e em signal levantou uma tormenta tão rija, que a esquadra foi dar a Cabo de Gata, onde esteve quinze dias; e quando pôde tornar para Ceuta, ja lá os infantes achárão carta de seu pai, mandando que voltassem para o reino. Obedecêrão logo, e com uma viagem tão infeliz, que se-perdeu um navio e muita gente, afundindo-se os bateis em que não a salvar-se da tormenta, demandando terra inimiga, onde podessem acabar com morte mais gloriosa.

Recolhido ao reino, tornou o infante D. Henrique a continuar o amado exercicio de seus estudos, achando só n'elles o divertimento, porque só n'elles encontrava a utilidade. etc.

VISTA GERAL DO UNIVERSO.

O Universo é o *systema* inteiro da criação, que existe em espaço infinito.

De espaço infinito é incapaz o espirito humano de formar uma ideia clara; e todas as descobertas que até hoje se-tem feito na Astronomia nos-deixão ainda ignorantes da extensão do *systema* da criação. As observações, que por ora se-tem feito pelos homens, mostram que está cheio de corpos luminosos em distancias incalculaveis uns dos outros, e dos quaes todos, excepto o Sol, estão em uma distancia tão grande da terra, que nos-parecem sómente como pontos brilhantes, e são chamados *estrellas*.

As *estrellas* fixas são innumeraveis. O celebre Astronomo Herschel com o seu oculo grande contou até o numero de 116,000 em uma pequena parte da Galaxia. As *estrellas* mais brilhantes suppõe-se serem as que estão mais perto da terra, e são classificadas pelos astrónomos segundo a sua magnitude apparente. Ha 20 da primeira magnitude, 65 da segunda, 205 da terceira, 485 da quarta, 648 da quinta, e 150,000 pouco mais ou menos da sexta; fazendo ao todo 151,423 que se-podem ver sem oculo; mas com um bom telescópio é immenso o numero d'ellas que se-vê; e quanto mais perfeito for o oculo, tantas mais *estrellas* se-descobrirão. Parece portanto extremamente provavel, que todas aquellas que com os nossos melhores oculos vemos, não são senão uma mui pequena parte do numero d'ellas, disperso nas regiões innumeraveis do espaço infinito.

A imaginação do homem não pode formar ideia al-

guma da extensão do Universo; nem a sciencia humana jamais poderá descobrir o ponto onde o Creator fixou o seu aureo compasso para lançar o immenso circulo. Ha toda a probabilidade para se-suppor que as estrellas fixas sejam da mesma natureza que o Sol, e creadas para o mesmo fim, formando cada estrella o centro de um systema, ou mundo solar: porque estando ellas em tão grande distancia do Sol, não podem d'elle receber um brillantismo sufficiente, para se-fazerem visiveis a nós; por isso devem brilhar por uma luz propria. Não se-deve imaginar que o Creator Omnipotente, cuja sabedoria é conspicua em todas as suas obras, e que jamais fez coisa em vão, creasse tantos Soes luminosos, e os-collocasse em distancias tão grandes uns dos outros, sem lhes-dar objectos proprios, bastantes, e proximos para receberem o beneficio da sua influencia. Suppor que forão creados sómente para dar huma luz fraca á terra, é ter uma ideia muito erronea da Sabedoria Divina: poisque a maior parte d'ellas, longe de illuminarem este globo, não são visiveis aos seus habitantes sem o soccorro de um bom oculo. Não se-pode portanto duvidar que as estrellas fixas sejam corpos da mesma natureza do Sol, formando centros e origens de luz e de calor para innumera-veis systemas planetarios.

Quando consideramos que esta Terra, que habitamos, com os seus vastos oceanos e mares, seus numerosos imperios, reinos, e estados, é sómente um pequeno ponto no systema solar; e que todo o systema solar é sómente um ponto no Universo, perde-se a nossa imaginação em contemplar a extensão da criação, bem como o poder e sabedoria do Creator.

ELECTRICIDADE.

Uma das descobertas mais importantes do seculo XVIII foi o conhecimento de que o fluido electrico compunha a materia do raio, e que o homem podia por consequencia dispor d'elle a seu arbitrio.

O celebre Franklin, descobridor d'este grande phenomeno, foi o primeiro que se-servio de pontas de metal para dirigir o raio, de maneira que não fosse nocivo aos homens. Assim forão os homens instruidos dos methodos de livrar as casas, as embarcações, e os templos do terrivel effeito que o raio costuma fazer, quando não é dirigido.

Conheceo-se ao mesmo tempo, que as gentes estão sempre inteiramente livres n'uma sala durante a trovada, se tomão uma situação de tres ou quatro pés distante das paredes: porquanto a materia do raio, sahindo das nuvens para a terra, ou da terra para as nuvens, passa sempre pelas paredes das casas, pelos troncos das arvores, ou por qualquer outro objecto elevado; menos havendo algum objecto mais humido, como um animal, que esteja em contacto com estes objectos, ou d'elles mais perto: neste caso o raio deixa as paredes ou as arvores, e passa pelo animal. Porem como o raio pode passar pelos metaes ainda com maior facilidade, deixará sempre os corpos animaes, para passar pelas substancias metalicas com preferencia a tudo.

Para se-conhecer a distancia que tem a trovada do sitio em que cada um se-acha deve attender-se ao tempo que medeia entre o relampago e o trovão, contando-se treze segundos e meio por cada legua que houver

entre o sitio em que estivermos , e o lugar da nuvem donde sahio o trovão.

Observão-se na atmosphera varios phenomenos , que tambem se-attribuem á electricidade , e se-chamão *meteóros-igneos*. Entre outros contão-se os que se-chamão *estrellas-errantes* , que se-vem nas noites serenas ; e o *Sant'Elmo* , ou *Castor e Pollux* , que apparece nas visinhanças de lugares pantanosos , e perto da superficie da terra. As primeiras suppõem os naturalistas serem produzidas pela inflammção de fluidos electricos ; e o segundo é considerado como uma luz phosphorica , produzida pela decomposição de materias animaes e vegetaes. Vem-se tambem algumas vezes nos ceos globos de fogo , ou *meteóros-igneos* , que são notaveis por sua grande elevação , e pela rapidez do seu movimento ; os quacs commummente se-desvanecem com uma explosão estrondosa , pela qual formão na atmosphera *pedras-meteoricas* , cuja cahida está agora tão firmemente estabelecida , como qualquer outro facto da historia natural. Alguns tem supposto serem estas pedras de volcões na Terra , outros de volcões na Lua , e outros as-tem attribuido ao arrebentar de algum dos menores planetas do nosso systema solar : porem a primeira opinião dos *meteóros-igneos* tem hoje o maior gráo de probabilidade ; e sem duvida recebe consideravel força dos brilhantes descobrimentos da Chymica moderna.

NOÇÕES DE GEOGRAPHIA POLITICA.

Os homens são destinados a viver em sociedade: suas affeições e suas necessidades os-compellem a este destino.

Distinguem-se tres sortes de sociedades, a saber: *sociedade-natural* ou *domestica*, que é a reunião dos individuos de uma mesma familia; *sociedade-civil*, que é a reunião de muitas familias, cujas mutuas relações estão fixadas por costumes mutuos; *sociedade-politica*, que é a reunião de muitas familias, cujas mutuas relações são determinadas por leis.

Estas sociedades, em que vivem os homens, são infinitamente variadas nas suas formas de governo; mas que podem reduzir-se a tres principaes, a saber: *Democracia*, *Aristocracia*, e *Monarchia*.

Democracia é quando a maioria da nação exerce o supremo poder, ou por mandatarios e representantes, como succede em alguns cantões da Suissa.

Aristocracia é quando o supremo poder é exercido por um corpo escolhido perpetuamente, que governa e se-renova sem o concurso do povo. Tal era a antiga republica de Veneza.

Monarchia é quando o supremo poder é confiado a um só individuo, como na Dinamarca. Esta attribuição é *hereditaria* quando a nação tem primitivamente escolhido uma certa familia, cujos membros se-succedem por uma ordem fixa, e são pelo seu nascimento chamados ao exercicio do poder supremo. Ella é *electiva* quando em cada vacancia se-escolhe um Monarcha.

Ha governos-mixtos, isto é, estados em que os ramos do supremo poder são divididos. Na França e na Inglaterra o governo é composto de um Monarcha, de um corpo Aristocratico, e de um corpo Democratico. O antigo governo da Polonia era tambem *Monarchico-Aristocratico*.

Chama-se *Systema-Federativo* a reunião de muitos estados independentes uns dos outros, mas subordinados a uma authoridade superior, que elles tem escolhido, e que tem poderes mais ou menos extensos para manter a ordem entre todos, e para defendel-os dos inimigos externos: pode acontecer que todos os membros da confederação sejam iguaes, como na dos Estados-Unidos da America; ou que a confederação tenha um chefe, como o antigo imperio da Alemanha.

Anarchia é a mesma coisa que *falta de governo*. Tomando pois a palavra *governo* no seu verdadeiro sentido, vê-se que a *Anarchia* pode ter lugar de dois modos; 1.º quando na sociedade civil não existe poder supremo; 2.º quando o poder predominante é illegitimo. Nesta ultima accepção podem distinguir-se quatro principaes sortes de *Anarchia*, a saber: *Ochlocracia*, *Oligarchia*, *Demagogia*, e *Despotismo*.

Ochlocracia, ou anarchia popular, acontece quando qualquer multidão se-apodéra do poder supremo.

Oligarchia é quando um pequeno numero de individuos, ou de familias exercem o supremo poder, sem serem legalmente investidos.

Demagogia é quando um ou muitos individuos sem vocação legitima, conduzem o povo a seu grado, exercendo realmente o poder, que parece deixarem nas mãos da multidão.

Despotismo é quando um individuo exerce um poder absoluto, que não tem origem legal, e que por consequencia não reconhece limites.

Vê-se que o Despotismo differe essencialmente da Monarchia pura. O Monarcha tem o seu poder da Nação por consentimento expresso ou tacito; e o seu exercicio é regrado pelas leis fundamentaes do estado. O Déspota pelo contrario tira o seu poder da sua espada; não segue outra lei que a sua vontade; e dispõe como lhe-apraz da vida e bens dos seus subditos.

O Despotismo não deve confundir-se com a *Tyrannia*. Este ultimo termo está reservado pelos povos modernos para exprimir os abusos violentos e crueis da authoridade em todos os generos de governo. Mas o Despotismo não é necessariamente tyrannico, isto é, violento e cruel; elle não é incompativel com algumas formas administrativas que pertencem propriamente a estados regulares.

Os povos, considerados quanto á sua relação moral dividem-se em *selvagens*, *barbaros*, e *civilizados*.

Os povos *selvagens* são caracterizados pela falta de estabelecimento regular de propriedade individual; elles ignorão a agricultura e as artes, vivendo principalmente da caça e da pesca.

Os povos *barbaros* são caracterizados pelo estabelecimento da propriedade individual; elles são pastores ou agricolas, e conhecem algumas artes de primeira necessidade.

Os povos *civilizados* são caracterizados pela cultura das artes: elles amão a ordem e a paz, e appresentão nos individuos uma extrema desigualdade de riquezas.

A *Religião* ou a crença que os homens tem da Divindade constitue entre elles o que se-chama *sociedade-moral*. Da diversidade de crenças religiosas resulta a diversidade dos *cultos*, isto é, dos actos exteriores pelos quaes se-manifestão estas crenças.

As diversas religiões podem-se reunir debaixo de duas denominações, *Monotheismo*, e *Polytheismo*. Pela primeira entende-se toda a religião que não admite senão um só Deos; e pela segunda a que admite muitos Deoses, sejam quaes forem a natureza e dignidade que se-lhes-assigne.

Ha tres sortes de *Monotheismo*, a saber: *Judaismo*, assim denominada porque esta religião é só professada pelos *Judeus*, antigos habitantes da *Judéa*; *Christianismo*, isto é, a religião fundada por *Jesus Christo*; e *Mahometismo*, cujo auctor é *Mahomet*, e que offerece uma mistura de *Judaismo* e *Christianismo*.

O *Judaismo* divide-se hoje em duas principaes seitas: a dos *Caraitas*, que não reconhecem como regra da sua crença e do seu culto senão os livros do Antigo-Testamento; e a dos *Rabbinistas* ou *Rabbinos*, que attribuem á colleccção conhecida pelo nome de *Talmud* uma authoridade quasi divina.

O *Christianismo* tem tres grandes ramos, que são: a *Igreja-Catholica*, a *Igreja-Grega*, e o *Protestantismo*.

A *Igreja-Catholica* chama-se de outro modo *Igreja-Romana*, porque tem por chefe espiritual o *Papa*, que é bispo de *Roma*. A *Igreja-Grega* subdivide-se em tres ramos; 1.º *Schismaticos*, assim chamados porque se-separarão da *Igreja de Roma*. 2.º *Jacobitas* ou *Euteschianos*, alias *Monophysitas*, porque segundo a doutri-

na do Heresiarca Eutiques , elles não reconhecem em Jesus Christo mais de huma natureza. 3.º *Nestorianos* que como seu chefe Nestorio admittem duas pessoas em Jesus Christo.

O Protestantismo subdivide-se em tres principaes ramos ; 1.º *Lutheranismo* , que os sectarios de Luthero chamão *Igreja-Evangelica* ; 2.º *Calvinismo* , de Calvino , e que se-qualifica com o titulo de *Igreja-reformada* ; 3.º *Igreja-Anglicana* , que não differe do Calvinismo , senão porque mantém a jerarchia episcopal ; e d'aqui vem chamar-se tambem *Igreja-Episcopal* , em opposição á *Igreja-Presbiteriana*, ou *Calvinismo puro* , cujos sectarios se-designão na Inglaterra pelo nome de *Puritanos*.

Ha um grande numero de seitas protestantes , entre as quaes podem distinguir-se os *Unitarios* , chamados tambem *Socinianos* do nome de seu chefe Socino , ou *Anti-trinitarios* , porque negão a Trindade e todos os outros mysterios ; os *Mennonitas* , assim chamados de Mennon um de seus chefes , e primeiramente conhecidos pelo nome de *Anabaptistas* , porque reiterão o baptismo áquelles que o-recebêrão na infancia ; e os *Quakers* ou tremedores , entusiastas pacificos , que quando se-entregão ás suas pretendidas inspirações , affectão tremores em seus membros.

O Mahometismo , que os sectarios de Mahomet chamão *Islamismo* , isto é , *Igreja-Orthodoxa* , divide-se em duas partes ; 1.ª a dos *Sunnites* , que põem a *Sunna* ou livro das tradições no numero das Escripturas sanctas , e que olhão Omar e seus successores como os Califas legitimos ; 2.ª a dos *Schütes* (nome que vem do de Schismaticos) que rejeitão a *Sunna* , e cuja

maior parte são sectarios de Ali, genro de Mahomet. Os Turcos seguem o primeiro partido, e es Persas o segundo.

As diversas sortes de Polytheismo, não considerando mais que os povos actualmente existentes e conhecidos, podem reduzir-se a duas principaes: 1.^a o *Feticchismo* ou adoração dos Fétiches, isto é, de todas as sortes de coisas inanimadas, que se-olhão como seres dotados de alguma força divina. Estas superstições reinão entre as nações da costa de Guiné, e entre outros muitos selvagens: 2.^a o *Braminismo* em que se-crê que o Ser-Supremo se-disfarça debaixo de diversas formas humanas e animaes. Esta religião que reconhece Brama por seu fundador, e cujos sacerdotes se-chamão *Bramines*, reina entre os Indios, antigos habitantes da península occidental da India.

Ao Braminismo se-acrescentão o *Schamanismo* e o *Bonddismo*, que d'elle são ramos. O primeiro domina na grande Tartaria, e tem por chefe *Dalai-Lama*, que de algum modo se-acredita não morrer nunca. O Bonddismo, assim chamado de Bondda que reformou o systema bramínico, é seguido na península oriental da India; elle comprehende a religião de Fó, que é a do povo baixo da China, e que depois se-estabeleceo no Japão.

Uma estimação approximativa faz subir a 650 milhões o numero total dos homens que vivem sobre a terra, a saber: na Europa 180 milhões; na Asia 340; na Africa 70; na America 40; e em todas as ilhas do grande Oceano 20 milhões.

O mesmo auctor determina tambem por aproximação o numero de individuos de cada religião, e as suas

conjecturas o-conduzem aos seguintes resultados. Igreja-Catholica 116 milhões (88 na Europa e 28 fóra); Igreja-Grega 70 milhões ; Igrejas-Protestantes e todas as seitas que se-lhes-referem 42 milhões ; o que produz para o *Christianismo* um total de 228 milhões ; *Judaismo* 4 milhões ; *Mahometismo* 108 milhões ; *Braminismo* 60 milhões ; *Schamanismo* ou religião de Dalai-Lama 50 milhões ; *Bonddismo* , comprehendida a religião de Fó , etc. 100 milhões ; *Fétichismo* , e outras diversas crenças 100 milhões.

Os homens considerados em relação á côr podem ser divididos em cinco classes : brancos , amarellos , côr de cobre , escuros , e negros.

Os *brancos* , cuja cutis pode ser mais ou menos trigueira por effeito do clima , são os Europeus , e os povos da Asia occidental e do Hindostão , os d'Africa septentrional e oriental ; elles tem os cabellos longos e macios , e o semblante oval.

Os *amarellos* ou côr de azeitona são todos os Asiaticos ao oriente do Ganges , do monte Belour (excepto os habitantes da península de Malaca ;) os Esquimós derramados pelo norte da America , desde o estreito de Behring até a Groelandja ; elles são caracterizados pelos cabellos negros e asperos , semblante largo e chato , nariz abatido , e as maçãs do rosto salientes.

Os *côr de cobre* são pela maior parte naturaes da America , e tem quasi todos a mesma phisionomia que os amarellos , com excepção do nariz que é rombo.

Os *escuros* , ou trigueiros são os habitantes da península de Malaca , os das ilhas do sul da Asia , e quasi todos os insulares do grande Oceano.

Os *negros* finalmente são os povos da Africa occi-

dental e meridional, e de algumas ilhas do grande Oceano, como a Nova-Guiné; esta variedade distingue-se pelos cabellos negros, frisados como lã, nariz grosso e largo, e os ossos das maçãs muito salientes.

FRAGMENTO DO FELIZ INDEPENDENTE,

do Padre Theodoro d'Almeida.

Fallavamos sobre a amena diversão, que offerece o campo nos diversos tempos do anno; porque andamos no empenho de saber, onde se-achará a verdadeira alegria, coisa que um velho hoje nos-provou com evidencia, que existia no mundo. Achais-nos agora bem-come um avarento, a quem dissérão, que tinha no proprio campo um grande thesouro, que alvoroçado aqui cava, allí procura, acolá revolve, gira, busca, mina, trabalha, e com um *pode ser que aqui esteja* fixo no pensamento e na bôca, não socega, nem dorme, nem descança; assim estamos agora. Eu dizia que só o campo pôde esconder um tão grande thesouro: que parecer é o vosso?

Grande sectario tendes em mim (lhe-respondeo Polidoro); mas eu quizera ouvir-vos primeiro, para justificar a minha paixão. Continuou Sophia dizendo assim a ambos:

Aindaque o theatro seja o mesmo, a diversidade dos dramas que se-representão, nos-diversifica o gosto, o qual por este modo pode continuar sem fastio. Assim pois é o campo em varios tempos do anno: em cada estação sahe ao theatro a natureza a representar

aos olhos um novo enredo; e cadaqual á competencia pretende levar a primazia na recreação da alma. Se reflectimos com o juizo nas obras da natureza, que encanto pode haver maior que o da Primavera! Se agora fosse dia, na primeira bonina que ali achassemos pelo chão, vos-faria admirar taes bellezas, que ficariéis absortos. A delicadeza das folhinhas, o engraçado do recorte, a viveza das cores, a ideia da pintura, a galanteria do feitio, a variedade do talhe, o bom gosto dos matizes; n'uma palavra, a graça e o mimo com que tudo está disposto, faz ver claramente, que só uma mão divina podia ser o author desta obra. E quando na Primavera toda a natureza se-desfaz, e como desentra-nha em flores, a alma reflexiva se-vê aturdida com tantas maravilhas, que não sabe a que attenda. Que me-dizeis, Polidoro?

Eu, senhora, concordo inteiramente convosco; mas se dais licença á minha sincera ingenuidade, ainda admiro mais o Estio, porque as suas dilicias abrangem mais sentidos. O Verão ao mesmo tempo recreia os olhos, o olfacto, e o gosto; ver as rubicundas cerejas, que como são as primeiras fructas que sahem a campo, envergonhadas apparecem ás escondidas por entre as verdes folhas; ver a formosura dos pêcegos, as romãs cheias de bellas granadas, os pêros córados, as larajas de ouro, as melancias de carmin, os melões do balsamo, emfim todos os pomos de nectar; ver como da insulsa terra, da agua insipida, e dos duros, feios, e asperos troncos sahem tão mimosas dilicias para recreio do homem; ver todos estes prodigios, senhora, encanta totalmente o juizo, e deixa o coração affogado n'um bem innocente deleite.

Se me-desafiáis, Polidoro (respondeo a Princeza) com as vossas reflexões judiciosas, eu ainda prefiro muito mais o Outôno. As abundantes colheitas, premio e incentivo do lavrador cuidadoso, são a alma da economia das gentes, a força dos estados, a consolação dos povos, e a mola real de toda esta machina civil do mundo. Tirai o Outôno, e tudo perece, tudo se-acaba; isto é quanto ao util. E se fallais do que pode recrear o entendimento, esta estação mais que todas as outras me-transporta a alma, a qual aturdida, d'umas maravilhas passa com novo pasmo a outras, á proporção que o anno se-avança,

Ao que o Conde entre gostoso, e repugnante respondeo d'este modo:

Se o homem não fosse senão entendimento puro, bem gostoso viveria no campo, sendo companheiro das aves. Se contemplamos essas maravilhas que dizeis, ellas são bem capazes de transportar toda a alma; mas apezar de toda a philosophia, o corpo necessita de recreio, os sentidos querem o seu sustento, e o coração suspira pelas delicias; e nada disto se-acha senão nas côrtes, ou nas cidades populosas. O homem, que foi feito para viver com homens, que gosto pode fazer, habitando entre pedras, troncos, e brutos? Deos tudo fez com proporção; para o ar as aves, para o mar os peixes, e as arvores para os campos. Dizei-me, quem ha que possa soffrer, sem grande tormento, um Inverno em uma casa de campo? Que bella e deliciosa perspectiva é ver os montes calvos, a terra humida, os prados euxarecados, os campos estereis, e todas as campinas de lô:lo. Por certo que é uma delicia ver o Ceu escuro, o ar sombrio, e o tempo chuvôso. Que lindo

effeito faz uma rua d'arvores seccas, que parece uma enfiada d'esqueletos! Os nevoeiros espessos envolvem o dia nas sombras da noite; o sol não apparece, a lua s'esconde, as estrellas fugirão. Sahis a passeio, o tempo vos-engana, o vento vos-descompõe a chuva vos-assalta, os atoleiros vos-enfadão. Ah! que não se-pode negar, minha irmã, que é um paraíso viver no campo em tempo d'Inverno!

Debuxastes (diz Sophia) muito bem o Inverno; mas para fazer o seu retrato, em lugar de pincel tomastes um carvão bem negro: porem dai-me licença que eu o-pinte com o verdadeiro colorido, e não vos-parecerá tão feio. Não cuideis que vos-quero descrever um dia bello, no qual o sol claro, achando o ar limpo, e o ceo d'uma côr vivissima, e azul engraçado, triunfa das nuvens, e faz a mais brilhante ostentação de seus raios. Não quero que repareis nos campos de linho vestidos d'um lindissimo verde, que jamais pode imitar-se; não faço caso de ver a face da terra ou coberta de prata, quando cahe a neve, ou convertida em crystal no tempo do géllo. Tudo isto é nada, porque outras mais delicadas bellezas encantão o meu espirito, e enamorão a minh'alma. No meu gabinete tenho maiores delicias, doque posso achar lá por fóra.

N'elle ajunto uma assemblea escolhida de pessoas as mais bem instruidas nas sciencias, mais engraçadas na conversação, e mais distinctas na eloquencia. Ninguem me-falta á hora que quero; tenho tal felicidade, que sem escandalizar a ninguem, só falla aquelle de quem eu faço mais gosto. Se estou em hora de gostar das delicias do Parnaso, tenho poétas admiraveis; se quero noticias de paizes remotos, sempre ha quem

me-informe com miudeza e verdade; se me-recreia a historia, tenho arte para fazer vir diante de mim os heroes mais famosos que produzirão os seculos, e que no curto theatro de minha casa representem os mais raros successos, que acontecerão no mundo. etc.

PRINCIPIO DO ENSAIO-ECONOMICO,

de J. Joaquim da Cunha Azeredo, Bispo de Pernambuco.

A America é um terreno abundantissimo; o Brasil é o mais abundante da America. Debaixo de um clima quente, mas doce, ameno, e temperado pelas chuvas e pelos ventos, está sempre produzindo n'um continuo giro. A terra está em todo o anno coberta d'um alegre verde, e n'uma primavera continuada. As arvores estão sempre floridas, e em cadauma d'ellas se vê ao mesmo tempo a flor, o fructo verde, e o sazonado.

Os mattos produzem immensos fructos silvestres, com os quaes se-nutre a infinita caça grossa e volatil, que vaga por todos aquelles certões: é em fim innumeravel a variedade de peixes, que se-crião nos rios, lagos, e mares, que bordão aquelle terreno delicioso.

Allí o Indio, aquelle homem barbaro e selvagem, sem agricultura nem industria, debaixo d'um clima agradavel, e que o não incommoda, soberbo e altivo com a força e robustez do seu braço, sem mais vestidos doque aquelle que lhe-deo a natureza, vive e dorme descançado, sem jamais se-lembrar donde lhe-ha de vir o sustento para o outro dia. O arco e a flecha

é toda a sua riqueza, é toda a sua industria. Assim vivem milhares e milhares de homens, sem trabalharem para comer, que parece nascêrão só para gozar. A terra da promessa, regada do mel e do leite, allí se-vê retratada.

Aquelle precioso torrão produz immenso gado de toda a especie: o vaccum é tanto, que a maior parte d'elle só se-mata para se-lhe-lirar a pelle; os muitos milhares de couros, que todos os annos sahem d'aquelle continente, fazem ver esta verdade; a abundancia do leite é em consequencia á proporção. As carnes que bastão para o consumo do paiz são nada em comparação das que se-desperdição: as aves e as feras são as que se-aproveitão d'este superfluo; e todo este desperdicio se-faz pela carestia do sal.

No Brasil a natureza produz o sal naturalmente na bahia junto a Cabo-frio, e na outra perto do Cabo de S. Roque é tanto, que se-podem carregar muitos navios; mas é prohibido o commercio livre d'este genero n'aquelle paiz, por ser um contracto regio d'este reino. (*)

No continente das Minas, principalmente nas geraes, o sal é tão necessario até para os alimentos, que d'elle precisão não só os homens, mastambem os gados, e todos os outros animaes. Desde que se-sobe a grande serra do mar para as Minas é necessario dar sal principalmente ás bestas, que muitas vezes não querem comer sem elle. Os campos d'aquellas minas, ainda que produzem muita herba, não tem comtudo o sal necessario para o gosto e nutrição dos gados; e por

(*) Abolito-se por Alvará de 24 d'Abril de 1801.

isso se-ha de dar sal aos gados por um preço muitas vezes mais caro doque elles valem.

É digno de notar-se que em alguns outros campos , mais para o interior dos certões , ha terras naturalmente impregnadas de sal , a que chamão *barreiros* , em que se-cria muito gado, ao qual a natureza ensinon , assimcomo a todos os outros animaes , e ainda ás aves d'aquelles contornos , a irem comer d'aquelle barro. A concurrencia de tantos animaes tão differentes , e tão variados nas suas cores , juntos em um só pasto , appresenta o mais bello espectaculo ao olho contemplativo do philosopho , e desafia a cruel paixão do caçador. etc.

SYSTHEMA DOS CLIMAS,

tirado da mesma obra.

Diz *Montesquieu*, que o homem do paiz quente é fraco , medroso , e até sem espirito; porque , diz elle , tem as fibras muito frouxas: e para dar uma prova d'esta sua affirmacão , diz , que se-metta um homem em um lugar quente e fechado , e se-verá que elle caherá n'um muito grande abatimento de coracão. Eis aqui toda a força de argumento de *Montesquieu*, e dos sectarios do *systema dos climas*; *systema* com o qual se-pretende dar leis ás nações , religião aos homens , decidir da força e da coragem de cadaum. Parece incrível que homens sensatos tenham cahido em tanta puerilidade.

O erro de *Montesquieu*, e dos sectarios dos climas , ainda é mais grosseiro , doque o d'aquelles que dizião,

que a zona torrida era abrazada, e que allí não havião ventos, nem chuvas, nem muitos orvalhos na força do calor mais intenso, como ordinariamente acontece debaixo da zona temperada. Para serem consequentes, devião affirmar, que não se-podia allí viver por muito tempo, nem habitar-se n'um similhante paiz: mas depois de saber-se, que a zona torrida é com effeito habitada, e que é um facto constante da historia geral das viagens, que os homens allí chegão a uma idade muito avançada, e muitas vezes mais de noventa, e de cem annos, não sei como se-possa nem ainda considerar, que aquelles corpos n'um estado violento (como suppõe *Montesquieu*) durem por tanto tempo, e talvez mais doque aquelles, que se-dizem debaixo d'um clima temperado! Só estas consequencias bastão para fazer ver, que *Montesquieu* e os seus sectarios nunca estiverão debaixo do clima da zona torrida, e que discorrêrão sobre objectos, de que não tinham ideias muito claras.

Montesquieu comtudo não mostra: 1.º que os grãos de calor da athmosphera d'este ou d'aquelle paiz quente, e ainda da zona torrida, seja igual ao d'essa estufa, ou lugar quente e fechado, que elle estabeleceo como principio, para d'elle deduzir os seus argumentos: 2.º que um certo grão de calor produza no meio da athmosphera os mesmos effeitos, que produz n'um lugar fechado. Mas suppondo que produziria os mesmos, seria necessario suppor ainda o absurdo, que o Creador do Universo só soube crear fibras proprias para os climas frios ou temperados, mas não para a zona torrida. Deixemos porem que *Montesquieu*, e os sectarios dos climas discorrão sobre as hypotheses que

quizerem; vamos examinar a natureza d'aquelles Indios pelos seus mesmos factos.

Se bem se-reflectir na historia dos Indios da zona torrida, se-verá que elles (fallo dos barbaros e selvagens, que ainda conservão todo o seu character) a pesar da disparidade das armas de fogo, comtudo não cedêrão, nem se-deixárão vencer por fracos e pusillamines; só sim, ou por falta d'industria contra um novo methodo de fazer a guerra, ou por se-ter fumentado a discordia entre elles, protegendo uina nação contra a outra.

A conquista da capitania de S. Vicente do Brasil foi devida ao famoso Indio Tebiresá; a da Bahia ao valente Jabirá; a de Pernambuco ao forte Itagibá, que, pelas façanhas que obrou em favor dos Portuguezes, mereceo ser premiado com habito de Christo e tensa; a do Pará e Maranhão ao celebre Tomagicá, e outros, que até servirão aos Portuguezes nas guerras contra os Hollandezes, assimcomo o invencivel Camarão, que se-fez immortal na guerra da restauração de Pernambuco contra os mesmos Hollandezes.

Os conquistadores do Mexico e do Perú seguirão o mesmo estratagema; Cortez não seria tão celebrado na historia, ou teria sido pasto d'aquellas feras, se não tivesse em seu favor os valerosos Indios Tlascáltecas, inimigos jurados dos Mexicanos.

O homem é sempre o mesmo em toda e qualquer parte do mundo; é naturalmente ambicioso, amigo da honra e da gloria: este fermento, de que a natureza formou a sua massa, é que o-faz obrar com força e actividade. A honra é um ente imaginario, a que todos aspirão, mas nem todos o-vem da mesma face; aquillo

que a um se-representa como honra , a outro se-representa como vileza ; é um idolo em fim a que cada-um prodigaliza incensos a seu modo. O homem bruto e selvagem adora a tyrannia e a crueldade ; o homem polido e sociavel adora a beneficencia e a humanidade.

Os Indios do Brasil fazem ostentação da força e da crueldade ; esta é a sua honra , este é o seu idolo , que elles adorão em summo gráo: ainda quando estão proximos a serem mortos e devorados pelos seus inimigos, os-insultão e desafião com desprezo, significando desta sorte que , aindaque lhes-despedacem os corpos , não poderão jamais abater o valor e a coragem d'um só da sua nação : elles morrem como heroes.

Os Indios que derão o nome á celebre provincia dos Campos Ouetaazes (uma das mais ferteis e ricas da capitania do Rio-de-Janeiro) são tão valentes , que é mais facil matal-os , doque vencel-os. Elles tem horror a um só instante de vida debaixo da escravidão : nenhuma nação Brasiliense ou Européa pôde atégora contar a gloria de os-ter vencido ; elles ainda se-conservão livres e independentes.

Eisaqui os homens que os apaixonados pelo decantado systema dos climas chamão fracos, pusillanimes, e de fibra frouxa : é necessario não ter nem ao menos lido a historia d'aquelles Indios , para cahir em tantos erros de factos. Basta só reflectir-se um pouco sobre a boa ordem e perfeição da natureza , para se-ver que o homem nascido e criado no meio dos ardores do sol, necessariamente ha de ser tão forte e tão agil no seu clima, como é no seu o nascido e criado no meio dos gêlos. Mas comtudo se o clima houvesse d'influir al-

guma coisa, seria mais a favor do homem do paiz quente, que do homem do paiz frio.

Porque se a coragem é aquelle enthusiasmo, aquelle fogo abrazador, que arrebatava o homem acima de si mesmo, e que constitue o heroismo; por isso que nenhum coração é mais facil de abrazar-se do que o nascido e criado na zona torrida, como diz o mesmo *Montesquieu*, necessariamente o homem d'aquella zona ha de ter ao menos muito mais coragem, do que o homem nascido e criado debaixo dos gêlos, dadas as mesmas circunstancias.

Mas deixando de parte as hypotheses, que de nada valem contra a verdade dos factos, é necessario comparar o homem do paiz frio com o homem do paiz quente, despidos ambos do artificio da educação e do luxo, para ver quanto um excede ao outro. Compare-se por exemplo um Indio Ouetacá, nascido e criado debaixo da zona torrida no Brasil, junto ás margens do rio Paraíba do sul, com um Indio Esquimó, nascido e criado no meio dos gêlos do norte d'America, junto ás margens do rio S. Lourenço: ver-se-ha aquelle guerreiro e invencivel, cheio de força e de coragem; este miseravel, fraco, e pusillanime.

.....

Passando para os irracionaes: compare-se a força e a coragem d'um tigre, ou d'um leão das planicies do Zaará, com a d'um lôbo, ou com a d'um urso da Siberia; ver-se ha que estes apenas podem servir de criados d'aquelles. Passando para os vegetaes: compare-se a força e a rijeza d'um páo-ferro, d'um ipê, d'um guramirim, d'um sucupira das margens do Ama-

zonas , com a d'um carvalho , d'um buxo , d'um castanho , d'um pinho das margens do Nieper; ver-se-ha o quanto estes são brandos a respeito d'aquelles. A natureza , que em todas as suas producções debaixo da zona torrida se-mostrou forte e robusta, tanto a respeito das fibras dos irracionaes como dos vegetaes , só se-havia de mostrar fraca a respeito da fibra do homem, o primeiro objecto da sua criação ? Que inconsequencias !

Montesquieu , querendo dar mais força á sua opinião de que o homem do paiz frio tem a fibra mais forte do que o do paiz quente , valeo-se da historia dos povos dos paizes frios, que subjugarão muitas vezes os povos dos paizes quentes ; mas elle descobriria facilmente a causa d'este effeito , se não tivesse confundido as forças naturaes de cadaum homem em particular com as d'um povo junto em sociedade.

Um povo que vive n'um paiz fertil e abundante , por isso que vive farto , entrega-se mais aos prazeres , ao luxo , e á ociosidade : cada cidadão vive quasi como separado , e independente um do outro. Esta separação das partes produz um todo desunido e fraco ; e pelo contrario uma nação que vive em um paiz pobre e esteril , é quasi sempre rude e guerreira , porque a sua mesma pobreza , cujo pezo a-importuna sem cessar , a-põe n'uma absoluta necessidade de procurar por todos os meios a sua subsistencia. Esta necessidade geral ensina a todo o povo esfaimado a unir-se , e a juntar todas as suas forças , para conseguir um mesmo fim , e mutuamente se-auxiliarem ; até que finalmente , por um projecto ja muito d'antes premeditado , faz uma irrupção , surprende , e conquista um

povo manso, que no meio da abundancia vive contente e descuidado ; mas logo que este povo acorda do seu lethargo , recobra da mesma sorte os seus direitos usurpados.

Os Scytas , ou Tartaros tres vezes invadirão a Asia ; e tambem forão d'ella tres vezes repellidos. Os povos do norte , donde tem sahido esses exercitos formidaveis , que tem transtornado tantos imperios , tinham ja muitos habitantes , sem muito terreno para os-sustentar , nem muita industria para lhes-supprir o necessario ; e assim se-fazião de necessidade soldados e conquistadores , porque elles só achavão inimigos sem fronteiras nem reparos.

Se elles tivessem achado uma resistencia , qual a que achárão os Moscovitas no principio d'este seculo , elles terião necessariamente voltado as suas vistas para o commercio. N'aquelles antigos tempos nem a policia , nem o commercio fazião alguns progressos ; a barbaridade reinava igualmente entre os vencedores e os vencidos.

Os Suissos , com uma boa policia para augmentar a população , tem tão pouco terreno , que a sua industria laboriosa não basta ainda para os-sustentar ; mas a Europa ja se não acha nas mesmas circunstancias de conquista. A sua visinhança cercada de fortalezas os-tem reduzido a fazerem-se tropas mercenarias , e a fazer a guerra por conta de outro , sem esperanças de poder augmentar o seu terreno , nem de fazer novas colonias : elles se-tem visto mesmo na necessidade de commerciar por mãos alheias , e de metter os seus fundos nos bancos de commercio da Europa.

Em uma palavra , não é a fibra mais ou menos forte,

nem os grãos de calor d'este ou d'aquelle clima que decide da força e da coragem d'estes ou d'aquelles povos; a educação, os costumes, o commercio, as leis, a disciplina, os vícios mesmo, os erros, as opiniões aindaque falsas, e outras muitas circumstancias são as que decidem da sorte dos imperios. A nova Roma ainda se-acha debaixo do clima da antiga; e comtudo que distancia não ha da força e da coragem de uma á da outra? O clima que produzio os Alexandres e os conquistadores da Asia apenas produz hoje humildes escravos do maior despota do mundo.

Montesquieu, para dar mais uma prova de quanto influe na felicidade do homem o nascer debaixo d'este ou d'aquelle clima, para ter uma fibra mais ou menos forte, e por consequencia para ser, conforme o seu *systema*, livre ou escravo, diz que nos paizes frios reinou sempre a liberdade, por isso que n'elles a fibra é mais forte; e que nos paizes quentes reinou sempre a escravidão, porque n'elles a fibra é mais frouxa: que as republicas e os governos populares, por isso que são de maior liberdade, são mais proprios para os paizes frios; e pelo contrario as monarchias para os paizes quentes.

Para se-ver a falsidade d'estes argumentos, não é necessario sahir fora da Europa. Todos sabem que ao norte da Europa, onde os paizes são mais frios, não ha republicas; debaixo d'aquelles gêlos todos os estados são monarchicos. Pelo contrario as republicas da Europa se-achão em paizes mais quentes; Hollanda, Veneza, Genova, Lucca, etc. respirão um ar mais quente doque a Russia, a Suecia, a Noruega: nos estados meridionaes da Europa apenas se-ouve fallar no

nome de escravo. Da mesma sorte a religião protestante, que elle diz ser mais propria para as republicas, e a catholica romana para as monarchias: pelo contrario se-vê que a protestante é a dominante na maior parte das monarchias do norte, e a catholica romana de todas as republicas da Italia.

Não é necessario ter a vista muito aguda, para ver as contradicções e os absurdos, em que *Montesquieu* e os sectarios dos climas estão cahindo a cada passo.

NOTICIAS

tiradas do jornal — O Redactor — (1804).

Para que possamos fazer ideia do estado actual da Europa, sobre que se-vão a dar ao leitor algumas noticias, é necessario previamente lançar-mos uma vista retrograda sobre a sua antiga situação.

O systema feudal, que durou por muitos seculos, conservou os habitantes da Europa n'um estado pouco differente d'aquelle em que d'antes estavam, quando deixárão os bosques e os pantanos do norte. É difficiloso conceber-se um systema politico mais contrario ao adiantamento que o feudal. Os habitantes de cada paiz erão divididos em duas ordens, das quaes uma estava em completa sujeição á outra: não havia manufacturas, nem commercio: a ignorancia das duas ordens era quasi igual; não sabião ler nem escrever, e a grosseria das suas maneiras era a maior possivel. A subversão d'este pessimo systema levou acima de trezentos annos. Depois de destruida a vassallagem, e

depois que os povos ficárão sóment e sujeitos ás leis dos monarchas , a industria começou a adiantar-se; estabelecêrão-se manufacturas; e as commodidades da vida que ellas subministrárão, por serem mais apuradas, excitárão desejos os mais fortes, e por consequencia esforços os mais activos para alcançal-as.

A este estado tinha o progresso de industria e das artes trazido a maior parte da Europa.

A par da industria nasceo a litteratura, outro poder de grande effeito nos negocios da Europa: as nações, é verdade, só pouco a pouco é que chegarão ao costume de pensar ajustadamente, e a ter um gosto delicado; porem a operação uma vez começada proseguio. Novos objectos de curiosidade se-appresentárão a alguns, de ambição a outros; e um numero infinito de ideias novas a todos, creando actividade e ardor que chegou a todas as classes de pessoas. Este progresso foi felizmente ajudado pela operação de um engenho, cuja descoberta é talvez o maior acontecimento da historia das acções do homem; a imprensa, que tão extraordinariaménte tem facilitado, e adiantado a comunicação das ideias. A litteratura todos os dias se-foi fazendo mais estimada e instructiva. Em algumas nações da Europa ella se tem generalisado por todas as ordens as mais ellevadas do estado, e tem estendido a sua influencia mesmo até ás inferiores.

O progresso destas duas causas, a industria e a litteratura, tem inteiramente mudado a Europa. Antes da introducção da industria os homens, como estivessem de certo modo ociosos, erão amigos da guerra; e mesmo porque o systema feudal tendia naturalmente a promovel-a. A ordem superior, não achando em

suas casas prazeres alguns, que lhe-podessem fazer a vida agradável, ou mesmo commoda, nunca estava bem senão no campo, ou para a caça ou para o combate. Presentemente as artes, que administrão os commodos da vida, tem feito um tal progresso, e os prazeres que fornecem ao homem que as-acolhe são tantos, que quando os-deixa para entrar nas lidas da guerra, elle sacrifica uma coisa assás valiosa. A declinação do espirito militar é mui visivel, e pode dizer-se que vai a par do progresso da civilisação. Comtudo não se-deve d'aqui inferir que haja actualmente na Europa menos valor, ou capacidade para emprezas militares, doque no tempo do systema feudal, ou que seja menor nos estados mais cultivados.

Ha uma differença entre o estado actual da Europa, e o em que estava no principio do seculo dezoito, de que dependem muitas consequencias. N'aquelle periodo o progresso da civilisação e industria era de certo modo circumscripto a duas ou tres nações; agora pelo contrario o adiantamento tem entrado em todas, e tem feito progressos consideraveis mesmo n'aquellas que mais se oppozerão á sua introducção.

No periodo de que se-fez menção os estados commerciantes d'Italia, Veneza, e Genova, que começãrão a industria na Europa, tinham pelos vicios de seus governos descahido muito na escala da prosperidade. A Hollanda, a Gran-Bretanha, e a França aproveitando a occasião favoravel, dividirão entre si não só o commercio, mas até toda aquella industria e experiencia d'agricultura e manufacturas, que só fornecem os objectos do troca. Hamburgo, e mais uma ou duas cidades d'Alemanha adquirirão alguma riqueza, por

servirem de lugar de deposito , e de transmissão das fazendas das outras nações ; porem nem erigirão manufacturas, nem se-fizerão agricolas , porque o seu terreno o não permittia. Agora lancemos uma vista rapida sobre o presente estado da Europa.

Uma prova evidente da força do espirito de adiantamento , que se-tem propagado pela Europa , é que mesmo os miseraveis Gregos debaixo do dominio dos Turcos lhe-não tem escapado. A curiosidade e a paixão por litteratura , que se-tem despertado entre elles, é um novo e importante phenomeno. Muitos Gregos ha pouco tem ido frequentar as universidades de França e d'Alemanha , onde estudão Mathematica , Philosophia natural , e Medicina. O actual bispo de Larissa na Thessalia tem mandado muitos mancebos á sua custa para estas universidades. Elles aprendem grammaticalmente a linguagem da antiga Grecia , explicão nas suas escholas a syntaxe de Theodoro Beza , e muitos d'elles escrevem em prosa e em verso. Daniel, um monge que estudou na universidade de Paris , e que reside actualmente em Jassy , publicou ha pouco uma descripção geographica da Grecia. Eugenios , que foi mestre do archiduque Constantino , e assistente em Petersburgo , escreveu um curso de Logica em grego moderno , e traduzio a Mathematica de Segner. Começa a traduzir-se grande quantidade de livros. Os irmãos Zozima, dois opulentos negociantes gregos em Moscovia, tem feito traduzir e espalhar gratuitamente varias obras. Um grego erudito por nome Anthimo em Vienna traduzio um curso de Philosophia natural. Os Gregos estudão as linguas estrangeiras , particularmente o Alemão , com avidez. Tem-se erigido escho-

las em muitas partes dos dominios Turcos , e em Joannina se-ensinão publicamente as sciencias philosophicas e mathematicas por Psalidas , que foi educado em Vienna.

Que objecto de mágoa para todo o homem sensivel tem sido por tantos seculos o estado da Hungria! Um paiz extenso , com o melhor clima e o melhor terreno possivel , regado em todas as direcções pelo Danubio , o Teis , e o Drave , com uma população de perto de seis milhões e meio de habitantes , affamados pelo seu valor , e não obstante submergidos no estado o mais deploravel de penuria e barbaria! Effeituando-se a introduccão do commercio pelo porto de Veneza , a Hungria ha de necessariamente experimentar em mui pouco tempo beneficos effeitos. Ella produz vinhos quasi iguaes aos nossos do Porto , e melhores em geral que os de França ; assimcomo excellentes lãs , que em nada cedem ás d'Hespanha.

A Austria , postoque estivesse consideravelmente atrazada , participou em fim do espirito geral do seculo. Os melhoramentos propostos pelo imperador José forão muito maiores , doque o povo estava preparado a esperar ; comtudo alguns de grande importancia se-efleituárão. Estabeleceo-se um systema admiravel de policia , e se-animou consideravelmente a communicacão com as outras nações , que lhe-tem introduzido o gosto pelos seus adiantamentos. Em fim o grande requisito para completar o progresso se-conseguiu : a Austria , como estivesse inteiramente circunvalada por nações incultas , não tinha commercio com aquellas de quem podesse aprender os modos de se-aperfeicoar ; pela acquisição do porto de Veneza tem entrado nos

domínios do imperador o commercio de todo o mundo.

A Russia, ainda que tenha affundado a importancia politica da Suecia e da Dinamarca, não tem comtudo inteiramente cortado o seu adiantamento. Na Suecia se-annunciou ha pouco um jornal litterario, primeira producção d'esta natureza que ahi se-tem feito, o qual será dirigido pelos membros mais instruidos da universidade de Abo.

A resistencia que a Alemanha oppoz á introducção do adiantamento tem sido uma infelicidade para a Europa, e a causa de ella mesma ter descahido, gradualmente por muitos seculos, em preponderancia e influencia entre as outras nações. Situada no coração da Europa, possuindo um territorio immenso, susceptivel de toda a especie d'agricultura por causa da variedade de seus climas e solos, favoravel ao commercio em razão de ter o Baltico pelo norte, e o Oceano Germanico pelo oeste, regada pelos maiores rios da Europa, e tendo uma grande população, a Alemanha parecia destinada a ser o berço do adiantamento: comtudo, apesar de toda esta força physica, a Alemanha tem sido uma massa inanimada no coração da Europa, sem influencia nas transacções geraes, e oppondo-se á circulação do adiantamento. O vagar com que a litterara se-adiantou na Alemanha é um caracter decisivo da situação em que estava. Os auctores, sem cultivarem a sua linguagem, escrevião em latim, e os seus escriptos erão pela maior parte glosas d'um volume enorme sobre os classicos antigos: o trabalho e o ranço de um auctor Alemão erão proverbias entre os litteratos dos outros paizes. Não pode porem haver mudança alguma mais completa, doque a da litteratura Alemã ha

poucos annos. Um grande numero de auctores se-tem appresentado em todos os assumptos, escrevendo na sua linguagem, que actualmente é moda aprender em toda a Europa, levando vantagem a todas as outras em assumptos de sciencia e de gosto. A imprensa é livre: a actividade de espirito, e a sêde de sabedoria passárão actualmente a ser o character distinctivo dos Alemães.

A Hespanha antes da guerra com a França ja dava accelerados passos para o adiantamento; mas é desde então propriamente que data o seu maior progresso. Depois de feita a paz, ella teve uma communicação com a França muito mais livre que d'antes tinha, aprendeo d'ella com maior perfeição a arte da guerra, methods mais adiantados para fazer aguasardentes, salitre, etc. Tem-se traduzido as melhores obras de todas as nações; a arte typographica está elevada a um grande auge de perfeição, e a de gravar estampas e cartas geographicas. As artes e as sciencias, especialmente as naturaes, fazem de dia em dia progressos não pequenos.

Portugal, apesar da sua posição topographica, e aindaque distante do centro mais vivo dos combates, comtudo, á maneira do ultimo da cadeia a quem chega o choque electrico, sentio bastantemente os effeitos da guerra geral, e só agora é que começa a restabelecer-se. A agricultura vai sentindo o influxo de um governo, que tanto tende a inspirar a felicidade; e não sómente se-tem promovido por meio de disposições sabias a cultura do interior, mas até a das colonias. Tem-se feito regulações mui boas, especialmente na policia, a qual sem duvida é uma das melhores

da Europa. Tem-se erigido novas fabricas de grande utilidade á nação. Com toda a brevidade se-espera que saia á luz um novo plano para o regulamento do exercito, em que estão occupados os mais habéis generaes e o ministro da repartição da guerra, que pela sua pericia tanto tem contribuido para o progresso d'aquella repartição. Creou-se ha pouco na villa de Abrantes uma Academia litteraria. Portugal promette em pouco tempo um melhoramento consideravel, pois possui um excellente clima e terreno; o povo é docil e curioso; e o governo, administrado por um principe que possui qualidades as mais transcendentés, não pode deixar de prosperar. A universidade de Coimbra conta muitos professores d'eminencia em todos os ramos scientificos: no ramo Botanica se-pode jactar de possuir um dos primeiros philosophos da Europa. A litteratura faz grandes progressos, especialmente acolhida por um dos principaes ministros, cujo exemplo e esforços são dignos do maior louvor. Por toda a parte se-divisa uma tendencia decidida ao adiantamento.

Estas noticias são agradaveis a todos os amigos da humanidade, pois que mostram o adiantamento dos nossos similhantes, e os interessantes effeitos que d'elle se-hão de seguir. Todos os paizes da Europa estão presentemente abertos á communicação de outros paizes; não existe um só que não tenha sido visitado por estrangeiros, e que ignore as regulações e costumes dos outros; cada nação observa o que se-passa nas demais; vê quaes são as maximas, que são olhadas com desprezo por serem absurdas, ou com approvação por serem convenientes; por conseguinte o polimento se-augmenta de dia em dia a par da curiosidade. Antes

do seculo passado apenas se-sabia que coisa erão jornaes; presentemente elles circulão com rapidez por toda a parte, communicando de nação em nação, á maneira de informações telegraphicas, o progresso das artes e das sciencias, os sentimentos apenas proferidos, as maneiras, e o estado actual das coisas; noticias sempre importantes á felicidade dos povos. Tomando em consideração estas vantagens, não ha nação alguma que os não acolha e anime, e que os não contemple como a columna central do governo, e os canaes da publica instrucção, moralidade, e polimento. (*)

FRAGMENTO LITTERARIO,

de Joaquim de Foios;

extrahido das memorias da Academia de Lisboa.

Assimcomo entre as duas especies de oração, por que o homem tanto excede aos outros animaes, se-cultivou primeiro o verso, assim de todas as sortes de poesia parece ter sido primeira a bucolica. Aindaque o genero humano não nasceo da terra e dos duros troncos das arvores, como imaginárão muitos poetas, e parece que chegarão a crer alguns philosophos; contudo depois do diluvio, espalhados os homens por toda

(*) Quanto pode a falta de liberdade d'imprensa! Neste mesmo anno (1804) em que se-annuncia aos Portuguezes os progressos do seu adiantamento, compra Portugal a sua neutralidade com a França por 15 milhões de francos, que não o-dispensou de ser occupado por tropas Francezas em 1807.

a face da terra, e perdidos pouco a pouco os conhecimentos que herdarão de seus maiores, e só conservação na sociedade, é summamente provavel que uma grande parte d'elles viesse successivamente a passar por estes tres generos de vida: selvagem, pastoral, e agricola. Os muitos povos que ainda hoje habitão, e se-achão na primeira ou segunda destas vidas, confirmão a verdade d'esta conjectura.

Mas o homem vivendo uma vida silvestre nos bosques, separado de toda a sociedade, e sustentando se unicamente da caça e dos fructos espontaneos da terra, nem se-acha em circumstancias de adiantar os seus conhecimentos, nem tem tempo para cultival-os, occupado e attento todo em buscar o necessario physico, que não pode achar sem muita difficuldade e trabalho. E aindaque aconteça, que por vezes lhe-abre algum espaço livre destas continuas fadigas, satisfeitos todos os seus naturaes desejos e appetites, cançado o corpo, e entorpecidos os membros, lhe-entorpecerão juntamente as faculdades da alma, desacostumadas a discorrer, e a exercitar-se em outros objectos, e se-entregará docemente ao somno. Não succederá assim aos pastores, que tendo gado que com seu leite lhes-subministre o sustento, e com suas pelles o vestido, passarão uma boa parte da sua vida quietos e descansados, sem mais outro cuidado que o de conduzir e defender os seus rebanhos e manadas. Obrigados de necessidades mutuas, e attrahidos do natural deleite que causa a companhia dos que tem as mesmas precisões que nós, e n'ellas nos-podem dar algum auxilio e recebê-lo, se-chegarão, quanto o-permittir a abundancia dos pastos, uns para os outros, communicarão entre si os seus

pensamentos e desejos, praticarão sobre as coisas que mais amão, e celebrarão a sua felicidade.

Uma vez juntos os homens e em ocio, contentes e sem cansaço, impossivel é que não inventem diversos jogos, e toda a sorte de desenfado e recreação, para evitar o tedio d'uma vida socegada e satisfeita. Entre estes divertimentos não devia ter ultimo lugar a Poesia. As faculdades do homem tem uma natural disposição para ella; ou a Poesia consista na imitação, como querem Platão e Aristoteles (aindaque clara e distinctamente nunca nos-dissessem o que esta imitação seja), ou em uma oração levantada sobre as expressões vulgares, invertida com figuras, e harmoniosamente modulada e compassada com o metro e com o rhythmo. Em qualquer destas coisas que façamos consistir a Poesia, ou em todas ellas, para todas recebeo o homem da natureza uma admiravel propensão.

As nossas sensações são, não sómente a origem e fundamento de todas as nossas ideias, mas, transformando-se em diversos modos, são todos os nossos juizos e raciocinios, as nossas artes, as nossas sciencias, e em uma palavra tudo quanto sabemos e conhecemos. Mas a imitação é uma sensação facil, e para que está disposta a conformação dos nossos orgãos e das nossas potencias, e por consequencia uma sensação que nós achamos por extremo grata e delectavel. Deste mesmo principio se-segue outro, o qual aqui geralmente pertence, e vem a ser, que é natural ao homem não só a oração e a harmonia, mastambem essa oração variada com tropos e figuras, isto é, com diversos modos d'expressir as coisas e os pensamentos, ja com a mesma harmonia, isto é, com o rhythmo, e ja com o metro.

Conhecer-se-ha claramente a dependencia que estes dois principios tem entre si, se considerarmos que a imitação, uma vez feita e praticada com a oração, traz necessariamente consigo todas aquellas variedades da mesma oração, que apontei acima. D'aqui vem affirmarem agudamente e com razão justissima os mais celebres philosophos, que quizerão descer a discussões d'este genero, que a Poesia era tão antiga como o genero humano. Certamente parece ter nascido logo com as primeiras sociedades que os homens formáram, e quando elles conservavão ainda muito, assim da rusticidade, como da singeleza e innocencia natural. Do que parece, ou claramente provado, ou deduzido com assás probabilidade, que a Poesia nasceo e se-inventou entre pastores.

Mas em que genero de Poesia s'exercitarião estes primeiros homens? Não será difficil conhecê-lo, se reflectirmos qual seria a materia que, segundo as circumstancias em que se-achavão, se-lhes-offerecia para os seus cantos. Aristoteles foi de parecer que, dos primeiros inventores os que tinham genio mais rasteiro cantavão as acções dos homens vis, em cujo vituperio compunhão obras ridiculas, assimcomo os outros se exercitavão em hymnos e encomios. Porem este erudito e intelligente philosopho não falla n'aquelle lugar da primeira origem da Poesia rigorosamente; mas sim do modo com que ella, depois de inventada, se-foi dividindo em diversas especies, porque suppõe tempos em que é já grande a desigualdade dos homens, o que não tem lugar nas primeiras e simplissimas sociedades dos pastores.

É pois summamente provavel, que estes homens

quizessem imitar aquellas coisas, que com mais frequência se-offerecião aos seus sentidos, que satisfazião as suas necessidades, e que constituião a bemaventurança da sua socegada vida e feliz estado; porque n'ellas empregavão toda a sua attenção e cuidado. Cantarião pois os seus rebanhos; os montes e os valles em que os-apascentavão; os rios e fontes a que os-levavão a beber; a alva e serena madrugada que os-chamava ao trabalho; a sésta que os convidava ao descanço: e os rafeiros que lhes-guardavão o gado. Cantarião, como era natural, as paixões e affectos da sua alma; porem não affectos violentos e desesperados, que não erão proprios d'aquella vida, mas doces e suaves, e que só lhes-causavão aquella inquietação e desassocego, a que se não podesse seguir fim algum funesto.

Como estes argumentos são todos proprios da Poesia bucolica, segue-se legitimamente que ella foi a primeira que no mundo inventarão os homens. etc,

FRAGMENTO HISTORICO,

d'Antonio Caetano do Amaral,

extrahido das Memorias da Academia de Lisboa.

Acabei a primeira Memoria, em que representava os Lusitanos no seu primitivo estado, reflectindo no grande trabalho e tempo, que os Romanos consumirão em os-sujeitar, e reduzir a uma das provincias do seu imperio. Com effeito não era mudança esta de scena; que custasse como no theatro um só correr de panno:

era passar um povo de livre a escravo ; era verem espirar a sua liberdade homens , que n'ella sempre viverão , e que por ella sempre arriscarão as vidas ; verem abolir costumes com que se-criarão , e leis de que elles mesmos forão auctores , e substituirem-se-lhes outras estranhas e mal ageitadas. Poisque se a mesma condição dos cidadãos de Roma era bem inferior em liberdade á dos Lusitanos antigos , muito mais o-era a dos provincianos , a cujo estado os-pretendião reduzir. Em Roma conservava sequer ao povo a politica republicana um poder , que servia como de padrasto ao orgulho da nobreza ; e a todas as ordens do estado uma imagem de liberdade , que sustentava o equilibrio do governo. Porem aos povos distantes do centro do imperio , e novos na sujeição , que necessitavão d'um freio apertado e sempre prompto , era forçoso abandonal-os á discricção de um governador ; bastando para os interesses da republica que este , passado o curto termo do seu governo , tivesse de vir dar contas ao supremo tribunal de Roma ; vindo por este modo a servir igualmente á grandeza romana a preeminencia dos cidadãos , e a dura sujeição dos povos das provincias.

Não se-accommodavão pois os bravos Lusitanos a se- ver tratados pelos Romanos altivos como homens de outra especie ; a ver sobre si um homem estranho , que na paz e na guerra lhes-regesse senhorilmente as acções ; que á força os-armasse para a guerra ; que no tempo d'ella houvesse despotico conhecimento de todas as suas duvidas ; tivesse como sechado na mão o soberano direito das suas vidas , e até com os seus subalternos repartisse este poder exorbitante ; que na paz lhes- desse as leis , por que devião viver ; que, co-

mo supremo arbitro das suas controversias, nomeasse o lugar aonde as-devião ir tratar, e ahi exercitasse uma jurisdição inteira, ou se-tratasse de demandas entre particulares, ou de acção que offendesse o publico; que os carregasse dos tributos, de que a orgulhosa Roma necessitava para manter a sua ambição; que finalmente tivesse uma intendencia absoluta sobre todas as partes da economia interior do estado.

Tal era o poder do presidente d'uma provincia, que os Lusitanos em alguns intervallos de fraqueza havião provado; mas apenas podião levantar a cabeça, logo sacudião o jugo. Porem em fim veio o tempo, em que o supremo dispensador dos imperios tinha determinado que o romano chegasse ao ponto da sua elevação: é preciso que tudo sirva aos fins da sua providencia. Começão na Lusitania a fraquear os animos, e a infastiar-se finalmente da guerra; começão a nascer em Roma novos accidentes, que parecendo de si só proprios para destruir o imperio, se-convertem agora em meios da sua maior extensão. As grandes forças, que as guerras civis fazem juntar, se-empregão nos intervallos d'estas em adquirir novos dominios; os grandes homens, a quem os proprios talentos n'esta civil desordem elevavão aos lugares, que d'antes só a authoridade publica conferia, se por uma parte trahião na ruina do systema republicano, augmentão por outra o senhorio que buscão para si. Eleva-se depois de outros o maior que Roma vio, e o mais proprio para avassallar homens; chega á Lusitania, e não se-fia aqui só das suas armas vencedoras; vê que estas não bastão contra os que tantas vezes tem como renascido das suas proprias cinzas, e é forçoso recorrer ao

ataque das honras e privilegios , que a sagacidade romana tinha como de reserva para quando falhavão as armas , nos foros digo de Colonia e Municipio , com que premeia as povoações menos rebeldes ao jugo ; foros que os-fazião quasi tocar o nome de cidadãos romanos , a que tinhão feito conceber no mundo tanta estimação. E estes foros , que se em Roma davão aos cidadãos algumas preeminencias sobre os outros membros do estado , para os povos de diversa constituição crão meros nomes , forão comtudo (que tal é o poder da opinião !) os que por vezes embriagárão os reis poderosos , até o ponto de trocarem por elles a sua independencia ; os que puzerão em armas a Italia inteira ; e os que agora acabão de vencer os Lusitanos , a quem nenhuma força pudéra sujeitar. E como dos direitos que estes foros envolvião se-compõe em grande parte o estado civil da Lusitania no decurso d'esta epocha, deveremos deter um pouco os olhos n'elles

N'este estado de sujeição civil debalde buscaríamos legislação propria dos Lusitanos , ou formada por elles mesmos , ou emanada de Roma. As obras publicas de alguns imperadores , estradas de prodigiosa despeza e trabalho , pontes e outros edificios , e as inscripções em que os subditos eternizão , ou o sea sincero reconhecimento , ou a sua adulação servil (monumentos mais da nossa sujeição , que da nossa legislação) , são quasi toda a materia do codigo lusitano n'esta apocha obscura. Da parte de Roma tambem rara é a disposição, que se-vê dirigida á Lusitania : não o-consente o estado do governo ; encerrados no gabinete do principe , desde que a republica se-soi trocando em monarchia , os despachos das provincias , tudo ficava secre-

to, e apenas transpirava o que a indiscrição ou allivez dos tyrannos não sabia esconder, ou o que os historiadores conjecturavão. E dentro nas mesmas provincias, em que se-podia dar fé do que ahi passava, lhes-negava a barbaridade escriptores, que entregassem essas memorias aos monumentos mais duraveis que o bronze.

O que não pode deixar de reflectir na fortuna dos Lusitanos é a boa ou má indole dos imperadores: com os liberaes e beneficos, como um Augusto, Vespasiano, Trajano, e Constantino são afortunados; dos outros são vexades, ou ao menos desconhecidos. O que tambem não pode deixar de se-distinguir é irem os Lusitanos pouco a pouco tornando-se Romanos; costumes, gosto, usos, genio, tudo se-vai amoldando aos dos conquistadores. Mas em que tempo se-lhes-appresenta este modelo? Que character pode resultar da mistura de guerreiros incultos com Romanos degenerados? Passão os Lusitanos, sem meio, de conquistar a servir; por força hão de tratar os subalternos, como tratavão os vencidos: as virtudes militares não lhes-servem para a paz; a bravura da guerra é na paz desabrimento, a constancia é dureza. Faltando-lhes a occupação das armas, que os-fazia ollhar para o commercio e para as artes como coisas vis, se-achão n'uma ociosidade damnosa, e n'uma desagradavel grosseria; e ainda as pessoas dadas á cultura das terras, opprimidas cada vez mais com os tributos, que o imperio augmenta á proporção do seu enfraquecimento e do seu luxo, abandonão essas terras muitas vezes. Os vencedores, a cujos costumes tem que ageitar os seus, ja tem perdido o seu antigo vigor e polidez; são

molles sem doçura , grosseiros sem sinceridade ; ja não são os honrados Romanos , que fazião da gloria da patria o seu maior interesse ; são uns servos fracos , a quem a dependencia inteira de um só homem tem convertido em baixos adúladores, etc,

DEDICATORIA

dos editores do Diccionario de Antonio de Moraes Silva.

Sendo a riqueza das linguas com justa razão considerada como uma balança fiel , em que se-pode pezar ouro e fio o progresso da civilisação das nações , grande argumento de gloria d'ahi resulta á gente Portugueza , cuja lingua em todos os conhecimentos humanos não só chegou a ter seu proprio o cabedal preciso , mas ainda repartia com as outras nações , que nas quatro partes do mundo conhecido d'ella tomárão muitos termos , principalmente em Geographia , Historia , Commercio , e Navegação. A fatalidade dos tempos , sem diminuir a riqueza da lingua , empobreceo seus naturaes ; e um tão rico e formoso idioma veio a ser reputado defeituoso , assim que começava a propagar-se entre os Portuguezes a funesta liberdade de introduzir termos estranhos , que só fazia necessarios a ignorancia dos propios. Contra esta novidade perniciososa se-levantárão de pouco tempo a esta parte aquelles bons engenhos , que não tinhão ainda perdido o aço natural , que tão beu sabe temperar o feliz clima dos vastos estados, que V. Alteza tem um dia de fazer bem-aventurados com seu justo e suavissimo imperio ; e

havendo que a lingua materna tinha da pobreza, de que era affrontada, mais infamia que culpa, animados d'um nobre ardor e zelo, entrárão no generoso empenho de a-restituir á posse de sua antiga abundancia, esplendor, e belleza. Mas o que nos dourados e gloriosos dias da litteratura portugueza era negocio facil, e que se-podia conseguir pelo simples trato o commercio dos sabios da nação, agora vinha a ser empreza laboriosa e ardua, e que só se-podia vencer por meio d'um estudo aturado, e muitas vezes tedioso. Accrescentava a esta difficuldade a damnosa carestia dos bons escriptos portuguezes, muitos dos quaes se não tinham publicado por meio da imprensa, e apenas havia noticia d'existirem em livrarias particulares; e dos outros, que chegarão a imprimir-se, erão tão raros os exemplares, que só depois de muitas diligencias se-podião haver tarde, e por tal preço, que era preciso a um Portuguez ser rico, para aprender com perfeição a lingua materna na sua patria. A este tão grave inconveniente se-tem em grande parte occorrido por novas edições, que se-tem dado dos escriptores classicos, principalmente depois que o Senhor Rei D. José de saudosa memoria, Vosso Augusto Avô, fundou para este fim a Regia Officina Typographica, um dos illustres monumentos do paternal desvelo, e propensão natural d'aquelle Magnanimo Coração, para em tudo promover a gloria, a reputação, e o bem commum dos seus povos. Restava porem ainda a maior das difficuldades a vencer, pela falta que havia d'um bom dictionario, que não só abrangesse, quanto ser pode, todos os vocabulos portuguezes, mas os-expliasse, expondo a energia e propriedade de cada um,

e o uso que d'elle fizerão os escriptores classicos , segundo o genio e idiotismo da lingua. Este impedimento pois julgamos vai agora a ser removido com a publicação do novo Diccionario da Lingua Portugueza, que pretendemos dar á luz , o qual por ser extrahido de quantos atégora tem apparecido , e concertado por sujeito , em quem concorrião as partes de bom entendimento , discrição , zelo , e constancia , precisas para tão difficil e trabalhosa empreza , tem sido reputado no juizo das pessoas mais entendidas , senão absolutamente perfeito , ao menos o melhor de quantos ha , e todavia bastante para encher o importantissimo fim, a que se-dirige. O qual como seja de publica utilidade, gloria , e reputação portugueza , que tanto merecem a benefica Attenção e Desvelo de V. Alteza , confiamos da Real Magnanimidade de V. Alteza , Se-dignará tomal-o debaixo da sua Augusta Protecção , permittindonos a honra , que humildemente supplicamos , de consentir que o-consagremos a seu Augusto e Respeitavel Nome. Da nossa empreza receberemos o maior galardão , se ella de alguma forma concorrer , paraque os estudiosos da nação restaurem , e acabem de polir o aperfeiçoar a linguagem , em que se-tem de celebrar , escrever , cantar , e transmittir á posteridade mais remota os heroicos Feitos , e gloriosas Accções de V. Alteza , em um estylo puro , nobre , e digno de suas muitas e mui Reaes Virtudes. Deos nosso Senhor conserve a Preciosa Vida de V. Alteza por muitos e mui felizes annos, para ser um dia o Bemfeitor , e o Pai da-Patria , como hoje é a sua unica Esperança , o seu Amor , e as suas Delicias.

PROLOGO DO COMPENDIO DE RHETORICA PORTUGUEZA

d'Antonio Teixeira de Magalhães.

Todo o mundo conhece a utilidade e dignidade da Eloquencia: aquelle que a-possue, excede tanto ao resto dos seus semelhantes, quanto o homem é acima dos brutos. Com o seu auxilio se-vence tudo: ella atrahê e leva sempre apôs de si os animos dos homens os mais rebeldes, e os mais obstinados: os povos barbaros e agrestes, vencidos pelas armas da bem ordenada razão, se-mettêrão debaixo do seu jugo, e vierão a fazer entre si e as outras nações civilisadas uma liga admiravel. A muitas pessoas, e mesmo a uma republica inteira tem ella restituído a conservação e a vida: ella nos-conduz para a integridade dos costumes, de que tanto pende a boa ordem e perfeição da vida civil; em uma palavra é tão grande a força da Eloquencia, que não produz senão effeitos espantosos e felizes para os homens. Cicero, advogando a causa de Ligario, se-empenhava em obter de Cesar a graça d'este homem; mas Cesar não o-querendo ouvir, se-resolveo comtudo, apesar de varias supplicas, e levando na mão a sentença da proscricção, disse: *Ouçamos a Cicero: o meu partido está tomado; elle não o-será nem mais nem menos.* Cicero fallou, e triumphou d'esta resolução: elle não negou o crime, nem justificou o culpado; porem soube-se aproveitar tão bem da propensão que Cesar tinha á clemencia, que ao dictador enternecido fez cahir o papel da mão, exclamando: *Tu o-levas, Cicero; Cesar não te-pode resistir!*

O ferro e o fogo em uma armada não fez tantas conquistas, quantas a Eloquencia em uma assembléa de homens prudentes. Pericles em Athenas não era menos obedecido e respeitado por meio da sua Eloquencia, quanto o-era Pisistrato pelas suas armas. Não lêmos nós em as historias, que Cesar e Alexandre, estes grandes heroes, animavão para a peleja os seus soldados com os seus discursos, e que por este meio é que conseguirão tantas victorias? Muitos são os exemplos que pudéra allegar, assim de livros sagrados como profanos, para com elles fazer ver o grande dominio que a Eloquencia tem sobre o coração dos homens; mas eu me-abstenho de os-referir, porque imagino que todos estarão capacitados desta grande verdade.

FRAGMENTO D'UM SERMÃO FUNEBRE

do Prior José Botelho.

A morte do homem virtuoso, qualquer que elle seja, é uma grande perda para a humanidade. Aindaque a sua vida fosse particular, e que influisse pouco sobre os outros, é sem contradição, que as almas d'este genero reconcilião, e attrahem os olhos de Deos sobre a terra, ornão o universo, e são a dignidade e formosura da natureza humana.

Mas se este virtuoso era tambem principe; se as suas qualidades annunciavão e promettião a felicidade de milhares de homens; se estava destinado para fazer algum dia a gloria, e as delicias da sua nação; se no meio de tantas, e tão bem fundadas esperanças morre-

impensadamente na flor da sua idade, qual será a dor, e consternação universal? Nós o-sabemos, Senhores, por uma triste experiencia; os nossos corações o-sentirão, os nossos suspiros o-publicarão, as nossas lagrimas o-testemunhárão n'aquelle infausto dia da nossa mágoa, e da nossa desolação; e esta pompa funebre, ultimo desafogo da nossa fidelidade, e da nossa gratidão, vem renovar agora a fatal lembrança do muito que perdemos, e rasga cruelmente as feridas mal curadas da nossa afflicção.

Que scena tão opposta! Quem não vê aqui a contradição, a incerteza, o nada miseravel das coisas humanas! Poucos dias antes o nome do Principe era em toda a parte um signal de jubilo, de alvoroço universal; então o-ficou sendo de luto, e de tristeza: quem o-pronuncia, sente afogar-se em pranto; os nossos olhos o-buscão, os nossos corações o-seguem; mas elle não existe; escapa ao nosso zelo, e ás nossas diligencias; e o Senhor, que se-agradava da sua alma, apressa-se a tiral-a do centro desgraçado dos perigos e da corrupção. A sua vida foi breve, se queremos medil a pelo numero dos annos; mas se a calcularmos pela riqueza das suas ideias, pela vastidão dos seus projectos, pela multiplicidade das suas virtudes e das suas applicações, pelo rico thesouro de reflexões e de verdades, que se-destinavão para ser o preço da felicidade publica, acharemos então que os seus dias forão cheios; que a sua mocidade é tão veneravel e immaculada, como a velhice mais respeitavel; que o resumido circulo da sua pouca vida equivale e excede seculos de duração, e que o elogio competente da sua rara, e virtuosa carreira se-inclue exactamente nas palavras do sabio,

que tomei por thema: *Consumatus in brevi, explevit tempora multa.*

Ah! se bem soubesseis os seus pensamentos! Se vos-fossem patentes as puras intenções d'este bello espirito sempre occupado de vós! reputando em nada as vantagens do nascimento, se não as-dirigisse á vossa prosperidade! parecendo-lhe as vigílias, e todos os desvelos do estado e da educação pequenos sacrificios, quando os-comparava á utilidade publica! Se aquelle gesto amavel e insinuante, que attrahia a todos, mostrasse plenamente quanto se passava no coração sem dolo, onde se-nutrião os votos mais sinceros pelo bem do estado; que nunca separava as regalias dos encargos, e olhava para o throno como lei indispensavel de ser o Pai commum de uma familia innumeravel; poder ser que occupados por toda a importancia d'esta perda irreparavel, se-dobrasse o vosso pranto, e que os vossos soluços, mais expressivos doque as minhas vozes, fossem o elogio d'este digno principe. Mas que digo eu! que illusão é a minha! que podem importar a uma cinza insensivel lagrimas sem fructo, suspiros indiscretos, e declamações inuteis? Estas coisas (diz Santo Agostinho) não dão allivio aos mortos, e são uma bem fraca consolação dos vivos. Deixemos pois aos impios, e aos infieis este genero de mágoas sem limites, e que não são moderadas pela Religião; nós entretanto, a quem a graça do Senhor enche d'esperanças, quando nos-revela a recompensa do Justo, lemos constantemente nas Santas Escripturas, que ha tempo de chorar, e medida para de lagrimas; que assimcomo o sol não deve jamais pôr-se sobre a nossa colera, tambem não deve por-se mais de sete vezes sobre a

nossa afflicção; e a mesma charidade, que nos-inclina a sentir a morte dos Fieis, nos-faz esperar a sua resurreição, e nos-convida a comprazer na sua felicidade.

Não trato pois, Senhores, d'exaggerar a nossa perda, ou deplorar o nada, e a miseria humana; louvarei sómente nas virtudes do meu Heroe a grandeza, e a Misericordia do Senhor; no elogio, que vou consagrar em nome da Patria á memoria immortal do Serenissimo Senhor D. José, Principe do Brasil, convidar-vos-hei por fim a empregar utilmente os vossos dias; assim-come elle, vivendo poucos annos, soube encher de virtudes a gloriosa carreira da sua duração: *Consumatus in brevi, explevit tempora multa.*

Não é o mesmo viver muito, que encher a carreira de uma larga vida. Viver ou durar muito, é ver acabar e principiar dias, variar as estações, ser mudo espectador das revoluções e alternativas dos successos, assistente insipido de uma larga e fastidiosa scena, em que se-repetem os mesmos actos; e depois de mover, e renovar muitas vezes sobre um mesmo terreno passos inconsequentes, não restando signaes de ter existido muito, mais que um semblante coberto de rugas; achar-se levado pelas torrentes dos erros e paixões communs ao seio da sepultura. Por este modo uma parte dos homens sahem da vida, como entrárão n'ella, sem merecimento, sem virtude, e sem gloria; e depois de muitos annos que tem durado inutilmente, envelhecem, e morrem, como se não tiverão vivido, segundo diz o sabio: *Perierunt quasi si non fuerint.*

Pelo contrario enche-se a carreira de uma larga vida, quando todos os dias se-adiantão passos na sabedoria e na virtude; quando o homem caminha

ao lado da Providencia, e concorre com ella para a grande obra do complemento de si mesmo; quando não se-enterrão os talentos naturaes, e se-faz bom uso d'aquellas circumstancias, em que o Ceo nos poz; quando não se-computão no calculo dos tempos dias perdidos, annos enredados na ociosidade e na inacção; quando finalmente não se-mede a vida pelas oscilações da pendula, mas sómente por ideias e factos proveitosos, que respondem fielmente ás obrigações do nosso estado.

Julguemos pois, Senhores, sobre estes principios innegaveis, se o Principe, que perdemos, encheo em breves annos a carreira preciosa de uma larga vida. O seu nascimento em vint'e um de Agosto de mil setecentos setenta e um pareceo visivelmente um beneficio do Ceo. Dia então feliz! dia consagrado ao publico alvoroço! Poderei recordar-te sobre a sua supultura? Poderei misturar as tuas alegrias com as nossas lagrimas? e terei valor para collocar-te agora nos braços da morte, que destroe os teus prazeres, e corta sem piedade as tuas esperanças? Cala-te, dor cruel! humilha-te por uma vez ás leis incomprehensíveis da justa Providencia!

Sempre o nascimento de um successor do throno é um grande successo na ordem do universo. É o que decide, se uma nação inteira será por muitos annos feliz ou desgraçada; e enquanto o povo inteiro só pensa no presente, e cobre de bençãos e acções de graças o berço do recém-nascido, o cidadão prudente e bem intencionado levanta as mãos ao Ceo, e supplica humildemente ao Soberano Author, que aquelle menino seja justo. Não tardarão provas de

que o Senhor ouvia tão discretos votos, e no meio dos brincos e illusões da infancia conheceo-se brevemente que o espirito do Principe era penetrador, que a sua memoria era prompta e fiel, e que o seu coração cheio de bondade era o primeiro movel das suas propensões.

A primeira infancia é geralmente exposta a erros e seduccões. A debilidade dos sentidos, a incerteza das ideias, a inconstancia da vontade, sempre vacillante, sempre agitada, como baixel sem leme entre as tempestades das paixões nascentes, ameação continuamente risco e naufragios. Esta condição lastimosa da natureza corrompida verifica-se mais completamente no meio dos prestigios e illusões, que cercão os thronos. Aindaque um Principe tenha nascido com as mais felizes propensões; aindaque a Providencia o-tenha enriquecido com um bello natural, e que entrando no mundo traga essencialmente nas relações e vinculos primitivos de temperamento, e de razão sementes abundantes de candura e de bondade, basta saber que é principe, para entrar em luta com a mais arriscada de todas as tentações. De que sorte poderá sentir a sua fraqueza, se as vozes da lisonja não lhe-deixão perceber senão ideias exaggeradas de poder e de grandeza? Como suspeitará que é por natureza igual aos outros homens, no meio dos respeitos e submissões capciosas dos cortezaos que o-cercão? E como formará por si mesmo a mais leve reflexão de necessidade ou dependencia, na profusão e pompa da educação real? É-lhe necessario para isto, mais que aos outros homens, inseparavel do seu lado um sabio que o-inspire, um philosopho

de costumes que o-desabuse, e um fiel amigo que o-desengane. Todas estas qualidades se-verificavão exactamente no digno Mentor do nosso amavel Principe. etc.

EXEMPLO DO GENIO COMMERCIAL NO SECULO XII.

O commercio não era em outro tempo, como hoje, guiado pelo calculo das probabilidades, que os preços correntes estabelecem; as suas operações não erão favorecidas pelas relações continuas, que unem os diferentes portos do mundo habitado; nem os seguros, as letras de cambio, e o credito, que, estreitando o dominio do acaso, concedem ao Negociante uma vida socegada, existião ainda ha seis seculos. Mas uma audacia nas empresas maritimas, que na época presente custa a conceber, caracterisava os armadores dessa era. Sem repararem no erro de confiar tudo á sorte, não duvidavão arriscar por uma vez quanto possuião á mercê das ondas, e á discrição de um feitor. Então é que a fortuna se-comprazia em accumular riquezas sobre riquezas nas mãos de poucos favorecidos, emquanto, por um movimento inverso de sua inconstante roda, os não precipitava do seio da opulencia na mais profunda miseria.

De todos os armadores da Rochella, que no seculo XII se elevárão do nada á posse de grandes riquezas, nenhum fez tão rápida e brilhante fortuna como Aufredi, que enchia o porto com seus navios, e com seu luxo eclipsava os reis. A sua prodigalidade era o objecto continuo das conver-

sações. Todas as noites novos banquetes, festas magnificas reúnem no seu palacio todos os grandes da cidade. Elle remediava todas as necessidades; a sua bolsa estava sempre aberta para os amigos; em uma palavra, podia chamar-se rei da Rochella. O povo saudava-o com gritos de alegria; e, ainda que os outros armadores lhe-tivessem secretamente inveja, como elle dava larga parte do que possuia, todos quantos o-rodeavão se-desfazião em lisonjas para lhe-agradar.

Dez navios, pertencentes a este feliz Negociante, sahirão com bom vento um dia do porto da Rochella, carregados com a maior parte da sua riqueza, para ir a longes terras trocar os seus productos, e recolher novos thesouros, para augmentar o esplendor de seu dono. Esta sahida foi precedida por um magnifico espectáculo. O povo em habitos domingueiros enchia a praia, e um sem-numero de barcas, adornadas com flamulas e galhardetes, circulavão em tôrno dos navios. Em uma dellas estava Aufredi com seus amigos, recebendo por onde passava os applausos da multidão.

Logo que o vento inchou as velas aos dez navios, equipados por um simples particular, um grande grito retinio longo tempo na praia, elevando ao Ceo os votos e preces de uma população inteira a favor do bom exito daquella expedição. Aufredi offereceo á noite uma festa magnifica ao Commercio da cidade, banqueteu os marinheiros do porto, e mandou distribuir ao povo, que se-ajuntou ás portas do seu palacio, muito dinheiro de prata e ouro.

Cheio de esperanza na sua boa estrella, continuou

Aufredi a gastar sem medida, apesar de haver embarcado quasi tudo, quanto possuia, nos dez navios, cujo destino ignorava ainda um anno depois que sahirão da Rochella. Mais seis mezes se-passárão, sem ter noticia delles. Entrou então a inveja a espalhar os rumores de sinistros terriveis, que havião destruido muitas embarcações; e, passado pouco tempo, affirmou-se positivamente, que os dez navios de Aufredi tinhão perecido todos, e que este armador estava arruinado sem recurso. Já a ausencia dos amigos, presagio fatal da pobreza, fazia acreditar aquelles boatos; mas Aufredi, longe de pôr termo ás suas prodigalidades, fez construir um novo palacio, chamou poetas e artistas para diversificar os prazeres, e deo festas mais brilhantes doque nunca.

Havia dois annos que elle não tinha noticia das suas embarcações; e como o credito lhe-ia faltando, vio-se necessitado a vender uma e uma todas as propriedades, que possuia, para satisfazer os credores. Éscusado é dizer, que nenhuma das pessoas que tomavão o nome de amigos durante a prosperidade, nem mesmo aquellas a quem os seus beneficios tinhão tirado da miseria, derão um passo, para o soccorro na adversidade; os grandes, que fingião estimal-o, quando a fortuna lhe-sorria, affectárão que o não conhecião, ou o-tratárão com desprezo, logo que ella lhe-virou as costas. O dinheiro que tinha com larga mão emprestado era-lhe pago em injurias, e algum que recebeo na propria especie, não chegava a um por cento do capital emprestado. Só o povo o não abandonou: e o respeito da multidão compensava os desprezos da opulencia. Quando elle

chegava á praia, triste e solitario, os marujos lhe tiravão o chapéo, sem ousar exprimir com algum gesto o mais leve signal de compaixão: prova de que a verdadeira sensibilidade se-acha muitas vezes onde menos se-espera encontrar.

Aufredi tinha pago a maior parte das suas dividas com o producto dos bens moveis e de raiz, mas não lhe-ficou uma choupana sequer em que abrigar-se, nem meio algum de subsistencia. Para fugir a tão extraordinaria desgraça, almas fortes, mas vulgares, recorrerião ao suicidio: Aufredi porém, cujos sentimentos erão superiores aos rezes da sorte, assimcomo ás suggestões das riquezas, soube conservar a sua intacta de todos os excessos, e pôde encarar sem desesperação a miseria.

Um novo trabalhador, vigoroso e forte, appareceo repentinamente no porto da Rochella, offerecendo-se a todo o genero de serviço, procurando até os mais pesados. Nenhum dos outros se-lhe podia comparar em actividade e presteza: elle ajudava a doscarregar os navios, servia de guia aos estrangeiros, carregava ás costas as mallas dos passageiros e os fardos do commercio. Era Aufredi, que, no meio destas occupações mercenarias, sabia conservar, debaixo do vestido grosseiro de um mariola, o aspecto altivo e sereno do cidadão, que avalia o trabalho segundo a utilidade, e não pelas prevenções da educação; elle curvava as costas ao pêso dos fardos, mas a sua alma elevada nunca se-abatia. Um sujeito, que em outro tempo se-honrava muito com o titulo de seu amigo, teve a vileza de empregar Aufredi no transporte de alguns objectos; sem recu-

zar carga tão odiosa, sómente lhe-disse: *Menos me-pesa o que levo ás costas, do que os beneficios no co-ração dos ingratos.*

A' força de trabalho e privações conseguiu este homem de bem pagar todas as suas dividas até o ultimo real; e confessou depois, que o melhor dia da sua vida fôra aquelle, em que satisfez o derradeiro credor.

Pouco e pouco habituado a um emprego tão alheio do seu estado anterior, o tempo lhe-foi mostrando, que as fadigas do corpo domão as inquietações do espirito, e que as desgraças elevão as almas fortes, assimcomo abatem os homens pusillanimes. As suas idéas, de superficiaes que erão enquanto a fortuna o-favoreceo, tornárão-se graves e mesmo austeras, porque o trabalho e a penuria lhe-ensinárão o preço da virtude e resignação, e o dos verdadeiros thesouros que o Ceo concedeo aos homens.

As sympathias, que a desventura lhe-atrahia, merecião toda a sua gratidão; aquellas, que lhe-tinhão roubado, não valião a mais leve saudade. Desconhecido pelos ricos, despresado pelos falsos amigos, o povo só lhe-dava provas de respeito, e o-roteava de caricias, ainda mais do que no tempo da sua prosperidade: o lugar, que havia perdido entre os seus iguaes, era compensado pelo amor dos que, em outras circumstancias, se-julgavão seus inferiores.

Os trabalhadores e marinheiros do porto, que crão a sua familia de predilecção, nunca pudérão saber se elle formava alguma queixa contra o destino, porque o seu rosto, aindaque um pouco severo, não exprimia signal algum de tristeza. A experiencia, que

tinha adquirido, afugentava de seus labios o sorriso, mas não lhe-enrugava a fronte; porque a pobreza não pudéra roubar-lhe o mais doce privilegio da opulencia: as miserias que havia alliviado com a sua generosidade, quando era rico, agora as-moderava com seus conselhos e exemplos. Com o fructo de seus suores ajudava aos que menos podião e aos mais indigentes doque elle. Ha magoas que o ouro dos ricos não allivia, e que o real do pobre consola: ha lagrimas que as dadivas não enxugão, e que uma palavra de amizade suspende. Desta sorte é que Aufredi fazia realmente mais bem, reduzido á penuria, doque no tempo em que nadava na abundancia.

Nos dias de festa, rodeado de seus companheiros no porto ou na praia, tratava por suas praticas de ensinar-lhes a verdadeira sciencia da vida. — « Meus amigos, lhes-dizia elle, talvez que muitos de vós invejassem a minha sorte, quando eu era rico; mas os ricos e poderosos é que devem agora invejar-me. Homens felizes, sabeí, que entre vós é que encontrei o socego e a paz, entre vós é que aprendi a viver. A verdadeira dignidade, a verdadeira riqueza existe em nós mesmos, em nossos braços, e na boa vontade. Enquanto o Ceo nos-concede saude, nunca nos-faltão meios de subsistencia. Eu ja fui rico, e posso affiançar-vos, que os mais exquisitos manjares erão insipidos, comparados com o pão, que hoje ganho á força de trabalho; o somno fugia de meus olhos, quando me-deitava em sôfa cama; agora durmo até pela manhã em cima da minha palha mal mechida. No meio da nossa pobreza, abençoemos o Ceo, que nos-dá,

• em troca do trabalho, a paz, a saúde, e o des-
 • canço d'espírito, de que bem poucos ricos sabem,
 • ou podem gozar. »

Havia já um anno que Aufredi vivia desta sorte, sem desmentir um só instante o seu character; mas o Céo lhe-reservava uma occasião, mais opportuna ainda doque a pobreza, para experimentar a sua constancia.

Elle voltava um dia de uma das extremidades da cidade, onde tinha levado um fardo, quando ouviu grande vozeria na praia; e aproximando-se, para indagar a causa, apenas foi conhecido, mil vozes o-saudárão, e mil braços se-disputárão a gloria de o-levar em triumpho. Cinco embarcações carregadas de thesouros acabavão de ancorar no porto da Rochella, e todas tinhão na prôa escripto em letras de ouro o nome de Aufredi. Os rostos de quantos o-rodeavão exprimião a mais viva satisfação, os olhos de muitos se-humedecião com lagrimas de alegria; só no semblante de Aufredi não apparecia mudança. Tres dias depois chegarão outras cinco embarcações, igualmente carregadas com os productos mais ricos e preciosos. Os ventos contrarios, e varias circumstancias imprevistas, retardárão a volta daquella frota, occasionando a desgraça de seu dono.

Mas, em que parou o desprezo das riquezas, que Aufredi prégou aos trabalhadores do porto um anno inteiro? Ninguem pôde saber o que se-passava no seu coração, nem pelas acções, nem pelo semblante, que desde a época da sua decadencia nunca mais exprimio tristeza ou alegria.

Elle passou immediatamente a comprar um de seus

antigos palacios, e a mobilia-o com os mais ricos trastes, que foi possível naquelle tempo alcançar. O luxo e a elegancia cercavão com profusão o philosofo, que, ha poucos dias, se-mostrava tão apaixonado pela mediania.

Emquanto se-preparava o palacio, ninguem vio Aufredi; porem apenas esteve prompto, mandou convidar toda a nobreza, para assistir a uma festa, com que ia celebrar a mudança feliz do seu estado. Os convites forão acompanhados de grandiosos presentes, e feitos por criados tão ricamente vestidos, que poderiam competir com os pagens de um grande monarcha.

Como era de esperar, os convites, e principalmente os presentes, forão recebidos com enthusiasmo, e ja por toda a cidade se-fallava da munificencia do armador Aufredi, ao mesmo tempo que se-elogiava o heroismo, com que resistira aos golpes da adversidade: os poetas ião temperando as lyras, para celebrar suas virtudes, enquanto os amigos da felicidade refrescavão a memoria, que um revez da fortuna lhes-fizera perder.

O palacio retinia com os concertos de instrumentos no dia marcado para a festa de Aufredi, que tinha toda a cidade alvoroçada. Ao anoitecer, tudo quanto havia de nobre e rico, se-accumulava nas grandes salas adornadas de flores, e resplandecentes de ouro e luzes.

Todo o mundo gabava o bom gosto do hospede, e se-extasiava acerca do merecimento de cada objecto: o Ceo tinha emfim contentado os votos dos amigos de Aufredi! Todos o procuravão, todos querião abraçal-o; porem elle não apparecia.

Uma esplendida mesa, coberta de iguarias deliciosas, as tribunas cheias de cantores e instrumentistas, que executavão harmoniosas composições, convidavão os circunstantes a entregar-se ás doces sensações da alegria, na esperança de outros prazeres, que virião na companhia de quem dava o festejo. Mas certo rumor confuso de indignação interrompeo tantas illusões amaveis. Marinheiros, mariolas do porto com suas familias, invadirem o palacio de Aufredi, e misturar-se com a aristocracia da cidade !... E os pagens inclinando-se ante ellas, e gritando: *Dêm lugar ao povo da Rochella !*

Muitos gritos reclamavão a presença do dono da casa, para castigar tão enorme desacato: eis que uma porta se-abre, apparece Aufredi em habitos de mariola, e abrindo caminho por entre os nobres convidados, sem dar attenção aos cumprimentos de uns, e ás queixas de outros, foi direito á gente do povo, a quem exprimio por varios modos a satisfação, que sentia de os-ver. Alguns daquelles homens, esquecendo-se que ha pouco o-tiverão por companheiro nos trabalhos, recusavão respeitosa-mente dar-lhe as mãos calejadas: mas elle os-abraçava, dizendo: *Já me não conheceis? Já não sou o vosso companheiro? Não vedes que o sol me-testou o rosto, que o peso dos fardos me-fez curvar as costas, e que o trabalho, da mesma sorte que a vós, me-tem calejado as mãos? Eu vos-devo o desprezo em que hoje tenho as riquezas; entre vós é que aprendi a procurar pelo trabalho os verdadeiros thesouros da vida. Continuai pois a querer-me bem, para que não tenha de queixar-me da opulencia, que me-roubou os amigos da mesma sorte que a adversidade.*

Dez criados, conduzindo cada um duas bolsas cheias de ouro, vinhão seguindo Aufredi: era o dote de dez rapazes e outras tantas raparigas, a cujos pais mandou que se-entregassem.

Depois seguiu-se o baile, que Aufredi principiou com a filha do trabalhador mais activo e mais honrado, e em que só o povo tomou parte.

« Meus senhores (disse finalmente Aufredi á nobreza, que estupefacta pela novidade do caso, não se-resolvia a sahir, nem sabia como devia interpretar o procedimento extraordinario do hospede) « meus senhores, eu não sei que merecimento, de mim proprio « ignorado, me-attrahio a honra tão grande da vossa presença, nesta casa! Houve certamente algum « engano; porque um trabalhador como eu, pobre « e desvalido, não pode ser conhecido por pessoas de « tão elevada jerarquia! No entanto, nunca nos-ha « de esquecer a gloria, que nos-resulta, da vossa assistência aos nossos divertimentos. »

Então a illustre assembléa conheceo finalmente, que Aufredi não representava uma farça, para lhedar gosto; comprehendeo o sentido de tudo quanto até alli tinha dito e ouvido, e foi-se retirando pouco a pouco, enquanto o dono da casa conduzia os seus verdadeiros convidados á sala do festim; aos quaes, depois do banquete, dirigio estas palavras: « Com-panheiros, o Ceo me-restituiu os bens, que eu « julgava perdidos; porem eu os-acceito, para os-repartir com os pobres. Eu não continuarei a trabalhar no porto, para não disputar áquelles que « são mais indigentes doque eu um salario, que me-ó « já agora inutil; mas nem por isso deixarei de ser

« vosso irmão em espirito e vontade. As minhas riquezas pertencem a todos os que trabalham e sofrem, aos homens animosos e honrados. »

Pelas duas horas da manhã Aufredi sahio na companhia dos convidados, e foi dormir na humilde habitação, em que se-abrigava no tempo da sua miseria. No dia seguinte os que passarão virão com admiração estas palavras escriptas no frontispicio do seu palacio: *Hospital de Aufredi*, onde este homem extraordinario reservou um lugar, para se recolher, quando fosse velho, e alli terminou effectivamente os seus dias, tendo vivido pobre e feliz.

O povo da Rochella, esquecido da gloria e heroismo de seus antepassados, ainda hoje conta esta historia. — JULES SANDEAU. (*Extrahido do jornal o Despertador de 4 de Maio de 1838.*)

FREDERICO II, E FREDERICO III DE PRUSSIA.

Quando Frederico 2.º de Prussia quiz edificar o palacio de *Sans-souci* junto a Postdam, achou que um moínho de vento, situado naquella collina, estorvava a execução do seu plano, e mandou por um dos seus pagens perguntar ao moleiro, quanto queria por elle. Respondeo este, que a sua familia possuia desde tempo immemorial aquelle moínho, onde elle mesmo tinha sido criado, e que não queria de modo algum vendel-o. El-Rei encarregou depois varias outras pessoas de solicitar a venda do mesmo moínho, offerecendo ao dono de lhe-mandar construir outro em melhor local, e de lhe-dar além disso a somma, que

elle exigisse; mas o pertinaz moleiro persistio na determinação de se não desfazer da herança de seus antepassados. Irritado Frederico de uma resistencia tão pouco cortez, mandou chamar o moleiro, e lhe disse muito enfadado: — « Porque não queres tu vender o moínho, apesar do offerecimento tão liberal, que te mandei propor? » O moleiro respondeo, tornando a expender as suas razões. — « Não sabes, (acrescentou o Rei com impaciencia) que posso tirar-l'ò, sem te-dar nem um real? » — « Sim, Senhor, (retorquiu o moleiro;) mas isso seria bom, se não houvesse o Tribunal de Justiça de Berlin. » Frederico reflectio um momento, despedio o moleiro sem lhe-fallar mais no assumpto, mudou o plano dos seus jardins como agora (*) se-achão, e o moínho ficou no mesmo lugar.

Aindaque o precedente facto é assás conhecido, referimol-o aqui como introdução ao seguinte.

Haverá seis annos que o dono daquelle moínho, bisneto do que recusou vendel-o a Frederico o Grande, se achava tão exausto de meios, que resolveo vender a propriedade hereditaria, que, por muitas gerações, tinha sido o patrimonio de sua familia; e pensando que o Rei actual a-compraria, escreveu a S. M. recordando lhe o occorrido entre Frederico 2.º e seu bisavó: expondo, que o apuro em que se achava, em consequencia de algumas perdas imprevistas, o-obrigavão a vender o moínho; julgando ao mesmo tempo do seu dever offerecel-o a S. M. primeiro que a outra qualquer pessoa, no caso que desejasse fa-

(*) Julho de 1837. — JORNAL DAS FAMILIAS, OU O RECREIO.

zer a aquisição daquella propriedade tão contigua ao seu palacio. ElRei escreveu de seu proprio punho a seguinte resposta. — « Estimado visinho : Não posso
 « consentir, que vendas o teu moínho; a posse delle
 « deve continuar na tua familia, enquanto existir
 « um unico individuo della, pois pertence á Historia
 « da Prussia. Sinto muito que as tuas circumstan-
 « cias te-obriguem a dispôr da herança de teus avós,
 « e por isso te-envio seis-mil pezos-duros, para te-
 « remediares; desejando que esta quantia seja suffi-
 « ciente, para sahires do apuro, em que te-achas.
 — Considera-me sempre teu mais affectuoso visinho.
 — Frederico Guilherme. »

COSTUMES ORIENTAES.

A delação.

Um facto mui recente, passado em Constantinopla, prova o caso que o governo do Sultão faz dos delatores.

Um certo *Ousta*, capitão dos Janizaros, tinha conseguido subtrahir-se á pena de morte, em que havia sido condemnado na occasião da destruição daquella milicia, occultando-se n'um subterraneo de uma casa, que possuia em Scutari, no *Valle dos Rouxinoes*.

Era alli que elle vivia desde 1826 na companhia de sua mãe e sua irmã, unicas depositarias do seu segredo; pois muitos parentes e amigos continuavão a

frequentar a casa, sem nunca desconfiarem, que alli existisse o *Ousta*.

Durante oito annos, forão-se esgotando insensivelmente os recursos desta familia, e acabou por cair na mais horrenda miseria. Vendeu tudo successivamente; e já não lhe-restava senão a casa, cuja venda teria occasionado a descoberta do proscripto.

Neste extremo julgou o *Ousta* poder confiar o seu segredo a um tal Ibraim, Negociante, e seu intimo amigo, que ainda lhe-era devedor da metade da importancia de uma letra de 12\$500 pezos-duros. A irmã do infeliz *Ousta*, apresentando a Ibraim a sua obrigação, não exigia d'elle, para a inutilizar, mais do que a modica quantia de 1\$000 pezos-duros. Ibraim mostra lamentar a sorte de seu antigo amigo, informa-se aonde elle está, jura guardar segredo, e promete dar os mil pezos-duros; mas este malvado dirige-se immediatamente a casa do Seraskier-pachá, para lhe-denunciar o *Ousta*. O digno Ministro começa logo por mandar guardar á vista o delator: depois enviou um Official-de-Justiça ao *Valle dos Rouxinoes* com ordem de conduzir o *Ousta* á sua presença; mas sem lhe-causar a menor violencia; ordenando lhe, pelo contrario, que lhe-asseverasse, que S. Ex. o Seraskier dava a sua palavra, que elle havia de ser perdoado.

Depois de muitas difficuldades da parte da mãe e da irmã, apresenta-se finalmente o Capitão ao Official-de-Justiça, e dispõe-se a segui-lo ao palacio do Seraskier, onde estava firmemente convencido que acharia a morte. Chegando á presença do Ministro, prostra-se a seus pés; mas, não obstante os farrapos

que o-cobrem S. Ex. o-levanta, ordena-lhe que se assente a seu lado; e os escravos lhe-apresentão o cachimbo e o café. O *Ousta* estava fóra de si; e julgou-se victima de algum mysterio, que lhe-devesse tornar a morte ainda mais horrorosa: mas quando lhe-trouxerão um riquissimo vestuario, e lhe-entregáram da parte de Seraskier, a quantia de 20000 duros, e se-lhe-permittio que voltasse para sua casa, os seus receios se-convertêrão em admiração; e retirou-se louco de alegria, bemdizendo o Sultão e o seu Ministro.

O denunciante Ibraim foi obrigado a pagar ao Janizaro agraciado a totalidade da sua divida, e alem disso todos os juros (condição que não admittem as leis municipaes em caso algum); e teria pago com a cabeça sua indigna traição, se sua mulher e seus quatro filhos, não tivessem ido deitar-se aos pés do Seraskier, e implorar a sua clemencia.

O Sultão approvou altamente a conducta do seu primeiro Ministro, enviando tambem ao *Ousta* a quantia de 100000 pezozos-duros, e empregando-o n'uma missão tão honrosa como lucrativa. (*Jornal das Familias.*)

HOSPITALIDADE ARABE.

Hoggi Ben Hessuna, chefe d'uma parte do exercito do Bey de Tripoli, perseguido pelos Arabes, foi sorprendido pela noite junto do campo inimigo. Passando diante de uma barraca, cuja porta estava aberta, fez parar o cavallo, e pediu agasalho, estando já aba-

tido de sede e de canção. O guerreiro, a quem se-dirigio, disse-lhe, que podia entrar afoitamente, e o-recebeo com aquella hospitalidade, que caracteriza os Arabes, e pela qual se-tornão tão celebres. Os mais poderosos d'entre elles, á imitação dos antigos Patriarchas, servem o seu hospede; e entre algumas tribus Arabes o costume que tantas vezes se-menciona na Biblia de lavar os pés aos estrangeiros, é posto em practica pelo chefe da familia.

Não obstante estes dois guerreiros serem inimigos, ceárão ambos amigavelmente, narrando depois mutuamente os seus altos feitos, e os dos seus antepassados. De repente uma pallidez mortal cobrio o rosto do Arabe, que sobresaltado se-retirou: e poucos minutos depois mandou dizer ao seu hospede, que estava feita a sua cama, e que por se-achar muito incommodado não ia conduzil-o ao lugar, em que devia repousar; mas que tendo examinado o seu cavallo, e achando-o muito fatigado para poder fazer grande jornada no dia seguinte, elle tinha mandado pôr á porta da barraca um dos seus á sua disposição.

No outro dia apresentou um criado ao estrangeiro os primeiros refrescos da manhã; porem nenhuma outra pessoa da familia lhe-appareceo. No momento de partir notou, que o chefe segurava a redea do cavallo, e lhe-apresentava o estribo. Logo que Hajji montou a cavallo, declarou-lhe o Arabe, que elle não tinha em todo o campo um inimigo mais terrivel, doque aquelle que acabava de o-receber na sua barraca. « Hontem á noite, accrescentou elle, contando-me
« as façanhas de vossos antepassados e vossas, des-
« cobristes o assassino de meu pai. Eis aqui o fato,

« que trazia vestido, quando foi morto; (estava pen-
 « durado á porta da barraca) e eu jurei sobre estes
 « despojos, e em presença da minha familia, vingar
 « a sua morte, e perseguir o seu matador desde o
 « nascer até o pôr do sol. Ainda não nasceo o sol;
 « mas logo que appareça, serei incançavel em vos-
 « perseguir. Por fortuna vossa, sou obrigado pela
 « minha religião a deixar-vos sahir com segurança da
 « barraca, em que procurastes asylo; mas acabão-se
 « todas as minhas obrigações, logoque vos-ausenteis.
 « O cavallo, em que ides, e de cuja ligeireza depen-
 « de a vossa existencia, não é inferior áquelle em
 « que vou montar. »

Depois de ter pronunciado estas palavras, apertou o chefe a mão do seu adversario, e separárão-se os dois inimigos. O Mouro, aproveitando-se dos poucos momentos que lhe-erão concedidos, partio a todo o galope para o campo do Bey, onde chegou muito a tempo de escapar ao seu adversario, que o-perseguiu até não poder mais, sem arriscar a sua propria segurança. Este rasgo de hospitalidade, apesar de ter em si coisas pasmosas, é todavia o que outro qual-quer Arabe praticaria com outro Mouro em identicas circumstancias.

(Magasin Universel.)

FRAGMENTOS

da historia da Poesia e Lingua Portugueza,

de João Pedro Aillaud. 1826.

A lingua e a poesia portugueza (bem como as outras todas) nascêrão gêmeas, e se-criárão ao mesmo tempo. Erro é commum, e geral mesmo entre nacionaes, pela maior parte pouco versados em as nossas coisas, o pensar que a lingua portugueza é um dialecto da castelhana, ou hespanhola segundo hoje inexactamente se-diz.

Das variadas combinações das primitivas linguagens das Hespanhas, com o Grego, o Latim, com os barbaros idiomas dos invasores do norte, e assim com o Arabigo, nascêrão em diversas partes da Peninsula diversissimas linguas que nem dialectos se-podem chamar geralmente, porque alem de não haver uma commum, de muitos d'elles é tão distincta a indole e tão opposta, que se-lhes não colhe semelhança.

Ninguem ignora hoje que o Proençal foi a primeira que entre as linguas modernas se-cultivou, mas que por sua breve dura não chegou nunca á perfeição. Das nações da Hespanha as mais visinhas áquelle crepusculo de civilisação primeiro melhorárão sua linguagem: mas tambem lhes-coube igual sorte; nunca de todo se-polirão. O Castelhana e Portuguez, que mais tarde se-cultivárão, permanecêrão pelo sabido motivo da conservação da independencia nacional, e vierão a completo estado de perfeição, e character cabal de lin-

guas cultas e civilisadas. O Biscainho , Catalão , Gallego , Aragonez , Castelhana , Portuguez e outras mais forão e são ainda alguns distinctos idiomas : porem só os dois ultimos tiverão litteratura propria e perfeita, linguagem commum e scientifica , tudo em fim quanto constitue e caracteriza (se é licita a expressão) a *independencia* de uma lingua.

Grande similhança ha entre o Portuguez e Castelhana ; nem podia ser menos , quando suas capitaes origens são as mesmas e communs : porem tão parecidas como são pelas raizes de derivação ; no modo , no *systema* d'essas mesmas derivações , na combinação e amalgama de identicas substancias e principios se-vê todavia , que diversos agentes entrárão , e que mui variado foi o resultado que a cada uma proveio. Filhas dos mesmos pais , diversamente educadas , distinctas feições, vario genio, porte e ademan tiverão : ha contudo nas feições de ambas aquelle *ar de familia* que á primeira vista se-colhe.

Este ar de familia enganou os estrangeiros , que sem mais profundar , decidirão logo , que o Portuguez não era lingua propria. Esse achaque de decidir afoitamente de tudo é velho , sobre tudo entre Francezes , que são o povo do mundo entre o qual (por philaucia do certo) menos conhecimento ha das alheias coisas.

Semduvida é que a lingua portugueza começou com seus trovadores , unicos no meio do estrepito das armas que algum tal qual cultivo lhe-podião dar ; e provavel é que assim fosse com pouco melhoramento até os tempos d'el-rei D. Diniz , que no remanso da paz de seu reinado protegeo e animou as letras , que elle proprio cultivou tambem.

*Primeira epocha litteraria; fim do XIII, até os principios
do XIV seculo.*

D. João I, o eleito do povo, e o mais nacional de todos os nossos reis, deo ao idioma patrio valente impulso, mandando usar d'elle em todos os actos e instrumentos publicos, que até então se-fazião em Latim. Foi esta lei carta de alforria e de cidade para a lingua que atéllí vivêra escrava da dominação latina, a qual sobrevivêra nãosó ao imperio romano, mas a tantas conquistas e reconquistas de tão desvairados povos.

Aqui se-deve pôr a data da verdadeira aurora das letras em Portugal, que por singular phenomeno, pouco visto entre outros povos, raiou ao mesmo tempo com a das sciencias: por maneira que quando o romantico alaúde de nossas musas começava a dar mais afinados sons, e a subir mais alto que o atéllí conhecido, as sciencias e as artes crescião a ponto de espantar a Europa, mudar a face do mundo, e alterar o systema do universo.

Desde então até a morte d'el-rei D. Manoel, tudo foi crescer em Portugal, artes, sciencias, commercio, riqueza, virtudes, espirito nacional.

Muitas forão as producções de nossa litteratura n'aquelle seculo de gloria em que Gil-Vicente abriu os fundamentos ao theatro das linguas vivas, Bernardim Ribeiro polio e adereçou com alguns mimos da antiguidade o genero inculto dos romances (não no sentido de *novellas*, mas no que então se-lhes-dava) e seguiu (quasi o segundo) o caminho encetado pelo nos-

so Vasco de Lobeira nas composições romanescas ; e ao cabo mostrou aos rusticos pastores do Tejo alguns dos suaves modos da frauta de Sicilia , que nenhuma lingua viva até então ouvira soar.

A natural suavidade do idioma portuguez , a melancolia saudosa de seus numeros nos-levarão á cultura d'este genero pastoril , em que raro poeta nosso deixou de escrever , quasi todos bem , porque a lingua os-ajudava ; nenhum perfeitamente , porque (ainda mal) derão ás cegas em imitar Sannazaro , depois Boscan , e Garcilazo , e copiarão pouco do *vivo* da natureza , que tão bella , tão rica se-lhes-presentava por todas as quatro partes de que em breve constou o mundo portuguez , e das quaes todas ou assumpto ou lugar de scena tirarão nossos bucolicos.

Segunda epocha litteraria ; idade de ouro da poesia e da lingua desde os principios do XVI até os do XVII seculo.

Com a morte d'el-rei D. Manoel declinou visivelmente a fortuna portugueza : certo é que as artes progredirão , que a lingua se-aperfeioou ; porem esse movimento era continuado ainda do impulso anterior , e ja não promettia longa dura. Assim succedeo. D. João 3º. colheo os fructos do que D. Manoel havia semeado ; mas de lavras suas , nem elle nem seus successores virão colheita.

Uma coisa todavia que muita influencia teve sobre a lingua e litteratura portugueza , e que a instituições de D. João se-deve , foi o cultivo das linguas classicas que na reformação da universidade de Coimbra au-

gmentou muito. Os modelos gregos e romanos foram então versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeiçoou-se a lingua, enriqueceu-se, adquirio então aquella solemnidade classica que a distingue de todas as outras vivas, seus periodos se arredondarão ao modo latino, suas vozes tomárão muito da euphonia grega; d'um e d'outro d'esses idiomas lhe-vierão as muitas, e principalmente da grega os muitos hyperbatos; com o que vai rica, livre, e magestosa por todas as provincias da litteratura, que tem decorrido, não havendo ahi genero de composição, para o qual, ou por doce de mais como o Toscano, não seja propria; ou por mui aspera e guindada como o Castelhana, não se-adapte; por curta como o Francez, não chegue; por inflexivel e rispida como o Alemão e Inglez, se-não amolde.

Claro é que a historia, a oratoria, todas as artes do discurso devião de florescer com tal augmento. Com ellas todas medrou e cresceu a poesia na delicadeza, na harmonia, no gosto; porem desmereceu muito, demasiado na originalidade, no character proprio, que perdeu quasi todo, em a *nacionalidade*, que por mui pouco se-lhe-ia. Todos os deuses gregos tomárão posse do maravilhoso poetico, todas as imagens, todas as ideias; todas as allusões do tempo de Augusto occuparão as mais partes da poesia; e mui pouco ficou para o que era nacional, para o que ja tinhamos, para o que podiamos adquirir ainda, para o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de nossas recordações, de nossa archeologia, do aspecto de nosso paiz, de nossas crenças populares, e em fim de nossa religião.

Sá de Miranda, verdadeiro pai da nossa poesia, um dos maiores homens do seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, philosophou com as musas, e poeticou com a philosophia. Seu muito saber, sua experiencia, seu trato affavel, e até a nobreza de seu nascimento, lhe-derão indisputada superioridade a todos os escriptores d'aquelle tempo, dos quaes era ouvido, consultado, e imitado.

Se houverão Sá de Miranda e Ferreira escolhido assumptos portuguezes, se houverão pintado os costumes nacionaes, e presentado a publico, em vez de quadros italianos, um espelho em que elle se-visse a si e aos seus usos, e se-risse de seus proprios defeitos; fico em que houverão reformado o theatro em vez de lhe-empecer: e acaso gozariamos ainda hoje em uma scena rica e abastada dos resultados d'esse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivemos, sobre o theatro das migalhas que mendigamos a estrangeiros pelo triste meio de traducções, que (as dramaticas sobre tudo) nunca podem ser boas.

Sá de Miranda escreveu além d'isto algumas eclogas bastante frias, varios sonetos geralmente de pouca monta. Um d'elles á morte de Leandro e Hero é excellente, mas castelhano.

Não posso deixar de querer mal a tão illustre portuguez pelo muito que escreveu n'essa lingua estranha; com que não só privou a natural do fructo de suas tarefas, mas fez maior damno ainda com o exemplo que abriu; exemplo funesto que nos-cerceou a litteratura, que nos-defraudou d'uma Diana de Monte-

maior, de tantas boas coisas mais, e ao cabo ia perdendo a lingua.

Mas eisahi Antonio Ferreira para combater esse mal em sua origem: eis-o ahi esse portuguez verdadeiro, ardente amator da lingua, clamando a todos, pugnando contra todos os que não prezavão e additavão o patrio idioma com as producções do engenho e das artes. O profundo conhecimento dos classicos gregos e latinos, o finissimo gosto que em seu estudo tinha adquirido, a felicidade com que sempre os-imitou, a pureza da phrase, as riquezas com que adornou a lingua derão aos versos de Ferreira grande popularidade entre os litteratos e cortezãos (que, ao aveço de hoje, as letras vivião então quasi só na corte) e fixarão determinadamente o genero classico entre nós.

Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os-imitou: e d'ahi, enriquecendo a lingua, empobreceo a litteratura, porque a-avezou a esse habito de copista; cancro que roe o espirito creador, alma e vida da poesia nacional. Quando á pureza da moral, ao nobre patriotismo, áquelle generoso sentimento da honrada liberdade de nossos avós, áquelle enthusiasmo da virtude; esse respira, mostra-se, e resplandece em todas as suas obras.

.
 Não estava ainda *em grande* auge a poesia portugueza quando um homem pouco conhecido dos letrados, mas ja celebre por suas aventuras e valor, foi para tão longe da ingrattissima patria despicar-se de seu desamor com a mais nobre vingança; a de levantar-lhe um padrão, com que não entrão as idades, e que con-

servará ainda o nome portuguez quando ja elle houver desaparecido da terra. Muita erudição (pois sabia quanto se-soube em seu tempo) ingenho dos que vem ao mundo de seculos a seculos se reunirão em Camões. Esse homem levantou a cabeça lá das extremidades d'Asia, e vio tudo pequeno á roda de si, todos os poetas pigmeus, todos acanhados com as linguas modernas mal perfectas, escravos da imitação classica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões, que as novas ideias, que o novo estado do mundo requeria. Teve animo para conceber, e força para executar um rasgado e necessario atrevimento de se-abrir caminho novo, de crear em fim a poesia moderna, dar não só a Portugal, mas á Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas.

Não me-dá espasso o acanhamento de meus limites para dizer de Camões o que era indispensavel, antes a celebridade de seu nome me-deixará parar aqui, para dar lugar a tratar de menos conhecidos nomes.

Contemporaneo de Camões e ousado tambem como elle a encetar a carreira epica foi Jeronimo Cortereal. O Cêrco de Diu, que é notavel monumento litterario, e que de certo se teve algum exemplo foi a *Italia* de Trissino, é uma fria narração, em que ha bellas ideias á quem além, muita riqueza de linguagem, pouca de poesia, e pelo geral máos versos. E comtudo é talvez Cortereal o primeiro (em data) poeta descriptivo; e creou elle acaso esse genero de que tanto blazonão hoje inglezes, alemães, e até francezes, e que todavia nós tinhamos seculos antes d'elles. Ja no Cêrco de

Diu ha muitas boas descripções; mas no naufragio de Sepulveda ha dellas sublimes.

Entre muito devaneio de imaginação e de máo gosto, entre aquelles insipidos requebros de Pan e de Protheu apparece todavia a morte de D. Leonor, que é um trecho da mais bella poesia, da mais fina sensibilidade que se-tem composto.

De todos esses poetas que então florescêrão é na minha opinião o menos poeta esse Pedro d'Andrade Caminha, a quem da amizade e celebridade de Ferreira e Bernardes vem talvez o maior renome. Ainda assim tem algumas odes boas, simplicidade com elegancia por partes de suas composições: epigramas são alguns excellentes.

Sobreviveo a todos estes e á patria, que não tardeu em perecer, o suave cantor do Lima, que levado por D. Sebastião para testemunhar seus altos feitos, de que devia fazer um poema, perdeu-se com seu rei, e jazeo captivo em Africa. Pondo de parte a questão das eclogas (na qual de certo não andou de boa fé Faria e Sousa) a qual, aindaque propria do lugar, é mui longa para os meus limites; Bernardes foi excellente poeta; e com quanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade de seu estylo, certa melancholia d'expressão que lh'o-requebra e embrandece darão sempre a Bernardes um lugar mui distincto na poesia portugueza.

Mas ja a nação se perdêra nos areaes de Africa, ja a gloria portugueza estava offuscada; com ella forão (como sempre vão) as boas artes. Ainda brilhão a espassos faiscas do grande luzeiro que se-apagára; mas ja não erão senão faiscas.

Ainda Luiz Pereira deplora na *Elegiada* a ruina da patria, mas esse canto funebre é quasi o canto de cysne da poesia nacional, que parece querer fenecer com elle, e ja n'elle moribunda se-mostra. Ha excellentes oitavas derramadas por esse poema, algumas descripções felizes, grandissima riqueza de linguagem; mas pouco mais.

Já Fernão Alves do Oriente diffuso, intrincado nos primeiros labyrinthos dos *conceitos* italianos mostra a visivel decadencia da poesia: ja as musas que tão louçans, e ingenuamente bellas tinham folgado pelas varzeas do Tejo e do Mondego com Ferreira e Camões, apparecem afeitadas com arrebiques e côres falsas, como essas damas para quem se-desbota a flor da idade, e lhe-querem ainda supprir o viço com emprestados ornamentos, gentilezas compradas e postizas. E todavia ha na Lusitania transformada pedaços lyricos excellentes, e alguns bucolicos soffriveis. Assim elle nos-disse mais do seu Oriente doque nos-disse: assim houvesse enriquecido a litteratura com mais imagens de tantas que sua Asia lhe-offerecia, e com que houvera additado a mãi patria. Onde o-fez, n'aquella ecloga em que conta a historia de Saladino, é elle verdadeiramente poeta; e se d'ahi tirarem alguns trocadilhos que tinha aprendido em Italia, excellente e digno d'imitar-se é o resto.

Terceira epocha litteraria; principia a corromper-se o gosto e a declinar a lingua. Começo até o fim do XVII seculo.

Porem os symptomas do *Gongorismo* e *Marinismo* se-manifestavão ja em Italia e Castella; não perfeitos ainda, não no auge a que os-levárão os dois poetas aliás engenhosos, cujo nome vierão a tomar; mas ja assim mesmo a poesia moderna estava quasi toda gafa d'essa lepra de suberba requintada.

Vasco Mousinho de Quevedo, que sem disputar é depois de Camões nosso primeiro epico, ali tem ja em toda a nobreza de seus versos a quebra de bastardia d'esse defeito, que todavia é n'elle ainda raro.

D'esta epocha é tambem Rodrigues Lobo, cujo grande lugar como prosista não é aqui proprio de examinar: de seu merecimento poetico a commum opinião tem com justiça decidido dando-lhe um dos primeiros (eu quizera o primeiro) lugares entre os bucolicos antigos; e outro mui differente e inferior entre os epicos

Tinhamos perdido a independencia; perdemos logo o espirito nacional, o timbre, o amor patrio (que amor da patria poderá haver em quem patria ja não tem); a lisonja servil, a adulação infame levou nossos deshonrados avós a desprezar seu proprio, riquissimo, e tão suave idioma, para escrever no guttural Castelhana, preferindo aos sonoros helenismos do Portuguez as aspirações *ararias* da lingua dos tyranos. Vergonha que só tem par nas derradeiras vergo-

nhas com que nos-enxovalhárão a lingua e a fama os tarellos , francelhos , gallici-parlas , e toda a caterva dos gallo-manos !

Em Castelhana escrevião ja esses degenerados portuguezes; mas pouco importava que o-fizessem , que n'isso fraca perda tivemos nós: de toda essa çafra de versos castelhano-portuguezes pouco ou nada ha que espremer.

D'esta commum baixeza se-alevantou o honrado e douto magistrado Gabriel Pereira de Castro , que depois de ter aberto na jurisprudencia um caminho novo , e n'aquelle tempo tão difficil por grandes verdades então perigosas , tomou ousado a trombeta de Homero , e não se-arrojou a menos que a competir ao mesmo tempo com a Iliada e Odysséa , que tanto abraça o assumpto de seu poema. Grande é a concepção , bem distribuidas as partes , regularissimo o todo , regular e bella a acção , bem entendidos os episodios ; mas o estylo o estylo é , prototypo da *Phenix-renascida* , o requinte do gongorismo , cujo patriarcha foi entre nós , pervertendo-nos , á sombra de sua grande fama e brilhante ingenho , todo o resto escasso que de gosto tinhamos ainda , intrincando a poesia (senão que tambem a prosa por máo exemplo) n'um dédalo inextricavel de conceitos , de argucias , de exaggerações , de affectada sublimidade , falsa e vã grandeza: com que de todo veio a terra a poesia nacional , e acabou a grande escola de Camões e Ferreira , que tantos e tammanhos alumnos havia produzido. E suppunha esse homem vaidoso ter sobrepujado com as quixotadas da sua Ulissea as naturaes bellezas dos divinos *Lusiadas* !

Quasi o mesmo errado trilho, mas que menos brilhante e com inferior ingenho, seguiu Sá de Menezes na Malaca. Esse poema, que tanto tem engrandecido o máo gosto, é na minha opinião um dos derradeiros titulos de gloria da litteratura portugueza. E todavia é bem regular, bem concebido, e a espaços se-lhe-encontrão grandes rasgos de gentileza poetica. A falla de Asmodeu no conselho infernal faz lembrar muito a de Lucifer em Milton. Porem quando agitado o poeta do genio máo que avexava e endemoninhava os poetas d'então, começa a guindar-se e a transpor os derradeiros limites da naturalidade; esquece todo o deleite que algumas estancias mais descuidadas nos-havião causado, e é forçoso desamparar a dura tarefa de tão incommoda leitura, porque verdadeiramente incommoda e cança tal estylo, tal phrase, tanto hyperbolico luxo e destemperado alambicar.

Quarta epocha: idade de ferro; aniquila-se a litteratura, corrompe-se inteiramente a lingua. Fins do XVII, até meados do XVIII seculo.

Mas ainda estes tinham sua nobreza, havia não sei que grande entre todas essas *nuvens de talco*; talvez lhes-viesse dos assumptos: porem seus discipulos que ainda quizerão ir avante, derão em fazer *silvas*, *acrosticos*, e engendrarão todos os outros monstros (originarios, segundo Diniz, do *paiz das bagatellas*) e distillando mais e mais as quintas essencias dos conceitos, tanto torcêrão e retorcêrão o ja delgado fio poetico, que de todo o-quebrarão. Só Manoel da Vei-

ga o-atou momentaneamente em uma ou duas Lyras da Laura de Amphriso. Logo tornou a estalar: e por ahí andárão as pobres musas portuguezas jogando as cabras-cegas pelas eclogas de Poliphemo e Galatea, pelos romances hendecasyllabos, e por todos os outros escondrijos do gosto depravado, de que boas amostras se-conservão no precioso tombo da *Phenix-renascida*, e alguns outros hoje ignorados livros d'essa triste data.

E todavia ja nós tínhamos recobrado tão gloriosamente nossa independencia, ja o nome portuguez tornára a ser honra e nobreza, ainda essa lepra castelhana lavrava.

Dois grandes escriptores, ambos prosistas e ambos dignos de muito louvor, concorrêrão para a continuação d'este mal. Quem podia deixar de admirar Vieira? Quem não iria levado pela torrente de sua eloquencia? Quem resistiria aos impetos de arrebatamento de Jacinto Freire? O grande talento de ambos, a vasta erudição e desmedido ingenho de Vieira sobre tudo, fizerão grande damno á litteratura: sabião, escrevião perfeitissimamente a lingua, tinham grande credito na côrte, tratavão grandes assumptos, animava-os o nobre e sincero enthusiasmo da gloria e liberdade nacional: tudo foi após elles; imitarão-lhes vicios e virtudes; como não distinguirão em Vieira o grande orador, o grande philosopho do gongorista affectado (quando o-era) não estremavão em Jacinto Freire o historiadôr, o panegyrista do declamador, do academico vão; ruim e bom seguião. E como é mais facil imitar a affectação que a naturalidade, as argucias de má arte que as graças de boa natureza; os imitadores forão

além de seus typos no affectado, no máo d'elles, ficarão immenso áquém do que n'esses era bello e para imitar.

Nem o conde da Ericeira que traduzio a Arte poetica de Boileau, e d'elle levou tão immerecidos e banaes elogios, tomou d'ella triaga bastante para securar do veneno commum: e ainda assim melhor é sua frigida Henriqueida que os outros versos que por então se-fazião em Portugal: porem o unico ôlho que o-fez rei em terra de cegos, não lhe-erá bastante para ver e acertar com a vereda da posteridade. Ahi morreo no seu seculo, e ahi jaz pela poeira de alguma livraria de bibliomaniaco.

As academias de historia, de litteratura do tempo de D. João 5º, as associações ridiculas de todos os nomes e descripções que então se-formarão, a mais e mais empeiorarão o mal, que progressivamente cresceo até o ministerio do marquez de Pombal.

Quinta epocha: restauração das letras em Portugal.

Meio do seculo XVIII até o fim.

A civilisação e as luzes que a-gerão, tinham-se estendido do sul para o norte. A corrupção que após ellas vem em seu marcado periodo, as-fôra apagando, ou ennevoando ao menos, na mesma direcção. De sorte que pelos fins do XVII seculo o meio-dia, que havia sido berço da illustração da Europa, quasi sennoitava das trevas da ignorancia, as quaes parecião voltar como em *reacção* para o ponto d'onde partira a primeira *acção* da luz que as-dissipára.

O norte, que mais tarde se-havia allumiado, progredia no entanto: as boas letras, as artes, as sciencias florescião na Inglaterra e por quasi toda a Alemanha. Milton, Descartes, Newton, e Linneu brillarão ao septentrião da Europa; e nós meridionaes estudavamos as *cathegorias* e as *summas*, aguçavamos distincções, alambicavamos conceitos, retorciamos a phrase no discurso, torciamos a razão no pensamento.

Porém a face do mundo estava começada a mudar: as antigas barreiras que a politica e os preconceitos erguião entre povo e povo quasi desapparecião: as mutuas necessidades, e até o mesmo luxo, fazião quasi indispensavel precisão as permutações do commercio, e o commercio fraternizou as nações.

Reciprocamente se-estudárão as linguas, generalizou-se esse estudo: então é que exactamente os sabios começárão a ser de todos os paizes: os bons livros pertencêrão a todas as linguas; e verdadeiramente se-formou dentro de todos os estados um estado que (sem os inconvenientes do *status in statu* dos ultramontanos) com justiça e exacção obteve e mereceo o nome de republica das letras, a qual é uma, universal, e sem perigo de schisma.

Os effeitos d'esta alteração no modo de existir do universo forão sensiveis: as luzes não só revertêrão (sem retrogradar) do norte para o sul, mas se-diffundirão geraes. A França vio então o seculo de Luiz XIV; Italia deixou sancto Thomás e os *comncetti* por melhor philosophia e melhor gosto; Hespanha teve o seu Carlos 3.º; e Portugal no reinado d'el-rei D. José subio á altura dos outros povos, se não é que em muitas coisas acima.

E ainda na reforma da universidade não tinham apparecido Monteiros-da-Rocha e os outros portuguezes que d'alli expulsára a barbaridade entrincheirada em Coimbra, como em sua ultima cidadella da Europa, e ja a razão e o gosto recobravão seu imperio na litteratura; ja as odes de Garção, as obras do padre Freire e de outros illustres philologos havião afugentado as *silvas*, os *acrosticos*, e os campanudos periodos do conde da Ericeira, regenerado a poesia, e restituído a lingua.

Outra vez ainda o limitado d'este bosquejo me impede de mencionar outros ingenhos que tanto merecêrão da patria e da litteratura, e remoçarão a perdida lingua de Camões. Exige o meu assumpto e o meu espaço que me estreite no circulo poetico.

Garção foi o poeta de mais gosto e (por aventurar uma expressão que não é legitima, mas pode ser legitimada portugueza) de mais *fino tacto* que entre nós appareceo atégora. Haverá n'outros mais fogo, outros ferverão em mais enthusiasmo, crearão acaso mais; porem a delicadeza de Garção só tem rival na antiguidade. A musa pura, casta, ingenua, nunca lhe-desvairou: em suas composições ha d'ellas onde a mais aguçada critica não esmiunçará um defeito.

.....

Não da mesma sorte Antonio Diniz, que mais arrojado, mais pomposo, menos correcto e elegante, assim correo mais caudalosa, porem menos pura torrente. Emquanto lyrico, tem rasgos pindaricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e ellas entre si peccão amiudo de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos

consoantes, que tão desnecessariamente se-impoz, o
 acanhou a isso. Mas nas anacreonticas é elle sem dis-
 puta o primeiro poeta portuguez, e digno rival do an-
 cião de Teios. No genero bucolico tambem nos-deixou
 mui bonitas coisas, nenhuma perfeita. Porem a ver-
 dadeira coroa poetica de Diniz Thalia lh'-a-teceo,
 que não outra musa.

Após este vem o virtuoso e honrado Quita, a quem
 pagou a patria com miseria e fome as immensas rique-
 zas que para a lingua e litteratura de seus versos her-
 dou. Um pobre cabelleireiro, a quem as musas que
 servio, os grandes que com ellas honrou nunca tirárão
 do triste officio, pôde de sua baixa condição social
 alevantar-se do primeiro gráo litterario, que acaso
 lhe-disputão ignorantes ou presumpçosos, nenhuma
 homem de gosto deixará de lh'-o dar.

. Não digo que não tenha defeitos, ain-
 da em seu genero pastoril; mas a boa e honrada criti-
 ca falla em geral, louva o bom, nota o máo, porem
 não faz tymbre em achar defeitos e erros na menor
 falta, para se-regosijar da censura. Grandes homens,
 grandes êrros: a natureza da mediocridade é cingir-
 se a tristes preceitos para esconder sua mesquinhez:
 porem de taes nunca fallou posteridade. Horacio e Boi-
 leau forão atrevidos quando lhes-cumprio, e despre-
 zárão regras e arte quando os-chamou a natureza, e
 lhes-mostrou o sublime. Philinto, que os-sabia de cór,
 tambem se-levantou acima das regras, e nunca foi
 tammanho. E todavia foi elle o maior poeta de seu
 seculo: mas os grandes ingenhos não contravem a lei,
 são superiores a ella, e são elles viva lei.

Mui distincto lugar obteve entre os poetas portuguezes d'esta epocha Claudio Manoel da Costa: o Brasil o-deve contar seu primeiro poeta (em antiguidade) Portugal entre um dos melhores.

Deixou-nos alguns sonetos excellentes, e rivalizou no genero de Metastasio com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano. A que dirige á lyra com sua palinodia, imitando a tão conhecida do mesmo Metastasio a Nice, *Grazie all'ingani tuoi*, pode-se apontar como excellente modello. Nota-se em muitas partes dos outros versos d'elle varios resquicios de *gongorismo* e affectação *seiscentista*.

E agora começa a litteratura portugueza a avultar e enriquecer-se com as producções dos ingenhos brasileiros. Certo é que as magestosas e novas scenas da natureza n'aquella vasta região devião ter dado a seus poetas mais originalidade, mais differentes imagens, expressões e estylo, doque n'elles apparece: a educação europeia apagou-lhes o espirito nacional: parece que receião de se-mostrar americanos; e d'ahi lhes-vem uma affectação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

Muito havia que a tuba epica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão a-embocou para cantar as romanescas aventuras de Caramurú. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobre tudo para a poesia descriptiva. O auctor atinou com muitos dos tons que devião naturalmente combinar-se para formar a harmonia de seu canto; mas de leve o-fez: só se-estendeo em os menos poeticos objectos; e d'ahi esfriou muito do grande interes-

se que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettia. Notarei por exemplo o episodio de Moêma, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que bellissimas coisas da situação da amante brasileira, da do heroe, do lugar, do tempo não pudéra tirar o auctor, se tão de leve não houvera desenhado este, assimcomo outros paineis?

O estylo é ainda por vezes affectado: lá surdem aqui allí seus *gongorismos*; mas onde o poeta se-contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes.

Depois de Diniz o lugar immediato nos anacreonticos pertence a outro brasileiro.

Gonzaga, mais conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, e pela sua Marilia, cuja belleza e amores tão celebres fez n'aquellas nomeadas lyras. Tenho para mim que ha d'essas lyras algumas de perfeita e incomparavel belleza: em geral a Marilia de Dirceu é um dos livros a quem o publico fez immediata a boa justiça. Se houvesse por minha parte de lhe-fazer alguma censura, só me-queixaria, não do que fez, mas do que deixou de fazer. Explico-me: quizera eu que em vez de nos-debuxar no Brasil scenas da Arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus paineis com as côres do paiz onde as-situou. Oh! e quanto não perdeu a poesia n'esse fatal êrro! se essa amavel, se essa ingenua Marilia fosse, como a Virginia de Saint-Pierre, sentar-se á sombra das palmeiras, e emquanto lhe-revoavão em tórno o cardeal soberbo com a purpura dos reis, o sabiá terno e melodioso; que saltasse pelos montes espessos a cotia fugaz como a lebre

da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatú escamoso; ella se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmims, porem dos roixos martyrios, das alvas flores e vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura se a-desenhára com sua natural graça o ingenho pincel de Gonzaga!

Justo elogio merece o sensível cantor da infeliz Lindoya, que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros. O Uruguay de José Bazilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva, phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados, não são qualidades communs. Os Brasileiros principalmente lhe-devem a melhor coroa de sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional, e legítima americana. Mágoa é que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magnifico o-acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho, desapparecerião algumas incorrecções d'estylo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuando é constante em um poema longo é defeito.

Muito ha que os nossos auctores desampararão o theatro: eisahi o faceto Antonio José, a quem muitos quizerão appellidar Plauto portuguez, e que sem-duvida alguns serviços tem a esse titulo, porem não tantos como apaixonadamente lhe-decretarão. Em seus informes dramas algumas scenas ha verdadeiramente comicas, alguns dictos de summa graça; porem essa

degenera a miúdo em baixa e vulgar. Talvez que o *Alecrim e Mangerona* seja a melhor de todas; e de certo o assumpto é eminentemente comico e portuguez: hoje teria todo o merito de uma comedia historica: e se-fôra tractado no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça.

*Epocha: segunda decadencia da lingua e litteratura;
gallicismos e traducções.*

A'volta este tempo se-formou a Academia das Sciencias de Lisboa pelos generosos esforços do duque de Lafões. Esse corpo scientifico, de quem tanto bem se-augurou para a lingua e litteratura nacional, nem fez tudo o que d'elle se-esperava, nem uma parte mui pequena do que podia e lhe-cumpria fazer: mas nem foi inutil, nem, como alguns tem querido, prejudicial. E todavia sua força moral não foi bastante para vencer um mal terrivel que ja no tempo de sua creação se-manifestava, mas que depois cresceo e avultou a ponto, que veio a tornar-se quasi indestructivel.

Este mal foi a *gallo-mania*, que sobre perverter o character da nação, de todo perdeo e acabou com a ja combalida linguagem: phrases barbaras repugnantes á indole do idioma, termos hybridos, locuções arrastadas, sem elegancia, formárão a algaravia da moda, e prestes invadirão todas as provincias das letras. Estudiar a lingua materna, como aquella em que fallamos e escrevemos, é dos mais difficeis estudos, ha mister longa e porfiada applicação. Que bella invenção para a ignorancia e para a preguiça não foi esta no-

va linguagem mascarada e de furtacões, que todos podião saber sem fadiga, cujas leis cada um moderava e arbitrava a seu modo, alterava a seu sabor com tão plena liberdade de consciencia! Foi a religião de Mafoma: propagou-a a incontinnencia, a soltura, o desenfrecio do appetite. Desprezárão-se os classicos, apoderárão-se de ignorantes, de rançosos; e os que não ousavão, por algum resto de vergonha, desacatar assim as honradas cans dos nossos mestres, sahirão então com o banal e ridiculo pretextto de que ninguem podia lel-os pelas materias que tractavão; que tudo erão sermões, vidas de sanctos, historias de conventos, e de frades. Vergonhosa desculpa! Comque as decadas de Barros, que foi talvez o primeiro que introduzio com feliz execução o estylo classico na historia moderna, são chronicas de conventos? Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que escreveo uma viagem regular da China e dos extremos d'Asia, são vidas de sanctos? E d'essas mesmas vidas de sanctos, quantas d'ellas são de summo interesse, divertida e proficua leitura! A vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres tem toda a valia das mais gabadas memoria^s historicas, de que hoje anda cheia a Europa, e que ninguem taxou ainda de pouco interessantes. Quando outra coisa não contivesse aquelle excellente livro senão a narração do concilio de Trento, a viagem e estada do arcebispo em Roma, ja seria elle uma das mais curiosas e importantes obras do seculo XVI. E D. Francisco Manoel de Mello, e Rodrigues Lobo, e Camões, e grande copia de poetas de todos os generos; tudo isso são sermonarios, vidas de sanctos?

Miseria é que o geral dos Portuguezes jurou nas pa-

lavras de quatro peralvilhos, que essas calumnias apregoavão: passou em julgado que os classicos se não podião ler, e ninguem mais quiz tomar o trabalho nem sequer de examinar se sim ou não assim era.

Neste estado de coisas apparecêrão em Portugal dois homens extraordinarios, ambos dotados pela natureza de prodigioso ingenho poetico, Francisco Manoel, e Bocage. Aquelle, filho da escola de Garção e Diniz, cultivou muito tempo as musas classicas, e ja imbuído no gosto da antiguidade, ja imitador e rival de Horacio e Pindaro, começou a ser conhecido em idade madura. Este, quasi desd'a infancia poeta, appareceu no mundo em toda a effervescencia dos primeiros annos, ardente cantor das paixões, entusiasta, agitado do seu proprio natural violento, rapido, insoffrido, sem cabal instrucção para poeta, com todo o talento (raro, espantoso talento!) para improvisador.

Ambos começárão imitando os grandes mestres de seu tempo, seguindo cadaum em seu genero o estylo e gosto adoptado e geral desde a restauração das letras no meado do seculo. Mas não são ingenhos grandes para seguir, senão para fundar escolas: nem tardou muito que cadaum, por seu lado, não sacudisse todo jugo de imitação, e seguisse livre e rasgadamente um trilho novo. Bocage a quem seu fado, por mais aventureira lhe-fazer a vida, levou ao antigo theatro das glorias portuguezas, voltando da Asia foi recebido em Lisboa entre os applausos dos muitos admiradores que ja tinha deixado na viril infancia de seu talento poetico. Augmentou-se esta admiração com os novos improvisos do joven poeta, com a extrema facilidade, com o mui sonoro de seus versos. O fogo de suas

ideias ateou o enthusiasmo geral; a mocidade inflam-
mou-se com o nome de Bocage: de enthusiasmo de-
generou em cegueira, em mania; não lhe-vião ja de-
feitos; menos elle em si mesmo. Ninguem duvidava
que os improvisos dos cafés do Rocio erão superiores
a todas as obras da antiguidade, e que um soneto de
Bocage valia mais que todos esses volumes de versos
do seculo de João 3.º e do de José 1.º Esta era a opi-
nião commum da mocidade; e tão geral se fez, tan-
tas vezes a-ouvio repetir o objecto de tal idolatria,
que força era que a-acreditasse, que com ella se-des-
vanecessse e desvairasse.

Isso lhe-aconteceo. O temperamento irritavel e ar-
dentissimo de Bocage o-levava naturalmente ás hy-
perboles e exaggerações: essas erão as mais admira-
das de seus ouvintes; requintou n'ellas, subio a pon-
to que se-perdeo pelos espaços imaginarios de sua
creação fantastica; abandonou a natureza, e a-sup-
poz acanhado elemento para o *genio*. Mais elle re-
petia *eternidades, mundos, ceos, espheras, orbes, fu-
rias, gorgonas*, mais dobrava o applauso; mais de-
lirava elle, mais o-admiravão. Ao cabo, nem elle
a si, nem os outros a elle o-entendião.

Porém nos intervallos lucidos que a Bocage deixava
o fatal desejo de brilhar, n'alguns instantes que, des-
possesso do demonio das hyperboles e antitheses, fi-
cava seu grande ingenho a sós com a natureza e em
paz com a verdade, então se-via a immensidade d'essa
grande alma, a fina tempera d'esse raro ingenho que
a aura popular estragou, perdeo o pouco estudo, os
costumes desregrados, a miseria, a dependencia, a

soltura, a fome. Muitas epistolas, varios idilios maritimos, algumas fabulas, e epigrammas, as cantatas não são mediocres titulos de gloria. Dos sonetos ha grande copia que não tem igual nem em Portuguez, nem em lingua nenhuma, d'uma força, d'uma valentia, d'uma perfeição admiravel. O resto é pequeno e pouco. A linguagem é pobre; ás vezes facil, mas em geral escassa. Sabia pouco a lingua; a força do grande instincto lhe-arredava os erros; mas as bellezas do idioma só as-dá e ensina o estudo. As traducções de Ovidio, Delille, e Castel são primorosas.

Mas de traducções estamos nós gafos: e com traducções levou o ultimo golpe a litteratura portugueza; foi a estocada de morte que nos-jogárão os estrangeiros. Traduzir livros d'artes, de sciencias é necessario, é indispensavel; obras de gosto, de ingenho, raras vezes convem; é quasi impossivel fazel-o bem, é mingua e não riqueza para a litteratura nacional. Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se-traduz. Quem assim faz, accommoda-as ao character nacional, dá-lhes côr de proprias, e não só veste um corpo estrangeiro de alfaias nacionaes (como o traductor), mas a esse corpo dá feições, gestos, modo, e indole nacional: assim fizerão os Latinos, que sempre imitárão os Gregos e nunca os-traduzirão; assim fizerão os nossos poetas da boa idade. Se Virgilio houvera traduzido a Iliada, Camões a Eneida, Tasso os Lusíadas, Milton a Jerusalem, Klopstock o Paraizo-perdido; nenhum d'elles fôra tammanho poeta, nenhuma d'essas linguas se-enriquecêra com tão preciosos monumentos: e todavia imitárão uns dos outros, e d'essa imitação lhes-veio grande proveito.

Esta mania de traduzir subiu a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gosto do publico, que não só lhe não agradavão, mas quasi não entendia os bons originaes portuguezes: a poesia, a litteratura nacional reduzio-se a monotonos sonetos, a trovinhas d'amores, a insipidas enfiadas

De versinhos anões a anans Nerinas.

Tão baixos nos-pozerão os admiradores e imitadores de Bucage, a quem justamente a critica estigmatizou com o nome de *elmanistas*, e de *elmanismo* sua affectada escola. N'elles se-mostrárão exaggerados os defeitos todos do entusiasta Elmano, sem nenhum dos grandes dotes, das brilhantes qualidades do poeta Bucage.

Alguns ha comtudo de quem esta asserção não deve entender-se em todo o rigor da phrase. João Baptista Gomes, auctor da Castro, mostrou n'ella muito talento poetico e dramatico. D'entre os bastos defeitos d'esta tragedia sobresaem muitas bellezas. Desvaira-o o *elmanismo*; derrama-se por madrigaes quando a austeridade de Melpomene pedia concisão, força, e naturalidade; perde-se em declamações, extravagava em lugares communs, inverte a dicção com antitheses, destroe toda a illusão com versos a miudo sesquipedaes e entumecidos; mas por meio de todas essas nevoas brilha muita luz de ingenho, muita sensibilidade, muita energia de coração; predicados que com o estudo da lingua que não tinha, com a experiencia que lhe-fallecia, triumpharião ao cabo do máo gosto do tempo, e virião provavelmente a fazer de João Baptista Gomes o nosso melhor tragico. Atalhou-o a morte em tão illustre carreira, e

deixou orphão o theatro portuguez , que de tamanho talento esperava reforma e abastança.

Mas em quanto Bucage e seus discipulos tyrannisavão a poesia, e estragavão o gosto, Francisco Manoel, unico *representante* da grande escola de Garção, gemia no exilio, e de lá com os olhos fitos na patria se-preparava para luctar contra a enorme hydra, cujas innumerables cabeças erão o gallicismo, ignorancia, e vaidade, todos os outros vicios que ião devorando a litteratura nacional.

Sua epistola sobre a arte poetica e lingua portugueza pode rivalizar com a de Horacio aos Pisões: força d'argumentos, eloquencia da poesia, nobre patriotismo, finissimo sal da satyra, tudo alli peleja contra o monstro multiforme.

Que direi das odes? Minha intima persuasão é que nunca lingua nenhuma subio tão alto como a portugueza na lyra de Francisco Manoel. Que ha em Pindaro comparavel á ode a Afonso d'Albuquerque? onde ha poesia sublime, elegante, immensa como seu assumpto, na dos novos Gamas? se o patriotismo fallasse alguma hora aos degenerados netos de Pacheco e Albuquerque, que poderia elle dizer-lhes igual áquella instimavel ode que se-intitula *Neptuno aos Portuguezes*? E quando a liberdade troa na espada de Washington, submete os raios de Jupiter e o sceptro dos tyrannos aos pés de Franklin, ou tece pelas mãos de Pen os laços de fraterna união! Que immenso, que grandioso é o cantor de tamanhos objectos! Quando nas odes a Venus, a Marfisa, a Marcia *voltando inopinada*, no hymno á noite se-requebra em amoroso jubilo, ou se-enternece de saudade, todo é graças e

primores de linguagem, de imaginação, de estylo, de delicadeza, de inimitavel poesia. No genero Horaciano não é elle tão puro e perfeito como Garção, mas nem entendeo menos, nem imitou peor o seu modelo.

Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços á lingua portugueza: só per si Francisco Manoel valeo uma academia, e fez mais que ella; muita gente abriu os olhos, e adquirio amor a seu tão rico e bello, quanto desprezado idioma: e se ainda hoje em Portugal ha quem estude os classicos, quem se não envergonhe de lér Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, ás invectivas do grande propugnador de seus foros e liberdades.

Nos ultimos periodos de sua longa vida affrouxárão as energicas faculdades d'este grande poeta, e excepto a traducção dos Martyres (que assim mesmo tem seus altos e baixos) quasi tudo o mais que fez é tibio e morno como de um octogenario se-podia esperar. O nimio temor de commetter gallicismos, a que tinha justo e sancto horror, o fez cahir em archaismos, e affectação demasiada de palavras antiquadas e excessivos hyperbatos. Não são porem estas faltas, nem tantas nem tammanhas como o-pregooou a inveja e a ignorancia.

Muito honrosa menção deve a historia da lingua e poesia portugueza a Domingos Maximiano Torres, cujas eclogas rivalizão com as de Quita e Gesner, cujas cançonetas são, depois das de Claudio Manoel da Costa, as melhores que temos. Foi este muito íntimo de Francisco Manoel, mas tenho por mui exaggerados os elogios que d'elle recebeo.

Antonio Ribeiro dos Sanctos, honra da magistratura portugueza, foi imitador e émulo de Ferreira: poucos ingenhos, poucos caracteres, poucos estylos tão parecidos; senão que o auctor dos córos da Castro era muito maior poeta, e o cantor do grande D. Henrique muito melhor metreficador. Esta ode ao infante sabio, algumas outras a varios heroes portuguezes, algumas das epistolas, e especialmente os versos que lhe-dictava a amizade para o seu Almeno, são d'uma elegancia e pureza de linguagem rarissima em nossos dias.

Este Almeno é Fr. José do Coração de Jesus, missionario de Brancannes, que traduzio os primeiros livros das methamorphoses de Ovidio em excellente, riquissimo, purissimo portuguez, mas em máos versos: e ainda assim, alguns d'elles são felizes: é de estudar, de versar com mão *diurna e nocturna* esse começo de traducção para quem quizer conhecer as riquezas de uma lingua que compete, emparelha, vence ás vezes, a sua propria mãe latina.

Duas ou tres odes d'este virtuoso e erudito padre são mui bonitas.

Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu genero: Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica. E de suas satyras ninguem se-pode escandalizar; começa sempre por casa, e primeiro se-ri de si, antes que zombeteie com os outros. As pinturas dos costumes, da sociedade, tudo é tão natural, tão verdadeiro! Confesso que de todos os poetas que meu triste mister de crítico me-tem obrigado a analysar, unico é este em cuja causa me-dou por suspeito: tanta é

a paixão, a cegueira que tenho pelo mais verdadeiro, mais engraçado, mais *bom homem* de todos os nossos escriptores. Aquelle *bilhar*, aquella *função de burrinhos*, aquelle *chá*, aquellas despedidas *ao cavallo deitado á margem*; o memorial ao principe, o presente do *perum*, são bellezas que só não admirarão a atrabiliarios zangãos em perpetuo estado de guerra com a franca alegria, com o ingenuo gosto da natureza.

De José Anastacio da Cunha, que das mathematicas puras nos-deo o melhor curso que ha em toda Europa, d'esse infeliz ingenho (que talento houve já feliz em Portugal?) a quem não impedião as rectas de Euclides, nem as curvas de Archimedes de cultivar tambem as musas, de tão illustre e conhecido nome que direi eu senão o muito que me-peza da raridade de suas poesias? Todas são philosophicas, ternas, e repassadas d'uma tão meiga sensibilidade algumas, que deixão n'alma um como echo de harmonia interior que não vem do metro de seus versos, mas das ideias, dos pensamentos. Todavia ha mister lel-o com prevenção, porque (provavelmente estropiada de copistas) a phrase nem sempre é Portugueza de lei.

O padre A. P. de Souza Caldas, brasileiro, é dos melhores lyricos modernos. A poesia biblica, apenas encetada de Camões na paraphrase do psalmo *super flumina Babylonis*, foi por elle maravilhosamente tratada; e desde Milton e Klopstock ninguem chegou tanto acima n'este genero.

A cantata de Pygmalião, a ode *o homem selvagem* são excellentes tambem.

Aqui me-cahe a penna das mãos: o estadio livre para a critica imparcial acabou. Nem posso continuar a

exercel-a sem temor , nem o-faria ainda assim , pois não quizera ver revogadas minhas presumidas sentenças pela severa posteridade , quasi sempre annulladora de juizos contemporãos.

Não posso todavia fechar este breve quadro sem patentear a admiração , e o indizível prazer que me-deo o poema do Passeio do Sr. J. M. da Costa e Silva , cuja existencia tinha a infelicidade de ignorar (tãopouco sabemos nós Portuguezes das riquezas que temos em casa!) e que não sei que tenha que invejar a Thompson e Delille , se não for na pouca extensão e , acaso dirá mais severo juiz , em algum verso de demasiado *Elmanismo*. Quanto a mim sôlgo de melisonjear com a esperança que seu auctor lhe-dará a amplidão e mais (pouco mais) retoques , com que ficará por ventura o melhor poema d'esse genero.

Apezar dos motivos referidos , pedirei uma venia mais para mencionar como um poema que faz summa honra ao nome portuguez , a Meditação do Sr. J. A. de Macedo , que tem sido censurada por quem não é capaz de entendel-a. Não sei eu se ella tem defeitos; é obra humana , e de certo lhes não escapou : mas sublimidade , cópia de doutrina , phrase portugueza , e grandes ideias , só lh'o negará a cegueira ou a paixão.

Cita-se com elogio o nome do Sr. A. F. de Castilho , joven poeta que se-despica da injuria da sorte que o privou da vista , com muita luz de ingenho poetico.

Os *dythirambos* do Sr. Curvo Semedo , as odes do Sr. J. Evangelista de Moraes merecem grande favor do publico : os apologos do Sr. J. V. Pimentel Maldonado são por certo dignos da maior estimação.

As Georgicas do Sr. Mozinho d'Albuquerque fizeram a reputação poetica de seu benemerito auctor. Alguns lhe achão demasiada erudição, e querião mais poesia e menos sciencia

A litteratura portugueza não mostra presentemente grandes symptomas de vigor: mas ha muita força latente sob essa apparencia; o menor sôpro animador que da administração lhe-venha, ateará muitos luzeiros com que de novo brilhe e se-engrandeça.

FRAGMENTO

do Ensaio Historico-Politico de José Liberato Freire

de Carvalho. (1830.)

Sendo o principal objecto d'esta obra o mostrar que a nossa primitiva constituição politica foi essencialmente constitucional, e por consequencia que a outorga da Carta de 29 de Abril de 1826 não é mais que uma restituição de nossos antigos direitos politicos, usurpados depois de tantos annos, terão visto portanto os meus leitores, pelos factos que lhes-tenho apontado, que os nossos actuaes direitos á mesma Carta são inquestionaveis, são inalienaveis, são imprescriptiveis, e são legitimos. Devem igualmente ter visto, que a perda d'estas saudaveis instituições tem sido a primeira causa de todas as nossas desgraças; porque não só cahimos na servidão domestica, porem em outra ainda mais intoleravel, a servidão estrangeira. Passamos, sim, de Portuguezes independentes e livres a miseraveis escravos de Inglaterra, e por effeito d'esta

escravidão não temos recebido em premio de nossas vergonhosas condescendencias senão pobreza, aviltamento, e insultos. É preciso pois que todos estes factos se conservem sempre muito bem gravados na memoria de todos os Portuguezes, a fim de emendarmos nossos erros passados, que tão fataes nos-tem sido, e recuperarmos por uma vez a nossa antiga independencia e liberdade politica, agarrando-nos á Carta, que só pode ser a unica taboa de nossa salvação. Para isto melhor se-poder conseguir, porei em resumo, como conclusão d'esta obra o mais essencial de tudo o que atéqui tenho mais extensamente mencionado; e nem este trabalho deve parecer inutil ou superfluo, porque a um povo como o Portuguez, que, por assim dizer, ja se-acha calejado pelo despotismo, é necessario repetir-lhe uma e muitas vezes as mesmas verdades, paraque elle as-possa sentir.

Desde a criação da monarchia constitucional em Lamego, onde o povo Portuguez exerceo por um modo o mais amplo e mais conspicuo os seus direitos de soberania, continuou este systema legal de governo, com uma ou outra alteração propria da civilisação dos tempos, até a extincção da primeira linha directa na pessoa d'el-rei D. Fernando. Em todo este periodo prosperou muito a nação, porque cresceo em territorio, limpando-o completamente dos seus inimigos com muito valor e prudencia, e adquirio ao mesmo tempo muito vigor interno, pelas riquezas que foi successivamente ganhando por effeito das boas leis, e da geral economia e boa administração dos seus principes. Mas isto assim devia acontecer; porque as leis não crão um resultado das paixões ou interesses d'este ou

d'aquelle homem , mas da combinação dos trabalhos e das luzes dos representantes da nação , reunidos em Cortes. Tambem os reis erão os primeiros em as-cumprir , porque ellas erão igualmente obra sua , e só podem ser bem executadás quando dimanão da vontade expressa do rei e do povo. Assim a este systema de representação nacional devemos attribuir nãosó a robustez que logo na sua infancia adquirio Portugal , mas todos os prodigios para que elle ja se-estava preparando , e que tão heroicamente depois executou.

Na exaltação de D. João I ao throno Portuguez tornou a nação a exercer amplissimamente os seus direitos de inalienavel soberania , porque nãosó contra toda a força de Castella teve um rei da sua escolha , mas firmou ainda a monarchia com novas leis. Este vigor , que o povo Portuguez então mostrou , tambem se-communicou nãosó ao monarcha que havia escolhido , porem a todos os seus filhos e directos successores ; e Portugal então tanto cresceo em liberdade como em força e poder. Do tronco illustre d'esta segunda linha dos nossos reis sahirão todos os grandes instrumentos da nossa gloria , e então não houve atrevimento que não commettessemos , não houve maravilha que não fizessemos , e não houve conquista que não tentassemos e que não conseguissemos. Em uma palavra , então o nome Portuguez souu com espanto e veneração em todas as quatro partes do mundo , e em todas ellas se-respeitárão e temêrão as invenciveis quinaz Portuguezas. E podião todas estas maravilhas ser feitas por escravos , envilecidos por todas as affrontas e por todos os actos de um poder absoluto? Não : erão homens livres que as-executavão ; erão homens livres

que auxiliavão seus reis em taes emprezas; erão homens livres os que lhes-proporcionavão o dinheiro para ellas; em uma palavra, erão homens livres os que os-aconselhavão e lhes-prestavão todos os meios para as-dirigirem com todo o bom acerto e boa fortuna.

Uma circumstancia que se-deve notar, e que jamais convem esquecer é que em todo o periodo desde D. João I até o fim do reinado de D. Manoel, nunca como então forão as Cortes tantas vezes e tão regularmente convocadas, e nunca por consequencia como em todo aquelle tempo foi a nação politica e civilmente mais livre. Sendo esta uma verdade de facto, e tão palpavel que ninguem a-pode negar, com toda a justiça tambem se-pode concluir, que começando nós logo depois a decahir da nossa primitiva prosperidade, e decahindo com ella simultaneamente o exercicio d'essas mesmas instituições liberaes pela menos frequencia de chamamento de Cortes, a esta circumstancia se-deve tambem attribuir como primeira causa a nossa decadencia, que foi a precursora de todos os males, e de todas as desgraças que depois nos-tornárão um dos povos mais miseraveis da Europa. É portanto um facto historico innegavel que a monarchia Portugueza foi creada essencialmente constitucional com uma representação nacional; que emquanto esta esteve em pleno vigor nós fomos ricos, poderosos, grandes, e respeitados; e que ao passo que estas bellas instituições se-forão esquecendo, tanto por abuso da coroa como por desleixo e indifferença dos povos, todas as nossas coisas forão gradualmente a peor, até chegarmos ao estado deploravel em que hoje se-vê a nação; opprimida pelo

despotismo mais absurdo, a pela tyrannia mais feroz que se-tem visto depois dos horrorosos reinados dos Caligulas e dos Neros.

No reinado de D. Manoel, que foi com effeito um dos mais gloriosos, porque o nosso poder e a nossa fortuna nunca subirão tão alto, ja se-quiz tentear um ensaio dos governos absolutos, que foi o de impor um tributo sem o consentimento dos povos; mas ainda então o espirito publico era tão bom, e o amor da liberdade estava tão radicado em todos os corações, que bastou a energia de um só homem para transtornar este attentado da coroa. Como não convem que esqueção os nomes dos homens illustres que tem propugnado pelas liberdades da nossa patria, assimcomo convem expor á indignação e desprezo da posteridade os nomes infames de todos os vis instrumentos do poder arbitrario, bom é que o povo portuguez conserve sempre na memoria o nome do intrepido e honrado cidadão que se-attrevo a resistir a este decreto inconstitucional, com que pela primeira vez se-pretendeo violar um dos mais sagrados e importantes direitos politicos. Foi esse homem, foi esse cidadão um vereador ou magistrado de Evora, que tinha por appellido o nome de *Ceceoso*; e elle só bastou para impedir um rei poderoso de commetter um grande delicto contra as liberdades patrias. (*)

(*) Debaixo do especioso pretexto dos gastos do seu ultimo casamento e dos soccorros enviados para Africa, e juntamente pelas circunstancias da peste, que tornavão difficuloso o chamamento de Cortes, impoz el-rei D. Manoel por seu proprio arbitrio um tributo sobre o trigo. Em geral os povos não derão n'aquelle mo-

No reinado de D. João 3.^o começárão a lançar-se as bases para o monstruoso edificio do poder absoluto, e para isso fez a coroa uma fatal alliança com o mais despotico de todos os poderes, o poder ecclesiastico, que, debaixo do nome de *inquisição* e de *companhia de Jesus*, foi introduzido no reino, e depois se-aposou completamente do rei e do povo. Como o espirito das aventuras e das conquistas trazia então todos os Portuguezes occupados, e d'estas aventuras e conquistas do Oriente resultavão immensos proveitos, todos os que n'elles tinham parte, que erão os homens principaes da nação, não derão ou não quizerão dar pela introducção dos seus inimigos no reino; e assim acostumados a gozar de todas as delicias da riqueza e do luxo, a ellas e ao seu gôzo sacrificárão as suas liberdades. A superstição e o fanatismo, que é a capa com que sempre o poder ecclesiastico pretende encobrir sua hypocrisia, seu egoismo, sua avareza, e seu espirito dominador, espalhárão logo sua venenosa influencia sobre todo o povo; e começando-se por lançar

mento grande attenção a isto; mas o principal magistrado d'Evora, apesar de não ser homem distincto nem por nascimento nem por cabedaes, *resistio obstinadamente* a esta contribuição; não porque a não julgasse necessaria, mas pelas consequencias que teria no futuro este perigoso exemplo de um novo modo de impor os tributos. El-rei, vendo este seu extraordinario procedimento, mandou-o vir perante si e usou para convencel-o de promessas e ameassas; mas como sempre persistisse no mesmo parecer, deolhe a sua casa por menagem, até que depois de alguns dias o-mandou chamar, e louvando a sua resolução *abolio o tributo*. Assim este illustre magistrado mostrou que era um verdadeiro cidadão e homem livre, e el-rei D. Manoel que ainda se-envergonhava de ser ou parecer monarcha absoluto! (Cap. IV. pag. 52.)

grilhões ao entendimento e á lingua dos Portuguezes , como estes ja não ousassem pensar e muito menos falar , aterrados pelos castigos do mundo visivel e invisivel , forão gradualmente cahindo em uma estúpida apathia , symptoma precursor de uma proxima servidão. E certamente, que outro fim podia ter esta medida senão o de preparar os animos para a total extincção da representação nacional? Porque , quando um povo se-acostuma por dez annos a não ver os seus representantes tractando e discutindo os seus interesses , tambem a isso se-acostuma por vinte e por quarenta , e a final a nunca mais os-ver. Tal é a marcha constante da natureza humana ; e tal é o grande principio com que sempre contão os que aspirão ao poder absoluto!

Na minoridade e reinado de D. Sebastião foi tudo a peor , porque o tempo tinha ido successivamente apagando os antigos estimulos da liberdade pela combinação simultanea das artes , que para isso de communi accordo tinhão empregado o throno e a Igreja. E então o que o poderoso rei D. Manoel não pudera conseguir , facilmente foi conseguido por um moço ignorante e sem experiencia. D. Sebastião sem o consentimento das Cortes poz tributos , e os-arrecadou para a desgraçada expedição de Africa ; e ja em todo Portugal se não achou um só *Ceccoso* , que rebatesse este attentado. Tambem nem uma só vez emquanto pessoalmente reinou se-convocárão as Cortes ; e a fatal jornada africana se-projectou , se-preparou , e executou simplesmente pelos conselhos de inquisidores e jesuitas! Mas então se-vio a differença que havia entre um governo sacerdotal e despotico , e um constitucio-

nal, livre, e por consequencia illuminado. N'esto, enquanto durou seu vigor, accrescentamos a monarchia não só com muitas provincias e reinos, mas com uma grande parte de um mundo novo, e atélli desconhecido; no outro vimos o reino, a monarchia, o monarcha com toda a flor da gente Portugueza, irem ficar enterrados nas ardentes areias de Alcacer. Que quadro para por elle se-ver distinctamente o que é um governo constitucional e um governo absoluto! Portuguezes! olhai para elle, e escolhei!

O curto reinado seguinte do rei sacerdote só se-faz notavel por um novo accrescimo de superstição, de intolerancia, hypocrisia, e baixezas. N'elle o cardeal Henrique com seus inquisidores e jesuitas, e elle mesmo jesuita e inquisidor, preparou a venda do reino a Castella, e o-deixou como em testamento ás ambições de Filippe. Mas não é simplesmente para esta circumstancia que se-deve attender, é com maior particularidade para o estado em que elle deixou a nação.

O primeiro passo que deo a coroa para estabelecer a sua authoridade com detrimento das liberdades publicas, foi no reinado de D. João 2.º Este deo um golpe mui profundo na independencia da alta nobreza, e desde então ella começou a não poder ja servir de um verdadeiro e util contrapezo entre as demasias do poder real ou do poder popular; porque passou de independente a ser um servil instrumento do throno. Sobrevierão depois as descobertas da Africa, Asia, e Brasil, e enlevada n'ellas a mesma nobreza, esqueceo-se do que havia perdido, pelo grande lucro e alta consideração que lhe-davão estas aventuras maritimo-militares. Assim a coroa teve mais que dar, e por con-

sequencia teve mais servos que a-servissem , e ajudassem na conquista do poder a que aspirava.

As avultadas riquezas que produzião as conquistas operárão tambem nos Portuguezes o mesmo , que as riquezas e o luxo da Grecia e da Asia tinhão ja operado nos antigos Romanos. Depois que as grosseiras baixelas de páo e de barro forão substituidas pelas de prata ou de ouro , ja não houverão Fabricios tanto em Roma como em Portugal , e o desejo de accumular e de gozar naturalmente fez com que se-fosse perdendo o antigo interesse pela conservação da antiga liberdade. Por este modo ia a coroa achando cada dia menos obstaculos para realizar seus projectos ; e d'aqui procedeo que quando D. João 3.^o procurou estender o chamamento de Cortes até o longo periodo de dez annos , ja não achou quem a isto se-lhe-opposse. Este mesmo rei , vendo então as disposições em que ja estava a nação para ser absolutamente governada , pela indiferença que ella mostrava pela conservação dos seus mais preciosos direitos , julgou ser tempo opportuno de realizar a sua conquista , e como assim se-fortaleceo com dois poderosissimos aliados , que forão a inquisição e os jesuitas. Com estes novos instrumentos , e com todas as mais causas que simultaneamente tambem iam obrando , foi por conseguinte facil transtornar completamente a antiga constituição do Estado. A ella pois se-seguirão a superstição e o fanatismo , que reduzirão a ignorancia a methodo e a systema , e fizerão dos Portuguezes um povo estúpido , credulo , corrompido , escravo , e hypocrita. Desapparecêrão portanto logo todas essas virtudes agradaveis e briosas que tanto havião cara-

cterizado o reinado de D. Manoel, e em vez da alegria e amabilidade que distinguem os espiritos cultivados, e em vez dos sentimentos de uma decente liberdade com que os corações se-exaltão e se-ennobrecem, apparecêrão a hypocrisia, a tristeza, a desconfiança, a timidez, e a indifferença, que sendo ja communs no fim do reinado de D. João 3.º, se-tornárão geraes nos dois seguintes curtos reinados de D. Sebastião, e do cardeal Henrique, e assim preparárão a nossa facil sujeição a Castella.

É preciso comtudo confessar que entre todas as causas que muito concorrêrão para este aviltamento nacional, foi de certo a principal o estabelecimento no reino da inquisição e dos jesuitas, porque sem estes dois fataes instrumentos nem a nação marcharia tão rapidamente como marchou para a sua decadencia; nem a coroa teria ousado atacar-lhe de frente os seus direitos, sem que ella lhe-resistisse; nem finalmente o antigo espirito publico se-converteria em tal indifferença que pouco ou nada lhe-importassem as duas coisas mais essenciaes e mais nobres que possuía, as quaes erão a liberdade e a independencia. Mas em tal confusão e desordem tinha ja o poder arbitrario, de commum acordo com o poder inquisitorial e jesuitico, posto a nação nos tempos proximos á morte do cardeal rei, que uma parte d'ella, e a mais ignorante, aterrada e enbrutecida por todas as maximas de terrores do fanatismo, era indifferente a essa liberdade e independencia; outra, ja inteiramente corrompida pela ambição das riquezas, e pelo luxo e vicios que ellas sempre trazem consigo, olhava a venda e a escravidão da patria como

um meio seguro de ganhar mais riquezas, e com ellas satisfazer suas paixões; e outra em fim, ainda-que a parte mais moral, a mais instruida, e a mais patriótica, tão enfastiada ja estava nãosó dos excessos do poder absoluto para o qual não fôra educada, mas dos monstruosos effeitos da superstição e do fanatismo que havião tomado posse completa do reino e do throno, que chegou a persuadir-se que a monarchia ja se não podia por outro modo salvar senão pela sua união a Castella. Aos homens de bem parecia que ja lhes-era melhor o servir a esta nação estrangeira, doque o serem *tyrannizados dos naturaes*; e desta mesma opinião era um dos homens mais virtuosos e illustrados d'aquelle tempo, o respeitavel e venerando escriptor bispo *Jeronimo Osorio* (*). Assim a perda da liberdade constitucional trouxe a Portugal este odioso poder absoluto, de que ainda hoje estamos soffrendo os calamitosos effeitos; e este mesmo poder absoluto nos trouxe depois a nossa sujeição a Castella. Taes são os fructos d'este monstro politico, tão impropriamente denominado governo.

Os sessenta annos de sujeição a Castella consummarão as perdas nãosó da nossa liberdade, por meio de actos continuados de uma estulta tyrannia, mas extinguirão quasi tudo o que haviamos adquirido em ricas possessões externas, e em riquezas domesticas. O governo Hespanhol tão absurdo, ou ainda mais doque o nosso tinha sido, não soube aproveitar a occasião de conservar o grande augmento de forças que havia ad-

(*) Consultem-se as Cartas d'este bispo, impressas em Paris em 1819, ou alguns extractos d'ellas no *Campeão Portuguez* em Londres n.º 24, vol. 2, desde 416 até 422.

quirido; e por uma politica incomprehensivel, e que só cabe nas cabeças dos despotas, dos tyrannos, e dos cobardes, estupidamente se-persuadio, que só tyrannizando-nos e aviltando-nos, nos-podia conservar em perpetuo dominio. Não quiz, ou não soube governar-nos como homens e como amigos, quiz servir-se de nós como escravos, lançando-nos pezadas e ignominiosas cadeias; e o resultado foi o que sempre tem todas as tyrannias, que necessariamente se-quebrão pelo mesmo pezo com que opprimem. Os Filippes de Castella, depois de se-terem á sua vontade fartado de nos-maltratar e empobrecer, virão portanto acabar em um só dia, e n'aquelle que menos esperavão, todo o seu absurdo poder; e achárão uma resistencia que o poder absoluto e despotico sempre julga impossivel, emquanto ella não lhe-bate á porta do serralho em que vive, e donde expede seus decretos assassinos. É esta necessaria taboa de salvação que os tyrannos no meio de seus insensatos furoros sempre lanção sem o-saberem, ás victimas que na sua alta demencia inconsideradamente atormentão; e é esta a mesma taboa protectora que infallivelmente ha de tambem agora salvar a nação Portugueza da usurpação e tyrannia monstruosas, que sobre ella está fazendo pezar o novo estúpido Caligula, ou o novo Nero insensato.

A revolução de 1640, que elevou ao throno Portuguez a familia de Bragança, e deo o titulo de rei a D. João 4.º, quebrando assim o jugo em que nos-tinha Castella, procedeo de que tendo esta violado todos os grandes interesses da nação, e até dos mesmos particulares, era absolutamente necessario que os interesses dos opprimidos vencessem os dos oppres-

sores, porque estes sempre são menores do que os outros, e apenas soffrem temporariamente a oppressão, em virtude de uma certa apathia natural, que pelas leis da natureza tem sempre um fim ou mais longo ou mais curto. As guerras dos povos com os reis, ou as das nações com as nações, nunca procedem de outra cousa senão da violação dos interesses; e por isso todo aquelle que quizer dominar os outros, ou viver em paz com elles, é preciso que respeite os seus interesses; porque a não ser assim, ou o dominio ou a paz infallivelmente se-quebrão. E d'aqui tambem resulta que todas as revoluções que não se fundarem nos interesses do maior numero, e ao mesmo passo não destruirem os interesses devoradores, que sempre são os dos poucos, nunca poderão ser solidas e firmes, e apenas são temporarias. Em taes questões os homens nada são, os interesses são tudo; e por isso sempre acontece que, quando simplesmente se-mudão os homens, e se-conservão os interesses antigos, como aconteceu em a nossa regeneração de 24 de Agosto de 1820, e no estabelecimento da Carta de 29 de Abril de 1826, esses interesses que são os devoradores, e por isso sempre hostis, mais dia menos dia tornão a tomar a sua superioridade, e destroem todas as revoluções ou mudanças.

A nação Portugueza levantou-se da longa oppressão, em que o despotismo domestico e estrangeiro a-havia tido depois de tantos annos, com todo o vigor e energia que dá uma recente liberdade; mas, como affeita ja e acostumada a tantos annos de servidão, a penas teve momentos de brio e dignidade, e em pouco tornou a cahir na indifferença de conservar a sua

reconquistada liberdade. Emquanto durou o reinado de D. João 4.º, como este se-lançasse nos braços do povo, e respeitasse por consequencia os seus direitos, as coisas forão marchando constitucionalmente, e sempre os casos mais difficeis da publica administração forão decididos pelo conselho e sabedoria das Cortes: mudou porem tudo de forma, logoque o rei morreo, e se-seguirão a regencia da mulher, e o reinado do filho D. Affonso 6.º Sem o consentimento das Cortes fez a regente esse notavel tractado de 1661 com os Inglezes, e por elle alienou duas valiosas possessões dos dominios portuguezes, que forão Tanger em Africa e Bombaim na Asia. Pelo mesmo tratado, emque só em palavras estipulou Inglaterra garantir-nos e defender-nos o nosso territorio, nãosó europeu porem todo o outro espalhado pelas tres partes do mundo, ficamos nós nãosó sem uma parte dos nossos dominios, mas desde então completamente escravos dos Inglezes: sim, d'esta epocha fatal data a nossa vergonhosa servidão para com Inglaterra.

O reinado de D. Affonso 6.º foi um composto de extravagancias reaes, e de um ja quasi systematico despotismo; e d'elle se-seguio a deposição d'este rei, que teimoso em não convocar Cortes sacrificou sua liberdade e a coroa aos prestigios insensatos do poder arbitrario. Aindaque as intrigas dos jesuitas, e as da mulher e do irmão muito concorressem para a catastrophe que lhe-sobreveio, comtudo a causa principal da sua ruina foi a louca temeridade de querer ser absoluto, e de não chamar a nação em seu auxilio por via dos seus representantes. Apezar d'isso talvez se-possa tambem affirmar, sem faltar á verdade, que um

dos motivos do seu comportamento foi a intriga occulta com que os jesuitas o-procurárão perder, fazendo com que elle commettesse todos os excessos, não só como rei, porem como homem: assim pode-se igualmente dizer que os mesmos jesuitas, que tirárão em Africa a coroa da cabeça a D. Sebastião, tambem a tirárão em Lisboa a D. Affonso 6.º

Os Portuguezes ainda d'esta vez derão signaes de que erão um povo livre e constitucional, e exercêrão com grande energia os seus direitos de soberania nacional; mas forão estes os ultimos indicios do seu amor pela liberdade, assimcomo do seu odio para com o poder arbitrario; porque gradualmente se-forão tornando a costumar á servidão, até que ficárão absolutamente escravos, e tão escravos que até deixarão por longos annos de sentir o pêzo das cadeias do poder absoluto.

No reinado de D. Pedro 2.º, como tivesse á vista o que havia acontecido a seu irmão, ainda se-convo-cárão Cortes, porem mais pelo interesse do rei, do-que do povo. Respeitavão-se ainda um pouco as bases constitucionaes da nação, e o poder absoluto ainda novo e tímido não ou-sou transpor os ultimos limites da arbitrariedade, que depois ja sem rebuço e tão descaradamente seus successores transpozerão. Forão umas d'essas Cortes convocadas para consentirem no casamento da princeza herdeira da coroa com um principe estrangeiro, casamento que se não realizou; e as outras para reconhecerem como herdeiro da coroa o filho do irmão do rei deposto, o qual filho é o que depois tomou o nome de D. João 5.º Aqui porem acabárão as convocações das nossas Cortes, ou

representação nacional ; e desde esta epocha , que foi no anno 1698 , estiverão ellas como mortas , sepultadas no cimiterio politico, onde o despotismo costuma sepultar quando pode todas as instituições liberaes ; até que por effeito necessario d'esse mesmo despotismo ellas resuscitarão no anno 1821 por occasião da regeneração de 24 d'Agosto de 1820.

O poder absoluto, que foi assumindo D. Pedro 2.^o foi auxiliado , não só pela superstição e hypocrisia dos jesuitas , que tanto o-havião ajudado na desthronização de seu irmão, mas por um novo auxiliar , que foi a politica ou influencia ingleza. Pelos Inglezes se-intrometteo este rei em uma guerra ruinosa com Hespanha , e como preliminar d'ella assignou com elles os dois fataes tractados de 1703 , particularmente o ultimo chamado de commercio , que foi aquelle que , pela introduccão das fazendas de lã inglezas em Portugal, deo o primeiro golpe de morte em toda a nossa industria , e por conseguinte em toda a nossa futura prosperidade. Um dos methodos mais efficazes para estabelecer e firmar a ignorancia , a pobreza , e a dependencia em uma nação é o extinguir n'ella a industria , que sempre é o resultado da indagação e da sciencia ; e isto conseguirão os Inglezes com o seu ruinoso tractado de commercio de 1703 , com o qual nos-prepararão para o futuro reinado monacal , que sendo um dos mais ricos que Portugal teve , foi todavia um dos mais miseraveis e insignificantes que se-pode imaginar no meio mesmo da maior affluencia de riquezas. (*)

(*) Para se-formar uma leve ideia das riquezas que n'este reinado entrárão em Portugal , e tão loucamente forão dissipadas

Foi este reinado o de D. João 5.º, e n'elle total-
mente cahimos n'essa estupida insensibilidade, que
sempre resulta da ignorancia, da superstição, da mi-
seria, e da degradação moral, coisas inseparaveis de

das, basta mencionar a porção d'essas que no espaço de 23 an-
nos e 2 mezes, isto é, desde 3 de Novembro de 1722 até o fim de
Dezembro de 1745, se-registou no erario. (Veja-se o extracto do
Alvará em forma de quitação a Francisco da Costa Solano em 3
de Setembro de 1748, publicada em o n.º 54 do Investigador
Portuguez, tom. 14, pag. 222.)

Recebêrão-se em dinheiro 115 milhões quinhentos e nove mil
cento e trinta e dois cruzados.

Em direitos de diamantes e de ouro.—Seis mil quatrocentas
e dezeseite arrobas, vinte e tres arrateis, e quinze grãos.

Em direitos de prata.—Trezentas e vinte e quatro arrobas,
um arratel, treze onças, duas oitavas, e doze grãos.

De cobre em chapa para dinheiro, e para ligas de ouro e
prata.—Quinze mil seiscentas e setenta e nove arrobas, vinte e
quatro arrateis, dez onças, e sete oitavas.

De cobre do Algarve.—Onze arrobas, e oito arrateis.

Diamantes brutos.—Dois mil trezentos e oito quilates, e dois
grãos e meio.

Item.—Varias peças de ouro e prata, e materiaes declarados
no encerramento da sua conta, o que tudo despendeo, e entre-
gou sem falta.

Agora nos-compete perguntar: onde absorveo D. João 5.º es-
tas e outras espantosas sommas de riquezas, que em seu infaus-
to reinado recebeu? Em crear por ventura fabricas, em animar
a agricultura e o commercio, e em manter um bom exercito e
marinha? Não: em adquirir o titulo esteril de *Fidelissimo*; em
fazer de Lisboa duas cidades, *Oriental* e *Occidental*; em ter
uma coisa chamada *Patriarchal*; em nutrir o luxo da côrte de
Roma; em fundar e enriquecer conventos; em pagar aos estran-
geiros, e com especialidade aos Inglezes quasi tudo aquillo com
que se-cobria e vestia desde a cabeça até os pés. Eis aqui em que
tantos thesouros se-consumirão! (Cap. VI pag. 114.)

um longo despotismo, e por consequencia de uma longa escravidão. N'elle se esquecerão absolutamente as Cortes, ninguém clamou por ellas, e ninguém talvez até deo fé d'este tão notavel esquecimento. Tal era o estado d'essa degradação moral a que chegarão esses mesmos Portuguezes, que nas Cortes de 1641 tinham patenteado ao mundo tão elevados principios de liberdade, e os-tinhão estampados, não só no memoravel *Assento* de 5 de Março do mesmo anno, mas no livro que em nome do reino depois se-publicou com o titulo de *Justa Acclamação d'el-rei D. João 4.º*! Em consequencia do modo arbitrario por que n'este reinado se-governou a monarchia, e em consequencia da quasi geral ignorancia em que sempre se-fundão faes governos, todas as riquezas immensas que então nos-vierão do Brasil de nada nos-pudérão aproveitar; porque a par d'ellas cresceu a indolencia, espalhou-se a miseria, augmentou-se a superstição, e perdeu-se de todo a nossa independencia. Londres e Roma repartirão entre si todos os nossos ricos despojos; e ambas competirão em qual levaria a maior porção d'elles. E em trôco de tudo isto a primeira tomou a seu cargo o nutrir a nossa preguiça, mandando-nos a comida, o calçado, e o vestido; e a segunda o nutrir a nossa credulidade mandando-nos indulgencias e bullas.

A este governo sacerdotal, supersticioso, e fanatico, em que o poder absoluto se-manteve só pelo instincto dos que governavão, e pela estúpida indolencia dos governados, seguiu-se o reinado forte e energico de D. José 1.º, ou antes a administração sem exemplo do marquez de Pombal, *Sebastião José de*

Carvalho. Então o poder despotico , ou o poder absoluto se-reduzio a systema ; e o ministro que ousou esta innovação , não só o-estabeleceo firmemente *de facto* , mas até quiz que fosse reconhecido *de direito*. Como *Domiciano* , pretendeo o ministro Pombal ver se conseguia que perdessemos até a memoria do que haviamos sido politicamente ; e para isto cuidou em extinguir todos os monumentos historicos , ou em os-desacreditar , (como succedeo com o livro acima citado : *A Justa Acclamação etc.* sobre o qual se-mandou lavrar um mui curioso *Assento* na secretaria d'Estado em 30 de Abril de 1767.) a fim de segurar o poder absoluto , pondo em duvida os nossos antiquissimos direitos politicos. Todavia se este reinado avançou muito na conquista das nossas liberdades , ao menos deo á nossa servidão um ar de grandeza que ella nunca havia tido. Arrostando-se denodadamente com os nossos maiores inimigos , que erão Inglaterra e Roma ; e tanto ás ambições de uma como de outra poz justos e fortes limites. Vimos então uma maravilha que raras vezes acontece , e foi que sendo geralmente o despotismo esteril , porque é também geralmente ignorante e estulto , elle foi n'essa epocha para comnosco creador e illuminado. Resuscitou entre nós a industria , que em todos os seus ramos estava como moribunda , ou como morta ; reanimou as sciencias , que pelas artes jesuiticas estavam unicamente reduzidas a certas formulas *Peripatetico-Arabicas* ; deo honra e respeito á nação , que vergonhosamente era insultada , ora pela theocracia do Vaticano , ora pela altiva arrogancia de Londres ; reprimio o domestico poder sacerdotal , e com elle a intolerancia , e o furor

da inquisição ; e finalmente espalhou o commercio e a riqueza por todo o solo portuguez , encheo os cofres publicos , que atélli andavão vazios , e erão uma prêsa segura das mil harpias do Estado , que impunemente os-devoravão.

Mas toda esta prosperidade foi temporaria , porque o reinado seguinte , que foi o de D. Maria 1.^a , herdando do antecedente todas as maximas do governo absoluto , não herdou d'elle uma só d'essa boa e rigorosa administração , que tanto o-havia caracterisado. Então se-vio clarissimamente o que é a natureza de um governo absoluto ; o qual , como seja essencialmente dissipador e infructifero , se alguma vez produz um ou outro bem , não é isto d'elle um effeito necessario , mas uma casualidade , sempre dependente do character do despota , ou do homem que em seu nome illimitadamente governa. Não acontece porém o mesmo nos governos legaes , ou constitucionalmente governados ; porque a essencia d'elles é serem sempre productivos e economicos , e isto pela razão mui simples de que os governantes e governados estão sujeitos á lei , e não podem dar um passo sem que a seu lado não caminhe uma severa responsabilidade. Assim a lei suprema nos governos absolutos é a vontade do despota , constantemente sujeita a todas as variações inevitaveis , tanto de seus proprios desejos e caprichos , como de seus servos e validos ; e pelo contrario a lei suprema nos governos legaes é invariavel , constante , e segura , porque é a lei constitucional , ou um poder firme e impassivel , que não tem paixões nem desejos , e muito menos soffre que as-hão impunemente em detrimento da publica felicidade.

Todo o bem que a administração despotica do marquez de Pombal tinha feito , perdeu-se por conseguinte em o novo reinado por effeito dos homens que compozerão o governo, e bem assim pelo proprio character da rainha. A superstição e a intolerancia tornarão a ganhar o seu poderoso dominio; o poder sacerdotal, coberto com o manto da hypocrisia, procurou desacreditar e amaldiçoar os melhores actos do antecedente reinado; a inquisição tornou a accender seus fachos anti-christãos e crueis; e se não accendeo com elles publicas fogueiras, foi porque a pouca sciencia que ja se-tinha adquirido na anterior administração, foi assim mesmo ja sufficiente para impedir este horroroso e barbaro escandalo. Não impedio contudo a geral e completa dilapidação da fazenda e riquezas do Estado, que a antecedente sábia economia tinha accumulado; porque todos quasi sem distincção cahirão sobre ellas, e com uma espantosa voracidade as-consumirão e devorárão. Por este modo o reinado de el-rei D. José, e administração prodigiosa do marquez de Pombal forão só como um simples raio de luz que por um instante apparece e alumia, mas logo se-apaga em uma longa noite tenebrosa.

Mas isto não foi senão o principio de um grande mal: a nação estava destinada a cair no mais baixo abatimento, e na mais vergonhosa deshonra. Tudo isto se-effeituou na regencia e reinado de D. João 6.º Até os fins do anno 1807 o seu governo foi devastador, incoherente, fraco, e desprezivel; porque depois de andar sempre vacillante em politica estrangeira, e ao mesmo passo firme e constante na des-

organisação da economia domestica, e depois de ter soffrido todos os insultos, ora da França, ora da Inglaterra, a final se-deixou completamente cahir na dependencia funesta d'esta ultima nação, a quem, fugindo para o Brasil, nos-entregou como um povo vendido a estranhos senhores. Desde essa epocha, a mais ominosa que apparece nos fastos da historia portugueza, nós passamos litteralmente a ser uma das mais miseraveis colonias britannicas; e o rei, senhor de riquissimas possessões nas quatro partes do mundo, se constituiu tambem litteralmente um simples bachá ou nababo do imperio britannico! Para se-completar a nossa deshonna, e ainda mais aquella de quem nos-governava, e para que em fim ninguem podesse duvidar na Europa e no mundo todo de que os Portuguezes haviam passado como *Ilotas* para o serviço d'Inglaterra, a altiva ousadia britannica não só concebeo o projecto de positiva e directamente nos-governar, mas o-alcançou e conseguiu, fazendo com que na denominada regencia de Portugal entrassem, como verdadeiramente unicos e preponderantes governadores do reino, dois Inglezes, que forão o duque de Wellington, e sir Charles Stuart! Depois d'isto, que se-podia mais esperar de tal governo e de tal rei? Sim, esta só circumstancia pinta ao natural, e caracteriza fielmente um reinado!

Desde esta epocha de vergonha, de aviltamento e deshonna, até a nova epocha gloriosa do anno 1820, nós fomos completamente escravos d'Inglaterra, e os instrumentos de todas as suas ambições e politica. Por ella derramamos o nosso sangue em torrentes em mais de vinte batalhas; por

ella vimos nossos campos destruidos e talados; por ella vimos nossas aldeias, nossas villas, e nossas cidades queimadas e desertas; e por ella, e só por ella, perdemos em fim mais de cem mil habitantes, ou mortos de enfermidades, ou de miseria, ou de fome. E que ganhamos por ultimo com tamanhos e tão custosos sacrificios? Indifferença, desprezos, e insultos, tanto na paz de Paris e no congresso de Vienna, como na partilha das indemnisações que a França foi obrigada a pagar a todas as potencias com quem havia tido guerra. E tanto menos era de esperar este procedimento, e esta prova de uma ingratição inaudita, quanto é sabido, por mais que a vaidosa altivez britannica o-pretendeo occultar, que sem nós os Portuguezes o segundo exercito não se-poderia manter seis mezes na Peninsula; e quando muito só d'allí teria podido sahir com as honras com que sabio o primeiro da Corunha, onde deixou como monumento de quanto podia o cadaver de sir John Moore.

A regeneração de 24 de Agosto de 1820 até o fim de Maio de 1823 foi outra nova luz, que appareceo na longa noite tenebrosa da nossa servidão, e das nossas miserias; porem luz muito mais brilhante e mais consoladora, doque aquella que tinha apparecido no reinado de D. José 1.º; porque abrindo-nos, e esclarecendo a estrada da nossa independencia, e da liberdade constitucional, ajuntou a tudo isto a esperanza de uma regular administração, e de um proximo melhoramento em todos os ramos da interna e externa economia da nação. Contra este bem, de que necessariamente

havião de resultar mui proveitosos effeitos, nascê-
rão porem logo infinitos obstaculos; uns provenien-
tes da timidez e egoismo d'el-rei, que só por me-
do parecia approvar as novas e tão uteis institui-
ções; outros causados pela politica ingleza, que
occultamente, e só por vingança de nos-havermos
subtrahido á sua servidão, conspirou contra esta
nossa nova ordem politica; e os mais perigosos em
fim, nascidos da resistencia de todos os devorado-
res da fazenda publica, e de todos os que esta-
vão acostumados aos privilegios, ás honras, e aos
interesses, que confere a libré do poder absoluto.
Mas da influencia destes ultimos obstaculos, bom
é que se-diga, e se-repita, forão essencialmente cul-
pados os auctores e directores d'aquella revolução.
Não virão, ou não forão capazes de ver, que to-
do o segredo das revoluções está em fazer passar
os interesses dos oppressores para o dominio dos
opprimidos: e assim contentando-se simplesmente
com dispersar alguns d'elles, nada conseguirão,
nem podião conseguir; porque não tendo os ditos
interesses passado das mãos dos que os-possuião,
e havendo ficado só por um momento paralyzados,
logo na primeira occasião se-reunirão, tomárão a
sua antiga ascendencia, e ficarão oppressores como
antes. Uma revolução é uma conquista; e se nas
mãos dos conquistados se-deixão as armas, e todos
os instrumentos do seu antigo poder, em breve os
mesmos conquistadores passão á sorte inevitavel de
conquistados. Cuidárão inexperientemente os nossos
regeneradores, que bastavão uma constituição e al-
gumas leis para sustentar o seu novo edificio po-

litico; porem o pretender fundar uma revolução em simplices folhas de papel é o mesmo que fundal-a no vacuo, ou ainda mais claro, é o mesmo que fundar um edificio em terreno alheio.

Teve portanto a regeneração de 24 de Agosto de 1820 o destino que devia ter: os antigos oppressores, que se tinham deixado tão estultamente armados, pegarão de novo nas armas, assim que uma boa occasião se-lhes-offereceo; e nós no fim de Maio, ou principios de Junho de 1823, nos tornamos a ver sepultados em todos os horrores, e até em todas as vinganças dos nossos antigos oppressores debaixo das bandeiras do poder absoluto. Toda esta epocha até 10 de Março de 1826, em que se-deo por morto D. João 6.º, não é senão uma serie não interrompida de vinganças, dilapidações, e até de attentados e de crimes contra o mesmo throno, que os hypocritas absolutistas tanto clamavão que pretendião libertar e defender; e este ultimo periodo, bem estudado e meditado, deve fazer ver aos Portuguezes, não só a differença que ha entre um governo legal e um governo absoluto e arbitrario, mas o que elles podem ainda esperar de homens, que hoje cobertos do manto constitucional, tão conspicuamente então figurarão na conquista do absolutismo.

O resultado de quanto se-tem lido atégora será em resumo o mesmo que ja se-vio, isto é: 1.º Que a monarchia portugueza principiou constitucionalmente com uma representação nacional, como coisa inherente á sua primitiva essencia. 2.º Que emquanto este systema legal se-conservou, a mesma

monarchia não só progressivamente cresceu e se-fortificou, mas subiu ao maior gráo de gloria, a que ainda nenhuma outra nação europea chegou. 3.º Que logo que as instituições constitucionaes começárão a desprezar-se, ou de todo se-abolirão, o poder absoluto que tudo destroe, que tudo mata, e que tudo aniquila, fez com que a mesma monarchia fosse também progressivamente decahindo, até que não só perdeu toda a sua antiga gloria, porem a propria independencia. 4.º Que ao lado do despotismo, ou do poder absoluto, se-veio logo sentar no mesmo throno o fanatismo acompanhado da ignorancia, da hypocrisia, e da superstição armada com todos os furores que ella sempre costuma empregar. 5.º E finalmente que por esse modo, fracos e aviltados, cahimos na servidão de Inglaterra, o maior mal que nos-podia acontecer; porque, além da perda da nossa propria dignidade, temos sido reduzidos por ella á vil condição de miseraveis colonos, e a uma pobreza sem exemplo em todas as monarchias que tammanhos recursos tem tido, e ainda tem como os nossos.

Tem dicto porem, ou ainda dizem, os descobertos e occultos defensores do absolutismo, que as nossas antigas Cortes, ou representação nacional, apenas tinham um *voto consultivo*; e por consequencia que o poder dos reis Portuguezes era *essencialmente absoluto*. Isto é uma calumnia, ou um erro imperdoavel de facto e de historia portugueza. Além dos grandes exemplos que deo a nação, exercendo os seus direitos de soberania por meio das Cortes, quer seja em Lamego, quer na escolha de D. João 1.º,

quer na regencia para a minoridade de D. Affonso 5.º, e quer na revolução de 1640, e na deposição de D. Affonso 6.º; a pratica constante das Cortes ordinarias mostra, que n'ellas havia um inquestionavel poder legislativo, poder que obrigava o rei e a nação. O maior direito politico que pode ter um povo é o de taxar-se a si mesmo no que é necessario para pagar as despezas publicas do Estado; e quando o rei não tem este direito, bem claro fica que elle não é absoluto, e que nas suas mãos não está unicamente o poder legislativo. Ora, que as nossas Cortes tinham só este direito, e que por consequencia erão verdadeiramente *legislativas*, é esse um facto tão claro como a luz do meio-dia. E se isto não é verdade, porque razão el-rei D. Manoel, tão poderoso e tão forte, foi obrigado pelo vereador de Evora *Ceceoso* a dissistir de um tributo, que elle havia imposto e lançado sem o consentimento das Cortes? Não se-pode allegar outro motivo, senão que elle não tinha authoridade para isso; e se elle não tinha essa authoridade, tambem a não tinham nem os seus antecessores, nem os seus successores. E por consequencia tambem elle não era rei absoluto, nem o-podião ser de direito todos os mais reis que se-lhe-seguirão; porque herdarão a administração da monarchia debaixo das mesmas condições.

As principaes queixas que tinha a nação contra Castella erão que se-lhe-impunhão tributos sem o seu consentimento; e disto fazem mui particular menção muitos dos nossos antigos historiadores. Entre elles só agora mencionarei dois de grande nota,

e de irrefragavel authoridade, os quaes são D. Francisco Manoel de Mello, e o padre Vieira. Diz o primeiro, na sua Epânaphora 1.^a, pag. 10: « Que
 « segundo os antigos fóros não podião os principes
 « impôr novo tributo antes que em Cortes fosse
 « communicado, pedido, e concedido. » E diz o segundo: « Que tinha Portugal o privilegio antigo que
 « se-lhe não poria tributo algum senão *admittido*
 « em Cortes. » Reflectindo sem prevençãõ em tudo isto, quem poderá pois agora dizer que as nossas antigas Cortes erãõ simplesmente *consultivas*? O argumento em que se-fundão os que apregoão tão erronea doutrina é: que nas Cortes antigas os procuradores dos povos só deliberavãõ e propunhão ao rei, que tinha authoridade para rejeitar as suas deliberações e propostas; de maneira que sem o consentimento d'este não havia lei, nem promulgaçãõ d'ella. Mas isto é exactamente o mesmo que hoje acontece em todas as monarchias constitucionaes, e está estabelecido na Carta de 29 de Abril de 1826, na qual o rei tem o *veto* ou o poder de rejeitar aquillo que ja se-discutio, e se-lhe-propõe para approvar. Segue-se porem que nossos antigos reis, e na antiga composiçãõ das Cortes, assimcomo podião rejeitar as propostas dos procuradores dos povos, podião igualmente impor tributos, ou promulgar verdadeiras leis, sem esta previa deliberaçãõ ou proposta? Certamente não ha ninguem que o-possa affirmar com verdade. Paraque os antigos reis Portuguezes fossem verdadeiramente absolutos, seria necessario provar: que sem uma antecedente proposta, deliberaçãõ, ou consentimento dos procura-

dores dos povos elles podião, por exemplo, impor um novo tributo; mas como esta prova é impossivel, segue-se que as nossas antigas Cortes erão tão *legislativas* como as que hoje estão designadas na Carta, e bem assim como todas as mais camaras que hoje tambem fazem a base de todos os governos representativos da Europa. E outra conclusão não menos verdadeira é a seguinte: que a nossa primitiva organização monarchica era rigorosamente constitucional, e que a Carta não veio fazer mais doque restituir-nos os nossos antigos direitos politicos, que o despotismo, ou o poder absoluto, nos tinha violentamente usurpado. E' verdade que as formulas para constituir as Cortes da nação, e para dirigir as suas deliberações não são exactamente as mesmas que nas antigas Cortes se-praticavão, porque estas formulas dependem do tempo, e do progresso dos conhecimentos humanos; porem a sua essencia e a sua authoridade são rigorosamente as mesmas. etc.

FRAGMENTOS DOGMATICOS,

extrahidos da historia da Creação do Mundo do Reverendo

Dr. Manoel Dias de Sousa.

PROEMIO.

As obras da Natureza, assimcomo as da Graça, fallão de seu Auctor a todos os que as-contemplão: ellas fazem conhecer as infinitas perfeições do Creador de tantas maravilhas; todas annuncião a sua infinita Sabedoria, que taes coisas soube traçar; o seu

Poder, que tudo o que traçou pôde com sua Palavra executar; a sua Summa Bondade e Providencia, que tão perfeitamente proveo a todas as creaturas do que lhes era necessario, desde a mais alta até a mais baixa, que não deixou coisa por prover para a sua existencia e conservação: tudo enfim obriga as creaturas intelligentes e racionais, para cujo serviço e proveito as outras forão creadas, a reconhecer a Divindade do Creador, e a render-lhe as homenagens, que lhe-são devidas, como são a adoração e reverencia a tão grande Magestade; o amor a tão grande Bondade; o temor e obediencia a tão grande Poder e Sadedoria; e a confiança em tão perfeita e misericordiosa Providencia.

Assim: o conhecimento de Deos e das suas obras é o mais importante á humanidade, e o mais proprio para inspirar os sentimentos de Religião, e descobrir os deveres, e as principaes verdades, que ella ensina. Todos os outros conhecimentos, sem este, não são mais que uma lamentavel segueira.

PRINCIPIO DO MUNDO.

Diz a Sagrada Escripura: No principio creou Deos o Ceo e a Terra. A Terra porem estava vazia e nua: e as trevas cobrião a face do abysmo: e o Espirito de Deos era levado por cima das aguas.

O Ceo e a Terra, e todas as coisas que nelles vemos, e admiramos, assimcomo tambem as que não vemos, tiverão principio; e só existirão quando Deos Eterno, e Infinito quiz que ellas existissem.

Pela vontade de Deos pois é que tem ser e exis-

tencia o Ceo, os Astros, a Terra, os homens, os animaes, as plantas, e todas as mais creaturas assim visiveis, como invisiveis.

Antes que o Mundo fosse creado por Deos nada havia mais que Deos, o qual existe desde a eternidade, tendo em si mesmo toda a gloria, e sendo infinitamente bemaventurado, sem para isto necessitar de creatura alguma.

Mas quando este Senhor Supremo se-dignou manifestar o seu Poder, e communicar a sua Bondade, começou por crear a materia, que devia compor o Mundo; e, a nosso respeito, as principaes partes desta materia são o Ceo e a Terra. Este foi o principio, e o desenho da grande obra do Creador.

Deos tirou do nada esta materia, da qual veio depois a formar o Mundo; pois que o Senhor não é como os simplicies artifices, que precisam de encontrar materia ja prompta, da qual fação as suas obras. Deos para obrar não precisa senão de si mesmo, e do seu Poder.

Toda esta materia que Deos creou, e tirou do nada, como a Sagrada Escriptura diz da Terra em particular, não era em seu principio mais doque uma massa confusa, envolvida n'um abysmo d'aguas. O Ceo, o Ar, as Aguas, e a Terra estavam ainda todos juntos e misturados, sem a ordem e perfeição que o Senhor lhes-deo depois; e este ajuntamento informe é o que se-chama *Chãos*, e foi o berço do Mundo.

Este *Chãos* estava envolto nas trevas espessas; e o Espirito de Deos repousava sobre as aguas, animando-as com a sua virtude Divina, para a pro-

dução das differentes creaturas, que d'ellas forão ao depois tiradas; e dispondo-as desde então para uma fecundidade espiritual na regeneração dos homens pelo Baptismo.

Do *Chãos* tirou Deos, com a virtude e efficacia da sua Palavra e da sua Vontade, a variedade de creaturas, com que ornou o Universo. E ainda que, infinitamente Poderoso, podia crear tudo em um só momento, a Sagrada Escriptura nos-declara que o Senhor empregou seis dias na Creação do Mundo, formando em cada dia diversas creaturas, todas enriquecidas de propriedades, que manifestão a Grandeza e Bondade, o Poder e Sabedoria do Creador. O *Chãos* se-desenvolveo á medida que a voz do Senhor dispoz as creaturas nesta ordem maravilhosa, que hoje faz a belleza do Universo.

OBRAS DO PRIMEIRO DIA.

Creação da Luz.

Diz a Sagrada Escriptura: *Disse Deos: Faça-se a Luz, e fez-se a Luz. E vio Deos que a Luz era boa, e dividio a Luz das trevas. E chamou á Luz dia, e ás trevas noite; e da tarde e da manhã se-fez o dia primeiro.*

Deos não tinha necessidade alguma da Luz para ver as suas obras; porque as trevas nada lhe-occultão, e a Luz nada lhe-descobre. Porem era necessaria a Luz, paraque a Natureza não ficasse sepultada na obscuridade; e paraque as maravilhas da mesma Natureza nos não fossem desconhecidas. Portanto quiz o

Creator que fosse feita a Luz, a primeira maravilha que se-requeria para ornato do Universo.

Deos produzio a Luz com uma simples Palavra, dizendo : *Faça-se a Luz, e logo foi feita a Luz*; porque a Voz ou Palavra de Deos é a sua Vontade Omnipotente. Elle quer, e logo tudo se-faz no tempo, e pelo modo que Elle quer, porque em Deos o querer e obrar é a mesma coisa. E assim o Senhor fallou, e tudo foi feito; mandou, e tudo foi creado.

.....

OBRAS DO SEGUNDO DIA.

Do Firmamento.

Diz a Sagrada Escripura : *Disse tambem Deos : Faça-se o Firmamento no meio das aguas, e separe umas aguas das outras aguas. E fez Deos o Firmamento; e dividio as aguas, que estavam por baixo do Firmamento das que estavam por cima do Firmamento. E chamou Deos ao Firmamento Ceo; e da tarde e da manhã se fez o segundo dia.*

As aguas, que cobrião a terra, erão mais volumosas que a mesma terra, a qual, bemcomo um atomo imperceptivel, se-achava mergulhada no abysmo das aguas. Mas Deos no segundo dia, deixando obrar os agentes da evaporação, reduzio a maior parte destas aguas immensas a vapores subtis, e os-elevou tão alto, que deixárão grande intervallo entre as aguas, de que a terra ficou coberta.

Este intervallo é o que se-nos-representa nessa

immensa abobada azulada, que brilha por cima de nós, e da qual parecem estar suspensas as estrellas. Chama-se-lhe Ceo; e serve como de separação entre as aguas, que forão elevadas ao Firmamento, e as que ficarão sobre a terra.

A divisão das aguas contribuiu a fazer a terra habitavel: o lugar, que occupão as que forão elevadas, é para nós desconhecido. E devemos advertir que Deos está no seu Sanctuario desde a eternidade; e não creou de novo este Ceo ou Firmamento, para começar a estabelecer nelle a sua morada.

.....

OBRAS DO TERCEIRO DIA.

Separação das aguas do Mar.

Diz a Sagrada Escripura : *Disse tambem Deos : As aguas, que estão debaixo do Ceo, ajuntem-se n'um mesmo lugar, e o elemento arido appareça : e assim se-fez. E chamou Deos Terra ao elemento arido, e ao ajuntamento das aguas chamou Mar : E vio Deos que isto era bom.*

A porção de agua, que Deos no segundo dia deixára conveniente a formar as fontes, os regatos, os lagos, os rios, e os mares, no terceiro dia se-reunio em um só lugar, e a terra appareceo visivel. Assim o-mandou o Senhor, e as aguas obedecerão logo a seu mandamento. As aguas cobrião as mais altas montanhas, mas a Voz de Deos as-fez fugir, e descer ao lugar, que lhes-havia destinado. O Senhor lhes-assi-

gnou limites e termo, que não devião passar; e ellas não tornarão mais a cobrir a terra.

Nas altas marés do Outomno e Primavera; nas furiosas tempestades, em que as ondas com horrórosos mugidos, elevando-se até ás nuvens, ameação a terra de uma proxima inundaçãõ, ellas respeitão a Ordem de seu Creador, e não se-adiantão além dos limites, que o Senhor lhes-abalisou. O elemento mais indocil, assimcomo foi obediente na sua retirada, o é ainda agora no seu descanso.

.....
 Diz a Sagrada Escripura: *Disse tambem Deos: Produza a terra herva verde, que dê a sua semente: produza arvores fructiferas, que dem fructo segundo a sua especie, para a-reproduzirem sobre a terra. E assim se-fez. Produzio a terra herva verde, que dava semente segundo a sua especie; e produzio arvores fructiferas, que continhão a sua sementz em si mesmas. E vio Deos que isto era bom. E da tarde e da manhã se-fez o dia terceiro.*

Não é ja a simples materia inerte tal como o Ceo, a Terra, e o Mar, que se-nos-propõe, onde se-manifesta mais o Poder de Deos, doque a sua Sabedoria, e a sua Intelligencia. O Deos Supremo começa a mostrar-se-nos de mais perto, e a fazer-se mais visivel pela producção de corpos organizados e vivos, cujas partes todas tem particular figura, e uso proprio o que de necessidade se-attribute a uma causa intelligente. Ellas, reunidas em um todo, caminhão ao fim e termo a que as-destinou o Artifice Divino, segundo o designio da sua Sabedoria Suprema.

A Terra por si só era tão incapaz, de produzir

uma planta, como o nada era incapaz de produzir por si mesmo o Ceo e a Terra. Porem Deos fallou á Terra, assimcomo no primeiro dia fallou ao nada; e a Terra, ainda que esteril por natureza, brotou logo de seu seio uma infinita variedade de plantas. A sua superficie triste e arida mudou-se em aspecto variado nos valles, colinas, e montanhas. Ella appareceu de repente coberta de lindas flores, de prados risonhos, e bosques sombrios, esmaltados de fructos agradaveis e saborosos.

Não é menos maravilhosa a continuação das plantas, parecendo que Deos se-obrigou a conserval-as como immortaes, só pela efficacia da sua Palavra. Quem se não admirará examinando o poder destas palavras: *Que dem a sua semente, para a-reproduzirem sobre a terra!* Palavras que tem tanta virtude nos pequenos grãos, que os-faz perpetuar, e multiplicar as plantas desde o principio do Mundo pela semente que as-reproduz.

Outra maravilha, que merece attenção, é a immutabilidade dos grãos, e a perseverança das plantas na sua primeira natureza, por força das palavras: *Dem fructo segundo a sua especie.* Cada planta tem figura, uso, e propriedades particulares; cada uma acha na terra succos nutritivos proporcionados á sua natureza: e aindaque estejam misturados no mesmo terreno, ellas se não confundem.

As plantas de cheiro forte, e de gosto acre e penetrante conservão as mesmas qualidades em meio d'outras que as-tem contrarias: a flor de excellento cheiro cresce junto da planta que tem cheiro desagradavel; e as venenosas não offendem as visinhas

que são saudáveis. Aindaque as plantas degenerão , por serem transportadas a terrenos menos proprios , ou por outro qualquer principio, nunca jamais se confundem ou misturão. Cada planta conserva-se no estado da sua primeira origem por força de innumeráveis leis , que nos-são desconhecidas , aindaque o Senhor as-haja estabelecido sobre a Natureza.

Depois que Deos vio a Natureza ornada de tantas e novas creaturas, que manifestavão as perfeições da sua sabedoria , fecundidade , e magnificencia : depois que vio na exactidão das suas obras a mutua relação , que as-ligava com as outras partes do Universo , na ordem estabelecida para as-conservar e multiplicar , então vio que isto era bom; e abençoou e consagrou as obras deste dia com a sua approvação. Foi assim que terminou o terceiro dia , secundo em novas producções , e cheio de bens , preparados para o homem , que destinava crear.

.....

OBRAS DO QUARTO DIA.

Creação dos Astros.

Diz a Sagrada Escripura : *Disse tambem Deos : Fação-se uns lizeiros no Firmamento do Ceo , que dividão o dia e a noite , sirvão de signalar os tempos , as estações , os dias , e os annos : que luzão no Firmamento do Ceo , e allumiem a Terra. E assim se-fez. Fez Deos dois grandes lizeiros , um maior , que presidiisse ao dia ; e outro mais pequeno , que presidiisse á*

noite: e creou tambem as *Estrellas*, e pôl-as no *Firmamento do Ceo*, para luzirem sobre a *Terra*; e presidirem ao dia e á noite, e dividirem a luz das trevas. E vio Deos que isto era bom. E da tarde e da manhã se-fez o dia quarto.

A luz ja tinha sido creada, e ja com ella estava regulada a successão dos dias e das noites: a *Terra* obedecendo á voz do Creador, tinha tambem ja produzido uma infinita variedade de plantas, que ornavaõ a sua superficie, e a-enriqueccião de fructos de toda a especie, e de toda a sorte de gostos.

Mas no quarto dia quiz Deos fazer ainda mais sensivel a sua Sabedoria e o seu Poder, creando o *Sol*, a *Lua*, e os mais *Astros do Ceo*, com os quaes deo nova forma á luz, e fez o *Firmamento* todo brilhante e luminoso, não só para esclarecer a *Terra* de dia e de noite, mastambem para signalar os tempos com os movimentos justos e regulados, que imprimio nos mesmos *Astros*.

Basta lançar os olhos com alguma reflexão para o magnifico, e maravilhoso espectaculo do *Ceo* e dos *Astros*, para reconhecer o seu *Author*. Os luzeiros que brillão por todo o *Firmamento* annuncião, e publicão a Grandeza de Deos, Creador de tantas maravilhas.

.....

OBRAS DO QUINTO DIA.

Creação dos Peixes, e das Aves.

Diz a Sagrada Escripura: *Disse tambem Deos: Produzão as aguas animaes viventes, que nadem nas aguas, e Aves que võem sobre a Terra, e de baixo do Firmamento do Ceo. Creou Deos pois os grandes Peixes, e todos os animaes que tem vida e movimento, os quaes forão produzidos pelas aguas, cada um segundo a sua especie; e todas as Aves, segundo o seu genero. E vio Deos que isto era bom, elle os-abençoou, e lhes disse: Crescei, e multiplicai-vos, e enchei as aguas do Mar: e as Aves multipliquem sobre a Terra. E da tarde e da manhã se-fez o quinto dia.*

Depois que Deos ornou o Ceo de brilhantes Astros e vestio a Terra de plantas admiraveis em perfeição e variedade; obrou no quinto dia maravilhas de um novo genero. A sua Omnipotente Palavra povogou em um instante o Mar de innumeraveis creaturas, não ja immoveis como as plantas, que se-sustem firmes nas raizes; mas animadas, e com variedade espontanea de movimentos livres, fortes, e industriosos para conservarem a vida, e fecundos para perpetuarem suas especies.

Os Peixes e as Aves, dissimilhantes em tudo, forão tirados da agua; mas os Peixes tem remos para nadarem pelas aguas, e as Aves tem azas para cortarem os ares. O Senhor deixou nas aguas, longe da luz, do ar, e da communicação dos homens, Peixes que vivem mudos, e sem formarem sociedade; e tirou

das mesmas aguas Aves, que remontando-se por suas azas até ás nuvens, fazem retinir de continuo agradaveis cantigas, em recreio do homem, e gloria do Creador.

Muitas Aves tem inclinações doces, e não estranhão habitar com os homens: outras só descem á terra obrigadas da necessidade.

Uma só palavra do Omnipotente, tão simples como activa, poz differença tão essencial entre creaturas de igual nascimento. O Senhor *vio que tudo isto era bom*, e que nada havia mais admiravel, doque a variedade quasi infinita de animaes, que por suas diferentes inclinações, movimentos, industria, figura, e belleza, erão outros tantos testemunhos de sua Divina Providencia.

Deos abençoou assim os Peixes, como as Aves; e por esta benção lhes-assegurou quanto fosse necessario á sua vida, e á sua conservação. A tarde e a manhã deste quinto dia forão logo celebrados pelo cantico das Aves, que ainda hoje continuão a tributar ao Senhor, principalmente ao nascer, e ao pôr do Sol. Os Peixes, postoque mudos, mostrão igual obsequio ao Creador, lançando-se algum tanto fora da agua nestes dois tempos. A Natureza, antes insensivel, começou a manifestar a differença, que ha entre a luz e as trevas.

.....

OBRAS DO SEXTO DIA.

Creação dos Animaes terrestres.

Diz a Sagrada Escriptura: *Disse tambem Deos: Produza a Terra Animaes viventes, cada um segundo a sua especie: animaes domesticos, reptis, bestas da terra, segundo as suas especies. E assim se-fiz. E creou Deos as bestas da terra, segundo as suas especies; os animaes domesticos, e todos os reptis da terra, cada um segundo a sua especie. E vio Deos que isto era bom.*

O sexto dia foi ainda mais fecundo em prodigios. O Senhor assimcomo ja tinha fallado ao Mar, fallou tambem á Terra, paraque ella produzisse animaes viventes de toda a especie, que a-devião povoar; e logo a Terra produzio todas as castas de animaes, que nella vivem, e a-povôão por toda a parte. A infinita multidão das maravilhas, que forão effeito de uma só palavra do Altissimo nos-é incomprehensivel: todo o Mundo se-acha povoado de animaes; no mesmo interior da terra, das plantas, dos licôres, das mesmas pedras, se-achão animaes; e tambem dentro dos mesmos animaes se crião uma infinidade de outros. O artificio destas novas creaturas excede toda a intelligencia humana, e manifesta cada vez mais a Sabe-doria, o Poder, e a Providencia do Creador.

Por innumeraveis que sejam as especies de animaes, em nenhum delles, por mais pequeno e desprezivel que seja, se-descuidou o Divino Artifice de um só ponto: a todos dotou dos orgãos, industria, e faculdades necessarias para se-conservarem, isto é, para

se-sustentarem , defenderem , e curarem nas suas enfermidades ; e para se-reproduzirem , e criarem seus filhos , sem que para cada uma destas funcções lhes-falte coisa alguma. Cada um dos seus membros foi feito com designio , e todos elles estão ordenados com summa sabedoria. Por todo o corpo de um animal circulão differentes humores , os quaes servem para a nutrição das partes a que se-encaminhão ; e o animal vive , emquanto existe esta circulação.

Todos os animaes são dotados de sentimento , e tem a faculdade de se-moverem para onde bem lhes-parece , a procurar o alimento que lhes-convem. Cada especie tem seu genero de manjares proporcionados á sua natureza , segundo a determinação do Creator ; e assim , uns se-sustentão de hervas , outros de rama , outros de grãos , e outros que são erueis , de carne e sangue , devorando os mais fracos : mas por innumeraveis que sejam as suas especies , e por mais differentes que sejam seus mantimentos , a nenhum falta o que lhe-é proprio e natural.

Creou Deos animaes pacificos e doces , destinados a viver com o homem , para o-ajudarem com sua força e industria , e alliviar-o na cultura das terras , nos carros , nas viagens , e outras fadigas ; para o sustentar com o seu leite , e vestir com suas lans. Estes se-chamão animaes domesticos , porque se-domesticão com facilidade , e são os que mais se-propagão. Outros são indomaveis . e vivem pelos bosques e lugares solitarios , onde quasi nunca apparecem de dia , e são em menor numero : estes se-chamão bestas selvagens , ou animaes silvestres.

Todos os animaes andão curvados sobre a terra ,

onde procurão a sua subsistencia: uns tem quatro pés, e se chamão *Quadrupedes*; outros vivem tanto na terra como na agua, e chamão-se *Amphibios*; outros não tem pés, e andão de rastos pela terra, e chamão-se *Reptis*; outros emfim, tem pés muito pequenos e debeis, e juntamente azas com que vôão, e se-chamão *Insectos*.

.....

Creação do Homem.

Diz a Sagrada Escripura: *Disse tambem Deos: Façamos o Homem á nossa imagem e similitude, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do ceo, aos quadrupedes e reptis, que se-movem sobre a terra, e domine em toda a terra. E creou Deos o Homem á sua imagem: fêz-o á imagem de Deos, e creou-os macho e femea.*

Pedia a boa ordem que o Rei não apparecesse antes dos vassallos, sobre os quaes havia de reinar; nem que fosse aclamado antes que o seu imperio estivesse formado. E assim, depois que o Universo foi ornado, e povoado com tantas e tão bellas creaturas, creou Deos o Homem, para quem ellas erão destinadas, e das quaes lhe-queria confiar o imperio: mas esta privilegiada creatura não foi creada como as outras.

O Ceo e a Terra sahirão do nada por virtude de uma só palavra: uma só palavra *Faça-se a luz* fez sahir a luz das trevas; todos os corpos organizados, ou sejão plantas, ou sejão animaes, onde a Sabedo-

ria de Deos se fez tão sensível , forão produzidos por uma palavra de mando: *Produzão as aguas e a terra plantas e animaes*; mas o Homem foi creado por uma palavra de conselho: *Façamos o Homem*.

Deos , a nosso modo de entender , delibera , e entra em conselho consigo mesmo , como quem vai fazer uma creatura livre e racional , uma obra de mais alta perfeição doque as creaturas corporaes , que antes tinham sido produzidas , e , para assim dizer , de uma particular industria , onde havia de reluzir com mais excellencia a Sabedoria do seu Author.

Para produzir as creaturas , que devião servir ao Homem , bastava uma palavra , que as-tirasse do nada : o mando convinha aos escravos destinados a servir. Mas para crear o Senhor que as-devia mandar , mudou Deos de linguagem , e começou a honral-o quasi como igual. Deos o-formou por si mesmo , a fim de que este glorioso privilegio fizesse o Homem tambem digno de ser Senhor.

Todos os animaes recebêrão o ser e a vida em virtude de uma só palavra , e sahirão das aguas e do seio da terra com seus corpos animados e perfeitos ; quando porem Deos quiz formar o Homem , formou primeiro o seu corpo destituido de movimento ; e depois de formado o corpo , é que com um assôpro sobre o rosto lhe-infundio alma e vida.

A Sagrada Escriptura diz : *Formou pois o Senhor Deos ao Homem do limo da terra , e assoprou sobre seu rosto um assôpro de vida ; e recebeu o Homem alma e vida*. Tal foi a nossa primeira origem ; e o mesmo Creador é quem nos-ensina o como nos-formou ; e que por uma revelação tão liberal , e tão segura deci-

de um sem numero de questões , e de dúvidas sobre o fundamento do nosso estudo , e sobre os nossos deveres.

Admiravel fabrica do corpo humano.

Entre todas as maravilhas, que Deos obrou por amor do Homem, a maior é o mesmo Homem; pois que nelle resplandece a Sabedoria do Creador mais doque em outra alguma creatura terrestre.

Deos não formou o corpo do Homem para andar curvado sobre a terra, como os animaes; mas sim direito e levantado: e por uma tão singular postura se-manifesta sua natural inclinação para as coisas altas e sublimes. Entre todos os membros, de que é composto o corpo humano, reina um equilibrio tão perfeito, e tão difficil de conservar, que não é possível fazer uma estatua á imitação do corpo do Homem, que sendo mais largo e solido na altura, se-sustenta direito e immovel sobre uma base tão pequena e delicada, como são os pés; e muito menos que sobre esta pequena base fizesse os innumera-veis, diversos, e complicados movimentos, que faz o Homem.

A organização do corpo humano é das mais admiraveis, e excede em perfeição á de todos os animaes. A sua face augusta, a sua agradavel figura, e o ar magestoso de seu rosto annuncião a sua dignidade. O sentimento e acção, que a alma espalha no mesmo rosto, é um genero de perfeição superior a todas as creaturas do mundo visivel; a regularidade

das suas feições, a escolha, o polimento, e o lustre das cores, que o-ornão; o ar de vida e expressão, que respira, faz sobresahir estas mesmas graças, e dá á materia, de que o corpo é formado, uma especie de belleza espiritual.

O corpo, coberto de uma palle tenra e delicada, contem uma multidão de ossos e cartilagens, que o-sustentão: estes ossos se-elevão desde os pés até a cabeça, encaixados uns nos outros com tal simetria e ordem, que os de um lado são em tudo semelhantes aos do outro: cada osso tem o feitio e proporção proprios para o lugar em que se-acha, e para o movimento que exercita: todos estão unidos de tal sorte, que se dobrão, e jogão sem se-roçarem, e sem se-estorvarem uns aos outros, e com taes ligamentos, que se não podem separar sem grande violencia.

Por todo o corpo se-espalhão nervos, que mantem uma estreita communicação entre as partes, que o-compõem; por todo o corpo corre sangue, que o-vivifica; e é levado por arterias e veias semelhantes aos regatos do globo terrestre. No centro do corpo está posto o coração, que é como um reservatorio da principal força destinada a imprimir, e entreter o movimento no fluido. Os bofes tem a faculdade de introduzir no interior do corpo o ar, que o-refresca, e expelle o vapor nocivo. O estomago, e as visceras de differentes generos são como armazens e laboratorios, onde se-preparão os alimentos, que fornecem as reparações indispensaveis á conservação do corpo. Os rins, a bexiga, e os intestinos separão, e expulsão o refugo da nutrição.

Finalmente o cerebro, residencia da alma, é como tal espaçoso, e ornado de um modo conveniente à dignidade de quem o-habita. Os sentidos são como servos domesticos, promptos e fieis, que advertem a alma de tudo o que lhe-convem saber: elles servem aos prazeres do Homem, ao mesmo tempo que o-avisão sobre os riscos da sua existencia.

O Creador ajuntou no rosto do Homem os principaes sentidos com uma ordem e proporção admiraveis. O primeiro sentido, e o mais nobre está nos olhos, nos quaes o Senhor accendeo uma como chamma celeste, a que nada pode comparar-se em toda a natureza: este sentido é o mais extenso no seu alcance, e o que mais serve á nossa instrucção; poisque pelo orgão deste sentido é que conhecemos todos os outros; por elle é que vemos as maravilhas do Universo, e o nosso espirito se-eleva ao conhecimento do Creador. Em vão brilharia o Sol, se nós não tivéssemos o sentido da vista: as maravilhas das obras de Deos, e o magnifico espectáculo do Firmamento nos-serião desconhecidos.

Depois da vista segue-se o sentido do ouvir, que tem o seu assento nos ouvidos: com este sentido é que distinguimos, e conhecemos as variedades dos sons, gozamos da sua melodia e consonancia, e nos-entretemos e instruimos com nossos semelhantes.

O terceiro sentido reside no nariz, e por meio d'elle gozamos de certos aromas e perfumes, e conhecemos nas coisas muitas qualidades, que nos-são convenientes ou nocivas.

O quarto sentido é o do gôsto, que reside na lingua e no paladar: elle nos-faz gozar de deliciosos

fructos, de plantas uteis, e dos mais alimentos, da que precisamos.

O quinto e ultimo sentido é o do tacto, que, espalhado por todo o corpo, nos-dá a conhecer o frio e o calor, e os corpos estranhos que nos-podem servir ou offender, e as suas qualidades relativas ás nossas necessidades, ou á nossa conservação.

Sem estes differentes orgãos, cuja delicadeza, tecido, e jôgo escapão aos observadores mais exactos, a terra não nos-apresentaria mais doque uma massa informe, e sem côres; os seus fructos não terião para nós nem sabor, nem cheiro; e os objectos, que ella encerra, não serião a nosso respeito mais doque objectos mortos.

Tal é a ultima obra, que sahio das mãos do Creador do Mundo. O Senhor a-figurou por suas Divinas Mãos do pó da terra, e retocou, e aperfeiçoou as suas feições com uma especie de complacencia: e assim a singular belleza de todo o corpo do Homem, e a sua presença magestosa annuncião a nobreza da sua qualidade.

Alma racional do Homem.

O Homem, além da maravilhosa composição do seu corpo, na qual incomparavelmente se-distingue de todos os animaes, tem o *assôpro* Divino, com que foi animado, e que mostra ainda melhor a excellencia da sua natureza; e bem assim a distancia immensa, que a Bondade do Creador pôz entre elle e os brutos.

Deos tirou todas as coisas dos seus principios: produzio da terra as hervas, e as arvores com os animaes, que tem uma vida terrestre, e puramente animal; porem a vida do Homem foi tirada de outro principio, que é o mesmo Deos. Depois que o Senhor formou o corpo do Homem do limo da terra, não tirou deste limo a alma do mesmo Homem; mas *assoprou sobre seu rosto um assôpro de vida*, e assim é que o Homem recebeu uma alma vivente.

O Homem é formado de dois principios: emquanto ao corpo procede da terra; e emquanto á alma provém de Deos immediatamente. Esta alma não foi tirada do corpo, que anima, nem formada de alguma outra materia: tudo o mais é tirado dos elementos, porque tudo o mais é terrestre, e corporeo; porem a alma racional foi dada ao Homem pelo mesmo Senhor, que o-creou.

Esta alma é uma substancia espiritual, isto é, sem corpo, sem figura, e sem côr; que pensa, conhece, e discorre; que ama e obra livremente; ao mesmo tempo que o corpo é incapaz de pensar, de discorrer, e de amar, porque é uma pura materia. Tem a alma uma admiravel actividade: ella em um instante corre todo o Universo; eleva-se ás estrellas, sobe e desce estes vastos espaços em menos tempo doque é necessario para pronunciar estas palavras. A sua simplicidade é uma especie de immensidade, que a-faz presente no lugar em que está, e no lugar em que deseja estar.

Exercita a nossa alma todas as suas operações por meio de tres faculdades ou potencias, que são

a *memoria*, o *entendimento*, e a *vontade*. Com a *memoria* conserva as idéas, que tem percebido pelos sentidos, principalmente se as-tem repetido muitas vezes; e as representa, e se-lembra dellas quando lhe-é necessario: esta lembrança habilita a alma para conhecer o exito, e o successo das coisas presentes e futuras: e para se-adiantar em sciencia e sabedoria.

Com o *entendimento* julga e discorre sobre as coisas que percebe, ou tem percebido, para chegar ao conhecimento da verdade, isto quer dizer, para chegar a perceber as coisas taes como são em si mesmas, e dellas formar idéas conformes á sua natureza: pode conhecer o que convem á sua conservação, perfeição, commodidade, e prazer; o que lhe-convem ou desconvem, maiormente nas coisas, que interessão ás obrigações do Homem, e que devem regular os seus costumes: isto é o que se-chama discernir o bem e o mal. O Homem tem em si mesmo força necessaria para este discernimento, com-tantoque applique a isso os cuidados que delle dependem.

Com a *vontade* se-determina por si mesmo a buscar o que lhe-convem, e obrar de certo modo; a fazer uma acção, ou deixar de a-fazer; sempre com o fim da sua felicidade. Uma das mais gloriosas prerogativas da *vontade* é a liberdade que tem de modificar, e regular as operações da alma a seu arbitrio: ella pode suspender as deliberações do entendimento, e as suas acções, continual-as, ou voltar-as para outra parte, escolhendo o que julga mais conveniente. Por meio desta excellente facul-

dade exercita o Homem imperio sobre si mesmo, e sobre suas acções. Nenhuma authoridade sobre a terra pode usurpar ao Homem o dominio, que o Senhor lhe-deo sobre a sua vontade. O Senhor nos creou livres, a fim de que as nossas acções, voluntariamente virtuosas, podessem fazer-nos felizes por nossa propria escolha, e por nossos proprios esforços, sostidos e ajudados com a sua graça.

Estas faculdades da nossa alma se-ajudão umas ás outras nas suas operações. A *memoria*, o *entendimento* e a *vontade* são como outras tantas maquinas, que todas concorrem para produzir um certo effeito; e por meio destes socorros, unidos entre si, e fazendo delles um verdadeiro uso, é que em fim chegamos ao conhecimento da verdade, e á posse dos verdadeiros bens, de que depende a nossa perfeição, e a nossa felicidade.

Mas a maior vantagem, que o Homem pode tirar destas faculdades, a sua maior grandeza, e a sua suprema elevação sobre todos os animaes, é o poden conhecer, e amar o seu Creador.

○ *Homem creado para dominar em toda a terra.*

Deos, querendo permanecer invisivel, estabeleceo o Homem sobre a terra, para nella fazer as suas vezes: confiou-lhe a sua authoridade, e imprimio sobre o seu rosto o caracter augusto, que devia conter em respeito os animaes; fez-o imagem da sua Justiça e da sua Bondade, e occultou a sua Providencia debaixo da administração do mesmo Homem:

finalmente, sujeitando-lhe toda a terra, entregou-lhe como em deposito tantos bens, com que o-acabava de enriquecer.

Todos os animaes reconhecem esta ordem do Creador, e ella se-executa sobre toda a terra. O maior numero de animaes são doces; acostumão-se facilmente a viver com o homem, e muitas vezes parece que buscão a sua protecção: os outros fogem diante d'elle, e não o-atacão, menos que as suas necessidades extremas não os-fação, para assim dizer, sahir do seu estado natural; ou que o Homem, esquecendo os limites do seu imperio, não guarde as regras da prudencia.

O Elefante, apezar da sua monstruosa corpulencia, deixa-se conduzir por um menino; o Leão afasta-se de todos os lugares, que são habitados pelos Homens; e a inmeasa Balêa no meio do mar treme, e foge da pequena lancha, que a-segue.

Todos os animaes em fim estão sujeitos ao imperio do Homem, e ainda mesmo os mais ferozes o não insultão impunemente. Se as forças faltão ao Homem para com alguns animaes, a industria as-suppre, e o-faz triumphar de todos. Elle usa de uns para seu alimento; prende outros a seus carros; condemna outros a lavar-lhe as terras; e faz de todos seus criados, seus caçadores, seus guardas, e seus musicos. Em fim o Homem se-atreve a descobrir a través do vasto mar uma estrada, e pelo meio da navegação une as mais distantes extremidades da terra.

Deos pôz uma intima correspondencia entre o Homem e o Universo, pelo segredo dos sentidos que

lhe-imprimio. Desde o Firmamento onde estão as estrellas mais afastadas de nós, até a superficie da terra, tudo o que é visivel, é para os olhos do Homem: elle é o unico de todas as creaturas capaz de conhecer as bellezas da Natureza, e digno de as-admirar. O Senhor o-fez espectador do Universo, e testemunha das suas maravilhas. Com a sua vista descobre quasi metade do Firmamento, e do globo, em que caminha; e abrange a extensão que ha desde o grão de arêa, que calca aos pés, até a estrella que brilha sobre a sua cabeça em uma distancia incalculavel.

Todos os sons diversificados de mil maneiras são para os ouvidos; e o Homem é o unico, que sabe dar ao ar todas as modulações, de que elle é susceptivel. Só com a sua voz imita os assobios, os gritos, e o canto de todos os animaes; e só elle é que usa da palavra, da qual nenhum dos outros se-pode servir. Umaz vezes faz sensivel o ar nos suspiros da flauta, e nas vozes ameaçadoras da trombeta; com elle anima, segundo lhe-agrada, o bronze, o buxo, as cannas, e as palhas; outras vezes o-faz seu escravo, obrigando-o a moer, pizar e mover em sua utilidade uma multidão de maquinas, até mesmo sobre as ondas do mar.

Pelo sentido do cheiro goza das suavidades, que respira a Natureza; e pelo do gosto se-deleita, e alimenta com diversos fructos e plantas. Desta sorte o mundo inteiro é reduzido ao uso do Homem; e por este uso á unidade: porque tudo está comprehendido na extensão dos sentidos, cujos orgãos tem o corpo do Homem; e a sua alma é o termo, a que to-

das as sensações se-reunem. Pois qual é a harmonia dos sons da Natureza, quaes as vantagens espalhadas no Universo, ou as delicias em tantos e tão differentes alimentos, de que a alma não sinta prazer pelo corpo?

Mas a Sabedoria Divina ainda tem feito mais; porque ella quiz que as plantas e os animaes, de que o Homem tem intendencia e uso, tivessem uma ligação geral com o Universo: e assim, que uma só herba tivesse necessidade da terra, do ar, da agua, dos ventos, das chuvas, do Sol, do calor do dia, da frescura da noite, da diversidade das estações, em uma palavra de toda a Natureza. Esta dependencia geral, que é o principio de união das partes com o todo, é ainda mais sensivel nos animaes. os quaes, além das necessidades essenciaes a cada especie, tem as suas individuaes. Vivendo uns na terra, outros no ar, e outros na agua, reúnem a si uma infinidade de coisas, que parecem escapar ao Homem, e que não são immediatamente para seu uso. Elles mesmos, depois de todas estas reuniões particulares, vindo offerecer-se ao Homem, como a seu Senhor, lhe-unem de um modo admiravel todas as partes do Universo.

Em nossas aldêas vemos continuamente o cavallo pascer nas planicies, a vacca no fundo dos valles, a ovelha nos prados e colinas, a cabra no cume dos montes, o porco esquadrinhar as raizes, o pato mergulhar nos rios, a gallinha aproveitar os grãos e vermes nos campos, a abelha pilhar o pó, a cêra, e o mel nas flores, e o pombo recolher as sementes nos rochedos inaccessiveis. Todos estes animaes, depois

de terem occupado no espaço do dia os differentes sitios da vegetação, voltão pela tarde á habitação do Homem com balidos, murmurios, e gritos de alegria, trazendo-lhe uma grande parte das plantas, convertidas por um modo incomprehensivel em lã, natas, favos, e nutrição. Eis aqui como o Homem é o centro de tudo, o vinculo necessario, e o fim immediato de todas as creaturas visiveis; poisque para elle é que forão creadas.

Inteira, e intima dependencia, que o Homem tem de Deos.

O Homem é o Rei da terra, o fim das obras de Deos, a obra prima do Creador; porem é Vassallo do Ceo: é uma creatura livre; mas a sua liberdade tem dependencia. Ha um Senhor, que o-creou, e o-tirou do nada: o Homem não se-fez a si mesmo, e todas as creaturas, de que se-serve, e que forão feitas para seu uso, não sahirão das suas mãos. Deos, que, depois de as-crear, lhe-confiou o dominio e uso dellas, foi quem dotou o Homem da preciosa faculdade de discorrer, e por este meio conhecer a verdade, e as regras da justiça, que deve seguir com tudo o que o-cerca. Foi este Divino Obreiro quem soube dividir, repartir, e unir as differentes partes de que o Homem é composto: portanto só pela obediencia ao Creador é que o Homem tem o direito de dominar sobre a terra. Tudo o que Deos quer é um bem, e tudo o que Deos aborrece é um mal; e o homem, só conformando a sua vontade com a de Deos, é que pode vir a ser justo e bemaventurado.

Ha uma verdade suprema e universal, sempre presente ao espirito do Homem, logo que elle a-consulta como convem: o Homem é feito para contemplar esta Verdade, esta Suprema Razão, e esta Intelligencia Infinita, que comprehende a idéa de todas as coisas, e na qual o Homem pode descobrir quantas verdades particulares della se-deduzem, e convem aos principios da Justiça, e da Equidade, por onde deve dirigir-se.

Esta verdade persuade invencivelmente os espiritos, que a-contemplão: mas o Creador fez depender o descobrimento desta Verdade da attenção, e applicação do mesmo Homem; assimcomo fez que a vista dos objectos sensiveis dependesse de abrir os olhos para os-ver.

Os objectos visiveis cercão o Homem por todos os lados, olhe ou não para elles: da mesma forma as idéas da razão o-esclarecem sempre com a sua luz, ou lhes-dê, ou recuse attenção. Os olhos do Homem são feitos para ver; mas se elle os não abre, viverá nas trevas: assimtambem o seu espirito foi feito para conhecer a verdade; mas se elle o não applicar, ficará na ignorancia.

A criação do Mundo, a fabrica, e reproducção das creaturas manifestão continuamente o Poder, e Sabedoria de Deos; poisque bastou a sua Palavra para crear todas as coisas, e para as-fazer reproduzir sem cessar. A Bondade de Deos, que creou o Homem, sem ter d'elle alguma necessidade, formou para elle a terra e os elementos, regulou as estações, e encheo o Universo de toda a sorte de riquezas. O Homem collocado no meio de tantos prodigios não os-pode

considerar com indifferença, nem deixar de admirar as infinitas perfeições do Creador, que as suas obras descobrem, e os bens eternos, que espera de Deos na vida futura: tudo isto lhe-deve inspirar, e excitar sentimentos de adoração, de amor, e de reconhecimento.

O Homem sobre todos os beneficios, com que se acha enriquecido, tem a inestimavel vantagem de poder conhecer o Auctor de todos estes beneficios, e de saber fazer delles um uso conforme á vontade do mesmo Senhor. O mais bello privilegio do Homem é a razão, pela qual elle tem a honra sublime de se unir immediatamente á Razão Suprema da Divindade: consultando com todo o cuidado esta razão, ella lhe-descobre uma ordem immutavel de perfeições entre os differentes objectos das suas idéas: esta ordem é a regra mais segura dos seus deveres, de qualquer natureza que elles sejam; e seguindo esta luz com fidelidade é que pode elevar-se ás virtudes mais sublimes, entre as quaes se-abaliza a que lhe-ensina a occupar-se continuamente da gloria, culto, e adoração do seu ineffavel Creador.

Creação da Mulher.

O primeiro Homem foi chamado Adão, e este nome significa formado de barro. Adão, depois de ter visto todos os animaes, que Deos havia creado, poderia duvidar se entre elles acharia algum, que lhe-fosse semelhante. Deos os-fez apparecer na sua presença, e Adão, na exacta revista em que lhes-deo o

nome, conheceo que entre elles não havia algum, com quem pudesse viver em sociedade. Observava em uns os vestigios admiraveis da Sabedoria de Deos, em outros a imitação de raciocinio; mas não via nelles razão, sabedoria, sentimento de virtude: toda a industria que elles manifestavão, não dizia respeito mais doque ao corpo; em uma palavra, nenhum delles era seu semelhante: e cercado de todos os animaes, que Deos lhe-havia sujeitado, estava Adão solitario, como se tivesse por companhia unica os bosques e os rochedos.

Nenhum dos animaes podia acompanhar Adão nos seus deveres de adoração, e de reconhecimento para com seu Creador. O Homem creado para a sociedade, precisava de quem entrasse nos seus sentimentos, que ajudasse e excitasse seu zêlo, e o seu respeito para com Deos; e que pela união dos corações, e conformidade de intenção e de pensamentos, formasse com elle uma sancta harmonia de louvores ao Creador commum.

Portanto, apenas Adão foi creado, o Senhor disse: *Não é bom que o Homem esteja só: Façamos-lhe uma companhia semelhante a elle.* E enviando a Adão um profundo somno, enquanto elle dormia, tirou uma das suas costelas, e desta formou o corpo da Mulher; e a este corpo deo uma alma racional como a do Homem. Esta foi a companhia que a Bondade do Creador deo a Adão, para participar dos seus sentimentos, dos seus prazeres, e dos seus trabalhos.

Deos fez conhecer a Adão, depois de acordado, que aquella, que lhe-dava para companhia, era não-

sómente sua semelhante, mastambem tirada do seu corpo, e que fazia parte delle mesmo. Então é que Adão cheio de admiração e de reconhecimento, exclamou dizendo: *Eisaqui agora o osso dos meus ossos, e a carne da minha carne.* E ajuntou: *Porisso o Homem deixará a seu pai e a sua mãe, e seunirá a sua Mulher, e serão dois em uma mesma carne.* Tal é a sancta união do Matrimonio; união a mais intima que ha no Mundo, e ainda mais estreita doque aquella que o Homem tem com seu pai, e com sua mãe. Adão poz a sua Mulher o nome de Eva, por causa de que ella havia de ser a mãe de todos os viventes.

O Senhor formou a Mulher do lado de Adão, paraque elle a-reconhecesse, e amasse como uma parte de si mesmo: formou-a da sua substancia, fez correr em suas veias o proprio sangue de Adão, assim de que as mesmas inclinações, e os mesmos sentimentos não fizessem em todo o tempo mais doque um mesmo corpo delles ambos. A felicidade de um e outro deve nascer, e perpetuar-se por esta terna união; a sua vida, ligada, para assim dizer, uma á outra, não deve fazer mais doque uma mesma vida. A sua alma, unida pela conformidade das mesmas obrigações, não deve fazer mais doque uma só alma. Tudo deve ser commum entre elles: affeições, officios, cuidados, amor, alegria, afflicções, gloria, e felicidade. São duas ametades, que o Senhor primeiramente creou separadas; mas que elle mesmo ajuntou, para não formarem mais doque um todo, e as-unio per vinculos tão sagrados, como indissolueis.

A ordem estabelecida nesta primeira sociedade, a constancia, a paz, os nomes ternos de pai e de filho, o pejo, a confiança, inviolaveis por leis primitivas, são os preciosos fructos, que devemos a este vinculo sagrado. E os deveres, que impõe este vinculo, são por si mesmos tão importantes á tranquillidade, e á duração do genero humano, que se não podem infringir sem crime.

Constituição da sociedade domestica.

Deos podia fazer todos os Homens independentes uns dos outros, e dar a vida a cada um delles, assimcomo a-deo ao primeiro: podia fazer a respeito do corpo, o que fez a respeito da alma, da qual elle é sómente o principio: podia communicar a um só, o que fez depender de dois; mas a vontade do Creador é a unica regra da Natureza.

O Senhor abençoou Adão e Eva, e lhes disse: *Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra.* Esta benção do Todopoderoso veio a ser o principio da fecundidade, e da multiplicação do genero humano: estas palavras são as que tem produzido nos dois sexos o sentimento, que os une. A Religião regula e rectifica este mesmo sentimento; debaixo dos seus auspicios sagrados é que o Homem e a Mulher se-obrigão a viver um com o outro em perfeita união, e a formarem a sociedade, de que nascem mil socorros, e mil meios de adoçar os trabalhos da vida.

Nesta sociedade tem o Homem o primeiro lugar: a superioridade das suas forças, da sua capacidade,

indicação muito bem a intenção do Creador. A Mulher foi dada ao Homem para sua companheira, e não para lhe-disputar o imperio; poisque o Homem é o tronco donde ella sahio.

O corpo e o espirito da Mulher são com effeito menos fortes e robustos, que os do Homem; porem a agradavel figura e industria de que é dotada, são um grande bem para a sociedade. O Homem, destinado para acções de valor, tem um natural sério e austero, ao qual serve de contrapezo a alegria, e brandura da Mulher; ella tem nos seus modos, ainda mais que nas suas feições, uma doçura capaz de abrandar a natural aspereza, e severidade do Homem, a qual se não fosse temperada, degeneraria em ferocidade.

Estando o governo de uma familia repartido entre cuidados internos e externos, dividio tambem Deos estes cuidados entre o Marido e a Mulher. A esta incumbem o conter a familia no seu dever, prevenir as necessidades do Marido, dos filhos, e dos outros domesticos, e vigiar sobre mil coisas, que escapão á vigilancia do Homem: ao valor e reflexão do Homem compete tudo o que é publico e exterior. As mãos robustas do Homem são mais proprias para os exercicios, que pedem força; as da Mulher, mais fracas, delicadas, e industriosas, são mais aptas para se occuparem nas miudezas, que pede uma familia.

Em fim o Homem e a Mulher forão creados, para formarem, por sua união, uma especie de sociedade, a mais propria a entreter a boa ordem nas familias.

Bondade, e perfeição das obras de Deos.

Diz a Sagrada Escriptura: *E vio Deos as coisas que tinha feito, e ellas erão muito boas. E da tarde, e da manhã se fez o dia sexto.*

Nos dias da creação disse Deos separadamente de cada obra, que ella era boa. Mas no dia sexto, que o Senhor as-acabou, e de uma só vista comparou todas, umas com outras, e com o modelo eterno, que ellas exprimem; o mesmo Senhor as-achou excellentes na belleza e perfeição.

O Universo aos olhos do Altissimo ficou sendo como um quadro, que elle acabava de completar: cada ponto tinha seu uso; cada rasgo sua belleza, e sua graça particular; cada figura estava bem situada, e produzia um bello effeito; cada côr estava applicada muito a proposito; e o todo, considerado junto e unido, ficou sendo maravilhoso.

Deos foi o approvador, e tambem, se o-podemos dizer, o admirador das suas obras, para nos-ensinar a admiração, que ellas nos-devem causar, o estudo que dellas devemos fazer, e as reflexões de que ellas são dignas. Por este modo argúe o Senhor a estupidez, que em nada pensa; a ingratição, que nada agradece; e a ignorancia, que a nada attende, aindaque viva cercada de prodigios, em que o Homem é um dos mais admiraveis.

Nada ha mais digno da nossa admiração doque as obras de Deos, onde o seu Poder, a sua Bondade, e a sua Sabedoria se-manifestão tão visivelmente. As maravilhas da Natureza nos-offerecem cada dia mil

prazeres , que se-podem gozar sem remorsos, e sem despezas : só aquelles, cujas paixões lhes-tem corrompido o gosto , é que são insensíveis a estas maravilhas.

Que espectáculo mais bello, e mais encantador do que aquelle que nos-apresenta em todas as manhãs o nascimento do Sol? Elle se-annuncia de longe pelos raios de fogo , que o-precedem. Tal como um Rei triunfante se-avança magestoso em carro de resplandores. Mil raios partem de um ponto brilhante : rasgão o véo das trevas : descobre-se o Universo : a terra se-enfeita : a verdura toma nova graça e vigor , esmaltada da rede de diamantes, com que o orvalho a-aljofrou : as aves em canticos variados, e os animaes com mil gritos festivos saúdam o nascimento do Astro illuminador.

E será menos sensível o prazer de contemplar em noite serena a abobada do Firmamento? Milhares de estrellas scintillão sobre o manto da noite , e cercão de cinto prateado a sua tunica escura. O silencio occupa os mortaes ; e a Natureza dorme no regaço do seu Creador. Quem pode então deixar de adorar a Mão Poderosa , que ornou os Ceos com tanta profusão? As estrellas sem numero de que estão semeados , o seu brilho , a sua grandeza , a sua variedade, a sua perseverança na mesma forma e situação , apresentão um espectáculo sempre novo, e sempre admiravel.

Tudo nos-descobre essa Mão Liberal , e Omnipotente. A noite, tirando-nos a vista de mil objectos , nos-faz conhecer o apreço do dia, traçando-nos as trevas, que precedêrão á criação da luz. A obscuri-

dade não é sómente destinada a occultar por suas sômbra o magnifico quadro do Universo; mas, por um novo benefício do Senhor, o que ella parece diminuir da nossa vida, privando-nos por algumas horas de um espectáculo gracioso e divertido, nol-o-recompensa por um descanso necessario á nossa fraqueza: e quando as nossas forças são restauradas pelo somno, a Aurora corre a cortina, e com as suas mãos deusas abre o Templo sumptuoso, onde o Senhor collocou o resplandecente candelabro do Sol.

A noite succede ao dia, e o dia á noite com toda a regularidade; e os dias se-augmentão ou diminuem com proporção. O Sol, segundo nos-parece, corre uma vasta e immensa carreira, para espalhar a sua luz, e esclarecer toda a terra: sahe de uma extremidade do Ceo, e volta ao mesmo ponto, que lhe-é marcado; e obedece á ordem, que lhe-deo o Creador não só com exactidão, mastambem com alegria.

O Sol não serve só de espalhar a luz, que dissipa as trevas, e faz descobrir as maravilhas da Natureza; mastambem é uma luz fecunda, que espalha por toda a parte a vida e o calor: elle é o principio de todas as mudanças, que acontecem no ar, nas aguas, e sobre a terra. Sem esta chamma vivificante tudo se-gelaria em um esteril repouso: se elle estivesse mais perto de nós, consummoria tudo, e se estivesse mais afastado, nada produziria. Mas elle acha-se em distancia tão bem proporcionada, que dá calor bastante, para conservar a vida do Homem e dos animaes, e para amadurecer os fructos de toda especie; e depois de os-amadurecer se-afasta, para não impedir o nascimento daquelles que são necessarios para o futuro.

A luz ; a coisa mais bella do Mundo , se-acha retida em certos globos , que a-espalhão sem cessar ; e que nunca se-esgotão: o ar nos-transmitte a luz dos astros , carrega-se de nuvens , que fertilizão a terra ; transporta os sons a nossos ouvidos , e as côres a nossos olhos ; fórma a nossa respiração , a força do fogo , a vegetação das plantas , e a vida dos animaes. Esta luz , e este ar se-unem de um modo admiravel com os orgãos do corpo humano. Sem o orgão da vista a luz não seria mais doque trevas ; e sem a luz o olho do Homem não seria mais doque cegueira.

O ar , os ventos , e as chuvas contribuem a fazer a terra fertil ; e ella produz creaturas animadas e activas , que tem em si mesmas um principio de vida e de movimento : innumeraveis plantas , e arvores excellentes com fructos exquisitos : as plantas e arvores crescem , e se-multiplicão pelas suas sementes : os fructos são proprios para se-converterem na substancia dos animaes de uma grande diversidade de instinctos : a fome , e a sêde lhes-faz desejar estes alimentos. Por este modo a vida se-perpetúa , as gerações se-sucedem , e a Natureza se-renova , e muda em todas as estações : a Primavera orna-se de mimosas flores ; o Estio as-converte em fructos , que o Outono , coroado de maduros cachos , apresenta sazoados ao rigoroso Inverno , restaurador da Natureza para novas reproducções.

O brilhante espectaculo do Universo é representado com côres as mais diversificadas : elle nos-offerece bosques frondosos , cuja agradavel sombra nos-convida ao descanso ; regatos , que serpeião nas planicies , e correm com doce murmurio , trazendo em

suas aguas a fertilidade da terra, e a riqueza do cultivador. D'allí mil aves encantão os ouvidos e a vista; d'aqui numerosos rebanhos saltão nos prados, esmaltados de flores. Para qualquer lado que se lance a vista, a liberalidade do Senhor semeou ás mãos cheias novos motivos de admiração, e de reconhecimento.

A estructura do nosso corpo, e as feições do nosso rosto manifestão ainda melhor a Sabedoria do Creador; porem a verdadeira origem da grandeza do Homem, e dos seus direitos, vem de que o seu espirito não sahio da materia. O Senhor disse: *Façamos o Homem á nossa imagem e similhaça, e que elle presida a toda a Natureza.* Deos não falla aos animaes; mas falla ao Homem, e lhe-impõe leis: dá-lhe uma companhia, e lhe-ordena a considere como uma porção de si mesmo: abençôa-os, e lhes-concede a fecundidade, e o imperio sobre os animaes. Assim começa com o genero humano o governo paternal de um Deos Legislador: desta lei primitiva dimanárão todas as leis da sociedade natural, domestica, e civil, que Deos formou no principio do Mundo.

Ha Homens, que, formando seus juizos sem conhecimento das causas, achão irregularidades no Universo: figurão-se desordens nos tempos, nos animaes e nas plantas: mas esses ignorão que Deos, por um segredo incomprehensivel da sua Sabedoria, faz servir as deformidades parciaes ao ornato, e perfeição do todo da obra. Aindaque muitas vezes se não conheça o bem, que resulta de alguns desvios da Natureza, como tudo nella é ordeñado com Sabedoria, deve concluir-se, que a mesma Sabedoria reina na-

quillo , que nos-é desconhecido. E porque ella é obra de uma Intelligenciã infinita , não deve admirar-nos que encerre mysterios incomprehensíveis ao entendimento do Homem. A Sabedoria presidio a todas as obras da criação: *Deos vio todas as coisas , que tinha feito ; e que ellas erão muito boas.* As nossas luzes são muito curtas , para perceber a razão das obras do Creator: dellas nada mais sabemos , doque aquillo que o mesmo Senhor se-dignou revelar-nos.

Adão e Eva collocados no Paraizo.

Diz a Sagrada Escripura: *Tomou pois o Senhor Deos ao Homem , e pôl-o no Paraizo das delicias , para elle o-hortar , e guardar. E deo-lhe esta ordem , dizendo: Come de todos os fructos das arvores do Paraizo , mas não comas do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal ; porque em qualquer tempo que comeres delle , certissimamente morrerás.* Gen. Cap. 2 , v. 15 , 16 , 17.

A cultura deste jardim não era para o Homem innocente um trabalho aspero e penoso , poisque a terra produzia tudo por si mesma. Elle dominava sobre os animaes , sobre o seu corpo , sobre os seus sentidos interiores e exteriores , e sobre a sua imaginação. Tal era o poder da alma creada á imagem de Deos: ella conservava tudo em sujeição e respeito , e as creaturas conspiravão á felicidade do Rei e Senhor , que o Creator lhes-havia constituido no Homem.

A alma de Adão e Eva , esclarecida de uma Luz

Divina, lhes-descobria o que devião a Deos, a si mesmos, e a seus semelhantes. O seu entendimento, illustrado das puras luzes da verdade, e sem alguma mistura de êrro conservava os conhecimentos naturaes com perfeição. Vivião neste Paraizo em plena e inteíra liberdade, para fazerem o que quizessem, por todo o tempo que a sua vontade permanecesse sujeita a Deos, de cujo conhecimento gozavão, e cuja Bondade os-fazia bons.

A sua vontade era recta, inclinada ao bem, e sem inclinação determinada para o mal. Elles vivião na abundancia, e sem necessidade; o seu sustento estava prompto, e presente: o seu corpo não era sujeito á dor, á enfermidade, e á violencia; elle gozava de saude, e a alma de paz: nesta habitação não experimentavão excesso de calor, ou de frio; e nenhuma paixão de desejo, ou de temor perturbava o seu amor tranquillo para a virtude.

Gozavão de perfeita harmonia entre a alma e o corpo, e um e outro estavam na devida ordem: o corpo obedecia á alma, e a alma estava inteiramente sujeita a Deos. Nada os-affligia, e nada lhes-causava uma alegria indiscreta. Era Deos quem fazia o fundamento da sua alegria, e da sua felicidade; e Deos é que entretinha este sentimento de amor, que nascia de corações puros, de consciencia recta, e de fé sincera. O corpo em lugar de fazer algum pêso ao espirito, contribuia a conserval-o attento, e vigilante: a obediencia á vontade de Deos era facil, e sem esforço: o somno era livre, e voluntario: o trabalho sem cansaço, e o descanso sem desgosto: elles podião viver sempre neste feliz estado: o Senhor lhes-tinha

do todas as graças e soccorros , com os quaes podião perseverar nelle se quizessem.

O fructo da arvore da vida , que o Senhor havia plantado no Paraizo , tinha a virtude de conservar ao Homem a vida , a saude , e o vigor : elle tomaria cada dia dos outros fructos , para se-alimentar ; mas para prevenir , e reparar as perdas insensiveis , que enfraquecião os principios da vida , devia comer do fructo desta arvore ; e este fructo impedia que elles envelhecessem , e que cahissem em debilidade. E depois de terem passado um certo tempo sobre a terra , serião sem morrer , transferidos ao Ceo , para lá gozarem , e possuirem a Deos por toda a eternidade.

Aindaque o Homem foi dotado de liberdade , esta liberdade não é uma independencia : elle tem um Senhor , a quem deve estar sujeito ; e para lhe-fazer conhecer a sua dependencia , experimentar a sua submissão , e merecer por ella a felicidade , a que o Senhor o-tinha destinado , o mesmo Senhor lhe-deo um preceito , cujas circumstancias merecem todas ser bem meditadas. Prohibio o Senhor a Adão , que comesse do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal , debaixo da pena de morrer.

Este mandamento , emanado da Authoridade Soberana do Creador , á qual é justo que a creatura obedeça , era facil de observar ; poisque Deos nelle prohibia o fructo de uma só arvore em um jardim , onde concedia expressamente usar de todos os outros. Por esta prohibição devia Adão lembrar-se , que tinha um Senhor , a quem obedecer ; e que o direito que conservava sobre as creaturas , emanava da liberalidade do mesmo Senhor : peloque era justo , que ,

sujeitando-se a esta prohibição , reconhecesse , que os fructos permittidos pertencião igualmente a Deos , que lhos-havia dado.

A Bondade do Senhor se-manifestou nesta mesma prohibição. Elle podia contentar-se de prohibir simplesmente a Adão o uso daquelle fructo ; mas não foi assim : para determinar a sua vontade para o bem , dignou-se intimar-lhe as suas ordens supremas , annunciando-lhe logo a infelicidade , que se-lhe-seguiria da transgressão.

O Senhor chamou á arvore do fructo prohibido a arvore da sciencia do bem e do mal, prevendo o triste effeito , que ella devia produzir. Se Adão se-abstivesse de comer deste fructo , devia ser feliz, e por consequencia conhecer o bem ; e tendo a temeridade de o-comer , devia fazer-se infeliz , e por consequencia conhecer o mal por uma funesta experiencia.

O Homem trabalhando, e cultivando o Paraizo terrestre , nelle via , como em uma imagem , a obrigação que tinha de cultivar a sua alma , e de conservar nella todas as virtudes , que Deos nella derramára, quando a-creou. O Senhor lhe-mandou tambem , que guardasse o Paraizo , não contra alguma violencia que então não havia que temer ; mas paraque pela sua fidelidade a Deos se-fizesse digno de nelle passar a vida felizmente.

Desobediencia de Adão e Eva.

Deos tinha creado o Homem e a Mulher justos e immortaes : dotou-os de intelligencia e liberdade : a luz celeste esclarecia seus corações , e lhes-fazia ver a grandeza das obras de Deos , a fim de que

elles o-louvassem, e o-glorificassem em suas maravilhas. Pelo precioso dom da liberdade se-assimilham a Deos, e têm o glorioso privilegio de merecer pela sua obediencia a eterna felicidade, a que havião sido destinados pelo Creador. Elles estavam ambos nús, e não se-envergonhavam, porque erão innocentes: tudo nelles era bom e regulado, e não vião em si coisa, que não tivessem recebido de Deos, e que não fosse digna do mesmo Senhor. Taes erão Adão e Eva, quando sahirão das mãos de Deos. Elles podião se quizessem, perseverar em um tão feliz estado, e transmittir a mesma felicidade a seus descendentes.

Mas tudo, o que é creado, se-resente sempre do nada: Adão e Eva, tão perfectos como erão, e ornados de dons tão excellentes, têm no seu livre arbitrio um defeito consideravel, e era o poderem abusar da sua liberdade, inclinarem-se ao mal, e fazerem-se infelizes, fazendo-se desobedientes e rebeldes. O preceito de Deos os-advertia disto mesmo, a fim de que vigiassem sobre si, e que, lembrando-se do seu nada, evitassem perder-se por sua soberba. Era necessario que fossem provados, isto é, que a sua obediencia e fidelidade ao mandamento de Deos fosse experimentada. Desta prova dependia o ser a sua vontade confirmada na justiça, e a felicidade de seus descendentes. Deos permittio pois que Adão e Eva fossem tentados, reservando-se fazer brilhar mais a sua misericordia para com o Homem, vindo este a ser peccador.

O Anjo das trevas, que ja se-fizera eternamente desgraçado por sua soberba, havia concebido grande

inveja pela felicidade, de que gozavão Adão e Eva: e este espirito de malicia veio a ser o instrumento proprio para atacar a sua fidelidade em obedecer a Deus em um corpo, quando elle o não tinha feito, sendo de uma natureza mais sublime. Mas a empreza era difficil.

O Tentador não tinha poder algum sobre Adão, justo e innocente: elle podia muito bem fallar-lhe, e representar a seus sentidos diversos objectos: mas não podia obrar sobre o seu espirito, ou sobre a sua vontade, nem agitar por si mesmo os seus sentimentos, ou a sua imaginação, que estavam na ordem. Elle estava reduzido a procurar algum meio exterior, que o-insinuasse no interior pela persuasão. Para isto tinha necessidade de alguma coisa exterior e visivel, porque um puro espirito, como é o Tentador, não pode perceber-se pelos sentidos: sobre a terra não havia Homem, de que elle se-podesse servir; e todos os animaes erão mudos. Por uma disposição secreta da Providencia, o Tentador escolheo para lhe-servir de orgão uma Serpente, o mais astuto de todos os animaes terrestres, e cuja agilidade em se-insinuar é uma viva imagem das perigosas insinuações daquelle, que a Escriptura chama a antiga Serpente. E é de crer, que o Senhor não permittio ao Demonio escolher outro animal, a fim de humilhar este espirito orgulhoso, reduzindo-o a inserir-se na Serpente, animal vil, e que anda de rastos.

No corpo deste animal se-involveo o Tentador, e se-encaminhou para a Mulher, que conhecia por mais fraca. Eva da sua parte não se-admirou de ouvir fallar um animal, que não tinha naturalmente o uso

de fallar; porque Deos, e os Anjos que o-representavão, lhe-apparecião debaixo de uma figura sensivel: ella se-persuadio, que algum Anjo lhe-fallava; mas não examinou se era bom ou máo: e talvez que então mesmo ignorasse, que havia máos Anjos.

O Tentador procura primeiro travar conversação com ella, dando tudo por ganhado, se isto conseguisse: e para este fim lhe-fallou de um modo, que, segundo parece, a-poz na necessidade de responder. Elle finge crer, que Deos lhe-tinha prohibido todos os fructos do Paraizo, e lhe-diz: *Porque vos-prohibio Deos, que comesseis do fructo de todas as arvores do Paraizo?* Nesta pergunta procurou tambem o Demonio insinuar a Eva o amor da independencia, movendo-a a querer penetrar os segredos do Todopoderoso, e conhecer as razões da prohibição, que lhes-havia feito.

Só por estes signaes Eva devia desconfiar daquelle, que lhe-fallava, e retirar-se: mas a falsidade tão evidente de dizer, que todos os fructos lhe-erão prohibidos, foi o que a-attrahio a travar conversação com a Serpente; e por esta temeridade deo entrada á tentação: ella se-julgou obrigada a tomar a defeza de Deos; e este passo, tão innocente na apparencia, foi o primeiro, que ella deo, para o precipicio. E desejando tambem mostrar todos os privilegios, que recobêra, respondeo ao Demonio: *Nós comemos dos fructos das arvores, que ha no Paraizo; mas do fructo da arvore que está no meio d'elle, Deos nos-prohibio que comessemos, ou a-tocassemos sob pena de morrer-mos.*

Então é que o Tentador teve a insolencia de asse-

gurar á Mulher, contra a palavra de Deos, que elles não morrerião; mas que comendo deste fructo, que Deos lhes-prohibira, elles serião como Deoses, e saberião perfeitamente o bem e o mal. Não admira, diz o Demonio, que Deos vos-tenha prohibido o uso desse fructo; porque a virtude, que elle tem, vos-faria muito perfeitos; os vossos espiritos serião esclarecidos com uma luz semelhante á de Deos: conhecerieis o que ha de mais occulto, e ficarieis em estado de fazer por vós mesmos o discernimento do que é bom ou máo, e do que pode fazer-vos felizes ou infelizes. Deos sabe isto muito bem; e como vos-quer ter em uma continua dependencia, obrigando-vos a consultar a sua luz a cada passo, fez-vos temer o uso de um fructo, que vos-tiraria de repente de uma tal sujeição.

Assim é que o Tentador, depois de ter accusado a Deos de falsidade e de mentira, teve tambem o atrevimento de lhe-imputar um vil ciúme: por este modo inspirou á Mulher o orgulho de querer subtrahir-se á dependencia de Deos, de discutir o mandamento de Deos, e querer saber a razão d'elle; o desejo de querer ser semelhante a Deos, de saber tudo, e de conhecer o bem e o mal, independente de Deos. Assim seduzida pelas grandes promessas da Serpente, e lisonjeando-se com a esperança de vir a ser mais esclarecida e mais perfeita, começou a contemplar com prazer o fructo, que lhe não era permittido tocar: a vista lhe-inspirou o desejo: a cobiça passou do interior ao exterior: ella tomou o fructo prohibido, e o-comeo; e assim ultimou a sua desobediencia.

Adão se-deixou arrastar ao crime de sua Mulher,

mais por complacencia, doque por persuasão. Elle não se-persuadio como ella, de que, comendo o fructo prohibido, ficarião similhantes a Deos no discernimento do bem e do mal; e ainda menos se-persuadio de que Deos lhe-tinha prohibido este fructo por ciume: mas não quiz entristecer aquella, que amava como parte de si mesmo; e não tendo ainda experimentado a Justiça de Deos, talvez julgasse, que commettia uma falta leve, e digna de perdão: e portanto, tomando o fructo que lhe-deo Eva, o-comeo, e se-fez complice do seu crime. Adão peccou contra as suas proprias luzes, e por fraqueza; ao mesmo tempo que Eva havia peccado por fraqueza e por erro.

Este peccado foi enorme em sua grandeza, pela Magestade infinita de Deos, cujo mandamento violarão Adão e Eva; pela grande facilidade que ambos tinhão de o-observar; poisque no Paraizo havia quanto lhes-era necessario e util, e podião sem algum custo abster-se do unico fructo, que Deos reservou. Este peccado foi tambem enorme, porque Adão e Eva não tinhão inclinação para o mal; e porque, transgredindo o mandamento, desprezárão as terribes ameaças, que Deos lhes-declarára, para os-fazer mais attentos.

Sendo Adão e Eva tão esclarecidos, tão penetrados do conhecimento e do amor de Deos, sem terem alguma propensão para o mal, mas antes pelo contrario sendo por sua propria natureza inclinados ao bem, parece incrivel, que elles se-deixassem enganar por tão frivolas razões, e se-fizessem culpaveis de uma tal desobediencia; mas esta fraqueza e cegueira,

que os-conduzio a tão grande prevaricação, erão já consequencia de outro peccado interior, que só Deos conhecia.

O primeiro peccado, assim dos Anjos como dos Homens, foi a soberba. Adão e Eva, reflectindo sobre si mesmos, e vendo-se ornados com os mais excellentes dons de Deos, contentes de si, em lugar de amar e louvar o Senhor, que lh'os-havia dado, se-rebellarão contra seu Creador, e quizerão ser-lhe semelhantes, e independentes de sua Divina Magestade. Já lhes custava obedecer á Lei de seu Creador, e appetecião governar-se por suas proprias luzes; e esta horrivel disposição os-precipitou na desobediencia e rebellião. O Senhor lhes-tinha tirado a sua luz e a sua graça, porque elles se-tinhão feito indignos destes dons; e elles, deixados ás suas trevas, e á sua fraqueza, vierão a ser o brinco do seu inimigo; e succumbirão á tentação. De outra sorte o Demonio não teria podido induzil-os a uma prevaricação tão visivel e grosseira.

Peccado de Adão transmittido aos seus descendentes.

Não consta que os animaes procedão de um só, nem que Deos os-tenha reduzido no principio a um só macho e femea. Porem Deos quiz que todos os Homens procedessem de um só casamento, para que um só Homem fosse origem de todo o genero humano. O desejo de nos-conduzir á unidade foi o motivo desta ordem suprema, e seus effeitos são admiraveis.

Deos podia dar o ser a todos os Homens , assimco-
mo o-deo a todos os Anjos, sem dependencia uns
dos outros; e muito particularmente á alma racional,
que , incorporea por si mesma, não provem de gera-
ção. Comtudo Deos quiz nãosó que o corpo, mas-
tambem que a alma, que o-anima, se-diffundisse por
gerações, e que todas as descendencias se-reduzissem
á descendencia de Adão.

O Senhor, que havia formado o Homem perfeito ,
tambem lhe-havia facultado a grande facilidade de
conservar esse bem para si, e para toda a sua poste-
ridade , nelle encerrada. Se Adão tivesse persevera-
do na innocencia, haveria sido recompensado em seus
filhos, e a justiça original permaneceria em todos;
mas como transgredio aquelle preceito de Deos, tão
facil de cumprir, fez-se desgraçado a si, e a seus
descendentes. Todos os Homens por este peccado fi-
cárão sendo objecto do odio, e da vingança Divina;
peccárão em um só, e ficarão malditos em um só.

Assimcomo uma arvore inficionada no tronco leva
o vicio a todos os seus ramos , assim Adão crimino-
so transmittio o peccado a todos os Homens seus
descendentes: elles perdêrão em seu Pai, o que seu
Pai havia recebido para si, e para elles; e o genero
humano, privado deste grande bem, veio a ser in-
feliz, e amaldiçoado nos seus ramos, porque o-ha-
via sido no seu tronco.

Estas verdades são impenetraveis á razão humana;
mas o Homem , cujas luzes limitadas embação a cada
passo nos mysterios da Natureza, é incapaz de sondar
a profundidade da Justiça de Deos. A luz, que Deos
tem dado ao Homem, é para elle se-conduzir com

seus iguaes, e não para julgar o mesmo Senhor. A justiça do Homem é a sua regra para com seus irmãos; mas ella o-abandona, quando pretende medir o infinito. Deos é essencialmente incomprehensivel em todos os seus attributos; e se a Justiça Divina podesse ser comprehendida pelo Homem, não seria mais Justiça Divina. Quando Deos falla, deve calar-se a razão, e os sentidos; porque nada ha mais racional, doque escutar com submissão o que Deos se digna revelar-nos nos Livros Sagrados.

A inclinação dolosa, vaidosa, soberba, e intemperante, que se manifesta nos meninos, desde que o seu espirito começa a desenvolver-se, mostra evidentemente, que a natureza humana está depravada, e corrupta pelo peccado. Quantas miserias o Homem experimenta desde que nasce até que morre, provão sobejamente, que elle não é ja qual sahio das mãos do Creador. Deos nem é injusto, nem falto de Poder e de Bondade: portanto as miserias da vida humana não podem ter outra origem, senão o peccado de Adão, no qual todos os Homens peccarão.

Sem o conhecimento do peccado original, o Homem é a si proprio un enigma inexplicavel: a sua razão, longe de lhe-prestar luz, para se-conhecer, o-lança n'uma obscuridade, que horrorisa; e quanto elle reflecte sobre si, tanto se-admira de não descobrir mais doque uma extravagante, e monstruosa mistura de bem e de mal. Pela grandeza, verdade, e valor, elle se-assimelha a Deos: pela baixeza, mentira, e fraqueza mostra-se inferior aos brutos. Cheio de felizes sementes de virtude, e dominado pelo vicio, foge do bem, que ama e estima, e obra o mal,

que aborrece e desaprova. Mas o mysterio da communicação do peccado de Adão a toda a sua descendencia aplaná estas difficuldades, e concilia tantas contradicções.

A luz, a verdade, e a bondade, que apparecem no Homem, vem de Deos, e da primeira constituição da Natureza: são os bellos restos de um magestoso edificio, que se-arruinou. A ignorancia, a cobiça, a vaidade, a mentira, e todos os vicios vem do peccado, que destruiu a obra de Deos, e que desfigurou a sua imagem. Assim a fé do peccado original, que á primeira vista parece cegar o Homem, serve-lhe de clarão, que o-conduz ao conhecimento de si mesmo. O Homem sem este mysterio é mais incomprehensivel, doque o mysterio é incomprehensivel ao mesmo Homem.

E que funesta mudança não causou no Mundo o peccado de Adão? A terra, que devia ser o templo da Divindade, e a feliz morada de um povo de justos, foi n'um instante mudada em prisão de crimes, aonde as miserias, e a morte do corpo fazem a menor parte das nossas desgraças. As consequencias verdadeiramente deploraveis são a ignorancia, a cobiça, a escravidão, a fraqueza da liberdade, e a condemnação eterna, a que nossa alma ficou entregue.

Da ignorancia.

O Homem no estado da innocencia, em que foi creado, era illustrado de luz de Deos, e tinha summa facilidade para adquirir todos os conhecimentos, de que precisava; mas como elle quiz ser sabio, e es-

clarecido a seus proprios olhos, a luz celeste lhe-foi tirada: e elle, entregue ás suas proprias trevas, perdeu a idéa do seu ultimo fim, e dos seus deveres essenciaes. Ainda lhe-resta uma pequena luz, que é a razão; mas esta luz não o-esclarece mais doque sobre algumas verdades menos importantes. A respeito do que deve a Deos, e do fim para que é destinado, ficou o Homem n'uma profunda ignorancia, da qual não sahe senão por um longo e penivel trabalho.

As verdades mais importantes vierão a ser para nós mysterios impenetraveis, e não as-percebemos senão por entre sombras e figuras. A inevitavel dependencia, em que estamos, dos sentidos, da memoria, e da imaginação, forma em nós um continuo e poderoso obstaculo ao conhecimento da verdade, o qual pede os nossos maiores esforços para o-vencer. Os sentidos, e a imaginação nos-suggerem muitas vezes noções falsas: e a memoria, ou perde as adquiridas, ou recusa encarregar-se das que se-adquirem. E daqui procede que, ou os principios escapão quando se-faz preciso tirar delles as consequencias, ou são muito geraes para fazer delles applicação aos casos particulares, ou finalmente são em mui pequeno numero para deixar perceber o seu encadeamento, que poderia conduzir á verdade. Esta é a razão porque os conhecimentos seguros são mui raros e difficéis.

Nós experimentamos com frequencia a difficulda-de que ha em descobrir a verdade: apenas nos-occupamos de alguma indagação, logo uma multidão de infieis e importunas imagens se-nos-offerecem por

verdadeiras representações das coisas. Estas imagens são tão vivas; fazem sobre nós uma impressão tão forte; achão em nós tantas disposições para a solução, que não ha quem não dê na illusão, e que não tome muitas vezes o falso pelo verdadeiro, e o mal pelo bem.

D'aqui nascem os errados passos, que se-dão communmente na conducta da vida; d'aqui procedem os falsos principios da Moral, as falsas idéas de Deos, da sua Bondade, da sua Justiça, da sua Misericordia, e da sua Providencia; que achão entrada no espirito de um Homem, que não é solidamente instruido. Estes falsos principios, uma vez recebidos no espirito, influem no resto da vida; fortificão-se com a idade, e de alguma sorte se-fazem invenciveis pelo habito. E quasi sempre succede, que aquelles que não tem a felicidade de uma solida instrucção, morrem nas suas trevas, e sem que os raios da verdade possam penetrar as espessas nuvens da sua ignorancia:

O Homem porem applicando-se com boa direcção e cuidado ao estudo das suas obrigações, ainda as-pode comprehender, formar dellas justas idéas, e lembrar-se das regras, que deve seguir nas occasiões, em que precisa determinar-se a obrar. *Aquelles, que amão a Sabedoria, a-descobrem com facilidade. A Sabedoria só se-occulta a quem a não deseja, e a não procura.*

Da Cobiça, ou Concupiscencia.

Outra fatal consequencia do peccado de Adão é a cobiça, que tambem se-chama concupiscencia; a qual vem a ser um amor desordenado de nós mesmos, a inclinação violenta, que nos-arrasta para os bens sensiveis, e que não nos-inspira senão desgosto para os bens espirituaes.

A nossa vontade ama necessariamente; mas não ama senão aquillo que o entendimento lhe-representa como bom. Sendo creados para sermos felizes, buscamos por toda a parte a felicidade com todo o fervor, e com todos os esforços da nossa vontade: e tudo o que amamos, ou é porque esperamos achar nelle a nossa felicidade, ou porque julgamos nos-pode servir de meio para a-alcançar. Aquelle, por exemplo, que ama as honras e as dignidades, para as conseguir, sollicita protectores, faz-lhes obsequios, e os-presenteia: mas não ama estes protectores senão como meios para conseguir as dignidades, que unicamente ama, e deseja como fim de todas as suas diligencias. A nossa vontade pois repousa, e descança no fim que deseja, e depois de o-conseguir, fica em socego; mas a respeito dos meios não faz mais, do que passar por elles, e não os-ama, senão para conseguir por elles o fim, a que se-propõe.

Tudo o que nós podemos amar, se-reduz a quatro objectos, a saber: Deos Supremo, nós mesmos, nossos semelhantes, e todas as coisas que podemos julgar nos-são uteis ou necessarias: e, paraque o nosso amor seja ordenado, devemos amar a cada um

destes objectos á proporção da sua excellencia , e das relações que tem conosco.

Deos é o nosso Creador , o nosso summo Bem , o Supremo Senhor de todas as coisas ; e deve ter o primeiro lugar em nosso amor : devemos amal-o sobre todas as coisas , mais doque outra creatura alguma , e mais doque a nós mesmos : e isto por amor d'elle mesmo , isto é , sem esperar outra recompensa do nosso amor , mais doque o mesmo Deos. Tudo o que somos , tudo o que temos , nada é nosso , tudo pertence a Deos. O Senhor ama-nos com toda a ternura : tirou-nos da miseria do nada , para nos-fazer eternamente felizes ; e nada nos-ordena , que não seja para nosso bem. Portanto nós devemos estudar com desvelo a sua lei , para a-cumprirmos : todas as acções livres da nossa vontade devem ser reguladas pela sua lei , e emprendidas pelo desejo de lhe-agradar.

Depois de Deos somos nós mesmos o objecto do nosso amor. Este amor não é outra coisa mais , doque o desejo de ser felizes : queremos ser felizes , porque nos-amamos ; e em qualquer situação , em que nos-achemos , nos-é impossivel renunciar este amor , e este desejo. O Creador foi quem imprimio este sentimento em nossa alma , e elle é conforme á ordem de Deos , quando nos-faz buscar a nossa felicidade no verdadeiro e Summo Bem : desde que amamos a Deos como nosso unico e verdadeiro Bem , e só nelle buscamos a nossa felicidade , desde então nos-amamos , como verdadeiramente nos-devemos amar.

Este amor de nós mesmos nos-obriga a cuidar da nossa alma , e do nosso corpo segundo os designios

de Deos. O Senhor os-creou com o destino da felicidade eterna , e nos-impoz a obrigação de os-conduzir a esta mesma felicidade : unindo-os um ao outro , estabeleceo entre elles uma dependencia , e uma subordinação, de que elles não podem sahir, sem cahirem n'uma desordem, que causa a sua infelicidade; e nós estamos encarregados de entreter esta ordem, e fazer chegar ao seu fim, assim a nossa alma, como o nosso corpo.

Portanto somos obrigados a conservar a vida, e a saude do nosso corpo, a fim de que elle possa servir o espirito, e contribuir da sua parte ás differentes obrigações, que Deos nos-impõe: assim devemos dar-lhe o alimento, o vestido, o descanso, o mesmo divertimento, e os remedios, de que tem necessidade, para se-conservar com saude e com vida, em todo o tempo que o-possuimos. Mas por amor da ordem, e de cumprir a vontade de Deos é que nós devemos prover as necessidades do corpo; e não por um instincto puramente natural, como os brutos, que não tem raciocinio.

Em segundo lugar devemos sujeitar o corpo ao espirito e á razão: a ordem e instituição Divina pedem que o corpo, que é puramente material, seja sujeito á alma, que é uma substancia espiritual; e, para o-conter nesta ordem, é necessario dar-lhe um regimen exacto, que o-reduza ao simples necessario. Finalmente devemos procurar a nosso corpo uma immortalidade gloriosa: elle, segundo o designio de Deos, é destinado a ser companheiro da felicidade da alma pela resurreição e immortalidade; e portanto nós o-devemos pôr no caminho, que conduz a esta felicidade.

Pelo que respeita á nossa alma, sendo ella destinada para ver a Deos, e amal-o por toda a eternidade, nós estamos obrigados a conduzi-la a este termo: a vida presente nos-é dada, para lhe-fazer merecer esta felicidade: esta vida é como um ensaio, e principio da vida futura. A nossa alma ha de gozar da vista de Deos, e o-amará na morada da eternidade, se o-tiver conhecido, e amado no tempo da sua peregrinação sobre a terra. Incumbe-nos portanto adiantar-nos cada vez mais no conhecimento de Deos, pela continua meditação das obras do seu Poder, da sua Sabedoria, e da sua Bondade. Quanto mais nos-adiantarmos neste conhecimento, tanto mais se-inflammará nosso coração no seu amor; e este amor nos-animará ao cumprimento de todos os nossos deveres. No desempenho destas obrigações, assim a respeito do corpo como da alma, é que consiste o amor legitimo e verdadeiro, com que nos-devemos amar.

Este amor legitimo de nós mesmos é a regra, e o modelo do amor, que devemos ao proximo. Todos os Homens, sem excepção, se-comprehendem na palavra *proximo*, porque todos tem o mesmo Creador, que é Deos: todos descendem de um Pai commum, que é Adão; e por isso, na ordem da natureza, se-devem considerar como irmãos. Portanto um dos principaes mandamentos de Deos é, que amemos ao nosso proximo como a nós mesmos. Este amor consiste em não fazer, nem desejar ao proximo mal algum, que não queremos para nós, e em lhe-desejar sinceramente os mesmos bens, que um amor bem regulado nos-faz desejar para nós, e procurar-lhos com toda a effica-

cia, que nos-é possível ; porque o não fazer , nem desejar mal ao proximo , é o infimo gráo do amor , que lhe-devemos , e é mais não o-aborrecer doque amal-o.

Entre as coisas deste mundo ha muitas , que nos-podem servir de algum uso ; ou seja para o espirito , como as sciencias , a reputação , as dignidades , e as honras ; ou seja para o corpo , como os alimentos , os vestidos , o dinheiro , as commodidades da vida , e tudo o que em nós excita sensações agradaveis. Todas estas coisas são boas em si mesmas , poisque são obras de Deos ; e por consequencia podemos desejal-as , e usar legitimamente dellas , comtantoque este desejo , e este uso sejam bem regulados.

Entre as diversas creaturas , de que usamos , umas são necessarias no curso desta vida , outras podem ser uteis , e outras sómente agradaveis. Nós podemos tomar das coisas necessarias tanto , quanto pedem as nossas necessidades , e o cumprimento das nossas obrigações : das uteis e agradaveis devemos usar com moderação , e sem apegar a ellas o nosso coração.

Não ha creatura alguma , que nós possamos amar , e desejar por si mesma : ellas forão creadas para nosso serviço ; mas não são o nosso summo bem , nem o nosso ultimo fim. Não devemos portanto desejal-as , se não para aquelle fim , que o Creador nol-as-concedeo. Desejal-as para as-gozar , e fazer consistir nisso a felicidade , é destruir a ordem , pôr a creatura em lugar de Deos , e fazer-se infeliz com este amor injusto e desordenado.

A ordem e instituição Divina , que regula os nossos

desejos a respeito da creatura, deve igualmente regular o uso, que dellas fazemos. Ellas pertencem a Deos que as-creou e conserva; e não nos-é permittido usar dellas, senão segundo a vontade do Senhor, segundo a sua ordem, e conforme a intenção que o mesmo Senhor teve, quando as-creou.

A intenção de Deos na producção das creaturas, que nos-cercão foi de que nós usassemos dellas com uma sabia moderação, e que nos-encerrassemos nos limites de uma justa necessidade: tudo o que daqui passa, é usurpação, e uma especie de rebellião contra a justiça de Deos. Tambem foi intenção de Deos, de que as creaturas, de que nós usassemos, nos-servissem como de degrãos, para nos-elevarmos ao Creador, para o-amar pelos seus dons, e dar graças á sua Bondade, que nol-os-concede.

Não buscar mais doque a propria satisfação, e prazer no uso das creaturas, é abusar indignamente dos dons do Creador. Limitar todos os nossos pensamentos a este uso, sem nos-elevar mais acima, e sem nos-unir por amor e reconhecimento áquelle, de quem recebemos estes bens, é faltar a uma obrigação essencial, que nos-incumbe. O peccado perverteo, e desconcertou a ordem estabelecida por Deos.

Que coisa seja Cobiça, ou Concupiscencia.

O Homem amou-se a si mesmo, sem se-amar segundo a ordem estabelecida por Deos; e gloriou-se nos dons, que tinha recebido do Senhor, como se-fossem seus proprios. Em castigo deste furto crimino-

so , feito a seu Creador , foi entregue ao amor desordenado de si mesmo , o qual faz que o Homem se-ponha em lugar de Deos , e que refira tudo a si proprio. Sente em si uma inclinação invencivel para a felicidade; e em lugar de a-buscar em Deos , Sammo Bem que unicamente o-pode fazer feliz , busca esta felicidade em si mesmo , nas creaturas que o-cercão , nas honras , nas riquezas deste Mundo , e nos prazeres e deleites da carne : ama , e apega seu coração a estes bens imaginarios , e procura com grande ancia conseguir o seu gozo , sacrificando tudo o que se-oppõe a seus injustos desejos. Eisaqui o que se-chama *cobiça* ou *concupiscencia* ; é esta inclinação violenta e continua , que nos-arrasta ao amor desordenado das creaturas , e nos faz buscar nellas o nosso ultimo fim , e a nossa felicidade , quando a não devemos buscar senão em Deos.

O Homem por sua soberba , e orgulho quiz subtrahir-se ao imperio justo , e infinitamente suave de seu Creador ; e por isso foi reduzido á funesta escravidão das suas paixões , que o-perturbão : ficou sujeito á tyrannia dos sentidos e da imaginação , que o-dissipão , e aos movimentos desordenados da carne , de que não pode deixar de se-envergonhar , ainda mesmo que os-ame , e os-procure por sua livre vontade. Mas a escravidão mais triste e desgraçada para o Homem é a de ficar sujeito ao imperio do Demonio , seu capital inimigo , que o-tem encadeado , puxa-o para o mal , e a cada instante lhe-põe diante tropeços , que o-fazem cair miseravelmente , a fim de o-fazer companheiro do seu supplicio , depois de o-ter feito imitador da sua rebellião.

O Homem era livre no primeiro estado , e o-é tam-
 bem no segundo ; porque o livre arbitrio não foi des-
 truido pelo peccado , mas ficou abatido e enfraque-
 cido. A sua vontade era recta e sã ; agora é caduca e
 enferma : ella pode ainda inclinar-se para o bem ;
 mas é muito fraca , para resistir aos attractivos da
 cobiça , e aos ataques do Demonio. D'aqui procede ,
 que o Homem , deixado a si mesmo , obra contra as
 suas proprias luzes : obra o mal , que condemna , e
 não practica o bem , que conhece e approva.

Desta fraqueza da vontade , atacada pelo Demonio,
 procede que tudo para nós vem a ser occasião de
 ruina. As creaturas , que nos-devem servir para nos-
 elevar a Deos , render-lhe graças , e louval-o , vierão
 a servir-nos de occasião para o-offender , pelo apego
 que a ellas temos , e pelo amor desordenado com que
 as-procuramos. Por toda a parte , até no uso das coi-
 sas necessarias , no mesmo exercicio da virtude , nos-
 estão laços armados , e somos nelles apanhados a ca-
 da momento , semque pensemos em os-evitar , porque
 os não percebemos , ou porque os-amamos.

A intima união , que ha entre o nosso corpo e a
 nossa alma , faz que todas as impressões , que o cor-
 po recebe , retinem na alma , e lhe-causão sentimen-
 tos , ou de gôsto , ou de dôr. A alma foge á dôr , ao
 mesmo tempo que tem uma inclinação , que a-move
 a procurar as inclinações agradaveis. Ora , desde que
 a nossa alma se-entrega a esta inclinação , e que ella
 se-enche de prazer e alegria em deleitar os sentidos
 do corpo , e que busca estas impressões agradaveis ,
 não por necessidade , mas pelo prazer que nellas ex-
 perimenta , que as-ama com excesso , e que faz con-

sistir nellas a sua felicidade, ella commette duas injustiças; uma contra Deos, procurando gozar-se das creaturas, que o Senhor lhe-deo só para seu uso; e outra contra si mesma, privando-se da sua felicidade, e fazendo-se por isto miseravel contra a ordem e vontade de Deos.

O deleite dos sentidos é um meio, que a natureza nos-deo, para nos-incitar a fazer as acções necessarias á conservação da nossa vida, e do genero humano. Porque se, por exemplo, não houvesse gosto no uso dos alimentos, os meninos, e todos aquelles que se-governão sómente pelos sentidos, os-rejeitarião, como muitos fazem com os medicamentos, e se-deixarião morrer de fome. Assim, tendo o nosso Creador misturado o gosto no uso das coisas necessarias, podemos servir-nos delle, segundo os dictames da boa razão, como de um meio; mas nunca é justo o propôr o gosto, e o deleite como fim das nossas acções, nem obrar só pelo appetite, e fóra dos casos de necessidade.

No estado da innocencia não sentia o Homem esta violenta inclinação, que nós presentemente temos aos deleites sensuaes: o dom da justiça original ligava perfeitamente os sentidos á razão; e os-continha em uma tão grande subordinação ao espirito, que elles não tinham outra inclinação mais, que a de servir o mesmo espirito nas suas funcções espirituaes: o Homem dispunha absolutamente dos seus sentidos, e se-servia delles para tudo o que é conforme á razão, sem sentir alguma difficuldade ou repugnancia.

O peccado porem arruinou tão bello temperamento, e fez o Homem semelhante aos muros arruinados,

cujas pedras desunidas e mal postas, cahem por terra cada uma por seu cabo. Os sentidos não esperão as ordens da razão, e cadaqual vai para seu objecto: os olhos procurão ver, os ouvidos ouvir; a imaginação representa o que distrahe, e o que pode corromper a pureza da alma: de sorte que as potencias, que forão dadas ao espirito, para o-ajudar nas suas funções, ou lhe-servem de grande embaraço, ou só usa deellas, como um enfermo das suas pernas, isto quer dizer, com grande repugnancia e trabalho.

Outras miserias do Genero Humano.

A cultura da terra é um cuidado perpetuo, que não deixa repousar os Homens, nem de dia, nem de noite em estação alguma. Só um trabalho continuo é que pode satisfazer ás nossas necessidades, e apagar a fome, que nos-persegue. Os espinhos e abrolhos se-multiplicão semque ninguem os-semeie, e apesar do cuidado que ha em os-arrancar. As plantas e arvores, de que não podemos tirar o nosso alimento, nascem por toda a parte com facilidade; e aquellas de que nos-servimos, não nascem, nem produzem, senão á custa de muito trabalho. A cada instante nos-pode escapar a esperança da colheita, e o fructo do nosso suor; porque estamos dependentes da inconstancia dos tempos. O Ceo, não só derrama aguas, que nutrem a terra espiga; mastambem o frio, a geada, a pedra, e a ferrugem, que destroem as melhores colheitas.

Tal é a vida do Homem neste Mundo: atormentar

continuamente a terra , ou , para melhor dizer , atôrmentar a si cultivando-a , até que ella o-receba , e vá apodrecer em seu seio. Não ha outro fim para os nossos trabalhos , nem podemos ter outro repouso senão o da morte , que nos-faz voltar ao pó , e é a ultima anniquilação dos nossos corpos.

Deos tinha dito a Adão : *No mesmo dia , em que comeres do fructo prohibido , morrerás.* Adão não morreu de repente , logo que comeo daquelle fructo ; mas a palavra de Deos não deixou de se-cumprir. Desde esse momento se-começou a executar esta sentença de morte contra Adão , e se-executa sobre cada Homem , desde que principia a existir. A alteração de todas as partes do seu corpo , a fome , a sêde , o calor , o frio , a fadiga , e as enfermidades , a que o Homem está sujeito , o-conduzem pouco a pouco á morte , e fazem que a sua vida seja uma morte continua.

Este irrevogavel decreto do Altissimo contra Adão , e contra a sua posteridade , se-tem executado desde o principio do Mundo , e se-executa ainda todos os dias : o raio não cessa de cahir por todo o Orbe : sobre as ruinas de uma geração se-levanta outra de novo , e esta mesma desaparece em breve tempo.

Mas o que deve consolar-nos , é que a morte , sendo pena do peccado , é tambem a expiação d'elle. Deos se-compadeceo do Homem : e se o-expulsou do Parai-zo , e o-privou da arvore da vida , não foi por ciume , mas sim por compaixão ; e a fim de que o Homem não fosse sempre peccador , e de que o seu peccado não fosse eterno , nem incuravel. Condemnou-o a morrer , para pôr fim ao peccado , e a fim de que ,

pela dissolução da carne, o Homem morresse para o peccado, a fim de começar a viver para Deos. Deo Deos ao Homem um meio de recuperar a sua salvação pela mortalidade da sua carne. Os trabalhos, as misérias desta vida, e a morte, são com effeito um justo castigo do peccado; mas castigo, que da parte do Senhor mostra mais clemencia, doque severidade. A pena do peccado, pela misericordia Divina, converteo-se em vantagem do Homem: o que nós soffremos, é um remedio, não uma vingança; uma correção, e não uma condemnação.

É porem necessario advertir, que os trabalhos mais peniveis e legitimos, comotambem as enfermidades, os outros males da vida, e a mesma morte, a que o peccado nos-sujeitou, não nos-podem servir de alguma utilidade para a salvação, se nós os não soffremos em espirito de penitencia, submettendo-nos de todo o nosso coração á vontade de Deos, que os-ordena. Nós devemos accetar estes trabalhos e penas com um desejo sincero de satisfazer á Justiça Divina; abraçal-os mesmo com um vivo reconhecimento para com a misericordia de Deos, que nos-apresenta este meio de pagar as dividas, que temos contrahido com o mesmo Senhor: em fim, devemos unir-nos pela fé aos trabalhos, e soffrimentos do Mediador, que por esta união vem a ser nossos, e fazem, que o que de sua natureza era um supplicio, se-mude em um sacrificio, que honra a Deos, e expia o peccado do Homem.

Neste espirito é que Adão, o primeiro dos peccadores e dos penitentes, se-submetteo ao decreto pronunciado contra elle: deste espirito é que procede

toda á differença , que se-acha , entre o merecimento de diversos trabalhos. As penas mais leves , soffridas neste espirito , são de um preço infinito diante de Deos ; mas sem este espirito , os maiores males da vida nada merecem para a salvação , aindaque se-soffrão com a mais heroica constancia.

Misericordia de Deos para com os Homens.

Entre as penas do peccado, a que lhe-é mais proporcionada , é a morte eterna : esta pena acha-se encerrada no mesmo peccado ; pois , não sendo o peccado outra coisa mais , doque a separação voluntaria do Homem que se-retira de Deos , segue-se que Deos tambem se-retira do Homem , e se-retira para sempre ; porque o Homem não tem em si coisa , por onde possa por si mesmo voltar a unir-se a Deos. Só por este golpe , que o peccador a si mesmo dá , fica eternamente separado de Deos , e Deos obrigado por consequencia a retirar-se d'elle , até que , por um movimento da sua pura misericordia, seja do seu agrado voltar-se para a creatura infiel. Ora , não podendo isto acontecer senão por uma pura bondade , a qual Deos não deve ao peccador , é de uma consequencia necessaria que , o peccador não pode esperar senão uma eterna separação , e subtracção da Bondade de Deos , da sua graça , e da sua presença ; e daqui vem, que a sua desgraça é tão immensa , como eterna.

A creatura privada de Deos , que é todo o Bem , não lhe-pode acontecer senão todo o mal : rejeitada para longe da luz , não pode hir senão para as trevas eter-

nas : apartada da paz , não pode hir senão para a perturbação , para a desesperação , e para o ranger de dentes : separada de Deos , não pode hir senão para todo o horror , que ha de causar a ausencia e privação de todo o Bem , que reside em Deos , como na sua origem. O justo castigo do peccador , que se-retira de Deos , é retirar-se Deos tambem d'elle , e por este apartamento o Senhor o-privar de todo o Bem , e o-introduz irremediavel e inexoravelmente em todo o mal.

Tal foi a sorte dos Anjos rebeldes , e tal seria tambem a de todos os homens , se Deos não usasse com elles de misericordia. Porem o Todopoderoso , por effeito da sua infinita bondade , fez aos Homens uma graça , que não fez aos Anjos : ao mesmo tempo que exercitou sobre Adão , e sobre a sua posteridade , uma justiça tão rigorosa , a-prevenio por uma misericordia , cujos effeitos são incomprehensíveis.

Deos aborreceo , e castigou o peccado de Adão ; mas não deixou de amar o peccador com ternura : por mais peccador que Adão fosse , sempre era sua creatura , sua obra , e o que ainda é mais , seu Filho : portanto , aindaque todo o Universo se-conspirasse a pedir a morte , e o castigo de Adão , o Senhor se-empenhou em o-conservar , em lhe-dar tempo para que se-convertesse , e tornasse ao caminho da salvação.

Tal foi o excesso , com que Deos amou os Homens , que lhes-prometteo , e deo a seu Unigenito Filho , para os resgatar do peccado , e curar o genero humano das chagas , que lhe-tinha feito a desobediencia de Adão , e restabelecer os Homens em seus primeiros privilegios. E como os Homens não podião ir ao Ceo

o Filho de Deos veio a este Mundo , revestindo-se da carne humana como de uma nuvem , que cobria os resplandores da sua Divindade , que os olhos do Homem não podião soffrer.

Adão , sendo uma creatura , quiz ser igual a Deos ; e o Filho de Deos , sendo Deos , como seu Pai , fez-se semelhante ao Homem ; para assim curar a sua soberbia. Adão pretendeo subtrahir-se á sujeição , que devia a Deos seu Creador , e o Filho de Deos veio sujeitar-se ás leis impostas ao peccador , e até ao mesmo Homem , para assim curar a sua rebellião.

Nós não podíamos ser restabelecidos nos direitos , que perdemos pelo peccado de nossos primeiros Pais , senão pela graça de um tal Redemptor. A justiça de Deos estava irritada contra o Homem. O Homem era mui limitado nas suas satisfações , para poder reparar o seu peccado ; e Deos muito justo em si mesmo para deixar o peccado sem castigo : assim era necessario , ou que o Homem fosse eternamente castigado , paraque Deos fosse justamente vingado ; ou que Deos não tomasse uma justa vingança , paraque o Homem fosse salvo.

Para satisfazer pelos Homens era necessario uma Pessoa , que fosse igual ao Offendido ; uma Pessoa tão innocente , que não tivesse necessidade de implorar para si a misericordia , que devia alcançar para outros ; mas que dêsse uma satisfação proporcionada a uma Magestade , e a uma Justiça infinita. Nenhum dos Homens havia , que fosse innocente , nem infinito : o Homem na verdade pode soffrer ; mas ninguem ha senão Deos , que seja infinito. Era portanto necessario um composto de Deos e do Homem , paraque a

enfermidade do Homem o-tornasse capaz de soffrer ; e a excellencia de Deos dêsse um preço infinito aos seus soffrimentos. Eis aqui o fim porque o Verbo Eterno , o Filho unico de Deos , se-vestio da nossa carne passivel ; e eis aqui o fructo dos tormentos que padeceo.

O Filho de Deos , sem ser Homem , não podia soffrer ; e se fôsse Homem , sem ser Deos , soffreria inutilmente. Eis aqui o grande mysterio da nossa Redempção : mysterio de um amor infinito , pelo qual JESUS CHRISTO , como Homem , padeceo a morte , que mereciamos ; e como Deos , deu um valor infinito aos seus trabalhos. Se JESUS CHRISTO não tomasse sobre si a satisfação dos nossos peccados , nós seriamos eternamente condemnados a indiziveis penas , como os Demonios , para subministrar a uma Justiça infinita um objecto , que , ao menos na duração , fosse infinito , ja que não podiamos ministrar-lhe outro , que fosse infinito por natureza.

Reparação do Genero Humano.

Na criação deste Mundo visivel , e material brilhão com esplendor o Poder e a Sabedoria de Deos ; mas na criação do Mundo espirital , e invisivel , isto é , na reparação do Genero Humano , na renovação e reformação interior do Homem pelo dom da Justiça , é ainda mais admiravel , e digna de um mais vivo reconhecimento , do que na primeira criação.

Nós eramos trevas pela ignorancia , e pela segueira

do nosso coração; e o mesmo Deos, que pela sua palavra tirou a luz do seio das trevas, fez luzir a sua claridade em nossos corações; e nós viemos a ser luz em Jesus Christo. Nós estávamos em o nada do peccado; e Deos pela sua vontade nos-gerou pela palavra da verdade, pela agua, e pelo Espirito-Sancto, a fim de que fossemos como as primicias das suas Creaturas. Porque nós somos a sua obra, e Elle é que nos-creou em Jesus Christo, na verdadeira Justiça e Sanctidade.

Assimcomo pela primeira criação Deos tomou prazer em imprimir as suas Divinas perfeições nas diferentes creaturas; pela segunda infundio a sua similitude, e a de seu Filho unico. Uma e outra é obra da sua Omnipotencia; mas a segunda é mais obra da sua Bondade, e da sua Misericordia. Obrou a primeira pela Sabedoria, nascida em seu seio desde a eternidade; e a segunda por esta mesma Sabedoria, revestida da humanidade, e nascida em tempo no seio de uma Virgem.

Neste Mundo espiritual JESUS CHRISTO é o verdadeiro Sol, que nasceo, para esclarecer aquelles que estavam nas trevas, e na sombra da morte, e para espalhar sobre a terra o fogo Celeste da Charidade; e segundo o seu desejo, este fogo veio a ser um abraçamento geral.

Entre as novas creaturas, que compõem este Mundo espiritual, ha umas que, pela luz da doutrina pura, são como outros tantos astros e estrellas, que nos-esclarecem; outras são plantas uteis, que o Pai Celeste tem plantado, e que faz secundas, para produzir os fructos das boas obras: algumas, figuradas pelas aves, se-elevão ao Ceo, e inteiramente occu-

padas com o pensamento dos bens eternos , apenas tocão a terra pela necessidade de satisfazer as precisões do corpo : outras mais pezadas permanecem como sepultadas no mar deste Mundo , cercadas de perigos , e obrigadas a estar sempre de cautela contra os inimigos , que buscão devoral-as ; atacando-as , uns á força descoberta , e outros pelo attractivo enganador dos falsos bens , que lhes-apresentão.

Em fim ha outras , que unicamente se-applicão a nutrir-se dos excellentes pastos da Palavra de Deos , e dos Sacramentos , que achão na Igreja , que é a verdadeira terra dos vivos. Estas differentes creaturas se-assimelhão todas em alguma coisa ; mas cada uma tem propriedades e usos differentes , segundo a maravilhosa diversidade das graças , e dos dons espirituaes , que Deos lhes-distribue.

JESUS CHRISTO é o verdadeiro Adão , o primeiro Homem , sobre cujo modelo nós todos fomos formados , e o principio da nossa vida espiritual. Antes que este novo Adão dormisse sobre a Cruz , elle não via , assimcomo o primeiro , quem lhe-fosse semelhante. Todos os Homens diante d'elle erão , como os animaes diante de Adão , cheios de industria para a vida presente ; mas sem virtude , sem justiça , sem religião , e sem reconhecimento para com Deos. Elle foi envolvido no profundo somno da morte ; e do seu lado aberto sahio a sua Esposa , que é a Igreja. O sangue e a agua lhe-tem dado com a vida a virtude de gerar filhos a seu Esposo , que tem a sua similitude , vivendo da sua vida , e animados do seu espirito.

JESUS CHRISTO pode dizer da Igreja sua Esposa , o

que Adão, quando acordou, disse de sua Mulher: *Eisaqui agora o osso dos meus ossos, e a carne da minha carne.* E esta expressão, segundo S. Paulo, quadra de tal sorte á Igreja, que é seu corpo, quanto ella quadra tambem a cada um de nós, que somos os membros do seu corpo, formados da sua carne, e dos seus ossos.

O descanso, que se-seguiu a esta segunda criação, não é como aquelle, que se-seguiu depois da primeira, um descanso impropriamente tal; mas este novo descanso é muito real, e tão real como o trabalho da mesma criação, que nos-renovou segundo o espirito.

A Sabedoria Eterna, para assim dizer, não fez mais doque divertir-se, quando creou o Mundo: mas que trabalhos, e que penas não soffreo a Sabedoria Incarnada, para o-reparar! O sexto dia da semana, em que acabou a grande obra da Redempção, foi para ella o mais penoso, e o mais doloroso. Ella não deo ao Homem a vida, senão depois de a-ter perdido, e espirando sobre a Cruz no meio das dores as mais crucis.

Mas o ultimo dia da sua vida foi o ultimo dos seus trabalhos: e a sua morte, depois da qual o seu corpo foi mettido no tumulo, para allí tomar uma prompta resurreição, foi para ella a entrada no descanso eterno, onde entrarão os Sanctos, depois de haverem imitado a sua vida, de que os seis dias da semana são o resumo.

É porem necessario advertir, que, por esta segunda criação, o Homem não foi renovado, senão no interior: no que toca ao exterior ficou sempre o mes-

mo; e assim na vida presente não somos renovados, para assim dizer, senão ametade. Nós não fomos restabelecidos no feliz estado de Adão innocente: permanecemos sempre condemnados a comer o pão pelo suor do nosso rosto, isto é, por um trabalho aspero e penivel; o nosso corpo é igualmente sujeito ás enfermidades, ás misérias desta vida, e á morte; e o nosso espirito permanece sempre nas trevas da ignorancia, e sujeito ás desordens da concupiscencia.

Ainda depois de regenerados pelo Baptismo, ficou em nós um fermento, e um fundo de corrupção, que a cada passo faz rebellar a nossa carne contra o espirito, e fórma em nós esta opposição ao bem, e nos-inspira esta facil inclinação para o mal. Deos o-permittio assim, para nos-excitar a combater estas rebelliões, e conduzir-nos á paz da outra vida pelos combates desta presente; e a fim de que a força da sua graça se-manifeste com mais esplendor no meio da mesma fraqueza. Deos debuxou a obra da nossa sanctificação; mas encarregou-nos de a-conduzir por degráos á sua perfeição. Lançou em nossas almas a semente de todas as virtudes; mas deixou-nos o cuidado de as-fazer fructificar.

Não compete ao Homem o contestar com Deos, nem perguntar-lhe, porque não fez mais graça a criminosos e inimigos, a quem nada devia. A remissão dos nossos peccados é uma pura graça da sua parte, e o Senhor nol-a-concede com as condições, que lhe-agradão, e com as reservas que julga convenientes, segundo as regras da sua profunda Sabedoria. A nós só compete receber o beneficio com reconhecimento,

e accetitar as condições e reservas em espirito de submissão e humildade.

Podemos porem descobrir algumas das razões, pelas quaes Deos, fazendo graça ao Homem, deixou na vida presente subsistir nelle estas impressões sensíveis da sua Justiça. Para salvar o Homem, tomou o Senhor um caminho contrario áquelle, pelo qual o mesmo Homem se-perdeo. A felicidade de Adão foi occasião da sua queda no Paraizo, pelo orgulho que o-seduzio: Deos portanto quiz, que elle se-levantasse pelo soffrimento das miserias, que o-humilhão, e lhe-fazem conhecer o seu nada: nós nos-esqueceriamos bem depressa da corrupção, de que fomos tirados, se della nos não ficasse algum resto. Esta lembrança nos-deve obrigar a uma continua vigilancia sobre nós mesmos, e a recorrer incessantemente ao Senhor, para que se-digne, por sua Bondade infinita, acabar em nós a sancta obra, que tem começado.

Differentes estados da vida humana.

Adão e Eva forão creados em um estado de perfeição; e logo desde o seu principio gozárão de todas as vantagens da natureza; porem não forão assim os seus descendentes. Cada Homem sobre a terra começa, assimcomo todas as substancias naturaes, que o-cercão, e que forão creadas para elle: é como ellas pequeno, e fraco nos seus principios, mas vai crescendo, e fortalecendo-se por meio dos alimentos.

Aos quarenta dias, depois de nascido, é que elle

começa a rir e a chorar : os seus gritos até então nunca são acompanhados de lagrimas. De doze ou quinze mezes começa a balbuciar ; e o primeiro som que articula é A , porque este é o que pede menos movimentos nos orgãos da voz.

Ha meninos , que aos dois annos pronuncião distinctamente , e repetem tudo o que se lhes diz ; mas a maior parte não fallão senão aos dois annos e meio, e muitos ainda mais tarde : tem-se notado, que aquelles que principião a fallar tarde , nunca chegão a fallar tão expeditos como os outros.

Depois da infancia segue-se a adolescencia , que principia aos quatorze annos : esta idade é , para assim dizer , a Primavera do Homem : é a idade dos prazeres e das graças ; e quanto ella é mais alegre , tanto menos é duravel. Ha mancebos , que não crescem mais depois da idade de quatorze annos ; outros crescem até vinte , e vinte e tres. Aos trinta annos chega o Homem ao ponto da sua perfeição , em todas as proporções da sua fórma. As Mulheres chegão ordinariamente mais cedo a este ponto ; porque , assimcomo costumão crescer menos , assimtambem crescem em menos tempo.

Mas tudo muda , tudo se-altera , e tudo se-acaba ; e o Homem , aindaque foi creado immortal , está por sua culpa sujeito ás leis mudaveis , que a Natureza impoz aos animaes e aos vegetaes. Apenas o corpo do Homem chega ao ponto da sua perfeição , logo começa insensivelmente a decahir : quando o corpo tem adquirido a sua extensão em largura e comprimento , então augmenta em grossura : o principio desta grossura é o primeiro ponto do seu decahimento ; e este

decahimento principia antes de quarenta annos , e se- vai augmentando por degráos até a idade de sessen- ta ; e por degráos mais rapidos até a idade de seten- ta annos : os cabellos se-fazem brancos , os dentes cahem , o rosto se-enruga , e o corpo se curva.

Na idade de setenta annos começa a caducidade , e se-vai sempre augmentanda : segue-se a idade de- crepita , e depois a morte , que , antes de noventa ou cem annos , acaba , e termina a velhice , e a vida. Tal é o curso ordinario da vida humana , se acaso se não abbrevia por alguma enfermidade , ou algum outro accidente.

A morte separa a alma do corpo ; e o corpo , de- pois que deixa de ser animado , se-dissolve : todas as suas partes se-desunem , e não vem a ficar mais , do- que um pó desconhecido ; cujo pó o Poder de Deos ha de tornar a animar , para ser eterno como o mes- mo Deos.

Não é a maior ou menor duração do Homem sobre a terra , o que constitue a dignidade da sua nature- za. De que serviria ao Homem o viver neste Mundo mais tempo , poisque não é sobre a terra que elle póde conseguir a sua verdadeira felicidade ? O Ho- mem precisa de uma felicidade , que seja mais ver- dadeira , e mais duravel doque essa , que no Mundo se pode gozar : elle foi creado para viver eternamen- te com seu Creador.

Ha na especie humana notaveis variedades , assim na côr , como na forma , e no natural de differentes povos ; mas por muito numerosas que sejam estas va- riedades , ellas não são mais doque accidentaes ; pois- que todos os Homens tem uma origem commun. As

variedades , que se-encontrão nos diferentes povos da terra , provém muito da influencia do clima , em que habitão , dos mantimentos , com que se-alimentão , e dos costumes estabelecidos em cada paiz.

O clima pode-se olhar como a primeira , e quasi unica causa da côr dos Homens ; porque uns são brancos , outros pretos , outros amarellos , e outros côr de cobre : os mantimentos fazem a côr muito menos doque o clima , mas fazem muito á sua forma e figura ; os mantimentos grosseiros , e pouco saudaveis , fazem degenerar a especie humana. A influencia do clima não deixa tambem de obrar sobre as paixões , sobre os gostos , e sobre os costumes.

O Homem foi creado para a Sociedade.

O Homem foi creado , para viver em sociedade com os seus semelhantes : a maior parte das suas faculdades , as suas inclinações naturaes , as suas necessidades , a sua fraqueza , e os seus sentimentos , são outras tantas provas da intenção do Creador a este respeito. Tudo o que ha no Homem , o-move a procurar os seus semelhantes ; e tal é com effeito a sua natureza e constituição que , fora da sociedade , elle não saberia conservar a sua vida , nem desenvolver e aperfeiçoar os seus talentos , nem procurar os socorros , que lhe-são tão necessarios , como uteis.

Um menino precisa indispensavelmente de que hajaõ pessoas , que se-interessem em o-soccorrer , e prover que tomem cuidado do estado de indigencia e fraqueza.

za, que elle experimenta, quando nasce, e que conti-
nue a beneficial-o por largo tempo. A sua mocida-
de não exige menos cuidados : se um mancebo , não
tendo quem o-ensine e dirija , é abandonado a si mes-
mo , não se-vê nelle mais doque um animal selvagem,
e muitas vezes feroz , ignorando todas as commodi-
dades da vida , e os seus deveres para com Deos , pa-
ra consigo mesmo , e para com seus semelhantes.
Como bruto vive , e como bruto morre em prolonga-
da infancia , e aborrecido dos outros Homens.

Esta dependencia ainda se-faz melhor perceber
nas enfermidades : o Homem mais vigoroso sente en-
tão as forças abatidas ; os joelhos vacillantes o não
sustentão ; as mãos tremulas e enfraquecidas recusão
servil-o ; e se elle não achasse soccorro na affeição de
seus amigos , nos bons officios de seus domesticos ,
e nos remedios da Medicina , bem depressa viria a
ser victima da enfermidade , e do abandono. A segu-
rança pois do Homem nasce destes serviços mutuos ,
que se-fazem uns aos outros ; esta união é que consti-
tue a sua força , e o-põe em estado de se-defender
contra os insultos , e invasões imprevistas. A socieda-
de é tambem a que assegura ao Homem o imperio so-
bre os animaes fortes e crueis ; poisque , nascendo
desarmado , infallivelmente succumbiria á força e fe-
rocidade delles , se-estivesse só. Da sociedade pois é
que depende o gosto da vida , e a conservação do ge-
nero humano.

As maravilhosas faculdades de ouvir e de fallar de
nada servirão ao Homem , se-elle vivesse fora da so-
ciedade : para perceber os discursos daquelles , com
quem vive, e communicar-lhes mutuamente seus pen-

samentos, é que recebeo estas preciosas faculdades. Pode dizer-se o mesmo deste admiravel mecanismo, pelo qual as paixões, e todas as impressões da alma, se-communicação tão facilmente de um a outro individuo: basta que se-nos-apresente um Homem afflicto, para nos-enternecer em seu favor; as lagrimas de um desconhecido nos-movem a compaixão, antes mesmo que dellas saibamos a causa. E se, pelo contrario, algum se-nos-apresenta com o rosto cheio de alegria, logo se-excita em nós igual sentimento.

É portanto evidente, que as necessidades dos Homens são as que os-ligão uns aos outros; assimcomo a diversidade de talentos, e das faculdades, que os-habilitão para mutuamente se-ajudarem, são outros tantos indicios bem manifestos de que os Homens forão destinados a viver em sociedade. Se consultarmos as nossas inclinações, conheceremos tambem, que o nosso coração se-move naturalmente para tudo, o que nos-une aos nossos semelhantes. A amizade, a compaixão, a generosidade, e a bondade, são sentimentos, que o Auctor do nosso ser nos-imprimio, e que continuamente devemos cultivar.

Para melhor firmar esta estreita união, que deve haver entre todos os Homens, é que o Creador os-fez descender de um só, como primeiro principio da geração humana. Todos tem o mesmo Creador, que é Deus; e todos descendem de um Pai commum, que é Adão: e portanto todos são irmãos, e como taes se-devem amar, e soccorrer uns aos outros, sem alguma excepção.

Este amor consiste em que cada um não faça, ou deseje a seus irmãos o mal, que elle não quer para

si mesmo; em lhes-desejar, é procurar os mesmos bens, que pode, e deve desejar, para si mesmo; e os-soccorrer nas suas necessidades; e em os-alliviar nas suas afflicções. Aquelle que procura ser util a seus irmãos, que se-esforça em os-servir; que trabalha em os-fazer felizes, de alguma sorte se-assimelha á Divindade, que toma prazer em soccorrer, e beneficiar a natureza humana. Quem faz bem aos outros Homens, tem direito a esperar delles os mesmos sentimentos de bondade; porque o amor gera amor, e o reconhecimento é o justo premio dos beneficios. Quem se não interessa no que respeita aos outros, não tem direito a esperar delles mais, do que igual insensibilidade.

Todos os Homens constituem uma grande familia; da qual é membro cada individuo, da especie humana; e por isso cada Homem deve amar-se em todos os Homens, e interessar-se no bem da humanidade, como em coisa sua propria. Mas este amor não obriga a que cada um ame, e beneficie a todos os Homens com igualdade; poisque, além da qualidade de Homem, pode haver em alguns a relação de parente, de amigo, de visinho, de agradecido; de compatriota, etc.: e por isso pôde cada um fazer distincções particulares de affeições, segundo as relações, em que os-poz a natureza, ou a sociedade.

Sociedade Civil, e Religiosa.

A obra mais maravilhosa da razão humana é o estabelecimento das sociedades civis: a virtude, a honra, o temor, e o interesse, differentemente manejados ou combinados, vem a ser a origem da paz, da felicidade, e da ordem nestas sociedades. Todos os individuos, que as-compõem, entrelaçados uns com os outros, marchão com um movimento regulado, e harmonico: o Rei e os seus Magistrados, exercitando uma authoridade legitima, presente por toda a parte, como a de Deos, vigião e mantem a segurança, a instrucção; e o patrimonio commum e particular; elles reprimem o vicio, excitão a virtude, e espalhão por toda a sociedade as felizes influencias da sua boa administração.

A sociedade bem ordenada é que o Homem deve a felicidade, que goza sobre a terra. Elle recebeo de Deos a sua existencia, e as suas faculdades; mas na sociedade acha a segurança da sua pessoa, o emprego das suas forças, e da sua industria, e a segurança dos seus bens. Debaixo da protecção do corpo politico, de que é membro, o Homem vive tranquillo, não teme a invasão do mais forte; porque as leis da sociedade vigião ao redor d'elle, e defendem as suas propriedades.

Sem este estabelecimento social, que faz de um grande numero de familias uma só, e que de todos os interesses espalhados forma um unico interesse, estaria o genero humano na infancia, reduzido a um pequeno numero de povoações miseraveis, sem artes,

e sem as doçuras, e commodidades, que resultão da vida civil. Na sociedade bem ordenada, como em um clima puro e fertil, brotão espontaneamente os talentos de differentes generos, florescem as sciencias e artes, que concorrem para a prosperidade do genero humano.

Mas se o Homem tem adquirido consideraveis vantagens na sociedade, elle tem augmentado os seus deveres á proporção destas vantagens. Se a força desta sociedade tem protegido a sua mocidade, e lhe tem assegurado os bens de que goza; se pelo concurso das luzes tem concorrido á sua instrucção, o Homem deve trabalhar com todas as suas forças por se-fazer util a esta sociedade, e interessar-se na sua prosperidade.

Já que o Homem por beneficio da sociedade goza da liberdade pessoal, e possui livremente seus bens e riquezas, elle deve ceder do seu proprio interesse, quando o não pode conseguir sem offensa dos interesses dos outros associados. Elle deve fornecer a esta sociedade soccorros, para della os-merecer: deve observar exactamente as leis, que nella se-estabelecem, e contribuir, á proporção dos seus bens, para as despezas necessarias, que exige a protecção, a defeza, e o augmento do bem publico. Tacs são as vantagens, que o Homem adquire na sociedade civil, e as obrigações que com ella contrahe, segundo o primeiro destino do Creador.

O culto devido ao Creador tem feito reanir certo numero de familias ao redor de um Templo, para nelle cumprirem em commum com os deveres da Religião. Esta reunião forma uma especie de sociedade religiosa, a qual se-chama *Parochia*.

As partes de um Templo Parochial são destinadas ás diferentes funcções, proprias a preparar um povo perfeito, e conduzil-o á verdadeira felicidade pelo caminho da Sabedoria Christã. Neste Templo está a sagrada Fonte do Baptismo, para regenerar os Homens em Jesus Christo; o Altar, para nelle offererem o Sacrificio da sua Redempção, e nutril-os da Carne e do Sangue do mesmo Redemptor; o Tribunal da Penitencia, para os-purificar dos seus peccados, e conceder-lhes o perdão em Nome de Jesus Christo; a Cadeira da verdade, para os-instruir sobre o seu principio e ultimo fim, e sobre os deveres, que delles se-deduzem a respeito do Creador, de si mesmos, e de seus semelhantes.

Os habitantes de cada Parochia considerão o seu Templo, como o lugar que lhes-é destinado, e consagrado por ordem de Deos, para nelle receberem o pasto da doutrina, e dos Sacramentos; para nelle celebrarem os Mystérios Divinos, e cantar os louvores do Senhor; tudo debaixo da direcção e presidencia do Pastor, que lhes-está consignado: e portanto ajuntão-se neste Templo em dias determinados. Esta reunião dos Homens ao pé dos Altares lhes-inspira sentimentos de fraternidade, mantem a ordem e a paz entre elles, e contribue á sua civilisação. Os signaes exteriores, que se-empregão no Divino culto, fazem nascer, entreter, e comanunicar a todos os congregados os sentimentos interiores de respeito, de reconhecimento, de confiança, e de submissão, devidos á Divindade.

Nestas sagradas assembléas os Pastores spirituaes,

que estão encarregados de vigiar sobre os costumes, fallão aos Homens em nome, e da parte de seu Creador; e ao mesmo tempo que lhes-annuncião a Vontade do Senhor, lhes-ensinão o caminho da Bemaventurança. Ao som desta voz, igualmente suave e respeitavel, a razão escuta e admira; movem-se os corações, humilha-se o espirito, emmudecem as paixões, e supprimem o seu impeto; os viciosos se-envergonhão, e os virtuosos se-animão; formão-se bons cidadãos, conservão-se os costumes, e são banidas as injustiças.

Nestas instrucções o que mais se-pretende inspirar é uma verdadeira e perfeita charidade, que une os Homens entre si: pretende-se formar filhos obedientes, pais racionaveis, amigos sinceros, esposos fieis, e magistrados inteiros; e finalmente, manter a pureza dos costumes, que é o apoio mais solido da sociedade civil.

Todos os Homens, que se-glorião de crer em JESUS CHRISTO, como unico Mediador, depois do peccado, para achar graça diante de Deos, que crem e professão os mesmos dogmas, e a mesma Moral que JESUS CHRISTO e seus Apostolos ensinárão, aindaque dispersos nas differentes partes do Mundo, distribuidos em differentes Parochias, Bispados, e Igrejas, todos formão um só e mesmo Corpo, de que JESUS CHRISTO é Cabeça; porque todos não tem mais do que um Deos, uma Fé, e um Baptismo; todos participão do mesmo pão, e do mesmo calis; e todos tem direito á mesma herança, que é o Ceo. O Summo Pontifice, Bispo de Roma, e Successor de S. Pedro, é a Cabeça visivel desta Sociedade Religiosa,

que se-chama Igreja. Elle é o primeiro dos Bispos , e o Pai commum de todos os Fieis. Assim a Igreja Romana é o centro da unidade nesta Sociedade. Todas as Igrejas do Mundo , juntamente unidas á Igreja Romana , formão a unica Igreja Catholica , e Apostolica , de que felizmente somos membros.

Desordens da Sociedade.

O Homem, considerado actualmente , ja não é esse Rei Magestoso do estado primitivo : elle desobedeceo ao seu Creador , e por um justo castigo o Senhor o-abandonou ás suas proprias luzes , e aos desejos desordenados do seu coração. O Homem por esta causa é uma mistura de bondade e de malicia , de grandeza e de miseria.

Na infancia o Homem nos-representa fraqueza e dôr : mais fraco doque os outros animaes não começa a viver , senão para começar a chorar ; e a sua vida incerta , e vacillante parece dever acabar a cada momento. Apenas sahe do estado de absoluta dependencia , logo a ignorancia lhe-apresenta novos obstaculos a vencer : elle aprende todas as artes , excepto a de ser feliz : sobrem-lhe as paixões , e nellas é o unico animal , que não as-sabe dominar ; gemendo debaixo da sua tyrannia , elle as-aborrece , ao mesmo tempo que as-segue ; e se-lança no crime , entretanto que applaude a virtude.

Apenas passa a triste effervescencia da mocidade , a idade viril lhe-offerece vastos projectos : a ambi-

ção o occupa, e atormenta: chega em fim a velhice, precedida e seguida de uma multidão de enfermidades, que o-devorão umas após d'outras; e ainda o Homem não tem vivido para si, quando a morte o-precipita na sepultura.

A sociedade igualmente offerece ao Homem continuas amarguras. O genero humano vive miseravel, ao mesmo tempo que se-acha cercado de tantos bens, que o Creador lhe-prodigalisa. Não ha genero de animaes, que não vivão na abundancia, e sem trabalho; todos em paz, com seus semelhantes, unem-se como lhes-parece, e gozão da felicidade de perpetuar livremente suas familias: ao mesmo tempo que grande parte d'os Homens aborrecem os vinculos, que os-ligão, e outra grande parte receia uma grande posteridade, no susto de a não poder sustentar.

O luxo tem feito a subsistencia dispendiosa, e faz considerar como necessario o superfluo mais insensato. A ambição dos pais pretende que os filhos subão a melhor fortuna: o furor de habitar nas cidades entretem o desgosto das innocentes occupações do campo: o fausto das mulheres, a sua incapacidade na criação e educação dos filhos, o tom imperioso que affectão, dão lugar a escandalos estrondosos, e envenenão os doces e sagrados vinculos do Matrimonio.

A maior parte dos Homens para subsistir soffrem penosos trabalhos, e estão reduzidos a viver como escravos de seus semelhantes. Povos inteiros soffrem a fome: outros sem territorio existem amontoados, ao mesmo tempo que a maior parte do globo se-acha ainda deserta. Ha terras, que jamais forão cul-

tivadas; mas não ha alguma, que não tenha sido regada com sangue dos Homens. As mesmas solidões do mar engolem em seus abysmos navios carregados de Homens, e mettidos ao fundo por outros Homens!

Nas cidades, em apparencia tão florescentes por suas artes e por seus monumentos, a astucia, a superstição, a irreligião e impiedade, a violencia, e a perfidia, enchem de afflicções os seus infelizes habitantes. Parece que quanto mais se-civilisa a sociedade, mais se-multiplicão seus males, por não se-cultivar a proposito a verdadeira Moral.

Nada ha mais proprio para inspirar a boa ordem nas cidades, a tranquillidade dos povos, a equidade nos magistrados, e a mais sã Moral em toda a sociedade, do que a Religião de Jesus Christo: contudo ha malignos, que, cobrindo-se com pretextos de Religião, commettem violencias, fraudes, crimes de toda a especie, e abominações de todo o genero. Entre os que se-prezão de ser Christãos grassão vicios, que igualmente desolão a humanidade, e desfigurão o Christianismo: ha absurdos authorisados pela superstição: as regras mais sagradas e essenciaes ao governo da Igreja, são frequentes vezes atropelladas, e canonizada esta desordem pelos costumes, e apoiada por exemplos estrondosos. Não é porem á Religião, mas sim aos que della abusão, que se-devem attribuir todas as desordens, escandalos, e absurdos, que grassão no Christianismo. A Religião Catholica é sempre Sancta como seu Divino Auctor, e irreconciliavel com o êrro, e com o vicio.

Tantas desordens são prova manifesta, de que es-

ta vida é uma passagem para outra melhor, onde tudo estará bem ordenado, e no seu lugar competente. Só formando a razão pelo estudo da virtude, é que o Homem pode elevar-se acima dos animaes, abaixo dos quaes o-precipitou sua soberba. A obediencia ás leis, que o Creador nos-impoz, forma o meio seguro, que ainda resta ao Homem, para afastar de si a inquietação e a desordem, e ganhar passo a passo a Montanha Celeste, onde deve repousar.

O Homem deve resignar-se inteiramente na Vontade de Deos, e confiar na sua Bondade.

Uma inteira resignação na Vontade de Deos deve socegar o nosso coração em todo o tempo. Quando as illusões humanas vem agitar o nosso espirito, ou nos-perturba alguma coisa na ordem da natureza, devemos suppôr em seu Auctor um designio mais sabio, doque tudo o que nos-desagrada. Esta justa supposição nos-conduzirá ao conhecimento de que fomos preservados de males muito maiores. A desordem da Natureza nós a-fazemos, quando della nos-afastamos.

Por exemplo: queixa-se o Homem da morte; mas se elle não morresse, aonde se-alojarião seus descendentes? Muito tempo ha, que para elles faltaria lugar sobre a terra: portanto devemos concluir, que a morte é um bem. Os Homens murmurão de serem obrigados a trabalhar, para viver; mas, se elles não trabalhassem, em que passarião o tempo? Os ri-

cos , que não tem em que se-occupar, não sabem em que o-hão de empregar : o trabalho portanto é um bem. Os Homens invejão aos animaes o instincto , que os-guia ; mas se , quando nascem , soubessem logo como elles tudo o que devem saber , que farião então no Mundo ? Elles viverião sem interesse , e sem curiosidade : a ignorancia , em que se-nasce , é um estímulo para adquirir a sabedoria.

Os outros males da Natureza são igualmente necessarios. A dôr do corpo , e as afflicções da alma , de que o caminho da vida é semeado , são barreiras que a Natureza lançou , para impedir , que nos-afastassemos das suas leis. Sem a dôr os corpos se-despedaçarião , sem se-sentir ; e sem as afflicções , que muitas vezes se-seguem aos prazeres , o Homem os-egotaria sem remorsos , e sem reflexão.

As enfermidades são esforço do temperamento , para expulsar algum humor nocivo ; e a Natureza não envia doenças , para perder o corpo , mas para desembaraçal-o da materia estranha , que o-perturba : ellas são sempre consequencia de alguma infracção das leis phisicas ou moraes ; e muitas vezes a Natureza as-cura por seu unico soccorro. A dieta dos alimentos contribue para a saude do corpo ; e a separação dos negocios preserva a tranquillidade do espirito.

Quaesquer que sejam as opiniões , que nos-perturbão na sociedade , ellas se-dissipão quasi sempre na solidão. O somno mesmo é nosso bemfeitor : elle mitiga as nossas inquietações com mais suavidade e segurança , doque a persuasão de um amigo prudente.

Se os males excedem as nossas forças, temos o recurso em Deus, que os-adoça: porque elle é o termo, em que rematão os caminhos da vida. A prosperidade nos convida a render graças a Deus; mas a adversidade nos-obriga infallivelmente a imploral-o: porque a adversidade é o meio, de que o Senhor se-serve, para nos-obrigar a que o-procuremos. Sem ella bem depressa nos-esqueceríamos da Divindade, principalmente no tumulto das cidades, aonde causas segundas absorvem os cuidados, que só devia merecer-nos a primeira.

Os males da sociedade, aindaque não entrão no plano da Natureza, provão que fóra deste Mundo existe outra ordem de coisas, ordenadas com exacta justiça. O Omnipotente, Justo por essencia, que tudo dispoz sobre a terra para felicidade do Homem, vel-o-ha Elle impunemente privado da que lhe-é devida? Esquecerá Elle o virtuoso e desafortunado, que lhe-agrada; quando enche de bens a tantos mãos, que aborrece? Deus corrigirá a justiça, que o Homem desprezou fazer ao seu semelhante. Do presente que conhecemos, podemos ajuizar do futuro, que presentimos; e dos exemplos da Bondade Divina, que experimentamos, devemos presumir quaes serão os da Justiça, que nos-espera.

A nossa vida terrestre não supporta a perspectiva sensível da futura, a que somos destinados. Desejos e presentimentos tração em nós a vista de Deus, por meio do enigma da Creação. Se estivessemos seguros, por algum testemunho evidente, da certeza de conseguirmos a eternidade feliz, de repente se-acabarião todas as occupaões deste Mundo, e o conhe-

eimento da felicidade Divina lançaria a nossa alma em um arrebatamento lethargico. A entrevista sensivel da Patria Celeste suspenderia as inquietações da vida; e o Homem facilmente se-apressaria na passagem de um Mundo ao outro. Mas a Natureza cobrio esta passagem de obscuridade, e poz-lhe por barreiras o terror da sua aproximação, e a incerteza do salto feliz ou desgraçado.

Mas se o Homem é o unico de todos os animaes, que experimenta outros males além dos da Natureza; se elle foi entregue a si mesmo, sujeito a perder-se, não é por isso victima do odio do Creador. Deo lhe o Senhor a Religião, e por ella conhece o Homem a origem, e o remedio dos males, que experimenta. A Religião nos-ensina, que o Homem se-fez infeliz, porque se-constituiu arbitro da sua felicidade; e que se as bellezas da Natureza nos-attestão a existencia de um Deos, as verdades da Religião nos-fazem fortes contra as nossas fraquezas.

Não ha animal, que não esteja alojado, vestido, e alimentado pela Natureza, sem cuidado, e quasi sem trabalho. Só o Homem desde o seu nascimento se-apresenta opprimido e indefeso. Elle nasceo nú, e com tão pouco instincto, que, se a mãe, que o-dá á luz, o não vigiasse, morreria de fome, de frio, ou de calor. Nada conhece por muitos annos, mais do-que pela experiencia de seus pais. Elles lhe-dão habitação, vestido, e alimento, enquanto tardão as forças do espirito, e do corpo. Não ha paiz ou clima, onde a subsistencia, por mais simples que seja, não custe ao Homem inquietações e trabalhos: e quando tem ajuntado o que basta, para viver tranquillo, a ama-

bição, a inveja, a avareza, a gula, a incontinença, e muitas vezes o nôjo, vem apoderar-se de seu coração, e terminar-lhe a vida no meio das paixões.

Mas, se o Homem buscar a sua felicidade na virtude, elle não se-queixará da Natureza: se elle amar as leis eternas, não errará o caminho da gloria. O seu destino não foi abandonado ao acaso, nem entregue a genios malfazejos. A Sabedoria Divina, que o-abandonou a si mesmo, o-tornou a attrahir a si. Assimcomo a mãe terna lança pomos adiante do seu filho, para ensinal-o a andar, e depois se-afasta, chama por elle, estende-lhe os braços, e, se tropeça e cahe, ella vòo logo em seu soccorro, enxuga-lhe as lagrimas, e o-consola; assim a Divina Providencia chama o Homem por mil meios extraordinarios, que emprega, para soccorrer as suas necessidades.

Deos é o Amigo, e o Protector da vida humana, e não fez o Homem fraco e ignorante, senão para que elle se-apoiasse na força, e esclarecesse na luz, que o mesmo Senhor liberalmente lhe-communicava.

Só a virtude faz o Homem feliz.

O Homem não é semelhante ao pobre, que viveo sempre na miseria; mas sim ao Rei, que foi desthronizado. No seu interior experimenta sentimentos continuos do seu primeiro estado, e ainda-que decahido, e desterrado, conserva como a seu

pesar um violento desejo de se-restabelecer. Mas, separando pouco a pouco o desejo de ser feliz do desejo de ser justo, e pretendendo assimelhar-se a Deos pelo esplendor e pela grandeza, não põe cuidado em se-lhe-assimelhar pela Sanctidade.

Tomando o caminho da virtude, é que o Homem pode esperar ser restabelecido. A virtude é a herança sobre a terra; por ella o Homem se dedica ao bem dos Homens, com a unica intenção de agradar a Deos. Nada convem mais no Mundo á felicidade do Homem, doque a virtude. A continencia e a sobriedade assegurão ao Homem a saude; o desprezo das riquezas e da gloria dão-lhe o descanso; e a confiança em Deos o-enche de valor. A uma creatura tão miseravel como o Homem nada convem melhor, doque a moderação e a humildade; e, quaesquer que sejam as revoluções da vida, elle não teme cahir, quando se acha assentado no ultimo degráo.

Quanto ha sobre a terra de mais util, e de mais bello, o Homem pode gozal-o facilmente, se a moderação é a base da sua gloria, e a virtude o movel dos seus talentos. Os prazeres do Homem moderado não custão lagrimas a seus semelhantes. A luz do Sol, a agua da fonte, um campo semeado, uma familia virtuosa, bastão a entreter constantemente a sua alegria. Qualquer flor do campo lhe-apresenta côres mais lindas, doque a perola tirada a grandes fadigas do abysmo do mar; e o lume do seu brazeiro o-contenta mais utilmente, doque o brilho dos diamantes orientaes. Suas necessidades sociaes indispensaveis não descrevem di-

latado circulo : na infancia basta ao Homem o amor vigilante de seus pais ; na idade viril o seu trabalho , a docilidade e economia de sua mulher ; na velhice o reconhecimento de seus filhos ; e em todo o tempo a benevolencia e amizade de seus vizinhos.

Com estes bens vive o Homem contente ; e se os-deseja maiores , quer mais , doque exigem as suas necessidades , e que permittem as repartições da Natureza. Commummente só se-adquire o superfluo á custa do necessario ; só se-consegue a reputação publica com perda da felicidade domestica ; e só se-penetra a sublimidade das sciencias com privação da saude e do descanso. A aquisição das honras e das riquezas é cheia de trabalhos , e a sua perda de pezares e afflicções. Por estes pretendidos bens a razão e a honra correm a deprevar-se , arrastando em sua depravação as familias e os imperios.

Embora o Homem cultive as sciencias e as artes , jaque todas concorrem para o maior bem da sociedade ; mas , Principe , Sacerdote , Guerreiro , Magistrado , Orador , Philosopho , Lavrador , Marinheiro , Fabricante , Mercenario , ou Jornaleiro , seja virtuoso , porque é obrigação primaria , que incumbe a todos.

Nunca se-eleva a oppressão contra a virtude , que não se-eleve tambem o asylo , que a-defenda : assim vem ella a ser protegida pelos mesmos esforços , que o vicio faz , para abatel-a. Não ha duvida que algumas vezes o virtuoso soffre sem soccorro visivel ; mas a providencia não o-perde de vista , e cêr-

do ou tarde confunde seus oppressores. Suppondo mesmo que a virtude chegue a ser victima da tyrannia, a morte, que remata os males da vida, conduz o virtuoso á outra perpetuamente feliz. Sua alma não pode ser revestida dos ornamentos preciosos da gloria, sem primeiro largar o vestido de ignominia, que a-cobria. Solta das prisões, que a-ligavão, ella entra na morada Celeste, onde goza de prazeres puros, e habita em companhia da verdade, da paz, e da alegria, na presença inalteravel do Creador.

CONCLUSÃO.

A Divina Sabedoria espalhou os seus bens por todo o Universo, a fim de que o Homem pudesse desenvolver a sua razão pela inspecção destas maravilhas, e se-inflammasse no amor de seu Creador pelo sentimento dos seus beneficios. Por toda a parte offerece o Senhor ao Homem prazeres innocentes, descobertas agradaveis, alegrias puras, esperanças sem fim, para o-attrahir a si passo a passo pelo caminho da intelligencia e da felicidade.

. A Natureza falla de seu Auctor a todos os que contemplão e meditão as suas obras. Não é necessario mais doque ter olhos, para admirar estas -maravilhas, e conhecer o seu Auctor: todas as luzes, que brilhão no Ceo, o-descobrem; e Elle se-faz ainda mais visivel, que a magnificencia exterior, que o annuncia. Por pouco que se-

attenda á magestosa belleza da morada, que occulta o Senhor do Mundo, o espirito é logo arrebatado á mesma Magestade Suprema.

O Firmamento publica qual é o Poder e a Gloria do Creador. A linguagem dos Ceos é continua, intelligivel, e universal: ella comprehende todos os povos, todos os lugares, todos os tempos: os ignorantes, e os mais estupidos a-entendem. Os caracteres, com que se-escreve esta linguagem, são a mesma luz; e todo aquelle que tem olhos, é logo instruido.

Todos os habitantes da terra são instruidos, exhortados, e condemnados por esta voz infatigavel do Ceo: e assimcomo não ha trevas, que esta luz não seja capaz de dissipar; tambem não ha vicio, que esta prégacao não confunda. Pois, quem pode ignorar que ha um Deos, contemplando a belleza dos Ceos, o seu perpetuo movimento, e as suas revoluções tão justas e constantes? Assás se-manifesta uma Intelligencia unica, que é a causa primeira e permanente de effeitos tão prodigiosos. Quem pode duvidar da Providencia, vendo uma tal ordem? Quem se-atreverá a desobedecer a um Poder, e a uma Sabedoria, a quem tudo obedece? Quem pode desprezar uma Bondade, que prodigaliza ás creaturas inanimadas tantas bellezas, e tanta magnificencia? Como será cercado de Magestade e de Gloria aquelle, que encheo de tanta luz, e de tanto brilho as estrellas? Que reservará Elle para os seus fieis servos, quando é tão rico e liberal com a materia? O Ceo se-faz tão grande e luminoso ao Homem, a fim de o-instruir, e de im-

pedir que se-esqueça da sua origem, e do seu ultimo destino.

Todas as partes do Universo igualmente se-conspirão a mostrar-nos, quem é o seu Auctor: uma planície, que escapa á vista, o vasto Ceo, que acobre, nos-dão uma idéa da sua immensidade; os fructos suspensos das arvores, a que se-chega com a mão, nos-annuncião a sua Providencia; a voz das tempestades o seu Poder; a volta das estações a sua Sabedoria; a variedade com que provê em cada clima ás necessidades de todas as creaturas, o gesto magestoso das arvores, a verdura dos prados, a engraçada multidão das plantas, o perfume e esmalte das flores, uma multidão infinita de maravilhas conhecidas e por conhecer, são vozes eloquentes, que fallão do Creador a todos os Homens, e de mil modos differentes. Ninguem ha portanto, que, contemplando as maravilhas da Natureza, possa deixar de conhecer o Poder, Sabedoria, e Bondade do Creador, que estabeleceo, e mantem esta ordem do Universo, que é quem dá a vida e fecundidade; poisque nada nasce sem um germe, que o Senhor creou no principio.

Deos não deo a existencia ás creaturas por precisão, que dellas tivesse: nenhuma creatura pode augmentar, nem diminuir a sua felicidade; e só por pura bondade é que as-tirou do nada, e para ter a quem fazer bem. Deo a todos os entes sensiveis e intelligentes alguma medida de perfeição, e algum genero de felicidade; mas desde que produzio agentes livres, capazes de obrar o bem e o mal, de vicio e de virtude, não podia, sem se

contradizer, dispensar-se de lhes-dar leis, de lhes-ordenar o bem, de lhes-proibir o mal, e de lhes-propor recompensas e castigos. Esta ordem era tão essencial ao bem geral das creaturas intelligentes, como a ordem physica do Mundo; e Deos não seria bom, se a não tivesse estabelecido. A constancia com que Deos mantém esta ordem, chama-se *Justiça e Sanctidade*; e vem a consistir no amor do bem, e na aversão do mal.

Mas é da ordem, que, a respeito de uma creatura tão fraca como o Homem, a Justiça não seja inexoravel; e assim o Senhor manifestou logo a sua misericordia, e a sua paciencia com o primeiro peccador. Elle punio Adão pelo seu peccado, mas prometteo-lhe um Redemptor: não quiz que Adão succumbisse á sua penitencia, nem que se-opprimisse com as afflicções, que são consequencia do seu peccado: alimentou-o como a seu servo, aindaque infiel; e consolou-o como amigo, aindaque deterrado: não quiz reduzil-o ao simples necessario, aindaque disso mesmo fosse indigno: deo-lhe com que satisfazer aos seus deleites, aindaque delles abusasse quasi sempre. Na promessa do Messias prometteo o Senhor mais a Adão, doque lhe-tinha dado, quando era innocente; e a Reparação do Genero Humano é muito mais maravilhosa, doque a criação do Universo.

Eisaqui como da pia meditação das Obras de Deos, assim da Natureza, como da Graça, resulta o conhecimento mais evidente de um Espirito Creador das almas, Auctor das leis da Moral e da Religião; de um Juiz justo, remunerador da virtude,

e vingador do crime. Esta meditação é a mais propria para fazer conhecer os attributos, os designios, e as operações de Deos; a natureza, o destino, e as obrigações do Homem; e de lhe-inspirar o respeito, a submissão, e o reconhecimento, que deve a seu Creador.

Grande parte dos Homens olha com indifferença as obras da Natureza, e tambem as da Graça; e só admira as obras da grandeza humana. Que ha pois interessante na historia dos Homens? Ella exalta vãos objectos de gloria; celebra opiniões incertas, victorias sanguinolentas, e trabalhos inuteis. Se alguma vez ella tracta da Natureza, é para lhe-imputar as desgraças, que vem quasi sempre da imprudencia dos Homens. A Natureza, como mãe commum, espalha seus beneficios de um a outro pólo, a fim de obrigar os Homens a reunir-se, para os gozar. Em meio dos prejuizos, que os dividem, ella os-chama ás leis da Justiça e da Humanidade, e lhas-mostra consignadas no grande livro da Felicidade universal.

Falsa é a piedade, que despreza a contemplação das obras da Natureza, tendo-a por uma vã curiosidade. A Sagrada Escriptura diz, que *Deos viu todas as coisas, que tinha feito; e que ellas erão muito boas*. Um espectaculo digno de Deos não pode ser indigno da nossa attenção: o que o Senhor admira, deve occupar a nossa admiração: o que ao Senhor dá complacencia, merece tambem a nossa alegria. O Propheta diz: *A gloria do Senhor se-manifestará em todos os seculos; e o Senhor verá com complacencia as suas obras*.

Uma meditação religiosa sobre as obras de Deos prepara o conhecimento das suas infinitas perfeições, manifestadas nas mesmas obras; e longe de que esse estado seja contrario á Religião, elle lhe-serve de prova, de apoio, e de fundamento. Deos reparou o Mundo, porque o-creou. A Sabedoria Divina tomou a Natureza Humana, porque infundio no Homem o assôpro da vida immortal. As promessas, os beneficios, e os mysterios da Religião Christã, tem a sua raiz na primeira origem do Mundo. As novas graças são consequencia das antigas; e quando se-ignora o Creador, não pode bem conhecer-se o Redemptor.

E' verdade, que uma applicação simplesmente curiosa ao conhecimento das obras de Deos não é uma sciencia religiosa; mastambem não é por ser ignorante, que o Homem se-humilha mais na presença de Deos. Ninguem cumpre com exactidão os deveres essenciaes da Religião, por haver desprezado o estudo da Natureza. A Sabedoria Divina é o modelo desse estudo. Elle aplaná o caminho da virtude; e o verdadeiro Philosopho é ja religioso, antes de chegar a ser Christão.

Tudo em a Natureza arrebatá um espirito attento, e o-eleva para o Auctor Soberano dos diversos bens, que vê nascer, e crescer ao redor de si: tudo nella respira alegria e paz. Um risonho paiz é para os amadores da bella Natureza decoraçãõ mais viva, e mais agradavel, doque as pompas do Mundo, e as festas tumultuosas, que elle expõe aos seus partidarios.

O Sabio tem prazeres, que não perturbãõ o socego da sua alma: elle os-acha em seu coração, e

nos dons da Sabia providencia: elle os-recolhe sem esforço, e os-gosta sem preparo: prefere ao tumulto das cidades os encantos da vida campestre, quando os seus deveres lhe-permittem a escolha e a liberdade. Em todos os lugares vê o Senhor, e o-adora: admira os vigilantes cuidados da sua Divina Providencia nas producções deste vasto Universo, e nos liberaes soccorros de tantos animaes domesticos, que deo ao Homem, para o-alliviar em seus trabalhos, e supprir o que falta ás suas forças, a seu vestido, e a seu alimento.

O Sabio reconhece que ás Ordens Supremas do Creador deve o serviço, que tira dos animaes; pois-que é para obedecer ás suas leis, que a ovelha cria a lã e o leite, que o Homem emprega em diferentes usos; e que o boi lavra continuamente a terra, creadora das abundantes colheitas. Com effeito, sem a docilidade que o Senhor imprimio no furioso touro, elle não curvaria a cabeça debaixo do jugo, não arrastaria o arado, nem marcharia a passos lentos avante ou após do lavrador. Assim é que o Senhor deo instincto e docilidade aos animaes, que parecem reflexão, e intelligencia em beneficio do Homem.

Os insectos, que o Homem despreza, e calca aos pés, não forão desprezados pelo Poder Soberano. A formiga tem uma especie de intelligencia prophetica, que a-adverte de que o grão maduro, não estando muito tempo exposto sobre os regos no Estio, deve prover-se para o Inverno: ella dá lições de providencia ao preguiçoso. A industriosa abelha, por mais abundancia que tenha em seus armazens, emquanto

dura o tempo do trabalho, e da colheita, voltáa iacanzavel sobre as flores, para dellas extrahir os succos, de que forma a cera e o mel. Não ha uma republica mais bem regulada, doque a das abelhas: tudo nella é commum: a inveja, a indolencia, a avareza, lhes-são desconhecidas: o necessario concede-se a todos; o superfluo a ninguem; e tudo se-conserva para o bem da numerosa sociedade.

O sabio contempla a Natureza, e a sua vista lhes-desperta, anima, e excita o reconhecimento para com o Supremo Auctor, que a-creou e governa. Do plano da Sabedoria, que dirige o Universo, elle tira as regras da sua conducta, para conformar seu coração com a Vontade Eterna de um Senhor tão Poderoso.

As sombras, amigas do reconhecimento e da meditação, favorecem o sancto commercio, que o Sabio entretém com o Creador. Elle louva a Magnificencia das suas obras: louva ao Senhor por si, porque é obra da sua Misericordia, e composto dos seus dons: louva ao Senhor pelos espiritos que lhes-são iguaes, e cujos bens lhes-são communs com elles: louva ao Senhor pelas creaturas que não tem intelligencia, porque o uso que dellas faz o-encarrega do seu reconhecimento, e da sua adoração: louva ao Senhor por tudo o que está no Ceo, sobre a Terra, no Mar, e no Ar, porque o Senhor tudo creou, para manifestar a sua Sabedoria, o seu Poder, e a sua Bondade: louva finalmente, e tambem convida a Terra, o Mar, os Animaes do campo, as Aves do Ceo, os Ventos, as Nuvens, as Tempestades,

e todas as Creaturas a louvar o Ente Supremo ,
que lhes-deo o ser.

Todo o Homem é espectador das maravilhas da
Natureza, e deve fazer a sua maior consolação e ale-
gria em pensar nellas , e preparar-se para ver a Deos
pela consideração das suas obras: deve nesta vida
fazer um ensaio para a outra: e como na Bemaventu-
rança não ha de ter outra occupação , senão a de
louvar ao Senhor , deve desde já dar-se a este exer-
cicio de entoar hymnos e canticos em sua honra ,
procurando , quanto lhe-for possivel , imitar os Es-
píritos Celestes , que sem cessar lhe-rendem o tributo
de louvor por todos os seculos sem

FIM.

INDICE.

Axiomas moraes	9
Anecdotas	17
Leitura	32
Vantagens do trabalho.	35
O pobre honrado, ou a felicidade do trabalho	38
Edicto sobre o jôgo	44
Luxo da meza.	46
Utilidade do viajar.	48
Brio nacional	49
Heroína portugueza	50
Character simples	51
Alegria e prazer	52
Os desejos.	55
Homenagem ás letras.	59
Morte de Socrates.	60
Dialogo entre Alexandre e Diogenes, sobre a realidade dos bens.	67
Diversos effeitos da Physica.	74
Termo da vida humana	75
Grandeza do corpo humano.	77
Ladrear dos cães	79
Philosophia.	79
Originalidade	80
Fragmento da historia do Commercio.	82
Agricultura.	98
Elogio das artes.	101
Pescaria.	104
Navegação	107
Dignidade do Negociante	111

Fragmento historico da vida do infante D. Henrique.	114
Vista geral do Universo	118
Electricidade	120
Noções de Geographia politica	122
Fragmento do Feliz independente, do Padre Theodoro d'Almeida	129
Principio do ensaio-economico de José Joaquim da Cunha Azeredo, Bispo de Pernambuco.	133
Systhema dos climas, tirado da mesma obra.	135
Noticias tiradas do jornal — O Redactor. —	143
Fragmento litterario, de Joaquim de Foios, extrahido das memorias da Academia de Lisboa.	151
Fragmento historico, de Antonio Caetano do Amaral	155
Dedicatoria dos editores do Diccionario de Antonio de Moraes Silva.	160
Prologo do compendio de Rhetorica portugueza d'Antonio Teixeira de Magalhães	163
Fragmento d'um sermão funebre do Prior José Botelho	164
Exemplo do genio commercial do seculo XII.	170
Frederico 2.º e Frederico 3.º de Prussia.	180
Costumes orientaes. A delação	182
Hospitalidade Arabe	184
Fragmento da historia da Poesia e Lingua Portugueza, de João Pedro Aillaud. 1826.	187
Primeira epocha litteraria, fim do XIII, até o principio do XIV seculo	189
Segunda epocha litteraria; idade de ouro da poesia e da lingua desde os principios do XIV até os do XVII seculo.	190

Terceira epocha litteraria; principia a corromper-se o gosto e a declinar a lingua. Começo até o fim do XVII seculo.	197
Quarta epocha: idade de ferro; aniquila-se a litteratura, corrompe-se inteiramente a lingua. Fins do XVII, até meados do XVIII seculo.	199
Quinta epocha: restauração das letras em Portugal. Meio do seculo XVIII até o fim.	201
Epocha: segunda decadencia da lingua e litteratura; gallicismos e traducções	208
Fragmento do Ensaio Historico-Politico do José Liberato Freire de Carvalho. 1830.	219
Fragmentos dogmaticos, extrahidos da historia da Creação do Mundo, do Reverendo Dr. Manoel Dias de Sousa.	247
Principio do Mundo	248
Obras do primeiro dia. Creação da Luz	250
Obras do segundo dia. Do Firmamento.	251
Obras do terceiro dia. Separação das aguas do Mar.	252
Obras do quarto dia. Creação dos Astros	255
Obras do quinto dia. Creação dos Peixes e das Aves	257
Obras do sexto dia. Creação dos Animaes terrestres.	259
Creação do Homem.	261
Admiravel fabrica do corpo humano	263
Alma racional do Homem.	266
O Homem creado para dominar em toda a terra.	269
Inteira, e intima dependencia que o Homem tem de Deos.	273
Creação da Mulher	275

Constituição da sociedade domestica.	278
Bondade e perfeição das obras de Deos.	280
Adão e Eva collocados no Paraizo.	285
Desobediencia de Adão e Eva.	288
Peccado de Adão transmittido aos seus descen- dentes	294
Da ignorancia.	297
Da Cobiça , ou Concupiscencia.	300
Que coisa seja Cobiça, ou Concupiscencia.	305
Outras miserias do Genero Humano.	309
Misericordia de Deos para com os Homens	312
Reparação do Genero Humano.	315
Differentes estados da vida humana	320
O Homem foi creado para a Sociedade.	323
Sociedade Civil, e Religiosa.	327
Desordens da Sociedade.	331
O Homem deve resignar-se inteiramente na Von- tade de Deos, e confiar na sua Bondade.	334
Só a virtude faz o Homem feliz.	338
Conclusão	341

ERRATA

ERRATA	LINEAS	PAGE
resolvido	resolvido	10
guardando	guardando	23
ao lugar de primeiro	ao de primeiro	3
littis	littis	1
quando	quando	13
vis	vis	18
praxos	praxos	13
procedem	procedem	28
houverem	houverem	4
quod	quod	27
Quam	Quam	21
Vicia	Vicia	18
excellent	excellent	28
estantes	estantes	24
e pela	e pela	1
conditas	conditas	9
habe	habe	30
agnos	agnos	30
transvers	transvers	3
officia	officia	13
misturas	misturas	36
enra	enra	7
aplicada	aplicada	15
estabam	estabam	20
vegeta	vegeta	28

ERRATAS.

PAG.	LINH.	ERROS.	EMENDAS.
Prologo	10	escolhio	escolhido
17	22	gurdando	guardando
18	4	ao de primeiro	ao lugar de primeiro
29	1	letigios	litigios
34	15	quanto	quando
42	18	vir	vís
47	13	prazes	prazeres
82	25	procede	procedem
88	4	huyessem	houvessem
158	27	apocha	épocha
193	21	Quando	Quanto
200	16	Viera	Vieira
209	25	exellente	excellente
214	24	instimavel	inestimavel
223	1	a pela	e pela
224	9	conquistos	conquistas
229	30	bisbo	bispo
248	20	segueira	cegueira
253	3	Primaveira	Primavera
254	13	eficacia	efficacia
"	26	misturados	misturadas
277	7	anirá	unirá
280	15	aplicada	applicada
304	20	agradaveis	agradaveis
315	28	segueira	cegueira

60171

Ch / XII / 61

